

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

LEIRE MARA BEVILAQUA

**TELEJORNALISMO E SITES DE REDES SOCIAIS:
Um estudo sobre as mudanças recentes no modo de endereçamento do Jornal Nacional**

**Bauru
2019**

LEIRE MARA BEVILAQUA

**TELEJORNALISMO E SITES DE REDES SOCIAIS:
Um estudo sobre as mudanças recentes no modo de endereçamento do Jornal Nacional**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Área de Concentração: Comunicação Midiática, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, campus de Bauru (SP), como requisito para a obtenção do Título de Doutora em Comunicação, sob a orientação do Prof. Assoc. Mauro de Souza Ventura.

**Bauru
2019**

Bevilaqua, Leire Mara.

Telejornalismo e sites de redes sociais: um estudo sobre as mudanças recentes no modo de endereçamento do Jornal Nacional / Leire Mara Bevilaqua, 2019

302 f. : il.

Orientador: Mauro de Souza Ventura

Tese (Doutorado) – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, Bauru, 2019

1. Telejornalismo. 2. Sites de redes sociais. 3. Modo de endereçamento. 4. Jornal Nacional. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II. Título.

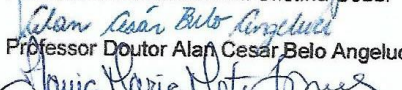
ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE LEIRE MARA BEVILAQUA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO - CÂMPUS DE BAURU.

Aos 26 dias do mês de abril do ano de 2019, às 14:00 horas, no(a) Auditório dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Professor Doutor MAURO DE SOUZA VENTURA - Orientador(a) do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Professora Doutora ANGELA MARIA GROSSI do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Professora Associada MARIA CRISTINA GOBBI do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação - UNESP/Campus de Bauru, Professor Doutor ALAN CÉSAR BELO ANGELUCI do(a) Departamento de Comunicação / Universidade Municipal de São Caetano do Sul, Professora Doutora ITANIA MARIA MOTA GOMES do(a) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas / Universidade Federal da Bahia, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da TESE DE DOUTORADO de LEIRE MARA BEVILAQUA, intitulada **Telejornalismo e sites de redes sociais: um estudo sobre as mudanças recentes no modo de endereçamento do Jornal Nacional**. Após a exposição, a discente foi argüida oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Professor Doutor Mauro de Souza Ventura


Professora Doutora Angela Maria Grossi


Professora Doutora Maria Cristina Gobbi


Professor Doutor Alan Cesar Belo Angeluci


Professora Doutora Itania Maria Mota Gomes

Aos meus pais, **Pedro e Dircélia**, que não pouparam esforços, ao longo da vida, para que eu pudesse estudar.
Ao meu marido, **Lucas**, que decidiu estar comigo não só nesta jornada, mas nas próximas que virão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha vida e pela força que me impulsiona a buscar conhecimento.

Aos meus queridos pais, Pedro e Dircélia, que deixaram os próprios sonhos de lado para que eu pudesse realizar os meus. Mesmo sem nunca terem chegado à universidade, me incentivaram, desde muito cedo, a estudar e a trilhar uma carreira. Por toda essa sabedoria, pelo amor, pelos valores humanos que me tornaram quem sou, minha eterna gratidão.

Ao meu marido, Lucas, meu amor e minha fortaleza. Veio de você o apoio de que precisei para seguir em frente em tantos momentos de incerteza e de descrença. Você, mais do que ninguém, soube me ouvir, me acalmar e traçar planos comigo. A nossa jornada está só no início e eu sei que posso contar com o seu amor e o seu amparo nos desafios que virão.

À minha irmã, Isis, e ao meu cunhado, Edson, pelo apoio não só nesta fase, mas em todas as etapas decisivas da minha vida. Vocês são especiais. Ao João Pedro, meu sobrinho e afilhado querido, que revigora a nossa família com a pureza, a alegria e a descontração da infância.

Aos meus sogros, Antonio Carlos e Márcia, pela torcida ao longo dos quatro anos. Ela foi decisiva para que eu me mantivesse firme.

Aos mais que amigos, irmãos de coração, Geraldo, Natalia e a pequena Manu. Vocês sempre serão a minha certeza sobre o valor da amizade.

À Unesp, que me acolheu em 2003 para uma fase nova, repleta dos desafios próprios de uma graduação fora da cidade de origem. Foram quatro anos de grandes experiências e amizades conquistadas para toda a vida. Nos programas de mestrado e de doutorado, novamente ofereceu não apenas conceitos e teorias, mas vivências tão diversas que ampliaram meus horizontes. Sou quem sou porque passei pela Unesp Bauru.

Ao meu orientador, Mauro Ventura, por ter aceitado estar comigo nesta longa trajetória, por ter apostado em meu projeto e me incentivado, mesmo sabendo que eu dividiria a jornada acadêmica com a rotina do mercado de trabalho.

Às professoras integrantes da minha banca de qualificação, Itania Gomes e Maria Cristina Gobbi, pelas avaliações cuidadosas, conselhos e direcionamentos que tornaram a finalização e os resultados deste trabalho muito mais consistentes. Aos integrantes da banca de defesa, novamente Itania e Maria Cristina, Alan Angeluci e Angela Grossi. Muito obrigada por aceitarem fazer parte deste momento avaliando o meu trabalho. Foi um prazer imenso.

Aos colegas da segunda turma do doutorado em Comunicação da Unesp, que dividiram comigo as delícias e angústias deste processo; aos professores, pela troca de conhecimento; e ao PPGCom Unesp, pelo suporte na realização deste trabalho.

À Televisão Universitária Unesp. Foi em 2009, com o ingresso na emissora, que o meu interesse em estudar foi novamente despertado. Agradeço aos diretores Antônio Carlos de Jesus (em memória), Ana Sílvia Médola e Francisco Machado Filho por terem me dado a oportunidade de conciliar os estudos com minha jornada de trabalho. Aos colegas de equipe, Ana Carolina e Felipe, que partilharam comigo grande parte do processo de doutoramento.

À Claudia Alegreti pelo profissionalismo, pelos ensinamentos e pela capacidade de me fazer pensar e organizar a rotina de estudos de forma consciente e prática. Você foi decisiva na execução desta pesquisa; sem você, eu não conseguiria! Você tem minha gratidão e admiração.

A todos amigos queridos e familiares que, mesmo de longe, enviaram vibrações positivas e torceram pela conclusão desta importante etapa em minha vida. Meus mais sinceros agradecimentos.

“Alguns homens veem as coisas como são e dizem por quê?
Eu sonho com as coisas que nunca foram e digo por que não? ”

George Bernard Shaw

RESUMO

A televisão vivencia mais um momento de transformação impulsionado pela tecnologia e pelas práticas sociais e culturais vigentes. O processo de digitalização e a possibilidade de conexão em rede modificaram as concepções de tempo e espaço e trouxeram mudanças significativas aos formatos, às rotinas produtivas e até mesmo à forma como se consome o conteúdo televisivo. É um cenário em que novas e velhas audiências coexistem, reafirmando, mas também renovando contratos assumidos com a televisão. E o telejornalismo, enquanto instituição social, na concepção de Raymond Williams, não poderia passar indiferente a esse cenário. É por isso que, nesta pesquisa, busca-se compreender como o telejornal que está há mais tempo no ar no país, o Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, até a última década considerado um dos noticiários mais conservadores, vem modificando seu modo de endereçamento ao telespectador (GOMES, 2011) em razão da aproximação aos sites de redes sociais. Essa proximidade se dá principalmente com o Twitter, pelas características de fomento à conversação e agilidade na propagação de conteúdos no mesmo instante da transmissão televisiva. Parte-se, portanto, de uma investigação em busca do atual modo de endereçamento do Jornal Nacional a partir do operador de análise do contexto comunicativo, também estabelecido por Gomes (2011). Ele diz respeito à situação discursiva entre telespectador e telejornal, ou como esse último enxerga e posiciona o público. Entende-se que, na atualidade, esse posicionamento se dá a partir da televisão e também pelo perfil oficial do telejornal no Twitter. Assim, o corpus de análise é composto por situações identificadas durante a exibição do Jornal Nacional ao vivo, postagens feitas pela equipe no perfil oficial no Twitter antes e depois das transmissões, e interações de usuários da plataforma, telespectadores ou não do JN, durante a veiculação do noticiário. Os resultados demonstraram que há uma tentativa do Jornal Nacional de se apresentar mais próximo do público dos sites de redes sociais e aberto a críticas e sugestões. Um movimento que se dá a partir de mudanças na postura dos apresentadores, no uso de conteúdos dos sites de redes sociais, na abertura de espaços para intervenções de usuários na condução ao vivo, e até no reposicionamento de decisões editoriais.

Palavras-chave: Telejornalismo; Sites de Redes Sociais; Modo de endereçamento; Jornal Nacional.

ABSTRACT

Television is experiencing another transformation moment driven by technology and current social and cultural practices. The digitalization process and networking connection possibility changed the conceptions of time and space and brought significant changes to formats, to productive routines and even to the way television content is consumed. This is a scenario in which new and old audiences coexist, reaffirming, but also renewing, contracts assumed with television. Television journalism, as a social institution, according to Raymond Williams' conception, could not remain indifferent. That is why the aim of this research is to seek for an understanding of how *Jornal Nacional* of Rede Globo, the longest-running TV news on air in the country, being considered the most conservative one until the last decade, has been changing its way of addressing to the viewers (GOMES, 2011) due to an approach to social network sites. This approximation occurs mainly by Twitter, due to characteristics as conversation fostering and agility in content propagation during television broadcast. The investigation is centered on the communicative context analysis operator, also established by Gomes (2011), that concerns the discursive situation between television viewer and television news, or how the latter sees and positions its public. This research understands that, nowadays, this positioning occurs from television and also by the official television news profile on Twitter. Thus, the analysis corpus is composed of situations identified during the live broadcast of *Jornal Nacional*; posts made by the TV news professionals, before and after transmissions in the Twitter official profile; and interactions of platform users at the same time of exhibition, viewers of *Jornal Nacional* or not. The results showed that *Jornal Nacional* attempts to present itself closer to the social networking sites public and opened to criticism and suggestions. A movement that occurs since the changes in the newscaster's posture, in the use of social networking sites content, in the moments for user's interventions during live conduction, and even the editorial repositioning decisions.

Keywords: TV journalism; Social Networking Sites; Addressing mode; *Jornal Nacional*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa das mediações de Martín-Barbero	40
Figura 2 - Mapa das mutações culturais de Martín-Barbero	42
Figura 3 - Conceito de gênero segundo Gomes (2011a)	46
Figura 4 - Cid Moreira e Hilton Gomes na apresentação do JN na década de 1960.....	88
Figura 5 - Cenários das décadas de 1970 e 1980.....	89
Figura 6 - Estreia da jornalista Lilian Witte Fibe na bancada do JN em 1996.....	91
Figura 7 - Estreia de Fátima Bernardes na bancada do JN em 1998.....	92
Figura 8 - Ancoragem de Fátima Bernardes na Copa de 2002.....	93
Figura 9 - Caravana JN em Juazeiro do Norte (CE) e em São Miguel das Missões (RS)	94
Figura 10 - Ancoragem externa nas eleições norte-americanas de 2004 e na morte do Papa João Paulo II em 2005	95
Figura 11 - Cenário dos anos 2000 e com novidades em 2009	96
Figura 12 - Estreia do cenário virtual da previsão do tempo em 02 de abril de 2012.....	97
Figura 13 - Despedida de Fátima Bernardes e edição do noticiário ancorada por William Bonner e Patrícia Poeta.....	98
Figura 14 - Despedida de Patrícia Poeta e primeira edição com Renata Vasconcellos oficialmente na bancada do JN.....	98
Figura 15 - Escalada e chamada da passagem de bloco	99
Figura 16 - Composição gráfica da passagem de bloco	99
Figura 17 - Sequência do encerramento do jornal e despedida dos apresentadores.....	100
Figura 18 - Sequência de enquadramentos da cobertura do terremoto no Nepal na edição de estreia do novo cenário	101
Figura 19 - Sequência de enquadramentos desde o momento em que Renata levanta da bancada até falar com o correspondente no Japão.....	103
Figura 20 - Primeira edição com a nova versão da previsão do tempo	104
Figura 21 - Postagens de William Bonner e de Fátima Bernardes sobre a separação.....	106
Figura 22 - Cenário padrão do e arte em 3D para ilustrar reportagem de futebol.....	107
Figura 23 - Vinheta de abertura com imagens da redação e passagem de bloco	108
Figura 24 - Previsão do tempo e entrada ao vivo na edição inaugural do novo estúdio	108
Figura 25 - Exemplos de comentários no Twitter sobre mudança no cenário do JN	109
Figura 26 - Sequência de enquadramentos da chegada de Tite ao estúdio à entrevista	111
Figura 27 - Comentários no Twitter sobre novo cenário de entrevistas.....	112

Figura 28 - Sequência de enquadramentos do diálogo	133
Figura 29 - Sequência de enquadramentos do diálogo	141
Figura 30 - Posts contrários ao comentário de Bonner.....	142
Figura 31- Sequência de enquadramentos do diálogo	144
Figura 32- Sequência de enquadramentos do diálogo	151
Figura 33 - Correções dos internautas	152
Figura 34 - Arte com a grafia errada de Lages	153
Figura 35 - Intervenção dos usuários de sites de redes sociais.....	153
Figura 36 - Sequência de enquadramentos do diálogo	157
Figura 37 - Imagens da categoria desconstrução da bancada.....	162
Figura 38 - Imagens da categoria apresentadores personagens	164
Figura 39 - Imagens da categoria bastidores	165
Figura 40 - Imagens da categoria selfies	166
Figura 41 - Imagens da categoria linguagem da rede social.....	168
Figura 42- Vídeo usado no início da reportagem	173
Figura 43- Sequência de enquadramentos da explicação de Bonner.....	174
Figura 44 - Postagens feitas após tutorial de gravação de vídeo	176
Figura 45 - Respostas à campanha Brasil que eu quero	187
Figura 46 - Sequência de enquadramentos do diálogo	190
Figura 47 - Postagens sobre a reconsideração	192
Figura 48 - Repercussão da cobertura do JN sobre a escola Paraíso do Tuiuti.....	195
Figura 49 - Repercussão sobre a retratação do Jornal Nacional.....	197
Figura 50 - Postagem do general Villas Boas no Twitter.....	203
Figura 51 - Postagens sobre tweet general Exército.....	204
Figura 52 - Postagem do JN no Twitter marcando início da edição de 03/04/2018.....	208
Figura 53 - Trecho do vídeo de Cristiane Brasil	213
Figura 54 - Vídeo de Ivete Sangalo e registros das postagens no Instagram no JN.....	215
Figura 55 - Vídeo do jogador Cavani exibido pelo JN.....	217
Figura 56 - Registros da primeira divulgação do vídeo de Cavani	219
Figura 57- Aviso de erro em reportagem e pedido de desculpas.....	220
Figura 58 - Sonora de Augusto Heleno e nota pé lida por William Bonner.....	222
Figura 59 - Postagens sobre o erro do JN	224
Figura 60 - Contexto comunicativo do Jornal Nacional.....	230

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
PARTE 1 – PERCURSO TEÓRICO.....	24
2 A TELEVISÃO A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS	25
2.1 O NOVO MEIO DE COMUNICAÇÃO E OS EFEITOS SOBRE A AUDIÊNCIA	25
2.2 A TELEVISÃO ENQUANTO PRÁTICA CULTURAL.....	29
2.3 A VISÃO DOS ESTUDOS DE RECEPÇÃO LATINO-AMERICANOS	37
3 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO NO BRASIL	49
3.1 O CONTEXTO SOCIOECONÔMICO, POLÍTICO E CULTURAL	49
3.2 SETE DÉCADAS DE TRANSFORMAÇÕES.....	52
3.3 O QUE AINDA ESTÁ POR VIR	63
4 OS SITES DE REDES SOCIAIS E O TELEJORNALISMO.....	65
4.1 CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA E MIDIÁTICA	65
4.2 O QUE MUDA NA COMUNICAÇÃO?	68
4.3 REDES SOCIAIS E SITES DE REDES SOCIAIS	72
4.3.1 Twitter: um site de rede social singular.....	76
4.4 A INFLUÊNCIA DOS SITES DE REDES SOCIAIS NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA TELEVISIVA.....	80
PARTE 2 – DA TEORIA À ANÁLISE	84
5 JORNAL NACIONAL: UM OBJETO EM TRANSFORMAÇÃO.....	85
5.1 OS BASTIDORES DA CRIAÇÃO DO TELEJORNAL.....	86
5.2 A ESTRUTURAÇÃO DO FORMATO E DO PADRÃO DE QUALIDADE	87
6 METODOLOGIA DE ANÁLISE E DEFINIÇÃO DO CORPUS	113
6.1 O MODO DE ENDEREÇAMENTO NOS ESTUDOS DE TELEVISÃO.....	113
6.1.1 Operadores de análise e aplicação	121
6.1.2 O modo de endereçamento do JN	123
6.2 O <i>CORPUS</i> DA PESQUISA	127
7 A CONSTRUÇÃO DO MODO DE ENDEREÇAMENTO EM MÚLTIPLAS TELAS	129
7.1 OS PRIMEIROS REGISTROS	132
7.1.1 O apelido de Maria Júlia Coutinho	132
7.1.2 O hacker com “cara de maluco”	139
7.1.3 As correções de informação ao vivo.....	151
7.1.4 O ataque racista a Maria Júlia Coutinho.....	155
7.2 O PERFIL OFICIAL DO JN NO TWITTER.....	160
7.2.1 A identificação das postagens	160
7.2.2 As mudanças registradas ao longo da pesquisa	168

7.3 OBSERVAÇÃO COMBINADA: TELEJORNAL AO VIVO E POSTS DO TWITTER	173
7.3.1 O celular na horizontal	173
7.3.2 Campanha “O Brasil Que Eu Quero”	183
7.3.3 A cobertura do desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti	194
7.3.4 A leitura da postagem do General Villas Boas	202
7.3.5 Sites de redes sociais como fonte de informação	211
8 CONCLUSÃO	229
REFERÊNCIAS	236
APÊNDICE A - Dados das chamadas em vídeo postadas no Twitter durante a Copa	248
APÊNDICE B – Dados das fotos postadas no Twitter durante a Copa	249
APÊNDICE C – Dados gerais das postagens no perfil oficial no Twitter durante a Copa	250
ANEXO A – Tweets sobre o pedido de gravação de vídeo com celular na horizontal	262
ANEXO B – Tweets sobre a reconfiguração da Campanha “O Brasil Que Eu Quero”	271
ANEXO C – Tweets sobre a cobertura do desfile da escola Paraíso do Tuiuti	276
ANEXO D – Tweets sobre a nova reportagem do desfile da Escola Paraíso do Tuiuti	284
ANEXO E – Tweets sobre a leitura da postagem do General Villas Boas	293

1 INTRODUÇÃO

“A TV está morrendo? Vida longa à TV!”.
Geoff Colvin

Não são raros os debates entre defensores do fim da televisão e teóricos contrários a esse posicionamento, que argumentam pelo início de uma nova fase desse meio de comunicação. É fato que, diante da digitalização, da convergência de suportes e da conexão em rede a partir da internet, mudanças significativas são identificadas em todo o ecossistema televisivo, da produção à recepção do conteúdo. Mas, o que elas representam?

No livro *O Fim da Televisão*, Mario Carlón (2014, p. 13) aponta, como o título adianta, para o fim de uma era e pontua que “certa televisão está morrendo”. O autor ainda vai adiante: “[...] para além de considerarmos que estamos no fim de uma era ou início de um novo período, tem algo que devemos reconhecer: a televisão perdura. Continua oferecendo programas, reformulando sua programação etc.” (p. 17). Apesar de aparentemente contraditório, o que Carlón (2014) defende é que vivemos em uma era pós-TV e entre os “sintomas” desse novo momento estaria o fenômeno da televisão expandida. “Chamamos ‘televisão expandida’, essencialmente, um fenômeno derivado da especificidade da televisão (e seu reconhecimento social): o fato de que ela tem um dispositivo e linguagem própria, *a transmissão ao vivo*” (CARLÓN, 2014, p. 18, *grifo do autor*). Ele explica que a televisão é uma instituição emissora singular justamente por conter dois dispositivos e linguagens básicos para enunciar os discursos: o ao vivo e o gravado. E daí viria, então, o entendimento sobre a afirmação de que “certa” televisão está morrendo.

[...] há uma parte da televisão que sobrevive após o fim da televisão, que é capaz de gerar transmissões [...], sem que a Instituição Emissora perca, definitivamente, seu lugar. Trata-se da transmissão ao vivo articulada com certos acontecimentos sociais relevantes (transmissões de eventos esportivos, cerimônias do mundo espetáculo ou político etc). Essas transmissões que, na verdade, são os principais discursos massivos gerados na história, não apenas seguem sendo massivas após o fim da televisão, mas também são captadas pelos sujeitos que as recebem por meio de outros dispositivos midiáticos (telefones, celulares, notebooks etc.), e mídias (como o YouTube, Terra etc), no mesmo momento em que a televisão os emite criando, assim, um cenário de “televisão expandida”, no qual, ao contrário do processo mais típico da situação “fim da televisão”, em que o consumo programa a recepção, *a emissão continua programando a recepção*. São transmissões que nos obrigam a reconhecer a vigência da televisão e da Instituição Emissora no cenário pós-TV e que possibilitam, portanto, um tipo específico de “narrativa transmídia”. (CARLÓN, 2014, p. 19-20, *grifo do autor*).

Segundo o autor, nesse contexto, o gravado, portanto, é o que provoca a situação de fim da televisão, ou o pós-TV. Carlón (2014) toma como exemplo as séries ficcionais norte-americanas. Por serem consumidas, em sua maioria, por streaming, DVDs e sites que fornecem legendas, essas formas variadas de recepção afetam diretamente a programação da televisão. Primeiro, porque esse consumo é feito separado da publicidade. E, segundo, dificilmente os consumidores memorizam canais e produtoras responsáveis pelas séries. “Nada disso acontece nas transmissões de evento ao vivo nas quais as televisões permanecem vigentes por causa da transmissão constituída, sempre, pela Instituição Emissora e pela publicidade (comercial ou institucional)” (CARLÓN, 2014, p. 22).

Haveria, ainda, um grupo de indicadores que, dependendo da dimensão, apontariam para esse “fim da televisão”, sendo adaptáveis à realidade distinta de cada país. Carlón (2014, p. 24) enumera: a penetração da internet, a multiplicação de telas na casa, o interesse por meio de portais ou serviços que oferecem produtos audiovisuais e o consumo audiovisual de produtos cinematográficos e televisivos por meio de DVDs, legais e ilegais, como identificadores.

Assim, o que o autor faz é colocar o “fim da televisão” como parte da crise dos meios massivos. “Esse sistema entrou em sua fase final porque foi dominado pelo surgimento de um novo sistema de mediação e de práticas sociais, de diferentes características” (CARLÓN, 2014, p. 26). O que, segundo ele, aponta não para o desaparecimento desses meios, mas sim para o fim de seu modo de funcionamento característico. O novo sistema, então, é digital e hipermidiático.

Por ter sua base na internet e possibilitar novas mídias e instituições (muitas delas virtuais), tem gerado novos modos de produção e de apropriação discursiva (na rua e casa). Por isso, está fazendo ruir o sistema anterior. Tudo isso significa que não é só a televisão que está sendo, atualmente, afetada: hoje estamos vivenciando a crise da fotografia e do filme históricos [...], dos meios de imprensa tradicionais (para mídia digital) e observamos, também, a da indústria fonográfica. (CARLÓN, 2014, p. 28).

Não é o posicionamento teórico adotado por Toby Miller na mesma obra e também no livro *A TV em Transição* (2009). Para esse autor, a televisão não está acabando ou morrendo, está em transformação, em transição. “Imaginar a Internet em oposição à televisão é bobagem; ao contrário, ela é apenas mais uma forma de enviar e receber a televisão. E a TV está se tornando mais popular, não menos” (MILLER, 2009, p. 22).

Miller (2009) oferece, inclusive, alguns exemplos dessa transformação. Um deles é referente à campanha eleitoral do ex-presidente norte-americano Barack Obama, em 2008.

Segundo ele, na aclamada “eleição da internet”, a equipe do democrata alocou a maior parte do dinheiro da campanha e também dos esforços do candidato na televisão. “A tevê estava em marcha, não em retirada: na noite da eleição, a CNN ganhou 109% mais telespectadores em comparação à mesma noite, quatro anos atrás” (MILLER, 2009, p. 20). Mas, o autor não deixa de reconhecer as transformações de ordem histórica e conjuntural pelas quais o meio vem passando, no que diz respeito à ampliação da oferta de gêneros específicos na tevê a cabo e à publicidade. “A audiência e os dólares mudaram no decorrer das décadas, atingindo, hoje, um ponto de ajuste. Isso coincide com a crise macroeconômica contemporânea, que viu grandes anunciantes implodirem, diminuindo o fluxo de caixa das redes e afundando muitos acordos para o posicionamento de produtos” (MILLER, 2009, p. 21). O autor tanto acredita nesse reposicionamento que considera o Youtube um trunfo para a televisão.

Em vez de substituir os programas de TV, estes fragmentos e comentários os promovem. Apesar de o conteúdo amador constituir a maior parte do que se encontra no YouTube, ele mal é assistido em comparação aos textos das indústrias culturais. Quinze entre os vinte termos de busca mais registrados no YouTube dizem respeito a programas de tevê norte-americanos. E o YouTube não é popular com os anunciantes. Os textos amadores são variáveis demais em termos de qualidade e tema; os textos profissionais, por sua vez, são reproduzidos ilegalmente com demasiada frequência (MILLER, 2009, p. 21).

Ainda que a realidade apontada por Miller (2009), principalmente no que diz respeito à popularidade do Youtube para os anunciantes, venha sofrendo mudanças de 2009 para cá, é evidente, hoje, a importância da plataforma para a programação televisiva. São diversas as estratégias adotadas pelas emissoras, desde a produção de programas televisivos inteiros a partir de vídeos postados no canal por usuários amadores até a produção de conteúdo específico para os canais institucionais das emissoras na plataforma. Assim, acredita-se ser mais atual do que nunca a afirmação do autor de que “[...] o alcance da televisão está aumentando, a sua flexibilidade está se desenvolvendo, a sua popularidade está crescendo; e a sua capacidade de influenciar e incorporar mídias mais antigas e mais novas é indiscutível. A TV não está morta, ela está mudando” (MILLER, 2009, p. 24).

É a mesma orientação adotada por Orozco (2014, p. 101) ao conceituar o televisivo. Considerado um espaço de negociação entre a tela e o público, ou seja, o local “[...] onde se realiza um mútuo reconhecimento do público frente à tela e desta frente ao público”, para o autor, ele vem passando por transformações que não colocam fim a esse contrato, mas dão início a um novo, com outros tipos de reconhecimento e comportamento do telespectador nos cenários digitais.

Isso não é um mero adjetivo ou característica, mas designa um modo distinto de ser da TV e de invadir o cenário midiático e social e, especialmente, de conectar-se com o público e interpelá-lo. Eu destaco o televisivo como espaço de negociação entre a tela e o público e, sobretudo, de reconhecimento mútuo de certo tipo de expressão audiovisual e de situação do público, ritmo, formas de narrar histórias, de conectar imagens e tecê-las umas com as outras, assim como com os efeitos de voz e especiais. Uma espécie de amálgama linguístico-estético que soma o auditivo e o visual com o musical, tendo, no entanto, como resultado na tela frente ao público – como no “coquetel de Margarita” -, um todo diferente a partir da soma de suas partes. Um todo fascinante que convoca seu público não só intelectualmente, mas também e, principalmente, *no e a partir* do sensorial e emocional. (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 101, grifo do autor).

São essas características que, neste momento, possibilitam reconhecer não o fim, mas o estado de transição verificado pela televisão, uma vez que ela

[...] está deixando de ser uma tela dominante para ser uma tela a mais entre muitas outras que, rotineiramente, atingem amplos setores de audiência. [...] Ao mesmo tempo, a TV se readapta “darwinianamente” a novas circunstâncias de existência, aumentando o espetáculo e ensaiando os formatos, o que, paradoxalmente, contribui para mantê-la viva, considerando que havia se descuidado por se julgar “*the one and only*”. (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 103, grifo do autor).

É partindo dessa visão de que a televisão não está chegando ao fim, mas em um processo de transição, que caminha para um cenário “[...] de muitas opções de televisão e de audiências” (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 111), ou seja, em que “[...] coexistem antigas e novas audiências, velhos e novos contratos televisivos, assim como formas novas e antigas de assumir os novos reconhecimentos mútuos entre a TV e o público” (OROZCO GÓMEZ, 2014, p. 107) que buscase, nesta pesquisa, uma compreensão desse fenômeno tendo como recorte as mudanças desencadeadas a partir da aproximação entre um dos subgêneros do telejornalismo, o telejornal, e os sites de redes sociais, porém com um olhar a partir das transformações sociais e culturais decorrentes desse contexto.

É por essa razão que se tem como um dos nortes desta pesquisa a concepção de jornalismo enquanto instituição social, segundo Raymond Williams. Como afirma Gomes (2011, p. 19), para o autor “[...] os meios de comunicação aparecem, junto com a família, a escola, a igreja, certas comunidades e locais de trabalho, como instituições que exercem poderosas pressões sobre o modo de vida”. Assim, a televisão e o telejornalismo se constituem enquanto tecnologia e forma cultural, uma vez que são fruto da reunião das dimensões técnica,

social, econômica e tecnológica (WILLIAMS, 2016)¹. Ao partir de tais concepções, a perspectiva teórica de investigação não poderia ser outra senão a dos Estudos Culturais. Investigar a televisão e um de seus subgêneros, o telejornal, é aceitar que esse último, uma estratégia de comunicação na visão de Martín-Barbero (2009), é resultado de “[...] uma construção social, no sentido de que se desenvolve numa formação econômica, social, cultural particular e cumpre funções fundamentais nessa formação” (GOMES, 2011, p. 19). E, justamente por essa razão, passa por constantes transformações que têm como pano de fundo as mediações, um conjunto de influências que organizam a percepção da realidade do receptor, onde ocorrem as interações entre as instâncias da produção e da recepção (JACKS, 1996).

No caso das mudanças recentes na relação entre os cidadãos e os veículos de comunicação, a partir da implantação e consolidação da internet, Castells (2003) afirma que elas ocorrem porque a rede mundial de computadores passou a se configurar enquanto tecido que interliga e nutre a sociedade, um instrumento de mediação das práticas sociais. São três os processos elencados pelo autor que se uniram no final do século XX e tornaram possível uma nova estrutura social baseada nas redes. Destacam-se: os avanços na computação e nas telecomunicações a partir de uma revolução microeletrônica; a exigência da economia por flexibilidade administrativa e globalização do capital, da produção e do comércio; e as demandas da sociedade por liberdade individual e comunicação aberta.

Pela primeira vez, tem-se um processo comunicacional de muitos para muitos, que quebra as barreiras de tempo e espaço. É uma importante mudança da chave da transmissão para a do compartilhamento e uma nova forma de se comunicar: a autocomunicação de massas (CASTELLS, 2009). Um processo que chega a uma audiência global e ao mesmo tempo define-se como autocomunicação porque uma mesma pessoa gera a mensagem, define os possíveis receptores e seleciona mensagens e conteúdos da rede que deseja recuperar. “As três formas de comunicação (interpessoal, comunicação de massa e autocomunicação de massa) coexistem, interatuam e, mais do que se substituírem, se complementam” (2009, p. 88). E esse processo, segundo o autor, propicia condições de o indivíduo construir certa autonomia em relação a diversas instituições da sociedade, inclusive, os veículos de comunicação tradicionais (CASTELLS, 2013). É o que Recuero (2014, p. 24) define como a “[...] possibilidade de expressão e sociabilização através das ferramentas de comunicação mediada pelo computador”. Entre elas, reconhecidamente, os sites de redes sociais, que impactaram profundamente os processos de interação.

¹ Nesta pesquisa optou-se por usar a edição brasileira “Televisão: tecnologia e forma cultural” (2016), versão traduzida de “Television: Technology and Cultural Form (1974).

Há que se considerar, no entanto, que tais possibilidades foram surgindo à medida em que a penetração e apropriação social dos sites de redes sociais aumentaram (SANTAELLA; LEMOS, 2010)². As autoras, inclusive, propõem uma classificação com a denominação 1.0 para as plataformas que apresentavam uma oportunidade pioneira de interatividade, com coordenação em tempo real entre os usuários, como era o caso do ICQ e MSN; 2.0 para o compartilhamento de arquivos e interesses, entre eles, fontes de entretenimento, contatos profissionais, marketing social, por exemplo o Orkut e o Myspace; e 3.0 para os que permitiram a “[...] integração com múltiplas redes, plataformas e funcionalidades através do uso de aplicativos e mídias móveis” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 59), como Facebook e Twitter.

Ainda que para autores como Dominique Wolton (2003) essas mudanças não tenham passado apenas de inovação na técnica, ou seja, apenas um dos pilares que sustentam a comunicação, ao lado da cultura e do social, pode-se afirmar que elas foram significativas uma vez que reconfiguraram, de forma decisiva, a relação que as pessoas mantinham com a televisão e com as rotinas produtivas e os formatos em diferentes gêneros e subgêneros.

Foi o caso do Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão, escolhido como objeto desta pesquisa. Há 49 anos no ar de forma ininterrupta, reconhecido como um dos noticiários mais conservadores do país, desde 2015 vem passando por uma série de reformulações em um movimento de aproximação a esse novo contexto midiático. O telejornal conta, hoje, com uma página no portal Globo.com, em que são postadas as reportagens do dia, a edição do jornal na íntegra, e ainda um espaço para o envio de dúvidas, críticas e sugestões chamado Fale com o JN; com o Globo Play, o repositório de conteúdo da emissora, em que também é possível acessar reportagens e edições na íntegra; e os perfis oficiais no Twitter³ e no Facebook⁴, considerados pela emissora, e identificados assim na página do portal, espaços de comunicação com a equipe do JN. E foi justamente essa relação com os sites de redes sociais que chamou a atenção desta pesquisadora e se tornou o objeto desta investigação.

Mas, até chegar à análise, foi necessário um período de amadurecimento do problema de pesquisa, bem como da construção teórica e metodológica que dão suporte à resposta da pergunta que conduz o estudo. Em abril de 2015, um mês após a aprovação desta pesquisadora no programa de Pós-Graduação, e antes do início das disciplinas, o Jornal Nacional passou a

² Santaella e Lemos (2010) têm posicionamento divergente de Recuero (2014, 2015) no que diz respeito à conceituação de redes sociais na internet e sites de redes sociais: enquanto as primeiras autoras utilizam esses conceitos como sinônimos, Recuero faz questão de distingui-los. Ao longo da pesquisa, optou-se por seguir a posição de Recuero, que será mais bem detalhada no capítulo 3. No entanto, considerou-se importante manter as transformações elencadas por Santaella e Lemos, ainda que com terminologia diferente.

³ Criado em novembro de 2010.

⁴ Criado em 04 de outubro de 2011.

ser exibido em um cenário mais amplo, com novos elementos, como um grande telão para interação com os repórteres, recursos gráficos atualizados, e uma nova linguagem: pela primeira vez os apresentadores saíram de trás da bancada e puderam ser vistos em pé, em ângulos variados. Eles também passaram a adotar um discurso mais informal e descontraído, com referências claras ao público dos sites de redes sociais. Era evidente que havia um processo de transformação em curso.

O primeiro passo foi partir para uma observação diária do noticiário ao vivo, ao longo do ano de 2015, para que fossem garantidos registros dessas situações. E foram mapeados cinco episódios que faziam referências ao público dos sites de redes sociais. Optou-se, então, por dar início, junto com essa observação, a um levantamento bibliográfico que, para além do recorte teórico já mencionado, ajudasse a identificar as bases metodológicas que dessem suporte à análise de um fenômeno em configuração e, ao mesmo tempo, tão complexo. Durante essa etapa, observou-se que as referências aos sites de redes sociais durante a transmissão ao vivo refletiam uma proximidade maior com o Twitter em razão de uma dinâmica bastante própria de interação possibilitada por essa plataforma, considerada “[...] um veículo de difusão contínua de ideias; um espaço colaborativo no qual questões que surgem a partir de interesses dos mais microscópicos aos mais macroscópicos, podem ser livremente debatidas e respondidas” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 66). Era isso que estava ocorrendo com o conteúdo do Jornal Nacional e refletindo na condução ao vivo do noticiário. O passo seguinte foi observar, ainda no mesmo ano, como se dava a interação do Jornal Nacional com o público, por meio de seu perfil oficial no Twitter, principalmente em relação ao tipo de conteúdo postado. Os dados coletados apontaram para 3 categorias de postagens: vídeos com destaques do dia, fotos para marcar o início do telejornal na televisão, e links das reportagens exibidas para acesso no site do telejornal.

Ainda nessa fase de pesquisa bibliográfica, foi por meio do texto *Estabilidade em fluxo: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo*⁵, de Itania Gomes (2012), que a pesquisadora teve contato, pela primeira vez, com o conceito de estabilidade em fluxo aplicado ao Jornal Nacional. Segundo essa concepção, o JN representa no Brasil o que se espera de um telejornal, e por isso, é muitas vezes confundido com o próprio subgênero, ao mesmo tempo em que também é um produto da cultura e, como tal, se transforma com o tempo e assume novos e diferente sentidos (GOMES, 2012). Durante a leitura desse texto, foi possível identificar que os registros coletados até então demonstravam justamente um desses momentos

⁵ O texto está presente no livro: *Análise de Telejornalismo – Desafios Teóricos-Metodológicos* (2012), organizado por Itania Gomes.

de reconfiguração do noticiário. Porém, ainda não estava clara a pergunta que conduziria o estudo. O contato mais próximo com as pesquisas de Gomes (2012) foi o responsável por descortinar o que já estava ali diante dos olhos.

Isso porque a autora oferece uma aplicação do conceito de modo de endereçamento à análise de telejornalismo. Originário da análise fílmica (ELLSWORTH, 2001), desde a década de 1980 o conceito já vinha sendo adaptado para a interpretação da relação entre programas televisivos e seus telespectadores. Mas é a definição de Gomes (2011) a que melhor se aplica a este estudo. Para a pesquisadora, o modo de endereçamento é o modo como o telejornal se relaciona com a audiência a partir da construção de um estilo, que o diferencia dos demais (GOMES, 2011, p. 36). A esse conceito, soma-se o entendimento de gênero enquanto categoria cultural, também formulado por Gomes (2011a). A autora toma como referência o mapa das mediações de Martín-Barbero (2009) e posiciona o gênero no centro dele, no entendimento de que, para ser analisado, não pode ser desconsiderada a relação que o gênero estabelece com as transformações culturais.

As situações já coletadas diziam respeito, portanto, a um momento sociocultural e histórico determinado. Ou seja, o Jornal Nacional, um importante representante do subgênero telejornal no país, estava passando por mudanças significativas. E mais, que elas diziam respeito a esse contrato, por anos estabelecido, entre o telejornal e o seu público, ou seja, seu modo de endereçamento, seu estilo próprio. Tornava-se, neste momento, um desafio, mas também uma necessidade responder à questão base que aflorava: o que, de fato, está mudando no modo de endereçamento do Jornal Nacional, ou seja, na forma como ele se orienta ao telespectador, no seu modo de dizer específico, em um cenário permeado pelos sites de redes sociais? E a construção verbal escolhida “está mudando” se deve em razão de esse não ser um processo acabado. Assim como o telejornal passou por reconfigurações anteriores, continuará a passar. A pergunta precisava justamente refletir um recorte temporal definido para a análise.

Diante de tal questionamento, definiu-se, como objetivo geral, entender quais elementos davam suporte a essa mudança do modo de endereçamento do telejornal, tendo como premissa o entendimento de que ele já não se construía apenas a partir do conteúdo veiculado na televisão, mas se estendia pelos sites de redes sociais, em especial, o Twitter. Assim, foram definidos como objetivos específicos:

- 1) Identificar quais elementos compunham o atual modo de endereçamento do Jornal Nacional a partir do conteúdo veiculado na televisão e das postagens no perfil oficial do telejornal no Twitter;

- 2) Verificar, a partir das postagens que fizessem referência ao Jornal Nacional no Twitter durante a transmissão do noticiário ao vivo, que tipo de relação era estabelecida a partir do público e como ele reagia ao modo de endereçamento proposto;
- 3) Caracterizar os elementos que configurassem novas práticas na tradicional relação estabelecida entre telejornal e telespectador a partir dos dois objetivos anteriores.

Com os objetivos traçados, era preciso posicionar o objeto e os dados já coletados segundo as definições teóricas e metodológicas apontadas. Partindo do mapa das mediações de Martín-Barbero (2009) e do conceito de gênero enquanto categoria cultural (GOMES, 2011a), chegou-se ao entendimento de que o telejornal é um formato industrial que aciona tanto as lógicas de produção quanto as competências de recepção por intermédio das mediações de tecnicidade e ritualidade. A primeira, por sua vez, é a que remete à construção de novas práticas por intermédio das diferentes linguagens midiáticas e aponta para os modos como a tecnologia molda a cultura e as práticas sociais. A partir das novas mediações de tecnicidade, portanto, é que se chega a um dos operadores de análise do modo de endereçamento, definidos por Gomes (2011): o contexto comunicativo. Segundo a autora, esse operador identifica o processo de comunicação estabelecido entre emissor, receptor e as circunstâncias espaciais e temporais, que configuram seu estilo. No caso do Jornal Nacional, a novidade era o Twitter passando a compor essa cena. Foi por essa razão que se optou por uma nova etapa de coleta. Desta vez, juntamente com a observação do noticiário ao vivo, foram coletadas as interações instantâneas registradas no Twitter que fizessem menção ao conteúdo veiculado no noticiário. Para essa coleta, foi utilizado o software Netlytic, uma ferramenta de monitoramento e pesquisa desenvolvida no Social Media Lab, da Ryerson University, no Canadá. Foram vários os momentos registrados entre novembro de 2017 e maio de 2018. Dentre eles, foram escolhidos oito episódios. Essas situações, somadas às levantadas no início da pesquisa, em 2015, foram analisadas a partir do operador de análise do contexto comunicativo, para se chegar ao mais recente modo de endereçamento do Jornal Nacional.

Assim, a primeira parte da tese é composta por todas as reflexões teóricas que dão suporte a esta pesquisa. O capítulo 2 traz uma reflexão sobre a televisão enquanto prática cultural (WILLIAMNS, 2016) e a visão da vertente latino-americana dos Estudos Culturais que tanto contribui com os conceitos de mediação de tecnicidade e de gênero (MARTÍN-

BARBERO, 2009) e de gênero enquanto categoria cultural (GOMES, 2011a). O terceiro capítulo situa a chegada e implantação da televisão no Brasil, o surgimento do telejornalismo, cuja história praticamente se funde com a da própria televisão, e as transformações pelas quais esse subgênero vem passando ao longo das últimas sete décadas. Uma trajetória histórica e social fundamental para a compreensão do objeto desta pesquisa, o Jornal Nacional. O quarto e último capítulo da primeira parte fecha a fundamentação teórica com referências importantes sobre convergência midiática (JENKINS, 2009), as mudanças no processo comunicativo (CASTELLS, 2009; 2013) a partir da digitalização e da conexão em rede e as possibilidades ofertadas, bem como as transformações sociais e culturais, a partir da popularização dos sites de redes sociais (RECUERO, 2014), com destaque para as características do microblog Twitter (SANTAELLA; LEMOS, 2010).

A segunda parte da tese tem início com um capítulo descritivo dedicado ao Jornal Nacional. Para compreender o atual contexto de mudanças é preciso um resgate histórico com as principais fases vivenciadas pelo noticiário. Assim, esse capítulo se configura enquanto introdução à análise. Na sequência, é apresentada a metodologia escolhida: a análise do modo de endereçamento a partir do operador do contexto comunicativo (GOMES, 2011), bem como o detalhamento do corpus. O sétimo capítulo é todo dedicado à análise dos casos coletados ao longo da pesquisa e eles são apresentados cronologicamente. Por fim, o oitavo capítulo traz uma reflexão dos resultados obtidos a fim de apresentar, além das relações estabelecidas frente ao atual contexto comunicativo do Jornal Nacional junto ao público, as características que singularizam sua forma recente de se endereçar.

PARTE 1 – PERCURSO TEÓRICO

2 A TELEVISÃO A PARTIR DOS ESTUDOS CULTURAIS

“[...] o milagre da televisão é esse encontro entre imagens estandardizadas, apesar de polissêmicas, e de condições de recepção que criam uma outra polissemia, ligadas ao contexto cultural e político da recepção”.
(WOLTON, 1996, p. 77)

Apesar da instantaneidade e da facilidade de acesso a diferentes conteúdos proporcionadas pela Internet, em especial na última década, e a interação a partir dos sites de redes sociais, a televisão ainda permanece como o meio de comunicação mais utilizado como fonte de informação no país (BRASIL, 2016). Entende-se, nesta pesquisa, que a relação da televisão e, em especial, do telejornalismo com a população se deve ao papel cultural que a televisão assumiu, ao longo das décadas, na sociedade brasileira. Conhecer o cenário de implantação e consolidação; os modelos comunicacionais que se formaram à época, a partir do entendimento que se tinha em relação ao telespectador; e a evolução desses modelos até chegar às concepções de televisão enquanto tecnologia e forma cultural, de Raymond Williams, as instâncias mediadoras para a análise da televisão, de Jesús Martín-Barbero, bem como a visão desse autor e de Itânia Gomes sobre o gênero televisivo, referências singulares para este estudo, são essenciais para demonstrar a trajetória teórica concebida para o desenvolvimento da tese.

2.1 O NOVO MEIO DE COMUNICAÇÃO E OS EFEITOS SOBRE A AUDIÊNCIA

Nas décadas que se seguiram após as transmissões televisivas inaugurais nos Estados Unidos, registradas no fim dos anos 1930, o debate em torno do novo meio de comunicação se pautou a partir de duas questões centrais: “O que a televisão faz com o telespectador⁶?” e “O que o telespectador faz com a televisão?” (OROZCO GÓMEZ, 2005). Tais questionamentos, apenas aparentemente opostos⁷, refletiam posicionamentos teóricos centrados no efeito da televisão sobre o telespectador e conduziram as pesquisas no período. A base eram os estudos norte-americanos em comunicação. O fim da Primeira Guerra Mundial e a proximidade de um novo conflito formaram o cenário favorável para o desenvolvimento da *Mass Communication Research*, um campo de estudos de orientação empírica e pragmática, hegemônico até a década

⁶ Ao longo deste trabalho, para fazer referência à experiência televisiva, será utilizado de maneira indistinta os termos telespectador(es), receptor(es) e público. Não é a proposta desta pesquisa discutir tais definições.

⁷ Orozco Gómez (2005) usa a expressão “duas faces de uma mesma moeda” para designar essas duas questões centrais que conduziram os primeiros estudos de televisão. Isso porque, segundo o autor, as duas são fruto de uma mesma base teórica e não promovem um rompimento de paradigma em favor de uma concepção do telespectador enquanto sujeito do processo, como será detalhado a seguir, que é a proposta dos Estudos Culturais.

de 1960 (ARAÚJO, 2010). Tendo como base o trabalho de Harold Lasswell⁸, essa tradição de estudos, que reunia autores e abordagens diversos, da comunicação à engenharia, passando pela sociologia e psicologia, creditava às mensagens poder absoluto, ou seja, o telespectador, nos anos iniciais do novo meio, era visto como um ser passivo, vulnerável e facilmente manipulável. Era, portanto, concebido como um objeto diante da televisão, pertencente a uma massa, que podia ser controlado, manipulado e levado a tomar uma determinada atitude (WOLF, 2009).

Esse posicionamento ganhou ainda mais força quando, no fim da década de 1940, mais precisamente em *A estrutura e a função da comunicação na sociedade*, Lasswell elencou as 3 funções do processo de comunicação na sociedade: “1) a vigilância sobre o meio ambiente; 2) a correlação das partes da sociedade em resposta ao meio; 3) a transmissão da herança social de uma geração para a outra (1971, p.106). É também nessa mesma obra que o autor consolidou a fórmula: Quem diz o quê, em que canal, para quem e com que efeito?”

Aqueles que estudam o “quem” – o comunicador – se interessam pelos fatores que iniciam e guiam o ato comunicativo. Essa subdivisão do campo de pesquisa é chamada análise de controle. Os especialistas que focalizam o “diz o quê” ocupam-se da análise de conteúdo. Aqueles que se interessam principalmente pelo rádio, imprensa, cinema e outros canais de comunicação, fazem a análise de meios (media). Quando o principal problema diz respeito às pessoas atingidas pelos meios de comunicação, falamos de análise de audiência. (LASSWELL, 1971, p. 105).

Com uma influência clara do behaviorismo, esse modelo continuou a pressupor a ação de controle do emissor que, a partir do conteúdo, atingia um determinado objetivo em relação ao público-alvo, os telespectadores, considerados apenas objeto da ação.

Pouco tempo depois, em 1949, Claude Shannon e Warren Weaver publicaram a teoria matemática da comunicação, ou simplesmente teoria da informação, que trouxe outro modelo comunicacional, agora baseado na engenharia de telecomunicações. Por meio de um esquema linear, o objetivo passou a ser transmitir de forma eficiente uma informação de um ponto selecionado a outro, sem preocupação com o teor ou significado das mensagens. Os autores, então, estabeleceram como elementos desse modelo:

[...] a *fonte* (de informação), que produz uma *mensagem* (a palavra no telefone), o *codificador* ou emissor, que transforma a mensagem em sinais a fim de torná-la transmissível (o telefone transforma a voz em oscilações elétricas), o *canal*, que é o meio utilizado para transportar os sinais (cabo telefônico), o *decodificador* ou receptor, que reconstrói a mensagem a partir

⁸ *Propaganda Techniques in the World War*, de 1927, é a obra inicial em que ele aprofunda os estudos sobre propaganda de guerra.

dos sinais, e a *destinação*, pessoa ou coisa, à qual a mensagem é transmitida. (MATTELART; MATTELART, 2011, p. 58, grifo do autor).

A preocupação estava toda centrada em uma transmissão ótima da informação, sem ruídos indesejáveis, num sistema de plena integração entre os polos emissor e receptor. Um processo que poderia se dar tanto na relação entre duas máquinas, entre dois seres humanos, ou entre uma máquina e um ser humano (PIGNATARI, 1968). Por esse motivo, segundo o autor, o processo básico de tal teoria se referia sempre à quantidade de informação e não à qualidade da mesma ou ao seu conteúdo. A comunicação, segundo essa chave, era um fenômeno e uma função social. Por todas essas características, pode-se afirmar que a teoria da informação também não estava preocupada com a dinâmica social e crítica, mas em como funcionava internamente a comunicação. E isso se estendia ao entendimento da televisão.

Não demorou para que a visão de comunicação enquanto instrumento de manipulação em massa, com efeitos uniformes e imediatos nas audiências passivas, começasse a ser questionada. O sociólogo Paul Lazarsfeld liderou estudos sobre a composição das audiências e as formas de consumo. Segundo Araújo (2010), dois deles: *The people's choice* (1944) e *Personal Influence: The Part Played by People in the Flow of Mass Communication* (1955) foram decisivos para a descoberta de um elemento intermediário entre as duas pontas do processo comunicativo. “Os resultados levam à descoberta do ‘líder de opinião’, indivíduo que, no meio da malha social, influencia outros indivíduos na tomada de decisão” (ARAÚJO, 2010, p.128). Teve origem, então, o modelo de comunicação em duas etapas: a mensagem saía dos meios em direção aos líderes de opinião e desses às demais pessoas. Com isso, o telespectador começou a ser visto como um indivíduo que recebia influências de acordo com os contextos sociais nos quais estava inserido. Ainda que considerado um sujeito passivo, segundo esse modelo teórico, ele não era mais atingido de maneira direta, mas sim de maneira indireta, pela programação televisiva. Do conceito de manipulação, transitou-se para o de persuasão. “Persuadir os destinatários é um objectivo possível, se a forma e a organização da mensagem forem adequadas aos factores pessoais que o destinatário activa quando interpreta a própria mensagem” (WOLF, 2009, p. 34). Se antes tinha-se uma massa composta de membros isolados, facilmente direcionáveis e totalmente expostos ao poder dos meios de comunicação, aos poucos, segundo Gomes (2003)

[...] se começa a levar em consideração características sócio-estruturais e culturais dos indivíduos que integram a audiência, tais como grau de instrução, classe social, profissão, faixa etária, gênero, e outros mais relativos ao grau e tipo de consumo dos *mass media*. Vai se mostrando, pouco a pouco, que os

receptores não comparecem vazios à relação com emissores, meios e mensagens. Essas características funcionam como *filtros* ou *instâncias mediadoras* e serão responsáveis por determinar a *seletividade* e, portanto, a limitar os efeitos (GOMES, 2003, p. 33, grifo da autora).

Como a autora bem aponta, os efeitos são limitados, mas não deixam de ser considerados. E o telespectador permanece como um sujeito passivo nessa relação. No entanto, é nesse contexto que tem início o movimento de mudança da pergunta central que conduz os estudos sobre televisão: passa-se a questionar o que o telespectador faz com ela. A corrente dos Usos e Gratificações, que começou a ser trabalhada no fim dos anos 1960 e início da década seguinte, é uma das abordagens que sustenta a indagação. Ainda que a aparente inversão da pergunta possa sugerir uma ruptura com o paradigma dos efeitos, como já citado no início deste capítulo, Gomes (2003) também reforça que não é isso o que ocorre. Segundo a autora, a corrente é pioneira, sim, ao afirmar que existe uma atividade dos receptores. Também é reconhecida por destacar a variedade de usos que os receptores fazem de um meio e a importância das experiências psicológicas, mas não avança no modo de olhar o processo comunicativo e mantém o receptor como um alvo, na condição passiva.

Isso significa que, mesmo quando se vai ao receptor empiricamente, não é para analisar como ele age, mas para verificar como ele reage às estratégias de captura. Vai-se ao receptor verificar se ele recebeu “bem” uma mensagem que já vem pronta, não para compreender o que ele efetivamente faz com a mensagem recebida. É a mensagem que interessa, é através dela que o poder é exercido. O processo receptivo é entendido como, então, decodificação de sinais, ou melhor, como a internalização de conteúdos. (GOMES, 2003, p. 34).

Portanto, ainda que tenham contribuído para descrever a audiência e seu comportamento, enfraquecendo a visão da televisão como um meio onipotente, capaz de moldar a seu gosto o telespectador, as pesquisas sobre usos e gratificações receberam críticas no que diz respeito ao “[...] seu caráter funcionalista, psicologista e individualista, útil para os propósitos da mídia e insensível às determinações da estrutura social, pelo fato de superestimar a racionalidade e a atividade no comportamento da audiência” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 33). Por esse motivo, tais estudos acabaram sendo identificados como mais próximos dos efeitos ditos fracos ou limitados do que de uma visão inovadora do processo de comunicação. Mas, segundo as autoras, eles não deixaram de preparar as bases para uma visão mediada da comunicação, que surgiria a partir dos Estudos Culturais, corrente norteadora desta pesquisa.

2.2 A TELEVISÃO ENQUANTO PRÁTICA CULTURAL

O desenrolar dos estudos sobre os efeitos dos meios de comunicação contribuiu com uma nova visão sobre os receptores. Como apresentado, os chamados efeitos limitados já adiantavam que eles não eram tão facilmente influenciáveis como se imaginava. Mas, não é a atenção ao público que vai marcar a sequência de estudos de recepção que se desenvolve nos anos seguintes na corrente dos Estudos Culturais. Mas, novamente, o modo de olhar esse receptor, os telespectadores (GOMES, 2003).

O início desse novo campo teórico se dá um pouco antes da criação do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), da Universidade de Birmingham, na Inglaterra, em 1964, que reuniu e institucionalizou pesquisas de pós-graduação voltadas ao estudo de práticas e instituições culturais, suas relações com a sociedade e a transformação social (MATTELART; MATTELART, 2011). São os textos de Richard Hoggart⁹, Raymond Williams¹⁰ e Edward Palmer Thompson¹¹, no final dos anos 1950, considerados as fontes inaugurais dos Estudos Culturais. Mas, é entre os anos de 1968 e 1979, quando está sob a direção de Stuart Hall, que o centro experimenta o período mais significativo. Os textos iniciais, contudo, não se tratavam de materiais didáticos. Eles refletiam um conjunto de preocupações comuns que abrangiam as relações entre cultura, história e sociedade na época.

A operacionalização de um conceito expandido de cultura, isto é, que inclui as formas nas quais os rituais da vida cotidiana, instituições e práticas, ao lado das artes, são constitutivos de uma formação cultural, rompeu com um passado em que se identificava cultura apenas com artefatos. A extensão do significado de cultura – de textos e representações para práticas vividas e suas implicações na rígida divisão entre níveis culturais distintos – propiciou considerar em foco toda a produção de sentido. E, ao enfatizar a noção de cultura como prática, se dá relevo ao sentido de ação, de agência na cultura. (ESCOSTEGUY, 2010, p. 157).

É justamente nesse contexto de reposicionamento teórico que a comunicação passa a ser vista como mais uma prática cotidiana fundamentada na produção de sentido, num circuito mais amplo que, além da produção, envolve também a circulação e o consumo.

Os Estudos Culturais representam uma tentativa de superar a concepção dos processos comunicativos oriunda do modelo matemático, na medida em que procuram compreender os meios de comunicação no interior da sociedade e

⁹ The uses of Literacy, 1957.

¹⁰ Culture and Society, 1958.

¹¹ The making of the English Working-class, 1963.

entender a recepção aos meios, notadamente a recepção televisiva, do ponto de vista de uma teoria que pretende compreender a complexidade e as contradições da experiência cultural nas sociedades contemporâneas mirando os meios de comunicação não como um aparato ou instrumento, mas como constitutivos das próprias práticas sociais. Eles constituem uma tentativa explícita de produzir uma teoria da comunicação que tivesse como eixos as culturas e as práticas comunicativas e que criasse as condições para investigar os processos de constituição do massivo desde as transformações na cultura. (GOMES, 2003, p. 37).

Tais estudos, portanto, reconhecem e reivindicam o âmbito da recepção como um lugar de ação. Como consequência, nas pesquisas sobre televisão, o telespectador passa a ser identificado como um sujeito, com história e pertencente a uma formação social específica. “Poderíamos resumir que os estudos culturais estão interessados nas relações entre textos, grupos sociais e contextos ou ainda, em termos mais genéricos, entre práticas simbólicas e estruturas de poder” (JACKS; ESCOSTEGUY, 2005, p. 39).

Por tais características, os Estudos Culturais “[...] não são propriamente uma disciplina acadêmica que se defina por uma metodologia ou campo de investigação claramente demarcados, nem possuem uma teoria unificada, um cânone textual próprio ou metodologia comum” (GOMES, 2004, p. 104). Ao contrário, suas bases se fundamentam em uma série de metodologias e posições teóricas, “[...] um campo em permanente diálogo com os problemas suscitados por conjunturas históricas específicas” (GOMES, 2004, p. 104). É o que nas palavras de Stuart Hall seria “[...] estar sempre abertos para aquilo que ainda não se conhece, para aquilo que ainda não se pode denominar” (HALL, 1996, p. 263 citado por GOMES, 2004, p. 104).

Mas, se de um lado não há um fechamento do campo, por outro, são claros os elementos de ruptura com as abordagens da comunicação de massa. E é Stuart Hall (1996, citado por GOMES, 2004) que os elenca. Segundo o autor, os Estudos Culturais rompem com a perspectiva behaviorista e o mecanismo de estímulo resposta, rejeitam a concepção de cultura de massa como um fenômeno indiferenciado e os meios como propagadores de representações ideológicas dominantes, e recusam a noção de transparência dos textos mediáticos e a concepção da audiência como passiva e indiferenciada.

É dele também a obra que vai marcar em definitivo os estudos de televisão: o ensaio *Codificação/Decodificação* (1973)¹². O texto desbanca de vez o modelo de comunicação linear, centrado no emissor. O processo comunicativo é estruturado e articulado a partir de “[...]”

¹²Nesta pesquisa, usamos a versão do texto *Codificação/Decodificação* presente na obra *Da diáspora: identidades e mediações culturais* (2009), também de Stuart Hall.

momentos distintos, mas interligados – produção, circulação, distribuição/consumo, reprodução” (HALL, 2009, p. 365). O ensaio foi uma ruptura tão significativa para a época que

[...] foi visto como o ponto de virada nos Estudos Culturais ao introduzir a ideia de que os programas de televisão são textos relativamente abertos, capazes de serem lidos de diferentes modos por diferentes pessoas. Hall também sugeriu que há uma correlação entre as situações sociais das pessoas e os sentidos que elas podem gerar de um programa. Ele assim postulou uma possível tensão entre a estrutura do texto, que sustenta a ideologia dominante, e as situações sociais da audiência. Ver televisão tornou-se um processo de negociação entre o espectador e o texto. (ROCHA, 2011, p. 4).

Hall (2009), portanto, esclarece que no âmbito da produção tem-se todo um aparato técnico permeado por relações e práticas específicas para a codificação de uma mensagem, um produto. Esse, por sua vez, se realiza a partir da circulação de sua forma discursiva e de sua distribuição para as audiências. Nesse momento, o discurso é traduzido, ou, nas palavras do autor, “[...] transformado de novo – em práticas sociais” (HALL, 2009, p. 366). É só assim que o circuito se completa e produz efeitos. “Se o sentido não é articulado em prática, ele não tem efeito. O valor dessa abordagem é que, enquanto cada um dos momentos, em articulação, é necessário ao circuito como um todo, nenhum momento consegue garantir inteiramente o próximo, com o qual está articulado” (HALL, 2009, p. 366). É o que o autor nomeia como uma complexa estrutura em dominância. Ainda que não exista uma correspondência exata entre os âmbitos da codificação e da decodificação, existem limites dentro dos quais as decodificações operam.

Se não houvesse limites, as audiências poderiam simplesmente ler qualquer coisa que quisessem dentro das mensagens. Sem dúvida, alguns mal-entendidos desse tipo existem. Mas a vasta gama deve conter *algum* grau de reciprocidade entre os momentos da codificação e decodificação; do contrário não poderíamos falar de uma efetiva troca comunicativa. Apesar disso, essa “correspondência” não é dada, mas construída. Não é “natural”, mas produto de uma articulação entre dois momentos distintos. E a codificação não pode determinar ou garantir, de forma simples, quais os códigos de decodificação que serão empregados. De outro modo, a comunicação seria um circuito perfeitamente equivalente e cada mensagem seria uma instância de “comunicação perfeitamente transparente”. Portanto, devemos pensar nas várias articulações em que a codificação/decodificação podem ser combinadas. (HALL, 2009, p. 376, grifo do autor).

É, portanto, com base nessas várias articulações que Hall (2009) identificou e propôs três posições de leitura ou decodificação do texto televisivo, ou seja, posições que o telespectador assume diante das mensagens televisivas: a hegemônica-dominante, a negociada

e a de oposição. A primeira se refere ao telespectador que se apropria do sentido de um programa de televisão de forma direta e integral e decodifica a mensagem nos termos em que ela foi codificada. Isso ocorre porque os programas televisivos possuem um código profissional. E esse, por sua vez, parte do significado já estabelecido de uma mensagem segundo a ideologia ou o código dominante: “[...] o código profissional é ‘relativamente independente’ do código dominante, já que aplica critérios e operações de transformação próprios, especialmente aqueles de natureza técnica e prática. O código profissional, contudo, opera *dentro* da ‘hegemonia’ do código dominante” (HALL, 2009, p. 377, grifo do autor). Ainda que os sentidos não possam ser impostos ao telespectador, quando esse tem uma posição que se assemelha à do programa, toma-o justamente como referência e justificativa em suas práticas sociais. Já a segunda posição se dá quando o telespectador reconhece as definições hegemônicas propostas a partir de um programa televisivo, mas, de forma localizada, as reinterpreta e faz as suas próprias regras, isto é, “[...] se reserva o direito de fazer uma aplicação mais negociada às ‘condições locais’ e às suas próprias posições mais *corporativas*” (HALL, 2009, p. 379, grifo do autor). A última posição, contudo, diz respeito ao telespectador que faz a decodificação de forma totalmente contrária ao que propõe a codificação: “[...] esse é o caso do telespectador que ouve um debate sobre a necessidade de limitar os salários, mas ‘lê’ cada menção ao ‘interesse nacional’ como ‘interesse de classe’” (HALL, 2009, p. 379).

Segundo Gomes (2004, p. 171), a partir dessa formulação que toma como referência autores representativos¹³ dos estudos de ideologia e linguagem da corrente culturalista, tem-se uma nova abordagem dos processos que envolvem o consumo cultural. Ainda que outros autores do CCCS já tivessem manifestado interesse na questão, tais como Richard Hoggart e Raymond Williams, a autora afirma que é com os estudos de Hall que se passa a ter um “contorno marcadamente empírico”. É o marco inicial dos estudos empíricos de recepção, hoje, considerados uma ramificação da corrente dos Estudos Culturais.

Estudos de recepção aparece, então, como um termo guarda-chuva que abriga desde a consideração inicial dos processos de “decodificação” das mensagens até à ênfase nos “usos dos meios” e no “consumo cultural”; acolhe desde a investigação de campo sobre o modo como os receptores “produzem sentido” a partir dos textos mediáticos até a “etnografia da audiência”, que procura examinar certos encontros entre *media* e receptores a partir de sua inserção no espaço doméstico e nas práticas da vida cotidiana. Comum a todos esses enfoques e desdobramentos é a ênfase na atividade do receptor. (GOMES, 2004, p. 174, grifo da autora).

¹³Segundo Gomes (2004, p.164), é “[...] inspirado pela preocupação de Althusser com a ideologia, pelas formulações semiológicas de Barthes e Eco e pela postulação do caráter polissêmico da linguagem e do caráter dialógico da comunicação em Bakhtin” que Hall formula o modelo de comunicação em quatro etapas.

O foco está, portanto, todo voltado à atividade humana, em especial, a dos telespectadores, que deixam de ser encarados como uma audiência passiva, que apenas absorve sentidos previamente formulados. Por isso, os estudos de recepção não dizem respeito a uma mera checagem do que foi assimilado ou não a partir do conteúdo oferecido. De forma oposta, procuram-se “[...]‘os diferentes sentidos que a audiência constrói’ a partir das mensagens disponibilizadas pelos *media*. A própria ‘diversidade de sentidos’ construídos é muitas vezes considerada, em si mesma, testemunho da atividade dos receptores. (GOMES, 2004, p. 175, grifo da autora). E é por essa razão que os telespectadores passam a ser considerados sujeitos sociais,

[...] que têm uma história, vivem numa formação social particular (que deve ser compreendida em relação a fatores sociais tais como classe, gênero, idade, região de origem, etnia, grau de escolaridade) e que são constituídos por uma história cultural complexa que é ao mesmo tempo social e textual. (GOMES, 2004, p. 175).

Ainda nessa chave teórica, vem de Raymond Williams outra obra bastante representativa para os estudos de televisão e para esta pesquisa: *Television: Technology and Cultural Form*, de 1974. Em pleno período de expansão, com ainda poucos canais de transmissão abertos, mas em um momento importante de consolidação e consumo da programação televisiva, o autor traz uma visão inovadora desse meio de comunicação, já tão importante à época. Considera a televisão um “produto cultural distinto” e justamente por esse motivo se recusa a adotar um único ponto de vista ou “descrições singulares” (SILVERSTONE, 2016, p. 15).

Tal entendimento é possível a partir do momento em que Williams (2016, p. 28) recupera o contexto em que se deu a criação da televisão: “[...] não foi um evento isolado nem uma série de eventos”, mas sim resultado de um conjunto de invenções e de desenvolvimentos, desde a eletricidade passando pela telegrafia, a fotografia, o cinema e, por último, mas não menos importante, o rádio. Assim, a televisão não surge, mas é buscada para atender demandas sociais, políticas e econômicas de uma sociedade em transformação no período entre guerras. É o período de deslocamento das populações do campo para a cidade, seguida do movimento do centro para a periferia, a consolidação de uma rotina de trabalho, com a distinção entre tempo do trabalho e do lazer, e a organização familiar a partir de lares individualizados. Situações que determinaram, mas também foram impactadas pela nova forma de comunicação que surgia com a televisão.

Em uma sociedade em mudança, especialmente após a Revolução Industrial, problemas de perspectiva e orientação sociais tornaram-se mais agudos. Novas relações entre os homens e entre os homens e as coisas estavam sendo experimentadas de modo intenso e, nessa área, particularmente as instituições tradicionais da igreja e da escola, ou da comunidade estável e da família renitente, tinham bem pouco a dizer. (WILLIAMS, 2016, p. 34).

Os demais meios de comunicação, por sua vez, estavam estabelecidos de forma extremamente segmentada. E, por essa razão, a televisão ainda precisou passar por um processo gradual e decisivo de definição de seu uso social.

É significativo que, até o período após a Primeira Guerra Mundial e, de certa forma, até o período logo após a Segunda Guerra Mundial, essas necessidades variáveis de um novo tipo de sociedade e de uma nova forma de vida foram atendidas por meios vistos como especializados: a imprensa para a informação política e econômica; a fotografia para a comunidade, a família e a vida pessoal; o filme para a curiosidade e o entretenimento; a telegrafia e a telefonia para informações comerciais e algumas mensagens pessoais importantes. Foi desse complexo de formas especializadas que surgiu a radiodifusão. (WILLIAMS, 2016, p. 35).

Mas, o autor ressalta que a radiodifusão, enquanto nova forma de comunicação social que surgia à época, foi “obscurecida” ao passar a ser denominada como “comunicação de massa”, ou seja “[...] uma abstração de sua característica mais geral, a de que ela se destinava a muitas pessoas, às ‘massas’. Isso ofuscou o fato de que o meio escolhido foi a oferta de aparatos individuais, um método mais bem descrito pela palavra anterior, ‘radiodifusão’” (WILLIAMS, 2016, p. 36).

É por todas as razões já apresentadas que Williams (2016) rejeita a separação entre tecnologia e sociedade e vai contra as concepções de determinismo tecnológico e tecnologia sintomática vigentes até então. Ele explica ao longo do texto que

O *determinismo tecnológico* considera que a pesquisa e o desenvolvimento geram a si mesmos. As novas tecnologias são inventadas, por assim dizer, numa esfera independente e, em seguida, criam novas sociedades ou novas condições humanas. A visão da *tecnologia sintomática*, de modo similar, pressupõe que a pesquisa e o desenvolvimento são autogerados, mas de maneira mais periférica. O que é descoberto à margem é, então, apropriado e utilizado. (WILLIAMS, 2016, p.27, grifo do autor).

Por isso, propõe uma nova visão: a de que a televisão não é só uma tecnologia, mas também uma forma cultural. E, portanto, não estaria dissociada da esfera social. Assim, abre uma nova perspectiva de pesquisa da televisão: reconhece o estudo da tecnologia, isto é, o

desenvolvimento histórico de um aparato técnico associado a uma gama de outras inovações tecnológicas, mas também a televisão como expressão da cultura.

[...] todas as tecnologias foram desenvolvidas e melhoradas para ajudar nas práticas humanas conhecidas ou nas práticas previstas e desejadas. Esse elemento de intenção é fundamental, mas não exclusivo. A intenção original corresponde às práticas conhecidas e desejadas de um grupo social particular. O ritmo e a escalada de desenvolvimento serão afetados radicalmente pelas intenções do grupo específico e por forças relativas. No entanto, em muitos estágios posteriores, outros grupos sociais, algumas vezes com outras intenções ou, pelo menos, com uma escala diferente de prioridades, vão adotar e desenvolver a tecnologia, frequentemente com diferentes propósitos e efeitos. (WILLIAMS, 2016, p. 138-139).

Assumir, a posição teórica de que a televisão é uma experiência ou forma cultural, seguindo o que Williams (2016) pregou, é reconhecer que ela se constitui a partir da “[...] articulação complexa entre as práticas produtivas, determinantes tecnológicos e econômicos e a função social da televisão dentro do lar – assim como as estruturas formais dos gêneros televisivos individuais” (TURNER, 2016, p. 8). E é essa concepção de televisão que se assume nesta pesquisa.

É importante considerar que, a partir do aporte teórico de Hall e Williams, a recepção televisiva passou a ocupar um lugar central para os Estudos Culturais a partir da década de 1980, principalmente com as pesquisas de David Morley. Antes disso, porém, entre os anos de 1975 e 1978, Morley, na companhia de Charlotte Brunson, já vinha realizando investigações sobre as características e elementos textuais que o programa televisivo *Nationwide*, veiculado pela BBC de segunda a sexta-feira, das 18h às 19h, entre os anos de 1969 e 1984, utilizava para se dirigir à audiência. Também nesse estudo, os autores analisaram a estrutura interna de emissão do programa, resultados que foram compilados no livro: *Everyday Television: “Nationwide”*, de 1978.

No entanto, Morley passou a considerar a abordagem textualista utilizada limitada. Segundo Gomes (2004), o autor sentiu a necessidade de ir a campo para descobrir o que os telespectadores faziam, de fato, com o conteúdo midiático. E realizou a primeira investigação empírica da audiência no âmbito dos Estudos Culturais, um trabalho pioneiro compilado em *The “Nationwide” Audience* (1980). Nessa proposta, o autor comparou “[...] por um lado, os conteúdos codificados no texto midiático e, por outro, o trabalho de decodificação realizado pelos sujeitos-receptores” (GOMES, 2004, p. 176). Assim, “[...] se até então o interesse estava no modo como os sistemas de signos, tratados como ‘textos’, estruturam ou posicionam seus

leitores ou sujeitos, a partir de agora os Estudos Culturais passam a se interessar também pelo modo como esses leitores-sujeitos se põem diante de tais textos” (GOMES, 2004, p. 176).

O autor tinha a intenção de investigar as diferentes interpretações geradas, por diferentes grupos, de um mesmo material, uma vez que também concebia a mensagem televisiva como polissêmica. Era objetivo da pesquisa determinar as condições em que se produziam os sentidos que iam contra às definições hegemônicas oferecidas pelo programa. Para isso, passou a considerar que não bastava analisar apenas o conteúdo, mas também “[...] as pressuposições que subjazem este conteúdo” (GOMES, 2004, p. 179), ou seja, a maneira como um programa se destina, ou se endereça à audiência¹⁴. Segundo Gomes (2004), na concepção de Morley,

Os emissores não podem deixar que as mensagens fiquem abertas a “qualquer” interpretação. Eles são compelidos, no intento de fazer lograr uma comunicação eficaz, a introduzir uma direção ou certos mecanismos de clausura na estrutura da mensagem, de modo a tentar estabelecer “uma” das possíveis interpretações como a “leitura preferencial ou dominante”. São mecanismos de clausura, por exemplo, o título de uma matéria jornalística, as legendas de uma foto, as chamadas de um telejornal, o comentário de um articulista. O que não significa que tais mecanismos sejam absolutamente eficazes, pois sempre é possível fazer uma leitura “opositora”, nos termos definidos por Hall. (GOMES, 2004, p. 180-181).

Mas, da mesma forma que partiu do modelo de codificação/decodificação de Stuart Hall para embasar suas primeiras pesquisas empíricas em televisão, Morley também se afastou dele em trabalhos posteriores por considerar que não havia clareza no que seria de fato a decodificação para os Estudos Culturais. O trabalho do autor sofreu, então, um deslocamento: a referência de suas pesquisas passou a ser o papel dos meios de comunicação na construção das identidades culturais, étnicas, nacionais e sexuais. “De um interesse inicial pela problemática da interpretação chega-se ao problema de como as práticas de recepção, entendidas como práticas de uso e consumo dos meios e tecnologias da comunicação, constroem identidades” (GOMES, 2004, p. 189). Ou seja, o momento da recepção passa a ser concebido de forma ampliada, não mais restrito à interpretação de uma mensagem. E foi essa noção de “consumo cultural” que, segundo a autora, se tornou central para os Estudos Culturais e decisiva para sua internacionalização a partir dos anos de 1980.

¹⁴ Como será apresentado no capítulo metodológico, esse é um dos primeiros usos do conceito de modo de endereçamento, proveniente do cinema, na análise e interpretação de um programa televisivo.

2.3 A VISÃO DOS ESTUDOS DE RECEPÇÃO LATINO-AMERICANOS

Na América Latina, os estudos de recepção emergem em meados da década de 1980 como alternativa a visões centradas nos meios de comunicação, vigentes até esse período, e também como uma tentativa de desenvolvimento de uma teoria da comunicação que rompesse com a dependência intelectual do hemisfério norte e tivesse como base as culturas e práticas comunicativas latino-americanas. Entre as diversas abordagens teórico-metodológicas¹⁵ que se desenvolveram em território latino, tributárias “[...] do conceito de Hegemonia de Gramsci e da visão cultural dos meios de comunicação” (JACKS, 1996, p. 44), advindas dos Estudos Culturais britânicos, uma delas contribui de forma especial na resposta da pergunta que conduz este estudo: a corrente do uso social dos meios, liderada por Jesús Martín-Barbero.

O autor “[...] parte do estudo das articulações entre as práticas de comunicação e os movimentos sociais, considerando as diferentes temporalidades e as pluralidades de matrizes culturais” (JACKS, 1996, p. 47) justamente como forma de entender a inserção das camadas populares latino-americanas em um contexto acelerado de modernização. Um cenário em que surgem “[...] novas identidades e novos sujeitos sociais, forjados, em especial, pelas tecnologias de comunicação” (JACKS, 1996, p. 47), e que continua a se desdobrar recentemente, por exemplo, na reconfiguração da televisão e do telejornalismo brasileiros a partir da popularização da internet e dos sites de redes sociais, objetos deste estudo. Por essa razão, oferece um importante suporte teórico a esta pesquisa.

Ao propor um novo pensamento comunicacional latino-americano, Martín-Barbero (1995, p. 39) promove uma quebra de paradigma ao defender que “[...] a recepção não é apenas uma etapa do processo de comunicação. É um *lugar* novo, de onde devemos repensar os estudos e a pesquisa de comunicação”. E propõe a “explosão” do que ele considera um modelo mecânico:

Nele, a recepção é um ponto de chegada daquilo que já está concluído. Ele leva a uma confusão epistemológica muito grave. Estaríamos confundindo, permanentemente, a significação da mensagem com o sentido do processo e o das práticas de comunicação, como também reduzindo o sentido destas

¹⁵ Jacks (1996, p. 44) apresenta “[...] as correntes conhecidas como Consumo Cultural, desenvolvida por Néstor García Canclini; Frentes Culturais, coordenada por Jorge González no Programa de Estudios sobre las Culturas Contemporáneas (Colima/México); Recepção Ativa, desenvolvida no Centro de Indagación y Expresión Cultural y Artística (CENECA/Chile) sob a coordenação de Valério Fuenzalida e María Elena Hermosilla; Uso Social dos Meios, concebida por Jesús Martín-Barbero; e Enfoque Integral da Audiência, proposta teórico-metodológica de Guillermo Orozco, desenvolvida no Programa Insitucional de Investigación em Comunicación y Practicas Sociales (Universidad Iberoamericana, México)”.

práticas na vida das pessoas ao significado que veicula a mensagem. (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 40).

Em consequência, outra mudança surgida a partir desse enfoque que considera o telespectador como um agente, um produtor, é o entendimento do “[...] cotidiano como lugar a ser pesquisado e o consumo como categoria de análise” (JACKS, 1996, p. 47). Com isso, a proposta teórico-metodológica de Martín-Barbero tem como foco de investigação as mediações, entendidas como “[...] um conjunto de influências que estrutura, organiza e reorganiza a percepção da realidade em que está inserido o receptor. [...] o ‘espaço’ que possibilita compreender as interações entre a produção e a recepção” (JACKS, 1996, p. 47).

Apesar de o conceito de mediação ser central na obra de Martín-Barbero, não significa que os meios de comunicação deixaram de ser abordados em sua teorização.

O combate ao midiacentrismo embutido no modelo das mediações diz respeito à negativa de entender a comunicação social só a partir dos meios, apenas centrada neles. O fato de conhecer o processo comunicacional nem a partir dos meios, nem a partir das audiências, mas através das mediações que permeiam essa relação, minimiza a centralidade deles, mas não a importância dessa instituição configuradora da sociedade contemporânea. Ou seja, mesmo não sendo o ponto de partida de seu pensamento, os meios perpassam suas reflexões adquirindo mais ou menos centralidade, conforme as formas como eles interpelam e configuram as práticas sociais, dando ênfase principalmente em como se dão essas práticas no emprego dos meios. (JACKS; SCHMITZ, 2018, p. 116).

As autoras consideram, ainda, que Martín-Barbero atribuiu aos meios o estatuto de agente cultural. “Nesse papel ele os concebe como dispositivos que revitalizam a comunicação, a cultura e o conhecimento, na medida em que são vistos em relações de sentido com as audiências, a partir das referências sociais e culturais destas” (JACKS; SCHMITZ, 2018, p. 116). Assim, passam a ser entendidos não mais como aparelhos, mas como instituições sociais que constituem a sociedade e também são constituídas por ela. Por meio, claro, das instâncias mediadoras. A concepção de mediação, por sua vez, sofreu uma série de reconfigurações à medida em que novos processos e práticas de comunicação foram sendo identificados pelo autor no cenário de mudanças constantes a partir da digitalização dos meios e da globalização.

[...] o que Martín-Barbero denomina como um *mapa noturno para explorar o novo campo* das mediações, em seu livro pioneiro, de 1987, vai sendo testado a partir de outras questões teóricas, metodológicas e empíricas, o que permite ao autor pensar novas mediações e consolidar sua compreensão de que a recepção é um outro lugar a partir do qual o processo inteiro da comunicação deve ser analisado; apresentar *um novo mapa das mediações*; e, mais

recentemente, em *Ofício de Cartógrafo*, propor um novo mapa que pense as mediações comunicativas da cultura. (GOMES, 2011, p. 114, grifo da autora).

O primeiro mapa teórico de Martín-Barbero, apresentado em *De los medios a las mediaciones* (1987)¹⁶, é na sua concepção um “mapa noturno” porque se destina a “[...] questionar as mesmas coisas – dominação, produção e trabalho – mas a partir de outro lado: as brechas, o consumo e o prazer”. Um mapa de “[...] reconhecimento da situação a partir das mediações e dos sujeitos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 290). Para isso, ao tratar da recepção televisiva, ele propõe 3 lugares ou instâncias de mediação: a cotidianidade familiar, a temporalidade social e a competência cultural. “Âmbito de conflitos e fortes tensões, a cotidianidade familiar é ao mesmo tempo ‘um dos poucos lugares onde os indivíduos se confrontam como pessoas e onde encontram alguma possibilidade de manifestar suas ansias e frustrações’” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 295). É a partir dessas relações que o receptor vai encarar os meios de comunicação. E também como os meios vão pautar sua produção. Já a segunda mediação, a temporalidade social, diz respeito à forma como a televisão, para se inserir no mercado, usa a repetição e o fragmento, responsáveis justamente por organizar o tempo cotidiano. “Cada programa, ou melhor, cada texto televisivo remete seu sentido ao cruzamento de gêneros e tempos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 296). E é dessa relação que a competência cultural é ativada, ou seja, “[...] os gêneros, que articulam narrativamente as serialidades, constituem uma mediação fundamental entre as lógicas do sistema produtivo e as do sistema de consumo, entre a do formato e a dos modos de ler, dos usos” (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 299)¹⁷.

Anos mais tarde, em *América Latina e os anos recentes* (1995), ao propor a recepção como um lugar de produção de sentido, Martín-Barbero amplia a concepção já apresentada das mediações de temporalidade, de modo a não mais restringi-las ao tempo da televisão. O autor ainda apresenta outras três mediações: novas fragmentações sociais e culturais, exclusão cultural e demandas sociais. Mas, é no prefácio à quinta edição espanhola de *De los medios a las mediaciones* e em *Ofício de Cartógrafo* (2004) que Martín-Barbero estabelece um novo mapa das mediações, configurado a partir de dois eixos: um diacrônico, entre as matrizes culturais e os formatos industriais; e outro sincrônico, entre as lógicas de produção e as competências de recepção ou consumo, como pode ser visto na figura a seguir.

¹⁶ Nesta pesquisa utiliza-se a sexta edição, de 2009, com tradução de Ronald Polito e Sérgio Alcides, que já contempla o prefácio à quinta edição espanhola com o novo mapa das mediações apresentado graficamente.

¹⁷ Essa concepção de gênero enquanto categoria cultural de mediação será retomada a seguir.

Figura 1 - Mapa das mediações de Martín-Barbero



Fonte: MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 16.

Ronsini (2010) que, tendo como base as obras do autor, dissecou a evolução do mapa até chegar a essa configuração, explica que

[...] nas lógicas de produção reside a preocupação com a organização das formas culturais em termos dos interesses de Estado e de mercado na regulação dos discursos pela técnica para atender às demandas da recepção e, ainda, com os interesses políticos e econômicos institucionalizados que incidem nas formas culturais. Em relação aos formatos industriais, observa-se um tratamento das formas simbólicas e sua transformação em discursos, gêneros e programas. Aqui, são identificadas as análises que se concentram nas características discursivas, narrativas ou textuais do produto cultural. Em se tratando das matrizes culturais, elas condensam a produção hegemônica de comunicação baseada no capital e nas transformações tecnológicas e sua cumplicidade com o imaginário subalterno. Além disso, no espaço das competências de recepção/consumo se encontram as práticas sociais que condicionam a produção de sentido. (RONSINI, 2010, p. 9).

Da articulação e movimento por esses eixos tem-se as mediações de institucionalidade, socialidade, ritualidade e tecnicidade. Ainda segundo a autora,

[...] a socialidade diz respeito às relações cotidianas, nas quais se baseiam as diversas formas de interação dos sujeitos e a constituição de suas identidades. Ela conecta a tradição cultural com a forma como os receptores se relacionam com a cultura massiva. A ritualidade se refere aos diferentes usos sociais dos meios e aos diferentes trajetos de leitura. Esses últimos são estreitamente associados à qualidade da educação, aos saberes constituídos em memória étnica, de classe ou de gênero, e aos costumes familiares de convivência com a cultura letrada, a oral ou a audiovisual. A institucionalidade está relacionada aos meios empregados para a produção de discursos públicos com a finalidade de atender às lógicas dos interesses privados. Por fim, a tecnicidade nos remete à construção de novas práticas através das diferentes linguagens midiáticas. Pensar em termos de tecnicidade significa um esforço em compreender a

complexidade dos discursos (das relações de poder e do contexto histórico que os constituem). Além disso, a tecnicidade aponta para os modos como a tecnologia vai moldar a cultura e as práticas sociais. (RONSINI, 2010, p. 9).

Essa última mediação já era apontada por Martín-Barbero (2009) como estratégica por se delinear em um novo cenário, de globalização, convertida em “um conector universal no global”. Segundo ele, “[...] as perguntas geradas pela *tecnicidade* indicam então o novo estatuto social da técnica, o restabelecimento do sentido do discurso e da *práxis* política, o novo estatuto da cultura e os avatares da estética” (2009, p. 19, grifo do autor).

Mas, é importante considerar que, também em *Ofício de Cartógrafo*, Martín-Barbero inverte a relação que estabeleceu das mediações sociais e culturais dos meios de comunicação. Ele passa a fazer uso da denominação “mediações comunicativas da cultura”. A princípio, esse parece ser apenas um jogo de palavras, no entanto, reflete uma inversão do olhar do pesquisador, que passa a considerar a cultura e as mediações a partir da comunicação. Em entrevista à revista *Matrizes*, em 2009, Martín-Barbero faz o relato de como lhe ocorreu essa percepção da presença dos meios na vida social.

Inverto meu primeiro mapa e proponho as “mediações comunicativas da cultura”, que são: a “tecnicidade”; a “institucionalidade” crescente dos meios como instituições sociais e não apenas aparatos, instituições de peso econômico, político, cultural; a “socialidade” – como o laço social está se transformando para os jovens, como as relações entre pais e filhos, e entre casais, estão mudando. [...] E, finalmente, as novas “ritualidades” que acontecem em relação aos novos formatos industriais possibilitados pela tecnicidade. De alguma maneira, nesse momento aceito que muda o lugar a partir do qual estava olhando. [...] Era preciso assumir não a prioridade dos meios, mas sim que ‘o comunicativo está se transformando em protagonista de uma maneira muito mais forte’. (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 151-152).

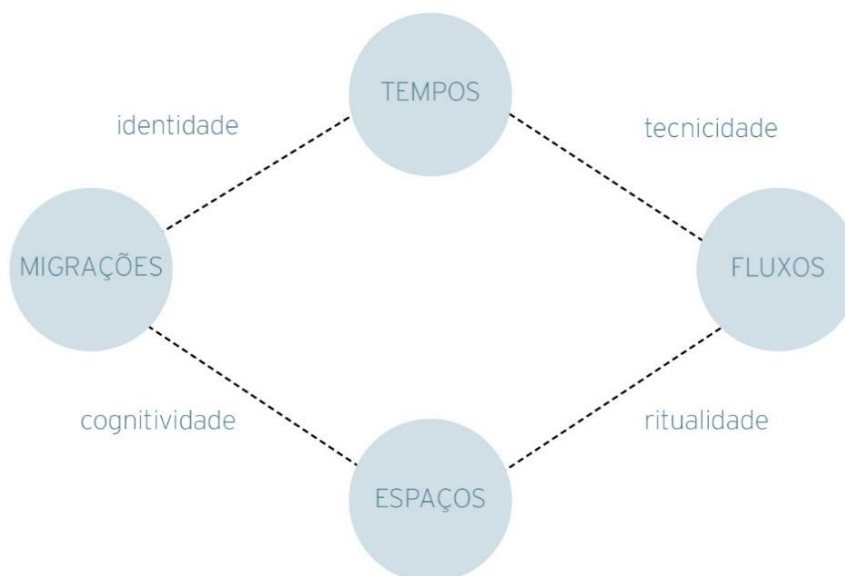
Nessa mesma perspectiva, no texto *Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século* (2006) ele demonstra preocupação com as identidades e tecnicidades a partir do novo contexto gerado a partir dos meios digitais e da globalização. Rosini (2010) esclarece que, na visão do autor, o computador, ao possibilitar o trabalho interativo com sons, imagens e textos escritos, interfere na organização do trabalho e favorece o processo de fabricação de identidades instáveis.

Os novos regimes culturais da tecnicidade – “destempos” e “desmemórias”, desordens da razão e uma nova gramática narrativa – estão relacionados à nova tecnicidade do computador ou aos textos eletrônicos. Ao tratar das ligações entre identidade e tecnicidade, emerge a questão das transformações

da nossa percepção do tempo pelo uso dos aparatos técnicos, ligeiramente abordada em *De los medios* como temporalidade social, e da temática, recorrente ao longo de sua obra, da perda da centralidade da cultura letrada diante da cultura audiovisual. (RONSINI, 2010, p. 7).

Ainda em 2009, o autor redesenha o mapa das mediações em uma entrevista concedida à Revista Pesquisa FAPESP. As mediações mais tradicionais, institucionalidade e socialidade, são substituídas por tecnicidade, que relaciona tempos e fluxos, e identidade, estabelecida entre migrações e tempos, consideradas mediações fundamentais na contemporaneidade. Além delas, duas outras mediações compõem o mapa: cognitividade, que relaciona migrações e espaços, e ritualidade, concebida a partir a partir de fluxos e espaços.

Figura 2 - Mapa das mutações culturais de Martín-Barbero



Fonte: MARTÍN-BARBERO, 2009b, p. 12.

Com esse rearranjo, o autor “[...] atribui à tecnicidade uma centralidade nos processos de mutação cultural” (JACKS; SCHMITZ, 2018, p. 124), ainda que essa prioridade não apareça na forma como ele retrata seus mapas. É a mesma opinião apresentada por Ronsini (2010, p. 7), ao considerar que a mediação da tecnicidade “percorre o circuito inteiro” reconfigurando todas as relações uma vez que se define como “estatuto social da técnica”. É o que Martín-Barbero (2009, p. 18, grifo do autor) já havia adiantado no prefácio à quinta edição espanhola de *De los medios a las mediaciones* ao mencionar que “[...] a tecnicidade é menos assunto de aparatos do que de *operadores perceptivos* e destrezas discursivas”.

Outro ponto de destaque na entrevista é o uso da expressão “formas mestiças da comunicação” (MARTÍN-BARBERO, 2009b, p. 10). O autor reconhece que os meios e também os gêneros que esses meios produzem, em especial a televisão na relação que estabelece com a internet, estão passando por modificações que desestabilizam os discursos já consolidados, próprios de cada meio. E vai além. Pontua que essas novas formas atuam “transversalmente em todos os meios” (MARTÍN-BARBERO, 2009b, p. 10). É um novo ecossistema que ele chama de tecnocomunicativo: “[...] a imersão não é pontual, na base do eu ligo, desligo. Assim como estou imerso na natureza e nas instituições, agora estou imerso nesse terceiro entorno. Eu não posso ligar o computador sem saber que sou visto. Vejo, mas sou visto, não há forma de impedir isso” (MARTÍN-BARBERO, 2009b, p. 15).

Segundo Jacks e Schmitz (2018, p. 125), essa é “[...] uma tomada de posição epistemológica para dar conta do que ocorre na vida social, na qual a comunicação e suas tecnologias incluem novas linguagens, escrituras e gramáticas que a transformam de instrumento pontual em ecossistema cultural”. Ou seja, é pensar a comunicação a partir da noção de intermedialidade para compreender a atual hibridação de meios e linguagens. É o que Martín-Barbero já havia pontuado na entrevista à Matrizes, anteriormente citada, ao afirmar que

A comunicação sai do paradigma da engenharia e se liga com as «interfaces», com os «nós» das interações, com a comunicação-interação, com a comunicação intermediada. A linguagem é cada vez mais intermedial e, por isso, o estudo tem que ser claramente interdisciplinar. Ou seja, estamos diante de uma epistemologia que coloca em crise o próprio objeto de estudo. Porque acreditávamos que existia uma identidade da comunicação, que se dava nos meios e, hoje, não se dá nos meios. Então, onde ocorre? Na interação que possibilita a interface de todos os sentidos, portanto, é uma “intermedialidade”, um conceito para pensar a hibridação das linguagens e dos meios. É dizer que, cada vez mais, o rádio é cada vez menos somente rádio; o rádio hoje oferece programas que são blogs, no qual alguém fala, outras pessoas falam, e volta a falar o senhor ou a senhora; os gêneros estão sendo reinventados à luz da interface da televisão com a internet. Porque intermedialidade não é a transposição do conceito literário de intertextualidade, não é a mera relação entre textos que já existem, mas como diz um autor canadense, é a ideia de “vírus”: alguns gêneros geram vírus que penetram e contaminam outros meios. Achei isso valiosíssimo. Ou seja, estamos ante uma interação que desestabiliza os discursos próprios de cada meio. Então estamos ante formas mestiças que começam a ser produzidas, formas incoerentes porque rompem a norma atuando transversalmente em todos os meios. Não é uma coisa racional como a intertextualidade que está sob o que foi escrito, que é tudo o que foi lido. É a contaminação entre sonoridades, textualidades, visualidades, as matérias-primas dos gêneros. (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 153-154).

É justamente esse o ponto de intersecção com esta pesquisa. Considera-se que, para compreender as transformações no atual processo comunicativo que se estabelece entre telejornal e telespectador, no contexto da popularização dos sites de redes sociais, é preciso partir de uma investigação que tome como base as mediações da tecnicidade. Segundo Pieniz (2013), o que Martín-Barbero demonstra com os diferentes mapas são as diversas formas que a tecnicidade assumiu ao longo da evolução das condições comunicacionais.

Contemporaneamente, é percebida com mais impacto pelo processo de mediação alavancado pela convergência – que permite esta situação de trânsito para as mutações culturais. Este trânsito, por sua vez, permite a constituição de identidades emergentes e formas de cognitividades, articulando as mediações comunicativas da cultura às mediações pensadas para as mutações culturais, onde a ritualidade e a tecnicidade permanecem. Há novas identidades e novas cognitividades neste cenário de fluxos e migrações, com mutações no tempo e no espaço. (PIENIZ, 2013, p. 42).

Ainda segundo a visão da autora, no atual contexto de convergência tecnológica e cultural¹⁸, a tecnicidade está vinculada ao uso social dos meios e às suas ritualidades. Daí a necessidade de novas estruturas cognitivas para apreender as diversas formas pelas quais os conteúdos midiáticos chegam ao público. Corroborando com a visão de Martín-Barbero, afirma que a “[...] tecnologia remete hoje não somente aos aparatos, mas aos novos modos de percepção e linguagens, novas sensibilidades e escrituras” (PIENIZ, 2013, p. 42).

Assim, as mediações da tecnicidade estão diretamente vinculadas à construção de novas linguagens midiáticas e à complexidade dos discursos gerados a partir das tecnologias de comunicação. No caso deste estudo, passam, inevitavelmente, pela reconfiguração do telejornal enquanto subgênero e da extensão do mesmo, de forma institucionalizada, às plataformas digitais. Em Martín-Barbero, contudo, a concepção de gênero em nada se aproxima à noção literária. Como já apresentado, para o autor, está vinculada à competência cultural, ou seja, são os gêneros que ativam e permitem a articulação entre produtores e público.

[...] um gênero não é algo que ocorra *no* texto, mas sim *pelo* texto, pois é menos uma questão de estrutura e combinatórias do que de competência. [...] um gênero é, antes de tudo, uma *estratégia de comunicabilidade*, e é como marca dessa comunicabilidade que um gênero se faz presente e analisável no texto. A consideração dos gêneros como fato puramente “literário” – não cultural – e, por outro lado, sua redução a receita de fabricação ou etiqueta de classificação nos têm impedido de compreender sua verdadeira função e sua pertinência metodológica: chave para a análise dos textos massivos e, em

¹⁸ O conceito de convergência será detalhado no capítulo 3.

especial, dos televisivos. (MARTÍN-BARBERO, 2009, p. 302, grifo do autor).

Ao considerar o gênero enquanto estratégia de comunicação, central para a compreensão da relação entre a televisão e a cultura, Martín-Barbero oferece as bases que o consolidam enquanto categoria cultural (GOMES, 2011). Ou seja, o gênero está enraizado nas diferentes culturas e deve ser entendido na sua relação com as transformações culturais. É o que Gomes (2007) exemplifica ao afirmar que

Os gêneros são formas reconhecidas socialmente a partir das quais se classifica um produto midiático. Em geral, os programas individualmente pertencem a um gênero particular, como a *ficção seriada* ou o *programa jornalístico*, na TV, e é a partir desse gênero que ele é socialmente reconhecido. No caso da recepção televisiva, por exemplo, os gêneros permitem relacionar as formas televisivas com a elaboração cultural e discursiva do sentido. (GOMES, 2007, p. 19, grifo da autora).

Significa dizer, por exemplo, que o telespectador, no cenário de consumo da programação televisiva, se orienta a partir da sua interação com o programa no momento em que reconhece um determinado gênero. “Os gêneros funcionam como uma espécie de manual de uso” (GOMES, 2002, p. 182). Sendo assim, dentro da programação televisiva, os programas jornalísticos televisivos são concebidos como uma das variações possíveis, ou seja, representam um gênero, com regras e formatos específicos que respondem às negociações relativas tanto ao campo jornalístico quanto ao campo televisivo. Dentro desse gênero, os telejornais acabam sendo novamente uma variação, um subgênero, ao lado de outros, como os programas de entrevista e documentário.

É na articulação, portanto, entre os elementos próprios da linguagem televisiva, do fazer jornalístico e da representação da cultura que acreditamos que se dê a configuração de um *gênero* ou *subgênero* específico da programação televisiva e, em consequência, os modos como ele, enquanto uma *estratégia de comunicabilidade* ou *estratégia de interação* se endereça aos seus receptores. (GOMES, 2007, p. 20, grifo da autora).

É por isso que os gêneros não podem ser vistos como estáticos ou cristalizados. Eles surgem e se modificam segundo as relações estabelecidas nessa permanente configuração. E o grande avanço da proposta de Martín-Barbero, na visão de Gomes (2011a), está em justamente perceber isso ao reconhecê-los como estratégias de comunicação e dar visibilidade tanto às competências comunicativas dos produtores quanto dos telespectadores. “É o funcionamento

dessas estratégias de interação que vai impor uma diferente concepção da comunicação, na medida em que obriga a pensar a *competência textual* fora do âmbito de uma exclusividade da emissão, senão também da recepção” (GOMES, 2011a, p. 124, grifo da autora).

É a partir dessa concepção de gênero enquanto estratégia de comunicação, e tendo como referência o mapa das mediações, que Gomes (2011a) dá um passo adiante e o posiciona no ponto de entrecruzamento das mediações, na região central do mapa, onde se dão as relações entre comunicação, cultura e política, como representado abaixo.

Figura 3 - Conceito de gênero segundo Gomes (2011a)



Fonte: GUTMANN, 2012, p. 2011.

Segundo Gomes (2011a),

Pensar o gênero televisivo como uma categoria cultural e colocá-lo no centro do mapa das mediações implica, para nós, um olhar que efetivamente procure compreender os elementos de distintas temporalidades e origens que configurem o processo cultural. Se concordarmos que os gêneros são um elemento fundamental para a compreensão da relação entre televisão e cultura, devemos analisar os gêneros em sua relação com as transformações culturais na história. [...] Tomar o gênero numa perspectiva histórica não é apenas olhar para um conjunto de textos pertencentes a um determinado gênero – na medida em que gêneros não são redutíveis aos textos – mas olhar para a circulação cultural dos *gêneros televisivos* para compreender como os gêneros surgem, mudam, desaparecem. (GOMES, 2011a, p. 126-127).

No caso desta pesquisa significa dizer que o telejornal, por exemplo, é entendido como uma formato industrial dentro do gênero telejornalismo. E está articulado aos outros segmentos

do mapa: lógicas de produção, matrizes culturais e competências de recepção. Ou seja, é um modelo de análise que, assim como o mapa das mediações, permite uma visão complexa e global do processo comunicativo: “[...] como uma determinada obra, um determinado programa televisivo, no processo analítico, convoca nosso olhar para o processo cultural do qual participa” (GOMES, 2011a, p. 127).

Diante do exposto até aqui, fica evidente que o mapa das mediações e suas atualizações, bem como a noção de gênero enquanto categoria cultural, integram um programa de investigação completo, que aborda os processos comunicativos em sua totalidade, uma vez que, mesmo considerando as práticas e apropriações cotidianas, não faz o movimento de “[...] desligar o estudo da recepção dos processos de produção, da consideração da concentração econômica dos meios, da reorganização da hegemonia política e cultural em nossas sociedades” (GOMES, 2011, p. 121).

Mas, vem de Ronsini (2010) uma visão que se encaixa perfeitamente a esta pesquisa. A autora aponta para a possibilidade de aplicação da proposição teórica de Martín-Barbero de uma maneira menos ambiciosa, recortada, sem, no entanto, comprometer a visão que ele tem do processo comunicativo. O recorte seria no sentido de definir “[...] agendas investigativas diversas em direção à produção, ao exame das representações ou discursos formalizados no texto, à circulação das formas simbólicas no consumo e à apreensão do sentido na recepção” (RONSINI, 2010, p. 5), uma vez que, para a autora, a totalidade do processo de recepção se dá a partir do contexto social e cultural, do receptor e sua posição de classe e do texto midiático.

A defesa do recorte diz respeito à necessidade de teorias e metodologias específicas para apreender o processo de comunicação com foco em algum ou em alguns de seus elementos sem que isso signifique desconsiderar teoricamente a questão do poder que perpassa todas as etapas do processo comunicativo, da produção ao consumo. Para analisar a recepção (nas condições materiais com que produzimos conhecimento), precisamos recortá-la, pois, do contrário, teríamos uma pesquisa sobre as potencialidades da relação entre produção/produto e recepção/consumo. (RONSINI, 2010, p. 5).

O que, na visão da autora, não impossibilitariam as generalizações, tomadas com base na identificação de sentidos particulares gerados por meio das interações de grupos de pessoas com os meios técnicos comunicacionais. Desde que os modos tanto de insubordinação quanto de dominação cultural pudessem ser compreendidos ao longo do processo.

A análise específica da recepção olha o poder da esfera da produção atuando no momento da circulação dos produtos por ela gerados, pergunta sobre o circuito do sentido a partir da apropriação no consumo e alcança o grau de

generalidade a partir de observações de micro escala que são remontadas teoricamente em uma análise interpretativa inclusiva, sem que isso signifique apreender o processo comunicativo como um todo. (RONSINI, 2010, p. 14).

É essa a ancoragem desta pesquisa: ela parte do eixo sincrônico do mapa das mediações de Martín-Barbero, tendo como foco o formato do objeto estudado, o Jornal Nacional, que se articula com as lógicas produtivas, acionando as mediações de tecnicidade. Ou seja, a partir das transformações originadas pela popularização da internet e dos sites de redes sociais, e como elas vêm moldando a cultura e as práticas sociais de consumo dos telejornais, propõe-se a observação e análise de um telejornal expressivo para a população brasileira, para compreender as novas relações estabelecidas com os telespectadores e, a partir delas, chegar ao entendimento do impacto para o telejornal. Entendido, aqui, como subgênero, uma estratégia de comunicação e uma categoria cultural que, como tal, passa por reformulações constantes. Por isso, o foco desta pesquisa não está nas rotinas, nas práticas e nem nas ideologias profissionais, mas no texto midiático, ou seja, no formato que o telejornal assume e no processo comunicativo que, a partir dele, estabelece com o público.

O capítulo a seguir apresenta o cenário de implantação e consolidação da televisão no Brasil, que coincide com o surgimento do primeiro telejornal. Compreender esse contexto é fundamental para consolidar as bases teóricas desta pesquisa e oferecer uma visão ampliada do objeto de estudo.

3 TELEVISÃO E TELEJORNALISMO NO BRASIL

“É inegável no Brasil o impacto das chamadas emissões televisivas na construção do conhecimento, ainda que cotidiano, e no processo de informação da grande maioria da população”.
(COUTINHO, 2012, p.16)

A história da televisão brasileira é contada, em muitos momentos, a partir da iniciativa pioneira do empresário Assis Chateaubriand, detentor dos Diários Associados, cadeia de jornais, revistas e emissoras de rádio, na época hegemônica, que decidiu trazer a recente tecnologia ao país. De fato, há que se considerar que a TV Tupi, Canal 6, de São Paulo, só foi ao ar em 18 de setembro de 1950, tornando-se a primeira emissora da América do Sul e a segunda da América Latina¹⁹, depois de muito esforço do empresário. Mas essa é apenas uma parte do contexto histórico, social e econômico que envolveu a implantação da televisão no Brasil há quase sete décadas.

3.1 O CONTEXTO SOCIOECONÔMICO, POLÍTICO E CULTURAL

Toda a tecnologia para a implantação da televisão no Brasil, cerca de 30 toneladas de equipamentos, foi importada dos Estados Unidos ainda em fevereiro de 1949 (MATTOS, 2010). E dois anos antes das transmissões, profissionais já contratados do grupo dos Diários Associados foram deslocados para dar início às estratégias de produção: “[...] os *Diários Associados* passaram a desenvolver uma estratégia visando não apenas treinar os seus radioatores para o novo veículo, como também para popularizar a imagem dos artistas” (MATTOS, 2010, p. 23, grifo do autor). Segundo o autor, alguns funcionários da equipe técnica também foram aos Estados Unidos para entender o funcionamento dos equipamentos recém-adquiridos, um início marcado por muita experimentação, improvisações e até pelo famoso “jeitinho brasileiro”. Isso porque, pouco antes da inauguração oficial, foi constatado que havia apenas um único televisor na cidade de São Paulo. Como já não havia mais tempo hábil para respeitar os trâmites legais de importação, “[...] Assis Chateaubriand ordenou que os mesmos fossem providenciados através de contrabando. E dessa forma a *Tupi* instalou televisores em

¹⁹ No âmbito mundial, a TV Tupi foi a quinta emissora a entrar em funcionamento, após as transmissões nos Estados Unidos, em 1939; na Inglaterra, em 1946; na França, em 1947 e no México, em agosto de 1950, sem considerar as transmissões experimentais ou não diárias. (GOBBI, 2011, p. 11).

lojas e bares da cidade, além do saguão dos Diários Associados, onde uma multidão ficou esperando para ver a novidade” (MATTOS, 2010, p. 27-28, grifo do autor).

A televisão brasileira nasce, portanto, como uma iniciativa do capital privado. Mas, como já apresentado, não representa apenas os avanços da tecnologia (WILLIAMS, 2016), mas também a manifestação da cultura de um povo. E, portanto, carrega características próprias em cada local onde se desenvolveu. Nesse sentido, há que se considerar uma série de fatores que contribuíram para a chegada, aceitação e significativa expansão da televisão no país. A partir da década de 1950 e, pelo menos, nas duas seguintes, tem-se um período de grandes mudanças nos cenários econômico, político e social brasileiros. O desenvolvimento de indústrias impulsiona a mudança do homem do campo para as cidades e há modificações importantes nas relações de consumo e de trabalho. Nas palavras do sociólogo e cientista político Dominique Wolton, a televisão “[...] desempenhou o papel de ‘fio condutor’ na decifração de uma situação em movimento” (WOLTON, 1996, p. 122). Ela foi o laço social que uniu uma sociedade em plena transformação. Ao ligar o aparelho, o telespectador estabelecia junto a um público imenso e anônimo (o grande público) certa identificação.

[...] a força da televisão como laço social vem justamente do seu caráter ao mesmo tempo ligeiramente restritivo, lúdico, livre e especular. É também nisso que ela se mostra adequada a uma sociedade individualista de massa, caracterizada simultaneamente por essa dupla valorização da liberdade individual e da busca de uma coesão social. (WOLTON, 1996, p. 124).

Isso só é possível, na visão do autor, pelo caráter generalista da televisão, ou seja, uma das mídias que mais consegue, inclusive nos dias atuais, se adaptar à heterogeneidade social. Em uma sociedade formada por diferentes camadas sociais, é a televisão generalista que oferece igualdade de acesso por meio de um leque de programas que refletem essa diversidade, o fundamento do modelo democrático. “É nesse sentido que a televisão é menos um instrumento de massificação da cultura que um meio de religar as heterogeneidades sociais e culturais” (WOLTON, 2004, p. 142). Ainda segundo o autor, a televisão ofereceu a possibilidade de “[...] participar individualmente de uma atividade coletiva” (1996, p. 15) e, por isso mesmo, constituiu a sociedade contemporânea. Conservar essas duas dimensões contraditórias, o consumo individual e a atividade coletiva, tem sido o grande desafio da televisão, em especial com a chegada da internet e a multiplicação de suportes de consumo de produtos audiovisuais.

Já Mattos (2010) ressalta o modelo da radiodifusão em seus anos iniciais também como um fator decisivo da expansão da televisão brasileira, uma vez que a concessão de licenças para

exploração de canais não tinha um planejamento estabelecido e era definida a partir do favoritismo político. Uma situação impulsionada nos anos seguintes com o regime militar.

Depois do estabelecimento do Ministério das Comunicações, em 1967, o processo de concessão de licenças passou a levar em conta não apenas as necessidades nacionais, mas também os objetivos do Conselho de Segurança Nacional, de promover o desenvolvimento e a integração nacional. Entretanto, o favoritismo político nas concessões de canais de TV prolongou-se até o governo da Nova República, de José Sarney. (MATTOS, 2010, p. 24).

Foi só com a Constituição Brasileira de 1988 que ficaram estabelecidas novas diretrizes para a concessão de canais de rádio e de televisão no país. Mas, durante os 21 anos de ditadura, o controle estatal também se dava por meio do financiamento dos meios de comunicação de massa. De 1968 a 1979 ainda vigorou o Ato Institucional nº. 5 que dava ao executivo federal o direito de censurar esses veículos (MATTOS, 2010).

Antes disso, porém, outro fator importante elencado pelo autor foi o interesse das agências de publicidade estrangeiras, instaladas no Brasil, em sustentar a programação televisiva. Com aparelhos caros e uma audiência bastante restrita no início, a televisão não atraía anunciantes. Mas, no exterior, já estava consolidada enquanto veículo publicitário. E foi com base nessas experiências que os patrocinadores externos começaram a investir por aqui. Eles “[...] determinavam os programas que deveriam ser produzidos e veiculados, além de contratar diretamente os artistas e produtores” (MATTOS, 2010, p. 25). Uma situação que vai se manter, pelo menos, ao longo das duas primeiras décadas após a entrada no ar. Essa relação ficava evidente, inclusive, no nome dos programas, identificados pela marca do patrocinador. Uma determinação observada, inclusive, nos noticiários. “Em 1952, e por vários anos subsequentes, os telejornais tinham denominações como: ‘Telenotícias Panair’, ‘Repórter Esso’, ‘Telejornal Bendix’, ‘Reportagem Ducal’ ou ‘Telejornal Pirelli’” (MATTOS, 2010, p. 25). Situação que só vai mudar quando as agências passam a comprar horários na grade de programação e deixam de patrocinar apenas um programa. O governo brasileiro também se tornaria um dos maiores anunciantes individuais nos níveis municipal, estadual e federal (MATTOS, 2010).

Rezende (2000), por sua vez, considera ainda a má distribuição de renda, o baixo nível educacional, a imposição de uma homogeneidade cultural a partir da ditadura militar e até a qualidade da teledramaturgia como outros fatores determinantes para que a televisão assumisse, já em seus anos iniciais, o posto de principal veículo de comunicação do país. E também uma referência como fonte de informação para o brasileiro. Condição que, mesmo tendo passado 68

anos, ainda tem se mantido²⁰. No entanto, há que se considerar que, mesmo com esse espaço reconhecido na vida do brasileiro, passadas quase sete décadas de sua implantação no país, a televisão já não é a mesma dos anos iniciais. O advento da internet e a convergência tecnológica, possibilitados a partir de uma nova configuração da sociedade no fim do século passado²¹, provocaram (e ainda provocam) profundas transformações nas rotinas produtivas, no próprio conteúdo e na relação que o telespectador estabelece com a televisão.

É partindo dessa visão de que a televisão está imersa em um processo de transição, em um cenário de múltiplas opções e de audiências variadas (OROZCO GÓMEZ, 2014), que se busca, nesta pesquisa, compreender como o telejornalismo se consolida ao longo de quase sete décadas no Brasil e quais as mudanças pelas quais vem passando em decorrência dessas transformações. Não se pretende, contudo, fazer um amplo levantamento histórico como os já realizados por Mattos (2009; 2010) e Rezende (2000). Mas trazer à luz momentos e fatos importantes do telejornalismo brasileiro para a condução deste trabalho.

3.2 SETE DÉCADAS DE TRANSFORMAÇÕES

19 de setembro de 1950. Segundo dia de transmissões televisivas e a data em que o primeiro telejornal brasileiro, o *Imagens do Dia*, foi ao ar. Essa é uma história que se funde à da própria televisão. O primeiro noticiário do país não tinha horário fixo de exibição. Só ia ao ar depois que todas as pendências técnicas e operacionais do programa exibido antes dele tinham sido solucionadas. Mas, encerrava a programação diária da recém-inaugurada TV Tupi (NEVES, 2015). Era um período de intensa experimentação, uma vez que os profissionais eram oriundos do rádio e até mesmo o formato do telejornal se baseava nas produções radiofônicas.

As notícias eram locais e, por conta da dificuldade na captação e demora na revelação, eram poucos os usos do filme em preto e branco. Quando esses eram utilizados em notas cobertas, ou seja, a voz do locutor narrando as imagens, era forte a influência do cinejornal e

²⁰ Segundo dados da Pesquisa Brasileira de Mídia 2016, realizada pelo instituto IBOPE Inteligência: “a televisão permanece, segundo os entrevistados, como meio de comunicação de maior utilização para as pessoas se informarem no Brasil. Praticamente nove de cada dez entrevistados fizeram menção em primeiro ou segundo lugar à TV como o veículo preferido para obter informações” (BRASIL, 2016).

²¹ “No final do século XX, três processos independentes se uniram, inaugurando uma nova estrutura social predominantemente baseada em redes: as exigências da economia por flexibilidade administrativa e por globalização do capital, da produção e do comércio; as demandas da sociedade, em que os valores da liberdade individual e da comunicação aberta tornaram-se supremos; e os avanços extraordinários na computação e nas telecomunicações possibilitados pela revolução microeletrônica. Sob essas condições, a Internet, uma tecnologia obscura sem muita aplicação além dos mundos isolados dos cientistas computacionais, dos hackers e das comunidades contraculturais, tornou-se a alavanca na transição para uma nova forma de sociedade – a sociedade em rede -, e com ela uma nova economia” (CASTELLS, 2003, p. 8).

do cinema. Sendo assim, a maior parte das notícias eram notas lidas ao vivo, diretamente do estúdio. Havia intensa valorização da voz, do timbre e do ritmo de narração dos então locutores, que traziam essas referências do rádio. O cenário era simples, composto por bancada, tapadeira e a identificação do programa ao fundo. Por essa razão, os enquadramentos utilizados eram o primeiro plano e o close, que deixavam o rosto do apresentador em destaque, preenchendo toda a tela, em uma composição que ficou conhecida como “cabeça falante” (MELLO, 2015). Além da limitação técnica no que diz respeito aos cenários e às lentes das câmeras que não permitiam grandes variações de enquadramentos, uma hipótese para a definição desse primeiro formato foi a necessidade de estabelecer empatia com os telespectadores. Mello (2015) afirma que “[...] era a primeira vez que um ‘desconhecido’ estava ‘entrando’ no cenário doméstico das pessoas, e a relação que estava começando a ser construída entre apresentador e público exigia uma certa formalidade, sendo assim, o ‘olho no olho’ poderia simular uma relação respeitável de confiança” (MELLO, 2015, p. 60).

O telejornal pioneiro resistiu bravamente às dificuldades impostas e permaneceu no ar de setembro de 1950 a dezembro de 1951, pouco mais de um ano. Na sequência, foi substituído em janeiro de 1952 pelo *Telenotícias Panair*. Tinha início, então, os telejornais patrocinados por grandes empresas que, por sua vez, faziam questão de ter o nome associado a eles. É ainda no início dessa década, mais precisamente em 1º de abril de 1952 que, nos mesmos moldes de patrocínio, começa a produção de notícias do Repórter Esso, famoso pelo slogan “testemunha ocular da história” (MATTOS, 2010).

Também originário do rádio e adaptado para televisão, o programa, que chegou a ter uma versão para cada uma das emissoras inauguradas por Assis Chateaubriand, não era produzido nessas unidades, mas por uma agência de publicidade, a McCann Erickson. A agência usava mais materiais internacionais, importados de agências de serviços de filmes, como a CBS e a UPI, do que material nacional (MATTOS, 2010). A TV Tupi tinha apenas a função de colocar o Repórter Esso, já pronto, no ar. Ainda assim, o telejornal foi líder de audiência até o início dos anos 1970, quando foi encerrado (MELLO, 2015). Além dele, os demais telejornais da época que seguiram o modelo de patrocínio de grandes empresas dependiam de aprovação prévia dos conteúdos exibidos.

Até a metade da década de 1960, portanto, a tecnologia restringia significativamente a produção de conteúdo dos telejornais. Tanto a captação externa quanto a nos estúdios era feita com câmeras e filmes cinematográficos. Primeiro, sem som e, depois, com gravação de áudio. Além disso, o custo de revelação e montagem dos filmes era alto. Dificuldades que se estendiam

até o momento da exibição, que exigia agilidade e precisão na troca dos rolos de filmes e inserção de comerciais (COUTINHO, 2012).

A situação só começa a mudar com a chegada do videoteipe, em 1960, considerado um divisor de águas na história da televisão brasileira e também do telejornalismo. Segundo Tourinho (2009), o primeiro uso do equipamento foi na gravação da festa de inauguração de Brasília, em 21 de abril de 1960. Mais uma vez, a TV Tupi de São Paulo estava à frente do feito até então inédito no país. No entanto, “[...] as primeiras máquinas tinham quase dois metros de altura e pesavam cerca de uma tonelada. As fitas de gravação tinham duas polegadas de largura” (TOURINHO, 2009, p. 59). Um fator limitante para o uso desses equipamentos fora dos estúdios das emissoras.

Ainda nesse período, um telejornal que se destacou pela inovação e criatividade foi o Jornal de Vanguarda, da TV Excelsior (REZENDE, 2010). Criado em 1962 e dirigido por Fernando Barbosa Lima, o noticiário tinha em sua equipe jornalistas como produtores, apresentadores e cronistas especializados. Diferentemente dos demais telejornais, esses profissionais não eram apenas locutores, acumulavam a experiência do jornalismo impresso diário. Além disso, desenhos, caricaturas, o humor de bonecos falantes e editoriais de política compunham o formato. “A qualidade do noticiário causou um impacto enorme pela originalidade de sua estrutura e forma de apresentação, distinta de todos os demais informativos. O ‘Jornal de Vanguarda’, além do prestígio no Brasil, obteve reconhecimento no exterior” (REZENDE, 2010, p. 59). Apesar de aclamado na Espanha, o noticiário recebeu o Prêmio Ondas em 1964 como melhor telejornal do mundo, seu maior desafio foi enfrentar a censura do regime militar. “Ao ‘colocar no ar’ no dia primeiro de abril de 1964 o assassinato, por um major do exército, de um estudante na porta do clube militar que gritava o nome de João Goulart, o diretor do telejornal sabia que o *Jornal de Vanguarda* não iria sobreviver” (NEVES, 2015, p. 36-37, grifo da autora). E não sobreviveu. Após o Ato Institucional nº 5, de 1968, que dava quase poderes absolutos à ditadura militar, a equipe optou por interromper a produção. É quando também começa a extinção da TV Excelsior.

No fim dessa década, os videoteipes se tornam mais compactos e portáteis, e então o uso passa a ser adotado no telejornalismo, sendo a Rede Globo de Televisão, inaugurada em 26 de abril de 1965, a responsável pela introdução da tecnologia.

A primeira empresa a dispor dos equipamentos de gravação em vídeo, dos videoteipes ou VT's foi a Rede Globo de Televisão, com o reforço financeiro e de *know-how* adquirido graças ao acordo polêmico com o grupo Time-Life. Nas demais emissoras a chegada da tecnologia foi lenta e gradual, como o

processo de estabelecimento de uma linguagem própria do telejornalismo. (COUTINHO, 2012, p. 63).

É o *Jornal Nacional*, exibido pela primeira vez em 1º de setembro de 1969²², o primeiro telejornal, segundo Coutinho (2012), a configurar uma linguagem audiovisual e a traçar uma linha divisória no telejornalismo brasileiro. Começava, naquele momento, uma revolução técnica e um processo industrial, o padrão Globo, de produzir notícias (NEVES, 2015). E mais: com a inauguração do telejornal, também entrava no ar um novo modelo de transmissão, em rede, por micro-ondas²³. Em plena ditadura militar, a perspectiva de integração nacional a partir da televisão era a “menina dos olhos” do regime (COUTINHO, 2008). Tanto que “[...] o acesso à tecnologia de transmissão, inclusive, foi viabilizado com a utilização de orçamento público, opção dos militares para garantir a difusão do sinal de televisão, e da ideologia de segurança nacional, por todo o território brasileiro” (COUTINHO, 2008, p. 91). Situação com a qual a Rede Globo de Televisão foi beneficiada.

Até certo ponto, podemos dizer, então, que o *Jornal Nacional* é produto da articulação entre os interesses da elite política e econômica e os interesses políticos e econômicos dos militares. Essa articulação se mostra mais evidente nos anos 1960 e 1970, que é também o período de consolidação de um mercado cultural no Brasil e da própria televisão. O ideal de integração nacional estava na origem do novo programa e se tornou possível com a tecnologia de transmissão em rede. (GOMES, 2012, p. 47).

A década de 1970 marcou, portanto, a sedimentação do telejornalismo no país, uma aposta de várias emissoras. Além da Rede Globo de Televisão, a Bandeirantes, a TV Cultura, a Record e a TV Tupi, já em decadência, produziram telejornais diários. A evolução tecnológica²⁴, a influência do modelo norte-americano e a ditadura militar, que vivia os anos mais duros da censura, foram decisivos e impactaram o processo (KNEIPP, 2010, p. 259). Tanto que os noticiários se restringiam a reportagens de assuntos internacionais ou institucionais. “Na televisão, o Brasil era um país lindo, em paz e dinâmico. O próprio presidente na época, Emílio Garrastazu Médici, afirmava ver um país maravilhoso no *Jornal Nacional*. O telejornalismo, naquele momento, era totalmente controlado” (NEVES, 2015, p. 40).

²² A criação e consolidação deste noticiário, objeto da pesquisa, será detalhada a seguir.

²³ O sistema de micro-ondas foi implantado pela Embratel em 1967. Interligava Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte e Brasília. A total integração do país se completa apenas em 1972, com a ligação do tronco norte-sul e, com isso, a ampliação das redes de televisão no país. (TEMER, 2015, p. 159).

²⁴ Tem início as transmissões por satélite (1969), ligando o Brasil ao restante do mundo. E também a TV em cores (1972), aumentando a atratividade e fortalecendo uma nova linguagem e o mercado. (TOURINHO, 2009, p. 53).

No fim dos anos 1970 e começo da década de 1980, duas novas emissoras de TV, o SBT e a TV Manchete, se formaram a partir da concorrência pública para os canais da TV Tupi, então extinta. Essa foi uma resposta do regime militar ao sucesso das ações estratégicas da Rede Globo e ao aumento significativo da audiência da emissora (TEMER, 2015). Com isso, cresceu a competição entre as cadeias. Uma situação que pode ser comprovada pela ampliação do espaço do telejornalismo na programação ofertada pelas emissoras. “Se em 1970 esse gênero ocupava apenas 4,2% da programação, em 1995 o telejornalismo já ocupava 18,58% das horas oferecidas pelas emissoras de TV localizadas em São Paulo, todas elas com programas regionais e de rede” (COUTINHO, 2012, p. 64).

Nesse período já estavam consolidados os principais formatos das notícias que compunham os telejornais. Rezende (2000) fez uma classificação que dividiu o jornalismo em informativo e opinativo. No primeiro, constam: a nota, que pode ser simples, apenas o texto falado pelo apresentador, ou a coberta, com imagens e narração em off do apresentador; a notícia, o relato mais completo que a nota, unindo a apresentação ao vivo e a narração em off com imagens; a reportagem, “[...] um relato ampliado de um acontecimento, mostrando suas causas, correlações e repercussões” (REZENDE, 2000, p. 157), formada por cabeça, off, boletim, sonoras (entrevistas) e pé, com a presença direta ou em off do repórter; a entrevista, o diálogo entre jornalista e entrevistado; e o indicador, matérias que se baseiam em dados, como as previsões meteorológicas, informações do mercado financeiro, do trânsito, entre outras. Já na categoria jornalismo opinativo, Rezende (2000, p. 158) destacou o editorial, “[...] texto lido geralmente pelo apresentador, que expressa a opinião da emissora sobre uma determinada questão”; o comentário, análise ou interpretação de uma determinada situação por um jornalista especializado; e a crônica, que “[...] vai além da simples avaliação jornalística do real” (p. 159).

A transformação de um acontecimento em notícia sempre passou, portanto, pela escolha desses formatos. “Ao tomar essas decisões, ao longo do dia, os profissionais do campo jornalístico determinam quais assuntos terão um aprofundamento maior e quais serão abordados de forma mais abrangente. No telejornalismo, essas escolhas estão, na maioria das vezes, relacionadas ao tempo destinado a cada notícia” (SIQUEIRA; VIZEU, 2014, p. 57-58). Ao citar o tempo, os autores se referem a uma série de fatores envolvidos na produção de um determinado material jornalístico. A quantidade de imagens que o fato oferece, a capacidade da equipe em conseguir apurá-lo, a disponibilidade da equipe para ir até o local, dependendo de onde e quando ocorreu, e até mesmo a linha editorial do telejornal são questões que impactam na determinação de como uma informação será apresentada no telejornal.

A reportagem, um dos principais formatos, foi mudando significativamente ao longo dos anos em razão tanto das questões técnicas envolvidas no processo de produção quanto da importância que foi adquirindo dentro dos noticiários. Nos anos de 1960 eram raras as aparições dos repórteres no material jornalístico. Essa situação começou a mudar a partir da década seguinte. “Quando as câmeras cinematográficas foram substituídas pelas eletrônicas e sua maior facilidade de gravação e repetição da gravação, o desempenho dos repórteres foi alterado. Apoiado no formato do telejornalismo norte-americano, a presença do repórter na matéria tornou-se padrão dominante no País” (TOURINHO, 2009, p. 116). Momento que coincidiu com a popularização do telejornalismo.

Iniciava-se assim uma quebra de paradigma: ao distanciamento e objetividade exigidos até então, inclusive no gestual, passa-se a observar repórteres que caminham, sobem escadas, comem doces, dirigem carros, entram em enchentes, mergulham no fundo do mar, pulam de paraquedas ou simplesmente passeiam de montanha russa para depois contar as suas sensações. Houve muitos exageros, mas já se começa a ensaiar aquela postura mais livre que vai marcar as transmissões ao vivo e a utilização do plano-sequência. (MUSSE; THOMÉ, 2015, p. 119).

Nesse contexto, o aperfeiçoamento técnico e a concepção de um padrão de qualidade para as produções televisivas, inclusive no telejornalismo, tornaram-se prioridade da Rede Globo ao longo dos anos 1970. E ditou um modelo para as demais emissoras. A escolha cuidadosa de cenários, de locutores, a qualidade das imagens, da edição das reportagens, a definição de um ritmo para as notícias na combinação texto-imagem, a precisão de horário, todos esses fatores consolidaram uma forma de fazer telejornal (REZENDE, 2000). É o que reforçam Musse e Thomé (2015) ao afirmar que

A reportagem dos anos 1980 é caracterizada por eixos importantes: as transmissões ao vivo, a participação do repórter na matéria jornalística e a confecção do manual que vai orientar o comportamento dos jornalistas de TV. O “Manual” publicado em 1985 pela Central Globo de Jornalismo continha, em sua primeira parte, as “Normas de Redação”, ocupando mais de sessenta páginas, e, na segunda parte, “A Imagem”, ocupando pouco mais de vinte páginas da publicação. (MUSSE; THOMÉ, 2015, p. 116).

O manual de telejornalismo da Rede Globo orientou não só os trabalhos de toda uma geração de repórteres e editores, mas também definiu formas de ensino do telejornalismo no país. Mesmo sendo uma referência de padrão de qualidade, a emissora sofreu muitas críticas em razão da priorização da forma em detrimento do conteúdo dos noticiários dessa época.

A riqueza plástica não encontrava compatibilidade com o trabalho jornalístico. Durante a fase de censura mais aguda, o telejornalismo, sobretudo o praticado na Globo, líder de audiência acabou se afastando da realidade brasileira. Despolitizada, a emissora encontrava nos programas de entretenimento o atalho para se aproximar efetivamente de sua audiência. (REZENDE, 2000, p. 115).

Já nos anos de 1990, algumas emissoras apostaram no telejornalismo sensacionalista como forma de concorrência a esse padrão estabelecido pela Rede Globo. No SBT, o destaque ficou por conta do noticiário O Povo na TV, que misturava sensacionalismo e assistencialismo. Um conteúdo que, apesar de ter aceitação popular, não atraía a atenção de anunciantes. É por conta disso que, segundo Temer (2015), Silvio Santos lançou mão de uma estratégia até então nunca experimentada no país: a figura de um âncora, para apresentar e comentar notícias. O TJ Brasil foi ao ar em 1988 sob o comando de Boris Casoy.

A novidade conquista uma boa audiência e logo atrai anunciantes, de tal forma que o sucesso do modelo do *jornal com âncora* também é exportado para outras emissoras: Carlos Nascimento ancora o Jornal da Cultura e Marília Gabriela faz uma versão do *Jornal Bandeirantes* com a mesma proposta (TEMER, 2015, p. 169, grifo da autora).

Enquanto isso, a Rede Globo de Televisão aproveitava o processo de redemocratização para investir na importação de equipamentos que permitiam mais agilidade e dinamismo à produção, ampliando as gravações externas e as entradas ao vivo, numa aposta contínua no formato dos noticiários. Como resposta, as demais emissoras continuavam a se dedicar ao jornalismo chamado popular e às notícias de polícia para atrair os telespectadores: o Aqui e Agora, no SBT, o Cidade Alerta e o Ratinho Livre, na Record, são alguns exemplos (TEMER, 2015)²⁵. É no fim dessa década que teve início a substituição dos equipamentos analógicos pelos digitais. Uma mudança que impactou novamente a produção de conteúdo nos telejornais.

[...] vai fazer toda a diferença nos cenários e figurinos (em princípio, na teledramaturgia) e também na qualidade do acabamento das edições jornalísticas, mas, principalmente, na maior facilidade de captar imagens e também editá-las, passando-se assim da antiga edição linear para a não linear, em que a montagem das cenas não precisa mais seguir uma ordem pré-estabelecida, sequencial. O Departamento de Arte do telejornalismo também vai literalmente sair do papel e migrar para a tela do computador, assim como

²⁵ A Rede Globo responde no fim da década com o programa Linha Direta, que foi ao ar entre 1999 e 2007 e recebeu diversas críticas por conta do formato. Ver: Linha direta com quem? Crítica de Eugenio Bucci, disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comeduc/article/view/36903>. Acesso em: 12 de jan. 2018.

as velhas máquinas de escrever vão ceder lugar às telas digitais e os rádios usados para a troca de informações entre a redação e as equipes de externa serão substituídos pelos celulares. (MUSSE; THOMÉ, 2015, p. 120).

Se essas modificações já deram início a uma nova reformulação do processo de produção da notícia televisiva, é a partir dos anos 2000, período de significativas transformações na relação entre telespectador e televisão, favorecidas pelos novos cenários digitais, e na configuração da sociedade, como já mencionado, que elas de fato passam a ser mais intensas. Até mesmo o conceito de “telejornalismo” começa a ser repensado.

O termo *telejornalismo*, como se apontou, tem sido definido como o *jornalismo* produzido **para e pela televisão**, pois, na época de seu surgimento, se definia as imagens pelo seu suporte, porque os suportes teriam características definidas e cujas fronteiras expressivas eram passíveis de delimitação (CineJornalismo – cinema; FotoJornalismo – fotografia, etc.). Porém, com esta profusão de possibilidades narrativas, o intenso processo de hibridação constante das produções contemporâneas e o surgimento de novos suportes advindos da digitalização das imagens, das tecnologias de captação e, principalmente, de transmissão de dados a distância (entre eles imagens), muda a concepção restrita do conceito voltado apenas à televisão. (EMERIM, 2015, p. 211, grifo da autora).

Isso significa, segundo a autora, que o prefixo “tele” começa a dar origem a outros entendimentos, ou seja, que não está mais restrito à televisão. O telejornalismo seria, a partir deste século, um jornalismo para telas: as dos televisores, mas também dos computadores, celulares, tablets ou quaisquer outros dispositivos. Musse e Thomé (2015) corroboram com essa visão de que o telejornal, hoje, já não é mais o mesmo. “O telejornal permanece como protagonista na transmissão de notícias, mas a forma de produzi-lo e de consumi-lo nunca mais serão as mesmas. Não houve apenas mudanças na forma e no conteúdo, mas na essência do que se entende por telejornalismo” (MUSSE; THOMÉ, 2015, p. 128).

O telespectador é um ponto importante para compreender essa guinada. Por várias décadas, diante de uma aparente estabilidade da audiência, as emissoras se mantiveram confiantes no formato do telejornal consolidado e na concepção de audiência que tinham definido, a audiência presumida, para utilizar o termo proposto por Vizeu (2005). Ou seja, a produção jornalística dos telejornais nacionais tinha como norte uma concepção, uma imagem intuitiva do público do programa, formulada a partir da própria cultura profissional, dos processos e regras da rotina produtiva e até da língua. O reconhecimento do público, por sua vez, era registrado a partir dos índices de audiência. O sinal de alerta acendeu quando esses

índices começam a despencar²⁶, principalmente na última década, em razão das novas ofertas de informações em plataformas variadas. As emissoras só então se deram conta de que o que se presumia já não fazia mais sentido no novo cenário midiático. Uma constatação que se deu em diferentes programas e emissoras, de veiculação em rede e local (COUTINHO, 2012a, p. 23). Por isso, segundo Coutinho (2012a), as cadeias de televisão começaram a se dedicar e ainda trabalham em duas direções nesse movimento de aproximação ao público dos telejornais. De um lado, na “dessacralização do fazer profissional” (COUTINHO, 2012a, p. 36), ou seja, apresentam aos cidadãos comuns a possibilidade de também produzir conteúdo tendo em vista a facilidade de acesso e maior domínio dos equipamentos de gravação e edição de vídeos. Por outro, passam também a promover uma maior inserção popular nos noticiários.

Assim é possível perceber nos últimos anos um maior investimento nas matérias televisivas quanto à utilização do povo fala; o cidadão comum ganharia destaque na trama, ainda que em termos mais quantitativos, no que se refere à ampliação de seu tempo de fala/edição, do que qualitativos. [...] Certo é que em todos os níveis, local e nacional, haveria na atualidade mais interpelação do outro, seja ele enquadrado como consumidor ou cidadão. Isso se evidenciaria também na criação de espaços regulares específicos, como por meio de quadros especialmente voltados para recepção de imagens, comentários e mesmo para a atuação dos telespectadores como “repórteres cidadãos”, ainda que sob produção, direção e edição dos jornalistas vinculados à emissora. (COUTINHO, 2012a, p. 36-37).

Além dessas estratégias que garantem os efeitos de proximidade e de participação (COUTINHO, 2012a), uma vez que ainda há um controle bastante rígido sobre o que vai ao ar nos telejornais, as emissoras apostaram em outras frentes para captar a atenção dividida do público dos telejornais. A exposição de bastidores e da rotina produtiva em sites de redes sociais; a adoção de uma linguagem mais coloquial tanto nas reportagens, que ganharam dinamismo e improviso, quanto no estúdio, com os apresentadores menos dependentes das bancadas, em enquadramentos de corpo inteiro, e também interagindo com outros jornalistas por meio de telões; o uso de registros feitos por câmeras de vigilância e pelos telespectadores a partir de dispositivos móveis, em denúncias e flagrantes, são alguns dos exemplos apontados

²⁶ A medição oficial de audiência da televisão aberta no Brasil é realizada pela Kantar IBOPE Media. O índice é obtido a partir da medição em 15 mercados regulares, a saber: Grande São Paulo, Grande Rio de Janeiro, Grande Belém, Grande Belo Horizonte, Grande Campinas, Grande Curitiba, Distrito Federal, Grande Florianópolis, Grande Fortaleza, Grande Goiânia, Manaus, Grande Porto Alegre, Grande Recife, Grande Salvador, Grande Vitória. Há, contudo, diversas críticas ao atual formato de medição, uma vez que ele já não contemplaria a realidade do atual cenário midiático, que não se restringe mais à transmissão aberta na televisão. Contudo, ainda é referência para os anunciantes.

por Bevilaqua e Ito (2016) e Musse e Thomé (2015) como tentativas de inovação num cenário de mudanças tecnológicas, socioeconômicas e culturais.

Para as últimas autoras, um telejornal que reúne todas essas reformulações, desde o momento de sua criação, é o Hora Um da Rede Globo, que vai ao ar de segunda a sexta-feira, das 05h às 06h, e é apresentado pela jornalista Monalisa Perrone.

O primeiro telejornal do dia mostra as manchetes dos jornais impressos, faz um giro por câmeras instaladas nas ruas das capitais, mostra as condições do trânsito para quem ainda se prepara para sair de casa e oferece a possibilidade também da participação do público no “Você no Hora Um”. Como acontece nos principais telejornais da emissora, há também uma fanpage, com reportagens e comentários do público, e o conteúdo em uma página no portal “G1”. A linguagem informal, que é proposta do programa, pode ser detectada no tom informal da apresentadora ao falar, por exemplo, “pra terminar nosso papo”, ao perguntar sobre o clima a um correspondente. Ao encerrar a edição, Monalisa resume o que o telespectador viu no telejornal, semelhante à estratégia de redundância do rádio em voltar àquela informação importante, em passar a notícia àquele que, porventura, tenha sintonizado apenas naquele momento. (MUSSE; THOMÉ, 2015, p. 124-125).

Além das mudanças já citadas, Siqueira e Vizeu (2014) apontam atualizações no formato das notícias que chegam, atualmente, ao telespectador. A comparação foi feita tendo como base o que era veiculado há algumas décadas, a partir da classificação de outros pesquisadores, entre eles Rezende (2000), já citado. Entre as descobertas, ficou evidente uma primazia pela imagem. As notas ainda são utilizadas, mas já são menos frequentes que as notas ao vivo com imagens. “São a maneira mais prática de editar imagens que chegam de última hora e também porque possibilitam dinamismo ao telejornal” (SIQUEIRA; VIZEU, 2014, p.69). Tornou-se possível pelo fácil acesso e transmissão de imagens, que podem tanto ser fotografias quanto imagens em movimento encaminhadas à produção do telejornal. A nota coberta, por sua vez, continua sendo utilizada nos casos em que há tempo de produção e edição. Já a reportagem, um dos principais formatos do telejornal, que passou a ser mais coloquial, novamente é identificada como um formato representativo da participação popular.

[...] pode ser considerada uma reportagem a matéria que é construída sem *off* e sem a presença do repórter, mas com imagens captadas por mediadores públicos, com a fala dessas pessoas feitas no momento dos acontecimentos, com recursos gráficos e com as cenas e os depoimentos de testemunhas contando à equipe de jornalismo o que viram. É um formato mais complexo que uma nota coberta, pois reúne uma série de elementos e um trabalho exaustivo de apuração para uni-los. (SIQUEIRA; VIZEU, 2014, p. 70).

Já o *stand up* é outro formato que tem caído em desuso, segundo os autores. E o motivo é a opção pelas entradas ao vivo, facilitadas pela transmissão do sinal via internet, micro-ondas ou satélite. Embora ele ainda seja um recurso quando não há tempo de montar o sinal de transmissão ou mesmo uma alternativa quando não há imagens de cobertura. Mas, a prioridade tem sido levar a equipe de reportagem a locais nunca antes considerados. Situação diferente com as entrevistas. Antes, a prioridade era o deslocamento da equipe até o local onde se encontrava o entrevistado, o especialista a ser ouvido para um determinado material. Agora, quando isso não é possível, a opção não é descartada e mais uma vez a internet é utilizada como aliada. São cada vez mais comuns os casos em que o próprio entrevistado grava e encaminha o conteúdo, que pode ser usado para compor uma reportagem ou mesmo solto ao longo da edição do telejornal, precedido apenas de uma cabeça de estúdio explicativa. Nos dois casos, a opção por atender o público o mais rápido possível no esclarecimento de um fato ou situação define as estratégias da equipe de produção e os formatos a serem utilizados.

Também tem sido bastante utilizado o formato virtual, que são os conteúdos feitos a partir de cenários virtuais, como a previsão do tempo e também maquetes explicativas de situações ou ações que ainda não possam ser materializadas em imagens e precisam de um recurso visual para serem compreendidas. O virtual pode ou não ser combinado a outros formatos. E essa tem sido também uma opção dos telejornais. Em vez de fazer conteúdos únicos, a junção de diferentes formatos, tais como notas com sonoras previamente gravadas, ou ainda reportagens intercaladas por entradas ao vivo, seguidas de nota coberta, denominada pelo autores de “integrado”, tem sido bastante comum para retratar assuntos específicos.

O seu uso tem a ver com a necessidade crescente dos jornalistas de buscar diferentes maneiras de recontextualizar os fatos, visando sempre a necessidade de que o público compreenda, de maneira clara e fácil, o que é apresentado. Também tem como objetivo facilitar o processo de edição, uma vez que não é preciso que todos os elementos da notícia estejam disponíveis ao mesmo tempo para serem editados. A notícia pode ser recontextualizada e apresentada, inclusive, em momentos diferentes, ao longo do telejornal, pois a preocupação é com o todo da informação que chegará para o público, por mais que ela não esteja, necessariamente agrupada. (SIQUEIRA; VIZEU, 2014, p. 74).

Há que se considerar, portanto, que para atender a todas essas transformações foi-se desenvolvendo um novo modo de fazer telejornal, a partir de um modelo convergente que, segundo Vizeu e Lordêlo (2015), alterou e flexibilizou tanto as etapas de produção e distribuição de conteúdo quanto o perfil profissional do jornalista de televisão. “As rotinas produtivas flexíveis são caracterizadas pela: a) integração vertical das redações, por canais

digitais de uma mesma rede televisiva; b) distribuição de notícias multiplataforma entre suporte televisivo e mídias digitais, e c) realizadas por profissionais polivalentes multimídia (VIZEU; LORDÊLO, 2015, p. 142).

3.3 O QUE AINDA ESTÁ POR VIR

Por todas as características apresentadas, o telejornalismo, foi e continua sendo um lugar de referência “semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo” (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 12). É o responsável por oferecer um estado de segurança ontológica ao indivíduo, ou seja, o estado de ordem e continuidade em relação aos acontecimentos da vida. É também fonte de informação para entender as transformações que ocorrem na sociedade e interferem na vida pessoal. “[...] as pessoas ao se sentarem nos sofás de suas casas ao final de um dia de trabalho procuram, além de informar-se sobre o entorno, ter a segurança de que o *mundo lá fora*, apesar dos conflitos, das tensões, da falta de emprego e da insegurança é um mundo no qual é possível de se viver” (VIZEU; CORREIA, 2008, p. 21, grifo do autor). O jornalismo, segundo os autores, atua justamente na construção social da realidade. Constitui, mas também é constituído por ela. E, nessa troca, o telejornal cumpre a função de

[...] sistematizar, organizar, classificar e hierarquizar a realidade. Dessa forma, contribuem para uma organização do mundo circundante. É o *lugar* em que os grandes temas nacionais ganham visibilidade, convertendo o exercício da publicização dos fatos como a possibilidade prática da democracia. Todo esse processo se produz num campo complexo de construção, desconstrução, significação e ressignificação de sentidos. O telejornal é hoje a grande *praça pública* do Brasil. (VIZEU, 2008, p. 7).

Uma atividade de interpretação da realidade social e de mediação responsável por contribuir com a percepção de mundo do telespectador ao partir da construção de conhecimento. E ela não ocorre apenas durante o curto período de transmissão das notícias em um telejornal. Mas, como foi apresentado, se dá em um processo anterior e mais longo de seleção e preparo do recorte da realidade que será apresentado por meio das informações e dos fatos, seguindo as regras do campo jornalístico. Processo que, recentemente, também tem se estendido aos espaços de interação surgidos a partir do processo de digitalização, convergência tecnológica e integração a partir da internet. E, até mesmo, quando se encerra a veiculação ao vivo.

Assim, um dos grandes desafios apontados ao telejornalismo é “[...] manter-se enquanto gênero fundante, ao mesmo tempo em que as novas tecnologias e a sua processualidade de convergência, lhe impõem a um repensar sobre os seus próprios modos produtivos” (EMERIM,

2015, p. 226), sem perder, contudo, o foco na produção de qualidade, em que “[...] o ato de informar a sociedade sobre os homens e as coisas do mundo ainda seja o mais importante” (EMERIM, 2015, p. 226). Na mesma direção, Temer (2010) pontua que

A primeira regra para entender o futuro do telejornalismo na televisão de sinal aberto no Brasil é entender que seu modelo está diretamente ligado às mudanças sociais que o país já está enfrentando e irá enfrentar. Ações e decisões que são tomadas cedo ou tarde terão reflexos na programação televisiva e no telejornalismo. É necessário dizer, no entanto, que a velocidade destas mudanças e a própria estrutura futura do telejornalismo vai depender da competência dos seus produtores em “ouvir” os desejos não verbalizados da audiência. (TEMER, 2010, p. 121).

Faz-se, aqui, apenas uma ressalva ou atualização a frase final da autora. Os desejos da audiência podem até não ser verbalizados, mas estão claramente manifestados, hoje, em uma das principais plataformas de comunicação e de interação: os sites de redes sociais na internet. E é justamente a relação estabelecida na atualidade entre os telejornais e o público desses sites o tema do próximo capítulo.

4 OS SITES DE REDES SOCIAIS E O TELEJORNALISMO

“[...] não é verdade que as pessoas que estão nas redes sociais possam dispensar os jornais, os livros e a televisão. Precisamos desses dois modelos, de uma aproximação de ambos”.
(WOLTON, 2014, p. 6)

As tecnologias de comunicação e informação, em constante evolução, reconfiguraram o cenário midiático e possibilitaram novas formas de interação entre os telespectadores e a programação televisiva. Tem-se um retorno à maneira compartilhada de ver televisão: se no passado ela se dava de forma presencial, na sala de estar, com a família reunida, hoje, ela assume nova roupagem, principalmente a partir dos sites de redes sociais. A partir dessas plataformas, o telespectador pode dar sua opinião sobre os conteúdos veiculados no instante em que eles são exibidos na televisão; conhecer a opinião de outros telespectadores; e até auxiliar na produção de conteúdo, situações que já ocorriam, porém, em menor escala e não de forma tão imediata e compartilhada como agora. Essa condição influenciou diretamente a forma como os telejornais passaram a se direcionar ao telespectador. Compreender as bases que sustentam essas mudanças recentes é fundamental para avançar na compreensão do objeto e desenvolvimento da análise nos capítulos a seguir.

4.1 CONVERGÊNCIA TECNOLÓGICA E MIDIÁTICA

Considera-se, nesta pesquisa, assim como em Pieniz (2013, p. 41), que a mediação da tecnicidade diz respeito à “[...] capacidade de inovação dos formatos industriais e das formas de receber mensagens midiáticas”. Mas, como já apresentado a partir da visão de Martín-Barbero (2009), ela está menos vinculada aos aparatos do que aos operadores perceptivos e discursivos, em um novo cenário permeado pelas redes de comunicação e a conexão de diferentes meios. Nesse sentido, a convergência tecnológica pode ser entendida “[...] como o estado material da tecnicidade hoje” (PIENIZ, 2013, p. 43). É esse cenário que dá suporte à convergência das mídias e, em decorrência, à atualização de papéis, entre os quais, o do telejornal e o de seus telespectadores.

O fenômeno da convergência é estudado desde a década de 1970 sob diferentes perspectivas. Mas é a partir da obra *The Technologies of Freedom* (1983), de Ithiel Sola Pool, cientista político do MIT, que o termo foi delineado e começou a ser popularizado, ainda com uma visão de convergência como poder de transformação dentro das indústrias midiáticas

(JENKINS, 2009). É nos anos 1990, contudo, que a matriz digital passa a ser predominante e, com isso, tem-se “[...] a expansão das conexões em rede, dos computadores, do surgimento da *web*, das melhorias nas infraestruturas de acesso, até a atual fase da ubiquidade das tecnologias e das redes e dispositivos móveis” (CAJAZEIRA, 2014, p. 235). O conceito de convergência é, então, retomado por Henry Jenkins (2009) que classifica, na contemporaneidade, a cultura como convergente, uma vez que não considera esse apenas um processo do âmbito da tecnologia, ou seja, um movimento no sentido de unir múltiplas funções em um único aparelho. “Em vez disso, a convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos” (JENKINS, 2009, p. 29). É por isso que ele defende que

[...] a convergência ocorre dentro dos cérebros de consumidores individuais e em suas interações sociais com outros. Cada um de nós constrói a própria mitologia pessoal, a partir de pedaços e fragmentos de informações extraídos do fluxo midiático e transformados em recursos através dos quais compreendemos nossa vida cotidiana. (JENKINS, 2009, p. 30).

Uma conceituação que rompe com o que se entendia até então por revolução digital, ou seja, que as mídias antigas seriam substituídas pelas novas e que essas ainda estariam restritas a um único aparelho, a uma única caixa preta. Ao contrário, a convergência pressupõe interações cada vez mais complexas entre novas e velhas mídias.

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica. A convergência altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. A convergência altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento. Lembrem-se disso: a convergência refere-se a um processo, não a um ponto final. Não haverá uma caixa preta que controlará o fluxo midiático para dentro de nossas casas. Graças à proliferação de canais e à portabilidade das novas tecnologias de informática e telecomunicações, estamos entrando numa era em que haverá mídias em todos os lugares. A convergência não é algo que vai acontecer um dia, quando tivermos banda larga suficiente ou quando descobirmos a configuração correta dos aparelhos. Prontos ou não, já estamos vivendo numa cultura da convergência. (JENKINS, 2009, p. 43).

O autor cita, inclusive, os celulares não só como aparelhos de telecomunicação, mas como plataforma móvel de acesso a informações e também de compartilhamento de textos e imagens. Ações que ganharam uma projeção ainda maior a partir dos sites de redes sociais que, como será apresentado adiante, possuem características que possibilitam a imediata conexão a redes de familiares e amigos e o compartilhamento instantâneo de conteúdo. Em obra mais

recente, *Cultura da Conexão* (2014), como o próprio nome adianta, o autor ressalta o papel dessa conexão em rede e o incentivo ao compartilhamento, ou no termo por ele adotado, à propagabilidade de diferentes materiais. Para Jenkins (2014, p. 23), está claro que “[...] se algo não se propaga, está morto”. A propagação em nada se assemelha à tradicional forma de distribuição e de medição de audiência usada, por exemplo, por mídias tradicionais como a televisão. É uma nova forma de promover a circulação de conteúdo, em que produtores e consumidores se misturam e o espalhamento ocorre de forma menos controlável e organizada.

A “propagabilidade” se refere aos recursos técnicos que tornam mais fácil a circulação de algum tipo de conteúdo em comparação com outros, às estruturas econômicas que sustentam ou restringem a circulação, aos atributos de um texto de mídia que podem despertar a motivação de uma comunidade para compartilhar material e às redes sociais que ligam as pessoas por meio da troca de bytes significativos. (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 26-27).

O ato de compartilhar é, portanto, um ato comunicativo. E, por esse motivo, exige muito mais do que infraestrutura tecnológica. Tanto que os autores afirmam partir de uma abordagem de propagabilidade que

[...] não supõe que as novas plataformas liberem as pessoas de velhas limitações, mas, em vez disso, sugere que as facilidades da mídia digital funcionam como catalisadoras para a reconceituação de outros aspectos da cultura, exigindo que sejam repensadas as relações sociais, que imaginemos de outro modo a participação cultural e política, que as expectativas econômicas sejam revistas e que se reconfigurem as estruturas legais. (JENKINS; FORD; GREEN, 2014, p. 25).

É nesse sentido que se estabelecem novas relações com o mercado e o público.

A convergência exige que as empresas midiáticas repensem antigas suposições sobre o que significa consumir mídias, suposições que moldam tanto decisões de programação quanto de marketing. Se os antigos consumidores eram tidos como passivos, os novos consumidores são ativos. Se os antigos consumidores eram previsíveis e ficavam onde mandavam que ficassem, os novos consumidores são migratórios, demonstrando uma declinante lealdade a redes ou a meios de comunicação. Se os antigos consumidores eram indivíduos isolados, os novos consumidores são mais conectados socialmente. Se o trabalho de consumidores de mídia já foi silencioso e invisível, os novos consumidores são agora barulhentos e públicos. Os produtores de mídia estão reagindo a esses recém-poderosos consumidores de formas contraditórias, às vezes encorajando a mudança, outras vezes resistindo ao que consideram um comportamento renegado. E os consumidores, por sua vez, estão perplexos com o que interpretam como sinais confusos sobre a quantidade e o tipo de participação que podem desfrutar. (JENKINS, 2009, p. 47).

A televisão e, em decorrência, seu gêneros e formatos, estão inseridos nesse contexto de transição e de convergência midiática. Porém, ainda não existem definições (e não há certeza de que um dia existirão) de como deve ser o processo de produção para atender a essas mudanças. Isso porque tanto pesquisadores quanto profissionais ainda estão buscando formas de trabalhar com mídias convergentes e oferecer diferentes possibilidades de interação.

4.2 O QUE MUDA NA COMUNICAÇÃO?

Diante do contexto apresentado, autores como Castells (2013) defendem que, pela primeira vez, tem-se um processo comunicacional de muitos para muitos, que quebra as barreiras de tempo e espaço e se torna global. Quem domina a tecnologia e está integrado em rede detém o poder na sociedade. Mas, para existir, o poder não é apenas exercido, precisa ser legitimado. Por isso, o autor chega à conclusão de que o poder da sociedade em rede é o poder da comunicação: “[...] a forma como as pessoas pensam determina o destino de instituições, normas e valores sobre os quais a sociedade é organizada” (CASTELLS, 2013, p. 14). Sendo assim, a luta pelo poder é também uma batalha pela construção do significado na mente das pessoas. E é aí que entra o papel da comunicação²⁷.

Os seres humanos criam significado interagindo com seu ambiente natural e social, conectando suas redes neurais com as redes da natureza e com as redes sociais. A constituição de redes é operada pelo ato da comunicação. Comunicação é o processo de compartilhar significado pela troca de informações. Para a sociedade em geral, a principal fonte da produção social de significado é o processo da comunicação socializada. Esta existe no domínio público, para além da comunicação interpessoal. (CASTELLS, 2013, p. 15).

A questão central, segundo o autor, é que essas mudanças próprias da nova configuração da sociedade contemporânea estão alterando até mesmo esses mecanismos de dominação. A contínua transformação das tecnologias da comunicação tem ampliado o alcance dos cidadãos aos diferentes meios e em todos os âmbitos da vida social, numa rede ao mesmo tempo global e local, genérica e personalizada. “A mudança do ambiente comunicacional afeta diretamente as normas de construção de significado e, portanto, a produção de relações de poder”

²⁷ Apesar de *Redes de indignação e esperança* (2013) ser utilizado neste trabalho como a principal referência, é sabido que o autor desenvolve toda uma teoria fundamentada sobre poder e expõe pela primeira vez o conceito de autocomunicação de massa no livro *Communication Power* (2009), que também é citado neste capítulo.

(CASTELLS, 2013, p. 11). É a autocomunicação de massa, na conceituação de Castells, uma nova forma de se comunicar surgida com a internet. O termo comunicação de massa se justifica porque é um processo que chega a uma audiência global. Ao mesmo tempo, define-se como autocomunicação porque é uma mesma pessoa que gera a mensagem, define os possíveis receptores e seleciona mensagens e conteúdos da rede que deseja recuperar. “As três formas de comunicação (interpessoal, comunicação de massa e autocomunicação de massa) coexistem, interatuam e, mais do que se substituírem, se complementam” (CASTELLS, 2009, p. 88, tradução livre).

Na visão do autor, a autocomunicação de massa, portanto, fornece as condições para que o indivíduo construa sua autonomia em relação às diversas instituições da sociedade. E justifica ser por conta dessa capacidade de empoderamento que governo e empresas privadas mantêm uma relação de amor e ódio com a rede. Ao mesmo tempo em que dela necessitam para construir imaginários, legitimar o poder e obter lucros, buscam a todo custo limitar o potencial de liberdade que ela oferece aos indivíduos, estejam eles organizados de forma coletiva ou não. “As redes de poder o exercem sobretudo influenciando a mente humana (mas não apenas) mediante as redes multimídia de comunicação de massa. Assim, as redes de comunicação são fontes decisivas de construção do poder” (CASTELLS, 2013, p. 16). Portanto, o fenômeno da autocomunicação de massa é, para Castells, uma resposta ao controle dos meios de comunicação por parte do governo e das empresas de mídia. A autonomia passa a ser construída a partir das redes da internet e das plataformas de comunicação sem fio.

É essa autonomia gerada por uma independência em relação aos veículos tradicionais de comunicação em massa que Castells preconiza.

Envolvendo-se na produção de mensagens nos meios de comunicação de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da era da informação tornam-se capazes de inventar novos programas para suas vidas com as matérias-primas de seus sofrimentos, suas lágrimas, seus sonhos e esperanças. Elaboram seus projetos compartilhando sua experiência. Subvertem a prática da comunicação tal como usualmente se dá, ocupando o veículo e criando a mensagem. Superam a impotência de seu desespero solitário colocando em rede seu desejo. Lutam contra os poderes constituídos identificando as redes que os constituem (CASTELLS, 2013, p. 14).

Com uma visão menos centrada na técnica, Dominique Wolton (2003), por exemplo, defende a comunicação justamente como um produto resultante de três elementos: o técnico, o cultural e o social. Para ele, as novas tecnologias constituem apenas uma inovação na técnica. Isso porque

Por enquanto, as novas tecnologias, como de resto as mídias de massa, remetem à mesma sociedade, a sociedade individualista de massa, com vocações particulares de umas e de outras: as novas tecnologias apresentam a vantagem de corresponderem plenamente à lógica individualista dominante de nossa sociedade; as mídias de massa por sua vez estão em sintonia com a outra problemática, a do grande público e da democracia de massa. [...] Claramente, isto significa que as novas tecnologias não são por enquanto nem a condição, nem a vanguarda da comunicação do futuro. Elas são o outro lado da moeda, o complemento das mídias de massa em relação ao modelo da sociedade individualista de massa. (WOLTON, 2003, p. 188-189).

O que o autor questiona, portanto, não é o surgimento das novas tecnologias, mas nas palavras dele, o “[...] falso discurso segundo o qual elas são o futuro” (WOLTON, 2003, p. 189-190). Por isso a necessidade de compreender que novas e velhas mídias são complementares e cada uma valoriza dimensões específicas da atual “sociedade individualista de massa”²⁸. Por isso, as novas tecnologias não seriam capazes de modificar nem a organização social nem o modelo cultural da comunicação.

Quando questionado em entrevista ao periódico *Sessões do Imaginário* especificamente sobre as redes sociais na internet, se existiria comunicação ou se esses seriam espaços apenas de circulação de informações, Wolton (2014, p. 5) afirmou que há, sim, comunicação, mas que ela seria limitada: “Ela é muito útil, claro, mas eu devo dizer que é uma comunicação restrita a grupos de interesses, para encontrar a heterogeneidade da sociedade é preciso sair das redes sociais”. E mais uma vez defendeu a necessidade de integração das redes sociais com a mídia tradicional.

Eu penso que as pessoas gostam das redes sociais para se encontrar entre si. Claro, por mais que possam se encontrar com o diferente, eu acredito que existe uma dualidade entre as redes sociais – que são rápidas, ágeis e interativas – e a mídia de massa – que ainda se mantém à escola da alteridade. Então, eu vejo que uma coexistência dessas duas formas funciona bem e que não é verdade que as pessoas que estão nas redes sociais possam dispensar os jornais, os livros e a televisão. Precisamos desses dois modelos, de uma aproximação de ambos. (WOLTON, 2014, p. 6).

O autor também reconheceu a existência de laços sociais a partir das redes sociais na internet. Mas, novamente, deixou claro que essa abertura ofertada pelas plataformas precisa ser

²⁸ Segundo Wolton (1996, p. 124), a sociedade individualista de massa é “caracterizada simultaneamente por essa dupla valorização da liberdade individual e da busca de uma coesão social”.

complementada pelas mídias que ofertam conteúdo de forma democrática, isto é, de maneira a contemplar a diversidade.

[...] está claro que as redes sociais também geram laços sociais, mas onde elas os geram? Dentro de um limite, dentro do senso de que o protagonista possui a mesma cultura daquilo que procura. Como o princípio das ligações sociais nas redes sociais são as semelhanças, mesmo que essa semelhança se abra, ela delimita. É por isso que a abertura nas redes sociais é boa, é necessária, é útil, mas necessita da complementação da mídia que eu chamo de “mídia de oferta”, [em oposição à mídia baseada na busca] dos impressos, da televisão, do rádio. Precisamos desses dois modelos. (WOLTON, 2014, p. 6).

Entre outras críticas que Wolton apresenta ao longo do livro *Internet, e depois?* (2003), cabe ainda destacar, para este trabalho, o questionamento no que diz respeito ao fascínio que se acentua à medida em que as ferramentas têm suas performances melhoradas. E, a partir dessa fascinação, a confusão que se estabelece em relação aos conteúdos. O autor traça como exemplo a integração entre serviços de informática, telecomunicações e o audiovisual. A integração técnica que antes era impensável, tornou-se possível. E traz junto dela a pressuposição de que a integração também se daria nos conteúdos, de tal forma que a técnica seria responsável por acabar com qualquer diferença. O autor esclarece, no entanto, que a situação é exatamente o contrário.

Quanto mais as técnicas permitem alinhar tudo, mais o que é interessante de se compreender diz respeito ao que continua distinguindo as diferentes atividades de comunicação. Quanto mais as técnicas são performáticas, mais os conteúdos subsistem complexos e misteriosos. Eles são verdadeiras fronteiras para a comunicação. (WOLTON, 2003, p. 203).

É inegável, portanto, que a convergência midiática favorecida pela digitalização e pela conexão em rede mudou práticas de produção, circulação e consumo de conteúdos. Em especial a partir da possibilidade de compartilhamento de textos, sons e imagens, como apontado por Jenkins (2014), a partir dos sites de redes sociais. Isso não torna menos importante o papel cultural e social da televisão como mídia generalista e do telejornalismo na sociedade brasileira (Wolton, 1996), como foi demonstrado. Ao contrário, é dessa complementaridade que surgem importantes fenômenos a serem desvendados, como o vivenciado pelo objeto desta pesquisa. Que necessita ser investigado a partir desse olhar ampliado. Um passo significativo nesse sentido é compreender a configuração dessas novas mídias e as práticas que elas suscitam.

4.3 REDES SOCIAIS E SITES DE REDES SOCIAIS

É fundamental compreender que o conceito de redes é anterior às redes sociais. Ou seja, essas são um tipo possível de rede dentre outros tantos existentes em diferentes áreas, da matemática à biologia, passando até mesmo pelas artes. O estudo da sociedade a partir do conceito de rede tem início ainda no século XX e rompeu com o paradigma vigente até então.

Durante todos os séculos anteriores, uma parte significativa dos cientistas preocupou-se em dissecar os fenômenos, estudando cada uma de suas partes detalhadamente, na tentativa de compreender o todo, paradigma frequentemente referenciado como analítico-cartesiano. A partir do século passado, no entanto, começam a despontar estudos diferentes, que trazem o foco para o fenômeno constituído das interações entre as partes. (RECUERO, 2014, p. 17).

As redes sociais, nas palavras da autora, são metáforas para a estrutura dos agrupamentos sociais e se constituem a partir das relações entre os indivíduos. Por isso são fundamentais na estruturação da sociedade. “São, assim, uma forma de olhar os grupos sociais, onde se percebem as relações e os laços sociais como conexões e os indivíduos como atores que estão unidos por essas conexões, formando o tecido social” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 23).

Com o advento das tecnologias digitais e da conexão pela internet, tornou-se possível a comunicação mediada pelo computador. E, a partir dela, a configuração das redes sociais na internet, que nada mais são do que a transposição das redes sociais dos espaços off-line para o on-line (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015). Estudar as redes sociais na internet passa pela identificação de como as estruturas sociais surgem, como se compõem na mediação pelo computador e o que isso traz em fluxo de conteúdos e trocas sociais (RECUERO, 2014). Por isso, os elementos das redes sociais acima descritos são transpostos para a internet, mas, no espaço on-line, possuem características e ganham contornos específicos.

O primeiro grande elemento de uma rede social são os atores representados pelos nós da rede. Ou seja, são as pessoas diretamente envolvidas na composição da rede e responsáveis por delinear as estruturas sociais a partir da interação. No entanto, esses atores são concebidos de forma diferenciada quando se fala em redes sociais na internet.

Por causa do distanciamento entre os envolvidos na interação social, principal característica da comunicação mediada por computador, os atores não são imediatamente discerníveis. Assim, neste caso, trabalha-se com representações dos atores sociais, ou com construções identitárias do

ciberespaço. Um ator pode ser representado por um *weblog*, por um *photolog*, por um *twitter* ou mesmo por um perfil no Orkut. E mesmo assim essas ferramentas podem apresentar um único nó (como um *weblog*, por exemplo), que é mantido por vários atores (um grupo de autores do mesmo *blog* coletivo) (RECUERO, 2014, p. 25, grifo da autora).

Na internet, tem-se, portanto, representações dos atores sociais, espaços de interação e lugares de fala que são formados justamente para apresentar a personalidade ou a individualidade do ator social. E eles precisam ser construídos e reconstruídos permanentemente para que haja “[...] uma presença do ‘eu’ no ciberespaço, um espaço privado e, ao mesmo tempo, público. Essa individualização dessa expressão, de alguém ‘que fala’ através desse espaço, é que permite que as redes sociais sejam expressas na Internet” (RECUERO, 2014, p. 27).

É apenas por meio dessa visibilidade no ciberespaço que se constitui a sociabilidade mediada pelo computador. Por isso, para compreender as conexões entre os atores é fundamental, antes de tudo, identificar como são construídos os espaços de expressão. E, ainda, considerar que, uma vez que não se tem o mesmo nível de informações de uma conversa face a face, a forma de expressão por meio das palavras também compõe as percepções em relação aos atores sociais.

É preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia na informação geralmente anônima do ciberespaço. Esse requisito é fundamental para que a comunicação possa ser estruturada. Essas questões são importantes porque trazem a necessidade de que o ator, que se expressa através da comunicação mediada pelo computador, seja individualizado e percebido de modo a proporcionar as pistas necessárias para a interação social. (RECUERO, 2014, p. 27).

É a partir da interação social entre os atores, que representa sempre um processo comunicacional, que se formam os laços sociais e, a partir deles, constituem-se as conexões de uma rede social na internet. “Estudar a interação social compreende, deste modo, estudar a comunicação entre os atores. Estudar as relações entre suas trocas de mensagens e o sentido das mesmas, estudar como as trocas sociais dependem, essencialmente, das trocas comunicativas” (RECUERO, 2014, p. 31). Como o ciberespaço apresenta particularidades no que diz respeito às ferramentas de comunicação, essa interação pode se dar de forma síncrona, em tempo real, ou assíncrona, em que há uma diferença entre o tempo da emissão e o da resposta. E são ambas responsáveis pelo estabelecimento dos laços sociais. Esses, por sua vez, podem ser fortes ou fracos dependendo da qualidade das interações e das trocas estabelecidas. E são essas trocas

que dão origem ao capital social, ou seja, “[...] um *conjunto de recursos* de um determinado grupo (recursos variados e dependentes de sua função, como afirma Coleman) que pode ser usufruído por todos os membros do grupo, ainda que apropriado individualmente, e que está baseado na reciprocidade (de acordo com Putnam)” (RECUERO, 2014, p. 50, grifo da autora). Refere-se, portanto, a um valor formado a partir das interações entre atores sociais. E estudá-lo só é possível graças as particularidades que as redes sociais na internet oferecem.

Primeiramente, porque as conversações e as trocas sociais deixam rastros on-line. Esses “rastros” são publicados, arquivados, portanto, são recuperáveis e buscáveis. Segundo, porque a própria representação do grupo social no ciberespaço altera o grupo em si. Essas redes são representadas, principalmente, através dos sites de rede social e de outras ferramentas que permitiram sua apropriação desse modo. As redes representadas nessas ferramentas, assim, sofrem menos com a temporalidade das relações off-line. Elas não têm, por exemplo, seus laços desgastados pela falta de contato. Constituem-se em redes mais estáveis e, com isso, mais complexas, maiores, compreendendo uma pluralidade de relações mais amplas que aquela das redes off-line. (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 23).

Fica claro a partir desse delineamento dos autores que redes sociais e sites de redes sociais são conceitos completamente diferentes, ainda que, popularmente, sejam usados como sinônimos. Justamente por não ser a rede social em si, o site, enquanto suporte, pode ser apropriado de diferentes formas pelos grupos sociais. E das diferentes negociações e formas de interação decorrem efeitos variados.

Um site de rede social é uma plataforma de comunicação em rede na qual os participantes 1) possuem perfis de identificação única que consistem em conteúdos produzidos pelo usuário, conteúdos fornecidos por outros usuários, e/ou dados fornecidos pelo sistema; 2) podem articular publicamente conexões que podem ser vistas e cruzadas por outros; e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com fluxos de conteúdo gerado por usuários fornecidos por suas conexões no site. (ELLISON; BOYD, 2013, p. 158 citado por RECUERO; ZAGO; BASTOS, 2015, p. 26).

Atualmente, segundo Recuero, Zago e Bastos (2015), o foco nos sites de redes sociais está nos fluxos de conteúdos estabelecidos. Isso significa que, mais do que informações de perfis e de conexões, os usuários estão interessados no tipo de conteúdo que surge a partir das atualizações deles. Uma condição que depende também da forma como a rede foi construída. Cada usuário tem uma experiência única no site de rede social, a partir das preferências e da atuação nesse espaço. Situação que em nada se compara, por exemplo, ao fluxo televisivo, em que todos os telespectadores recebem o mesmo tipo de conteúdo. Daí a observação de Wolton

(2014) de que, mesmo havendo comunicação nos sites de redes sociais, ela é mais restrita, mais limitada, uma vez que depende das conexões estabelecidas, da demanda por um determinado tipo de conteúdo.

Mas nem sempre foi assim. Os sites de redes sociais passaram por um processo de transformação que Santaella e Lemos (2010) caracterizam como a passagem de uma interação monomodal à multimodal. Antes de apresentar essa discussão, cabe ressaltar que as autoras não fazem distinção entre os termos sites de redes sociais e redes sociais na internet, ao contrário do que preconizam as pesquisas de Recuero. E, assim, optam por utilizar redes sociais na internet mesmo nos momentos em referência aos sites. Ainda assim, julgou-se interessante o processo evolutivo traçado pelas pesquisadoras, por isso ele é abordado.

Santaella e Lemos (2010) recordam que, ao longo da década de 1990, o tipo característico de navegação era unidirecional, de um ponto a outro. Outra característica dessa lógica monomodal de navegação dizia respeito à temporalidade: a navegação tinha um início e um fim. Assim, os primeiros sites de redes sociais (redes sociais, para as autoras) que surgiram, denominados 1.0, possibilitaram pela primeira vez a interação em tempo real entre os usuários. São exemplos o ICQ e o MSN. Após um pequeno salto evolutivo, os sites de redes sociais 2.0 passaram a oferecer todas as possibilidades de comunicação: “[...] comentários, *chats*, mensagens de membro para membro, quadro coletivo de recados, repositório coletivo de documentos, mensagens coletivas, indexações personalizadas” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 58), como era o caso do Orkut e do MySpace. Esses sites representaram uma importante transição para a interação multimodal, o diferencial dos sites 3.0. Neles encontra-se: “[...] integração com múltiplas redes, plataformas e funcionalidades através do uso de aplicativos e de mídias móveis” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 59). É a total inversão da lógica operada nos anos 1990 no que diz respeito à estrutura da interface e à temporalidade.

Antes de tudo, a estrutura da interface muda ao se tornar embutida em dispositivos móveis, *geotags*, rastreamento espacial em tempo real e *lifestreaming* (fluxo da vida). [...] O acesso *wireless* dessa nova década é nômade e mutante. Também são mutantes as suas vias de acesso: através de aplicativos é possível se conectar a várias plataformas ao mesmo tempo. Existem tantas vias de acesso quantas vias de integração entre as diversas redes. Em outras palavras: conexão imediata entre redes sociais, não importa qual seja a porta de acesso. Informações pessoais privadas trafegam livremente entre os diversos repositórios, indo parar em bases de dados gigantes que analisam gostos e preferências individuais para inúmeros fins: governamentais, gerenciais, estatísticos, publicitários, estratégicos. A estrutura da interface muda não apenas a partir do entrelaçamento móvel dos aplicativos e redes, mas principalmente pelo entrelaçamento entre coleta de

dados pessoais em tempo real e análise estatística via inteligência artificial *always on*. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 59, grifo das autoras).

Ainda segundo as autoras, foi nesse processo de redimensionamento das interfaces para dispositivos móveis, entre eles os celulares, e a consequente redução de espaço de tela que fez com que surgissem o microblogging como nova forma de comunicação em rede. Assim,

O Twitter nasce como uma resposta ao desafio da mobilidade, desenvolvendo funcionalidades aptas a promover eficientemente a interatividade móvel. A intenção inicial não podia prever como um pequeno avanço na interface tecnológica iria trazer uma completa mudança de linguagem, mas foi isso que aconteceu. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 61).

Nesse contexto, optou-se justamente pelo site de rede social Twitter como objeto de análise. Além das características já apresentadas, concernentes aos sites de redes sociais da última geração, Santaella e Lemos (2010) destacam outras duas que vão ao encontro das discussões e objetivos levantados por esta pesquisa: o Twitter possui características que o diferenciam dos demais sites, entre elas o compartilhamento instantâneo e viral de determinados conteúdos para todo o mundo e a conectividade *always on*, o que implica em uma dinâmica contínua e coletiva de atualização dos conteúdos, em um fluxo vivo e em constante movimento. O próximo tópico destina-se a detalhar essas características bem como outras potencialidades da plataforma.

4.3.1 Twitter: um site de rede social singular

O Twitter foi fundado em 2006, nos Estados Unidos, e se configura como uma plataforma de *microblogging*. Ou seja, tem como principal característica possibilitar a postagem de mensagens limitadas a 280 caracteres²⁹ em tempo real e a assinatura das atualizações dos demais perfis. Por essa característica, foi classificado diversas vezes como o “SMS da internet”. E são justamente as dinâmicas envolvendo a plataforma que tornam esse site de rede social tão peculiar. O Twitter pode ser descrito como

[...] uma mídia social que, unindo a mobilidade do acesso à temporalidade *always on* das RSIs 3.0, possibilita o entrelaçamento de fluxos informacionais e o *design* colaborativo de ideias em tempo real, modificando e acelerando os processos globais da mente coletiva. O que é o Twitter? Uma verdadeira ágora digital global: universidade, clube de entretenimento, “termômetro” social e

²⁹ Eram 140 até 07 de novembro de 2017, data em que a empresa dobrou o limite de caracteres.

político, instrumento de resistência civil, palco cultural, arena de conversações contínuas. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 66).

Duas dessas características, que tornam única a experiência de uso da plataforma, são bastante caras a esta pesquisa: a função de termômetro social e arena de conversações contínuas. Elas só são possíveis porque o Twitter oferece um espaço colaborativo e livre para se discutir questões de ordens diversas. A programação televisiva e o conteúdo veiculado nos programas são só algumas dessas questões que vêm ganhando cada vez mais espaço no *microblogging*.

Ainda que seja identificado como uma mídia social móvel, o Twitter pode ser facilmente diferenciado dos demais sites de redes sociais na internet. E o primeiro ponto é o foco da interação. Enquanto plataformas como o Facebook estão centradas na interação pessoal dos usuários, ou seja, em redes de relacionamentos familiares, de amigos ou de colegas do trabalho, o Twitter prioriza a qualidade e o tipo de conteúdo compartilhado em um perfil específico (SANTAELLA; LEMOS, 2010). Ao responder à pergunta “No que você está pensando agora”, a plataforma ainda faz com que “[...] cada fluxo se torne literalmente um fluxo de dimensões cognitivas, em que sinapses trafegam em tempo real, ativando tramas complexas de redes neurais digitais que integram impulsos maquínicos a consciências” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 67).

Da mesma forma, são também complexas as estratégias de sociabilidade para se extrair o máximo da plataforma. E já começa pela inserção no Twitter: esse não é um processo simples nem imediato. Diferentemente de outras redes, as listas de contatos pessoais são apenas a porta de entrada, não garantem o tipo de relação que será estabelecido com a rede. Isso ocorre porque o objetivo do Twitter é reunir em um fluxo outros tantos provenientes de diferentes canais que possam ser de interesse do usuário, “[...] ao mesmo tempo em que a postagem de conteúdo feita pelo usuário irá determinar o fluxo e a natureza de seus novos seguidores” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 68). Isso significa que a experiência de uma determinada pessoa com o Twitter vai depender de como ela deseja se inserir e do tipo de experiência que deseja manter. “A natureza *always on* da conexão através do Twitter transforma a dinâmica tradicional de *input vs. output* (que remete à ideia de transmissões pontuais de conteúdo) em um entrelaçamento informacional contínuo entre *inflow* e *outflow*” (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 73, grifo das autoras). O *inflow* é todo o conteúdo informacional que chega a um usuário a partir dos perfis que ele segue. É o fluxo interno alimentado pelas assinaturas de canais de informação. Como cada pessoa tem preferências e interesses individuais, cada *inflow* acaba sendo único. Já o *outflow* é todo conteúdo informacional liberado, ou postado, pelo usuário por meio do Twitter.

Podem ser conteúdos originais, uma indicação de conteúdo acompanhada de link, um *retweet* (compartilhamento) a partir do *inflow* e até conversas em tempo real. Muito diferente do que se tinha até então com os blogs, por exemplo. O Twitter é, portanto, um ambiente relacional, que contempla, acima de tudo, menções de caráter pessoal. Razão pela qual até os grandes veículos de comunicação exibem o que Santaella e Lemos (2010) chamam de “comportamentos sociais em tempo real”, por meio de retweets de pessoas comuns e comentários em postagens variadas.

Assim, quando pensar em uma estratégia de conteúdo para seu *outflow*, o usuário deve lembrar que o *outflow* não é um canal estático e unidirecional, mas sim que cada novo *tweet* penetra em um fluxo vivo, em contínuo movimento, que se renova em tempo real. É também importante ter em mente que as respostas ao conteúdo postado também ocorrem em tempo real, e conversações surgem a todo instante, exigindo do usuário níveis complexos de atenção compartilhada entre os diversos fluxos informacionais. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 78).

Cada usuário pode ser considerado um “microcanal emissor de comunicação” e, por conta dessa característica, torna-se necessário pensar no estilo, no objetivo, na frequência e a quem se destinam as informações veiculadas por intermédio dos perfis nessa rede de *microblogging*. Sem contar que, a essas características, ainda se adicionam a mobilidade, a integração e, principalmente, a temporalidade: a conexão a qualquer tempo. É esse conjunto que torna possível a evolução do *microblogging* enquanto “linguagem específica” (SANTAELLA; LEMOS, 2010).

Em suma, o Twitter é uma mídia social de interação complexa, que requer três níveis simultâneos de ação inteligente: inteligência estratégica na inserção e sociabilidade em rede; inteligência cognitiva no gerenciamento da atenção e entrelaçamento de fluxos informacionais; e inteligência criativa no microdesign de conteúdos que determinam o estilo de um *outflow*. A inteligência coletiva no Twitter é híbrida, pois envolve a seleção de fluxos informacionais internos e externos, atuando em uníssono com os dispositivos de inteligência artificial. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 86).

É por isso que essa mídia é capaz de engajar membros em torno de uma ideia, mapear o entendimento coletivo em torno de um determinado assunto e até identificar tendências e lideranças. Situações que exigem, segundo Santaella e Lemos (2010) habilidades cognitivas específicas para um uso inteligente, entre elas o gerenciamento da atenção e uma presença mental alerta aos movimentos da rede. Há que se considerar, portanto, que em razão de suas

características e funcionalidades, o Twitter é o “precursor de um modelo interativo inédito”, ou seja, ele promove uma ruptura com o que se tinha até então de navegação no ciberespaço.

O Twitter mistura [...] autopublicação e rede social –, criando um híbrido que absorve outras tendências da primeira década deste século. É uma rede social, sim, mas também é uma enorme conversa online em que pessoas, marcas e instituições conversam simultaneamente, usando linguagens formal, informal e até mesmo cifrada, criando um enorme mosaico de informação rápida que funciona como um mashup de MSN, SMS, RSS e sala de bate-papo. E, diferente das redes sociais antes dele, o Twitter permite que você siga apenas quem você quiser – e não necessariamente quem também te segue. A grande mudança, no entanto, não diz respeito à interface, mas a uma noção nova de um jargão que ficou banalizado desde a popularização da web, nos anos 90 – o chamado “tempo real”. O Twitter não apenas se organiza por fatos e opiniões que acontecem neste exato momento. Ele também amplia o tempo do “agora” para uma escala quase pessoal – e não tão rígida quanto uma transmissão ao vivo de TV. Uma entrevista, uma notícia, uma campanha publicitária – tudo pode ser assimilado sem pressa, de acordo com a velocidade de cada usuário. (MATIAS, 2009).

Há uma mudança significativa do que se tinha até então de interação entre homem e máquina para uma sociabilidade em rede: “[...] é uma forma de sociabilidade que é efêmera, contudo intensa; informacional e tecnológica, combinando trabalho e lazer; solta e genérica, e emerge em um contexto de individualização” (WITTEL, 2001, p. 51 citado por SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 91). E em nenhuma outra plataforma essas características são tão evidentes quanto no Twitter.

Mais uma vez pode-se perceber como os processos tradicionais das mídias digitais – busca, captura e compartilhamento de informações através de fluxos informacionais acessíveis a partir da navegação e do *browsing* – passam a ser modificados pelas RSIs: passamos a selecionar, interferir e criar nosso próprio *design* no entrelaçamento dos fluxos informacionais que nos chegam através de canais que fazem, por sua vez, a busca, a captura e o compartilhamento das informações que nos interessam. Na era das mídias sociais, a ênfase não é mais na informação que nós buscamos, mas sim na informação que recebemos através das nossas conexões sociais. (SANTAELLA; LEMOS, 2010, p. 93).

Uma ruptura de paradigmas que impactou em mudanças estruturais no jornalismo, ou seja, no que se tinha até então configurado enquanto prática social. O que fez com que muitos veículos de comunicação se lançassem a essas novas plataformas na internet para não perder fatias consideráveis de seu público. E a televisão, a partir dos telejornais, não ficou de fora.

4.4 A INFLUÊNCIA DOS SITES DE REDES SOCIAIS NA PRODUÇÃO JORNALÍSTICA TELEVISIVA

As transformações no jornalismo não são recentes. Como foi apresentado no capítulo anterior, a chegada da televisão trouxe significativas mudanças na divulgação de notícias e chegou a colocar em cheque até mesmo a continuidade do rádio e do jornal impresso. Com a internet e, mais recentemente, os sites de redes sociais, não foi diferente. Segundo Siqueira e Vizeu (2014, p. 54), vive-se “[...] o momento da portabilidade, mobilidade e interatividade digital” e o principal impulsionador do processo é o celular. Não é o único, mas é um grande facilitador, uma vez que é capaz de receber, transmitir e armazenar conteúdos diversos, além de fotografar, filmar e enviar mensagens de texto. Permite ao seu portador uma postura mais ativa, que intercala papéis de receptor, transmissor e até de fonte de informação. Foi esse cenário, combinado à queda de audiência nos principais telejornais, que impulsionaram as emissoras brasileiras a um

[...] esforço duplo em busca de agregar o território simbólico da *web* ao do telejornal e, assim, acomodar o telejornal no ciberespaço. Nessa ação comunicativa, o telejornal passou a considerar o telespectador como um cidadão digital, ou seja, com habilidades para acessar o ciberespaço e nele decidir sobre como se informar. Nas emissoras televisivas abertas diárias, os telejornais convidam, remetem e o estimulam a se informar pela *web* como uma forma de ampliar, no ciberespaço, o território de emissão e hegemonia do texto telejornalístico. (RENAULT, 2014, p. 265, grifo da autora).

Com a criação e popularização dos sites de redes sociais, ocorrem mudanças significativas nos âmbitos de produção, distribuição, consumo e feedback das notícias. Segundo Cajazeira (2014, p. 241) “[...] os programas jornalísticos organizam as suas informações através do recurso da imagem do apresentador e da notícia, através da tela, que se endereça diretamente à audiência na interface da plataforma”. Os dois modelos sofreram interferências a partir dos sites de redes sociais. O apresentador de telejornal, por exemplo, tornou-se mais próximo da audiência por meio dos perfis oficiais e pessoais. Teve a sua rotina e os bastidores de seu trabalho tornados públicos. O mesmo se deu em relação aos repórteres que vão a campo. Antes mesmo da reportagem ser exibida, os telespectadores que acompanham esses profissionais por meio de diferentes plataformas já conseguem ter amostras do trabalho que eles desenvolvem. Os telespectadores, que antes só tinham contato com esses profissionais a partir da tela da televisão, passaram a experimentar outro tipo de convivência, com a interação a partir de

comentários e outras ações permitidas a partir das diferentes plataformas, como curtir postagens, comentar e compartilhar.

Assim, além da informalização do apresentador/repórter, da atorização do repórter, também a própria discussão acerca do fazer jornalístico deixa de ser algo rigidamente escondido para se tornar parte do programa. O telespectador passa a vivenciar esse processo produtivo, que é explicitado ao se tornar conteúdo do telejornal, experimentando até mesmo os dilemas concernentes às necessárias decisões e atitudes, por vezes, difíceis que envolvem as práticas jornalísticas. (PICCININ; SGORLA, 2015, p. 288).

Com as notícias, o impacto se deu a partir das facilidades de acesso, produção e compartilhamento de sons e imagens.

A web pela sua rapidez e linha editorial aberta (pois, recebe tudo aparentemente sem filtros) destituiu a televisão do seu papel onipotente de ser o único veículo de comunicação que detinha o poder de **exibir imagens dos acontecimentos do mundo ao vivo e em tempo real de sua ocorrência**. Este novo *status* da *internet* impõe um novo pensar produtivo para o telejornalismo visto que os motivos que levam o telespectador a assistir televisão, a acompanhar os telejornais na televisão estão mudando. (EMERIM, 2015, p. 221, grifo da autora).

Imagens e depoimentos que normalmente não entrariam em um telejornal, por exemplo, pela instantaneidade e dificuldade das equipes em chegar ao local dos fatos, agora são possíveis. Os sites de redes sociais se tornaram fonte para os telejornais e são creditados como tal na exibição das notícias. Postagens feitas nessas plataformas por personalidades representativas da política, da economia, entre outras áreas, são lidas integralmente nos noticiários quando não existe a possibilidade de entrevista. Torna-se, cada vez mais evidente, o monitoramento dos sites de redes sociais pelos profissionais envolvidos com a produção de um noticiário. Há uma busca constante por esse tipo de conteúdo como forma de demonstrar atualidade e até credibilidade em relação aos assuntos mais atuais. Mas o papel do jornalista ainda é fundamental no que diz respeito aos critérios do que segue ou não para a exibição. “É preciso a interferência do jornalista para que as informações e imagens captadas sejam recontextualizadas e transformadas em notícias dentro do telejornal, ganhando assim a credibilidade e o aval emprestados pelo veículo jornalístico e pelo profissional de comunicação” (SIQUEIRA; VIZEU, 2014, p. 57). No que diz respeito ao incentivo dos telespectadores para o contínuo envio de informações, os apresentadores são as principais figuras impulsionadoras.

Vem deles o pedido para essa participação, que não deixa de estar limitada à linha editorial do noticiário, mas ainda assim já é maior que nos últimos anos.

Na distribuição, algumas emissoras entenderam a necessidade não só de replicar o conteúdo de reportagens e outros materiais em seus perfis oficiais nos sites de redes sociais, como também oferecer a transmissão ao vivo do noticiário nessas plataformas. Mas, ainda são restritas as experiências de produção de conteúdos exclusivos para tal. Percebe-se, com isso, que

[...] a narrativa empregada pelos telejornais busca intensificar a relação dos telespectadores com o noticiário em TV e a colaborar com a audiência convergida. Isso porque, mesmo quando se encerra a edição na TV, o público tem a possibilidade de manter-se conectado com o programa, por meio das atualizações das notícias no seu perfil nas Redes Sociais, na Internet. Com isso, fica evidente o intuito das emissoras em manter a ligação continuada com o público por outros canais de comunicação. (CAJAZEIRA, 2014, p. 253).

Essa prática, segundo o autor, não deixa de impor um sistema contínuo de produção e atualização de notícias e, dessa maneira, passa a depender de um telespectador sempre conectado à internet para consumir por meio dos diferentes espaços midiáticos. “Em tese, as emissoras de TV estão fazendo o que sempre fizeram: representando, construindo e rearrumando o cotidiano, mas em melhores condições técnicas e tecnológicas no contexto contemporâneo” (CAJAZEIRA, 2014, p. 254).

O telespectador que utiliza os sites de redes sociais, por sua vez, além de poder participar com o envio de conteúdos e interagir com o telejornal a partir das plataformas e recursos disponíveis, passa a fazer parte de um fragmento da audiência de televisão classificada por Cajazeira (2014) como o público da TV Social. Buscou-se em Fechine (2017) o recorte para o entendimento do conceito de TV Social. A autora parte de definições amplas e chega à formulação de que essa é uma

[...] prática interacional fundada numa conversação em rede e em ato em torno de conteúdos televisivos por meio de plataformas/tecnologias interativas, atreladas a estratégias das indústrias televisiva e/ou de desenvolvimento de softwares, capazes de proporcionar a experiência de assistir junto a algo, a partir de um modo de presença produzido pelo compartilhamento desses conteúdos em uma mesma temporalidade. (FECHINE, 2017, p. 85).

Assim, o que Cajazeira (2014) aponta é um retorno à maneira compartilhada de ver televisão e, em decorrência, os telejornais. Logo que surgiu, a televisão ocupava o espaço central, a sala de estar de uma residência. As trocas em relação ao que se assistia eram feitas no

momento exato e presencial da transmissão. Com o avanço da tecnologia, o barateamento dos aparelhos de televisão e mudanças na rotina de vida das pessoas, esse momento foi se tornando cada vez mais individualizado. Agora, ele é retomado a partir dos sites de redes sociais. Como apontou Fechine (2017) ao delimitar o conceito, a prática da TV Social parte da conversação em rede sobre determinados conteúdos exibidos na TV, entre eles as notícias dos telejornais, a partir de plataformas interativas, em uma mesma temporalidade, ou seja, juntos, no instante da exibição, ainda que a partir de diferentes localidades. Essa possibilidade ampliou a voz do telespectador em relação ao telejornal. Se antes os comentários ficavam restritos a poucos pares que dividiam com ele a transmissão, hoje, não há limites. O compartilhamento de opiniões é irrestrito. Pode chegar a qualquer pessoa que esteja conectada na mesma plataforma, no mesmo momento. E, mais, pode chegar instantaneamente aos produtores do noticiário, algo antes impensado. Tanto que essas trocas a partir dos sites de redes sociais passaram a impactar as transmissões ao vivo, no que diz respeito ao questionamento de determinadas posições adotadas pelos noticiários e até mesmo em relação a erros de informação, como será apresentado a seguir, no capítulo destinado ao objeto de estudo desta pesquisa, o Jornal Nacional. Para Finger e Souza (2012, p. 387), é o “[...] empoderamento do telespectador que pelo que diz leva outros a mudarem de canal e até mesmo a ligar a TV para compreender o que está sendo comentado e discutido”.

Em um cenário de constante e completa reconfiguração,

O desafio do telejornalismo é tornar-se um produto diferenciado dentre os vários formatos informativos que estão disponíveis para o público da atualidade. A produção de conteúdos que valorizem a matéria-prima do jornalismo, a informação, em diferentes suportes, tem sido um desafio para os profissionais da área. Para a televisão, acostumada a emitir seus produtos de forma massiva, na relação de um para todos, a necessidade de se redesenhar é emergente, pois o paradigma em vigência mudou. (SILVA; ROCHA, 2010, p. 212).

O próximo capítulo traça a evolução e as mudanças, principalmente ao longo das últimas décadas, experimentadas pelo Jornal Nacional, o objeto de estudo desta pesquisa. Elas são importantes como forma de estruturar a análise proposta.

PARTE 2 – DA TEORIA À ANÁLISE

5 JORNAL NACIONAL: UM OBJETO EM TRANSFORMAÇÃO

“[...] o telejornalismo representa um *lugar de referência* para os brasileiros muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo”.
(VIZEU; CORREIA, 2008, p. 12)

O Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão, após 49 anos ininterruptos no ar, continua sendo o noticiário mais visto pelos brasileiros³⁰, ainda que os índices de audiência tenham sofrido significativas alterações com o passar das décadas³¹. Uma das razões pelas quais, desde 2015, a emissora vem dando sequência a uma série de reformulações editoriais em uma proposta clara de renovação, dinamismo e aproximação ao telespectador, como já foi feito em edições de telejornais regionais da mesma rede (VARGAS; BARA; COUTINHO, 2012). Juntamente com essas mudanças, foi implementada uma nova abordagem em relação aos sites de redes sociais que, em algumas situações, passaram a ser mencionados ou a ter seus conteúdos exibidos ao vivo no telejornal. Um reflexo dos números que demonstram o consumo de televisão e de internet no país.

Dados da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2016³² mostram que a televisão ainda é o meio de comunicação mais acessado pelos entrevistados e a principal fonte de informação para eles, seguida pela internet na segunda posição. “Quase a metade dos brasileiros (49%) declarou usar a web para obter notícias (primeira e segunda menções), percentual abaixo da TV (89%), mas bem acima do rádio (30%), dos jornais (12%) e das revistas (1%)” (BRASIL, 2016, p. 11). A pesquisa, que tomou como base cerca de quinze mil entrevistas com pessoas de 16 anos ou mais em todo o país, ainda revela que o acesso ao conteúdo da televisão é mais frequente de segunda

³⁰ Os dados são da Pesquisa Brasileira de Mídia de 2014. Os entrevistados foram questionados se tinham o hábito de assistir a um telejornal e qual costumavam assistir mais. O Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão foi apontado por 45% dos entrevistados. Na sequência, veio o Jornal da Record, com 16 pontos. Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/relatorio-final-pesquisa-brasileira-de-midia-2014.pdf/view>. Acesso em: 17 de mai. 2018.

³¹ Uma das médias de audiência mais baixas do Jornal Nacional em dia útil, na região da Grande São Paulo, foi registrada em 23 de março de 2015, uma segunda-feira. O noticiário atingiu apenas 25 pontos, índice equivalente ao obtido em edições de sábado em feriados prolongados. O número também foi significativo porque coincidiu com a estreia da novela Os Dez Mandamentos da Rede Record que, diferentemente, teve um aumento no índice de audiência em todas as praças. Cada ponto do IBOPE corresponde a 67 mil domicílios da Grande São Paulo sintonizados no noticiário. Disponível em: celebridades.uol.com.br/ooops/ultimas-noticias/2015/03/23/ibope-do-jornal-nacional-derrete-e-marca-20-pontos.htm. Acesso em 25 de jun. de 2018.

Outro registro significativo foi em 14 de outubro de 2015. Pela primeira vez, o Jornal Nacional perdeu em audiência para outro programa no Rio de Janeiro: novamente a novela Os Dez Mandamentos, da Rede Record. Dados do IBOPE confirmaram que, entre 20h28 e 21h07 de 14/10/2015, a novela registrou 22,3 pontos contra 20,4 pontos do noticiário. Cada ponto do IBOPE no Rio de Janeiro corresponde a 42,2 mil domicílios. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/pela-primeira-vez-jornal-nacional-e-derrotado-na-audiencia-do-rj>. Acesso em: 25 de jun. de 2018.

³² Disponível em: <http://www.secom.gov.br/atuacao/pesquisa/lista-de-pesquisas-quantitativas-e-qualitativas-de-contratos-atuais/pesquisa-brasileira-de-midia-pbm-2016-1.pdf/view>. Acesso em: 17 de mai. 2018.

a sexta-feira, com um tempo médio superior a 3 horas diárias. E o que mais chama a atenção: como já se sabia, essa não é uma atividade exclusiva. Os telespectadores desempenham diferentes atividades ao mesmo tempo em que estão com a televisão ligada. Porém, essas tarefas estão cada vez mais relacionadas à conexão em rede: 28% dos entrevistados que assistem à televisão o fazem ao mesmo tempo em que usam o celular; 17% enquanto usam a internet e 16% trocando mensagens instantâneas (BRASIL, 2016).

Assim, faz-se necessário investigar como o Jornal Nacional, o telejornal de maior alcance no país, tem se posicionado diante dessa nova realidade que impacta desde a etapa de produção dos conteúdos até a sua transmissão, consumo e compartilhamento. Para isso, é preciso conhecer o percurso que o trouxe até o cenário atual de digitalização e de convergência de plataformas.

5.1 OS BASTIDORES DA CRIAÇÃO DO TELEJORNAL

Antes de avançar, é importante resgatar algumas das características que, como já mencionado, tornam o JN o telejornal de maior abrangência no Brasil. E como elas foram se consolidando ao longo dos anos a ponto de serem confundidas, por muitos telespectadores, com as marcas que caracterizam o subgênero telejornal no Brasil. É o que Gomes (2012) conceitua como estabilidade em fluxo: a representação do que se espera que um telejornal deva ser, mas, ao mesmo tempo, “[...] um produto da cultura e, como tal, contingente e transitório, um produto que se transforma ao longo do tempo e assume novos e diferentes sentidos em distintos momentos históricos brasileiros” (GOMES, 2012, p. 41).

O JN foi ao ar pela primeira vez em 1º de setembro de 1969 e representou, como já citado ao longo deste trabalho, a articulação dos interesses da elite econômica, política e do governo militar da época. Ao inaugurar o sistema de transmissão em rede de micro-ondas no país, ele foi decisivo para dar suporte aos ideais de modernização e de integração nacional do regime ditatorial, ficando submetido à ideologia de segurança nacional e à censura (GOMES, 2010). Segundo a autora, é um momento decisivo, inclusive, para a redefinição da identidade cultural brasileira em termos mercadológicos: “[...] é nacional aquilo que está integrado ao mercado de consumo – inclusive e, sobretudo, mercado de consumo de bens simbólicos” (GOMES, 2010, p. 8). Nesse jogo, enquanto o regime militar controlava a produção de conteúdo, a Rede Globo tinha o apoio de que precisava tanto para o desenvolvimento da infraestrutura quanto para a aprovação de uma legislação que a beneficiasse.

Em razão das restrições da censura, mas também em razão de uma concepção da função da televisão no Brasil, o Jornal Nacional optou por desenvolver-se e consolidar-se através de uma estratégia na qual qualidade e confiabilidade eram resultado do investimento tecnológico da emissora. Esse foi o modo como a TV Globo e seu jornalismo se desenvolveram – à ausência de liberdade de informação contrapôs-se o chamado padrão Globo de qualidade. (GOMES, 2010, p. 8).

Apontada, portanto, como a grande beneficiária do Regime Militar, a emissora, além de ter que estruturar um formato, ou seja, dominar os processos de produção e transmissão de notícias, enfrentou o descrédito de parcela significativa da população brasileira. “Nos primeiros anos de exibição do programa, sua posição na programação da emissora, entre duas novelas, fazia parte da estratégia da Rede Globo, já que a procura por notícias na televisão era reduzida, especialmente pela desconfiança em relação ao telejornalismo no Brasil” (COUTINHO, 2012, p. 68). Assim, o padrão Globo de qualidade foi sendo construído ao longo das décadas que se seguiram às primeiras transmissões do noticiário, a partir do conteúdo produzido e veiculado, das transformações na atuação dos apresentadores e até na configuração do cenário do telejornal. É justamente o noticiário que, segundo Coutinho (2012), vai definitivamente mudar o perfil da emissora e sua relação com o público.

5.2 A ESTRUTURAÇÃO DO FORMATO E DO PADRÃO DE QUALIDADE

Os primeiros apresentadores do JN foram Hilton Gomes e Cid Moreira. Eles não eram jornalistas e ficavam a cargo apenas da locução das notícias. Dois anos depois da estreia, ocorreu a primeira troca de apresentadores. Ronaldo Rosas ocupou a cadeira de Hilton Gomes. Mas, em um ano, já foi substituído por Sérgio Chapelin, também locutor. Ele e Cid Moreira ficaram juntos na bancada do JN até 1983. Depois de um breve intervalo, Chapelin voltou à bancada do JN em 1989 e só saiu junto com Cid Moreira em 1996 (MEMÓRIA GLOBO, 2018).

Nesse período inicial, por conta da restrição das câmeras e lentes, a estrutura de cenário era pequena e bastante simples: bancada e logomarca da Rede Globo ao fundo. Com isso, os enquadramentos eram closes, com os apresentadores enquadrados do peito para cima, ou big closes, apenas o rosto na composição. “Esse modelo de enquadramento em que os rostos enchiam a tela da TV, designado por Mello Silva como ‘cabeças falantes’, que teve início nos primórdios do telejornalismo brasileiro, perdurou pelas décadas seguintes, mais por questões técnicas do que estéticas” (PEREIRA, 2015, p. 302). Predominavam as notas simples e as poucas reportagens ainda eram feitas com filme 16mm. A tecnologia do videoteipe ficava restrita às produções da dramaturgia e do entretenimento.

Figura 4 - Cid Moreira e Hilton Gomes na apresentação do JN na década de 1960



Fonte: site Memória Globo, 2018.

Ainda de acordo com informações da emissora, em 1971 os apresentadores do JN começaram a usar o teleprompter, o equipamento que permitiu a leitura das notícias de uma forma mais natural. E, em 1972, começaram as transmissões em cores. Duas mudanças significativas que vão estabelecer o estilo do telejornal (COUTINHO, 2012). É nessa década também que começaram pequenas mudanças no enquadramento dos apresentadores: o big close foi ficando de lado.

Ou seja, o enquadramento padrão passou a ser o da altura do peito, em alguns momentos um pouco mais fechado e em outros levemente mais abertos. Outra possibilidade que foi explorada foi a de deslocar o locutor do centro do vídeo para um dos cantos, direito ou esquerdo, de modo que a logo do telejornal também participasse da cena. (PEREIRA, 2015, p. 303).

Já nas ruas o trabalho de repórteres e cinegrafistas foi facilitado a partir de 1976, quando a emissora começou a utilizar o ENG, ou Eletronic News Gathering. Câmeras menores e mais leves permitiram outra dinâmica produtiva. Assim, “[...] de olho no monitor, o cinegrafista passou a ter a chance de perceber um erro, na rua, e refazer a tomada. Antes, os equívocos só eram vistos na emissora, depois da revelação” (MEMÓRIA GLOBO, 2018). Isso ampliou a atuação do repórter, que passou a ter mais presença por meio das passagens nas reportagens. Sem contar que as unidades portáteis também eram compostas por transmissores de micro-ondas, que possibilitavam o envio do material do local dos fatos para a emissora.

Mais uma vez, a atenção estava voltada ao formato e à tecnologia, um reforço ao padrão Globo de qualidade. Os jornalistas passaram por treinamento, para adquirir a postura exigida

pela emissora: posição correta de segurar o microfone, impostação da voz, gestos e expressões mínimas. As reportagens tornaram-se mais humanizadas, com a presença de personagens que remetiam a situações e experiências vividas por grande parte dos brasileiros. Também entraram na receita do noticiário, além de reportagens no eixo Rio-São Paulo-Brasília, materiais vindos das afiliadas, de correspondentes internacionais e o incremento das entradas ao vivo. Mas, segundo Silva (1985), o sucesso do telejornal não se dava pela preocupação com o conteúdo, mas sim pela configuração do programa.

Ele [O Jornal Nacional] inaugurou um novo estilo de jornalismo na TV brasileira. Primeiro, por iniciar a era do jornal em rede nacional, até então inédito entre nós. Depois, por consolidar um modelo de timing da informação em que a fragmentação dos fatos em espaços de tempo curtíssimos e a obsessão pelo que ocorre ‘agora’ é tão grande que chega ao ponto de quase eliminar informações de background que ajudariam o espectador a localizar-se e transformar o noticiário numa espécie de telenovela de fatos reais. (SILVA, 1985, p. 38).

A década de 1980 também trouxe mudanças ao cenário do JN. Foi quando teve início a ampliação do enquadramento para o primeiro plano. “Entram em cena a bancada dos telejornais, os braços e mãos dos apresentadores. Além disso, também foi possível que, num mesmo quadro, estivessem os dois apresentadores do telejornal” (PEREIRA, 2015, p. 303). Mas, alterações significativas para o formato e a apresentação do Jornal Nacional estariam reservadas para a década seguinte.

Figura 5 - Cenários das décadas de 1970 e 1980



Fonte: site Memória Globo, 2018.

Em 1996, Cid Moreira e Sérgio Chapelin, como já apontado, deixaram a bancada do JN para que o noticiário passasse a ser apresentado por William Bonner e Lilian Witte Fibe, a primeira mulher a ocupar diariamente e, em definitivo³³, a bancada do noticiário. De acordo com o site de memórias da emissora, “[...] a ideia era mudar o conceito de apresentação do JN, promovendo para a bancada jornalistas envolvidos com a produção de conteúdo. A Globo buscava dar maior credibilidade às notícias e dinamizar as coberturas” (MEMÓRIA GLOBO, 2018)³⁴. Mas, Porto (1999) afirma que essa foi uma estratégia política da emissora. Após coberturas parciais das Diretas Já em 1984, e do favorecimento dos candidatos Fernando Collor de Mello e Fernando Henrique Cardoso nas campanhas presidenciais de 1989 e 1994, respectivamente, a Rede Globo perdeu credibilidade e teve sua imagem associada a uma cobertura governista, com quedas significativas na audiência. Sendo assim, “[...] a substituição de Cid Moreira seria parte de uma nova estratégia política da Globo que teria como objetivo o desenvolvimento de um jornalismo mais ativo e ‘independente’, buscando assim construir uma nova imagem para a emissora” (PORTO, 1999, p. 10). E, segundo o autor, foi um divisor de águas, já que o “novo” telejornal optou por uma redução na cobertura de temas políticos e enfatizou questões relacionadas à criminalidade, violência e variedades. “Desta forma, a Rede Globo poderia evitar um conflito ainda maior com sua audiência e o perigo de perdê-la para os seus principais competidores” (PORTO, 1999, p. 10).

Nesse sentido, como toda a reformulação editorial já era bastante significativa, a emissora optou por manter a mesma estética. “Assim, nos primeiros anos dos jornalistas como apresentadores, a linguagem de câmera em muito se assemelhava à do momento anterior, no sentido de mostrar ao telespectador que o telejornal tinha continuidade, apesar da mudança” (PEREIRA, 2015, p. 304).

³³ Entre os anos de 1970 e 1980, duas jornalistas ocuparam a bancada do JN em momentos esporádicos, tais como fins de semana e feriados. São elas: Márcia Mendes e Valéria Monteiro (PEREIRA, 2015, p. 300-301).

³⁴ Ainda que William Bonner não tivesse formação de jornalista. Ele é formado em Comunicação Social, com habilitação em Publicidade. E, como consta no próprio site Memória Globo, aprendeu o telejornalismo na prática. Assim, é considerado em muitas referências e por diversos autores, jornalista.

Figura 6 - Estreia da jornalista Lilian Witte Fibe na bancada do JN em 1996



Fonte: imagem retirada de vídeo disponível no site Memória Globo, 2018.

Mas, mesmo diante de tal esforço, as modificações não passaram despercebidas. No próprio site da emissora isso fica explicitado.

Algumas dessas modificações geraram críticas à TV Globo. A principal delas era que a emissora estaria deixando notícias relevantes em segundo plano, para privilegiar curiosidades do mundo animal e a vida de celebridades. Dois assuntos foram polêmicos na época. O primeiro, a edição de 28 de julho de 1998, quando nasceu Sasha, filha da apresentadora Xuxa. O assunto ocupou mais de dez minutos no JN, enquanto o leilão da Telebrás e da Telesp, que iria acontecer no dia seguinte, ficou com menos de quatro minutos. A outra crítica foi gerada por três extensas reportagens sobre o romance de uma macaca do zoológico de Brasília, exibidas entre março e maio de 1998. (MEMÓRIA GLOBO, 2018).

Ainda nessa década, outra alteração mexeria com a bancada do telejornal. Lilian Witte Fibe deixou o JN no início de 1998 e Sandra Annenberg assumiu em caráter provisório. Em 30 de março daquele ano, o noticiário passou a ser apresentado por William Bonner e sua esposa, Fátima Bernardes.

Figura 7 - Estreia de Fátima Bernardes na bancada do JN em 1998



Fonte: imagem retirada de vídeo disponível no site Memória Globo, 2018.

Logo que assumiu, Fátima experimentou uma das primeiras experiências de ficar sozinha na bancada do JN³⁵. É que com a chegada da Copa do Mundo de Futebol, William Bonner foi à França ancorar o JN de um pequeno estúdio montado especificamente para isso. Na Copa seguinte, em 2002, foi a vez dela de viajar para a cobertura do evento, realizado no Japão e na Coreia. Por conta do fuso, o horário do noticiário coincidia com a saída dos jogadores da concentração para os treinos. A jornalista inovou nas abordagens, dispensou a ancoragem em um lugar fixo, e passou a seguir jogadores e comissão técnica, conseguindo importantes “furos de reportagem”. Mas, essa não era a intenção inicial.

A TV Globo montara um estúdio na Coreia, e Fátima apresentaria o telejornal de lá. No primeiro dia, no entanto, Schroder³⁶, assistindo ao telejornal, não gostou, tanto fazia que o estúdio fosse na Coreia ou no Rio de Janeiro. Imediatamente, ele a orientou a sair do estúdio e fazer a ancoragem ao ar livre. (JORNAL NACIONAL, 2005, p. 352).

Com essa cobertura diferenciada, Fátima ganhou o título de Musa da Copa dos próprios jogadores brasileiros. Por conta desse deslocamento da apresentadora, que não era nada

³⁵ Segundo William Bonner, no livro *Jornal Nacional: modo de fazer* (2009), as apresentações ao vivo do JN em estúdios remotos tiveram início ainda na década de 1970 com Léo Batista. Já a primeira ancoragem fora de um estúdio se deu em 1992, durante a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento no Rio de Janeiro. E, depois disso, a ancoragem itinerante da Copa do Mundo de Futebol de 1994, que se repetiria em 2002 com Fátima Bernardes.

³⁶ Carlos Henrique Schroder era diretor da Central Globo de Jornalismo (CGJ) nessa época.

característico do noticiário, surgiu o bordão de William Bonner. Todos os dias ele começava o jornal perguntando: “Onde está você, Fátima Bernardes?”.

Figura 8 - Ancoragem de Fátima Bernardes na Copa de 2002



Fonte: imagens retiradas de vídeos disponíveis no site Memória Globo, 2018.

Mudanças que começaram a conferir o início de um tom mais despojado aos apresentadores e, em consequência, ao próprio telejornal. Isso porque ao retornar ao estúdio, Fátima manteve a postura mais coloquial na rotina de apresentação, o que refletiu, inclusive, segundo Pereira (2015) em mudanças de enquadramento. Eles passaram a ser mais abertos e a acomodar os dois apresentadores em um número maior de situações. Ainda que o diálogo coloquial que se estabeleceu entre eles durante a Copa não tenha sido incorporado completamente ao texto do noticiário, Pereira (2015) afirma que o casal de apresentadores passou a se olhar mais durante a apresentação das notícias, algo que não era identificado antes. Esse é considerado, pela autora, inclusive, um ponto de virada do telejornal.

Quando ela retorna ao estúdio, o telespectador não apenas compactua como espera a continuidade da postura adotada por ela no mundial de futebol. A

partir desse momento, avolumam-se os comentários de que há uma dissonância entre ela e Bonner, na comparação, mais fechado, compenetrado e sério no seu papel de editor-chefe do telejornal. (PEREIRA, 2015, p. 310).

Uma situação que vai mudar nos anos seguintes, quando Bonner ganha mais desenvoltura na apresentação (no estúdio e fora dele), e mais tarde quando passa a interagir com os telespectadores por intermédio dos sites de redes sociais, como será apresentado a seguir. Outras ancoragens externas ainda seriam registradas no período seguinte à Copa até a saída de Fátima Bernardes do telejornal, em dezembro de 2011. Entre elas, destacam-se: as eleições norte-americanas de 2004, a morte do Papa João Paulo II, a visita do Papa Bento XVI ao Brasil, as enchentes em Santa Catarina e no Rio de Janeiro, a Caravana JN, na cobertura das eleições em 2006, o JN no Ar, em 2010, entre outras (BONNER, 2009).



Figura 9 - Caravana JN em Juazeiro do Norte (CE) e em São Miguel das Missões (RS)

Fonte: imagens retiradas de vídeos disponíveis no site Memória Globo, 2018.

Figura 10 - Ancoragem externa nas eleições norte-americanas de 2004 e na morte do Papa João Paulo II em 2005



Fonte: imagens retiradas de vídeos disponíveis no site Memória Globo, 2018.

Já foi possível notar que nesse período o JN já tinha passado por mais uma mudança significativa de cenário. Em 26 de abril de 2000, quando estava prestes a comemorar 35 anos no ar, o telejornal foi transferido do tradicional estúdio para ser apresentado de dentro da redação. Os apresentadores ganharam uma bancada mais parecida com uma estação de trabalho, com um monitor e um computador. E ficavam em um mezanino construído a três metros e meio de altura. Assim, o restante da equipe, que ocupava a parte de baixo, aparecia em alguns momentos durante o telejornal. Um primeiro esforço em apresentar os bastidores da notícia.

Na abertura do JN, uma grua passou a mostrar as atividades da redação, passeando, lentamente, no sentido da bancada. Nesse movimento, entram em cena sete painéis de 12 metros de largura, presos ao teto. Ao final, formam um grande mapa-múndi estilizado, com o Brasil no centro. Durante o telejornal, quando a câmera está à altura dos olhos dos apresentadores, a redação não pode ser vista. Quando a câmera sobe um pouco, é revelada, ao fundo, a redação com monitores de TV, computadores e os outros profissionais envolvidos na realização do JN. (MEMÓRIA GLOBO, 2018).

Os investimentos em tecnologia continuaram e nas comemorações dos 40 anos do telejornal, em 31 de agosto de 2009, um telão foi instalado ao fundo da redação para mostrar imagens e ilustrações complementares às reportagens. O globo terrestre do cenário também passou a ter movimento. Na edição do dia, Bonner explica a mudança.

William Bonner: Você vê o globo terrestre agora em movimento. O globo já estava aí desde 2000 quando a gente se mudou para essa redação. Mas a novidade é que agora o globo gira porque a Terra gira. É assim que as coisas são. O tempo não para e o JN também não pode parar. Então é o seguinte. Estamos aqui para apresentar as principais notícias do dia do Brasil e do

mundo e é isso o que a gente vai fazer a partir de agora. (MEMÓRIA GLOBO, 2018).

Figura 11 - Cenário dos anos 2000 e com novidades em 2009



Fonte: site Memória Globo, 2018.

Apesar da mudança, a linguagem do telejornal ainda se mantinha engessada: os apresentadores permaneciam atrás da bancada, com pequenas interações e a linguagem formal ainda era predominante. Pouco antes, em 2006, a emissora deu os primeiros passos em busca de maior espaço na internet: lançou o portal G1 para unificar o conteúdo jornalístico produzido nas diferentes afiliadas espalhadas pelo país. E, em 2010, foi criado o perfil oficial do Jornal Nacional nos sites de redes sociais Twitter e Facebook. Um movimento claro de aproximação e inserção³⁷ na rede, ainda que esses perfis fossem pouco utilizados.

No ano de 2012, mais precisamente em 02 de abril, a previsão do tempo começou a ganhar destaque no noticiário. Ela passou a ser feita a partir de três cenários virtuais, com totens e maquetes pensadas especificamente para esse momento. Segundo o site de memórias da emissora, foi a partir de tal modificação que se tornou possível a apresentação “[...] de todas as variações que acontecem no dia, como temperatura, pressão atmosférica, direção e intensidade dos ventos, umidade do ar e chuva” (MEMÓRIA GLOBO, 2018). Pela primeira vez, imagens reais de fenômenos climáticos, como temporais e geadas, vindas de todo o país, também passaram a ser incorporadas ao momento da previsão. Essa inovação seria complementada, mais tarde, com a chegada da jornalista Maria Júlia Coutinho, em 2015. Com ela, a previsão passou a ser ao vivo, direto da cidade de São Paulo.

³⁷ Aproximação e inserção porque interação nunca houve. Ela ficava a cargo de William Bonner a partir de seu perfil pessoal no site de rede social Twitter, como será abordado a seguir.

Figura 12 - Estreia do cenário virtual da previsão do tempo em 02 de abril de 2012



Fonte: site Memória Globo, 2018.

Um pouco antes, porém, em dezembro de 2011, Fátima Bernardes deixou a bancada após 14 anos à frente do noticiário. Ela passaria a se dedicar a um novo programa, um projeto pessoal: o Encontro com Fátima Bernardes, que foi ao ar em 25 de junho de 2012 e continua a ocupar uma faixa significativa da grade matutina da emissora³⁸. A sucessora, Patrícia Poeta.

O “JN” virou notícia no dia 1º de dezembro de 2011 e nos dias seguintes ao anúncio da troca de apresentadora. A mudança foi um acontecimento midiático, extremamente divulgado e mesmo badalado. Essa badalação, a nosso ver, teve como um dos objetivos amenizar o impacto que a troca de apresentadora causaria nos telespectadores. Objetivo aparentemente alcançado, no nosso entendimento, uma vez que a maioria dos comentários feitos na internet mostrou telespectadores compreensivos em relação aos motivos da mudança – apesar de chateados ou assustados com a troca. Com a hiperdivulgação da troca de apresentadora no “JN”, talvez os telespectadores tenham reduzido seu estranhamento ao ligar a televisão a partir da noite do dia

³⁸ O programa Encontro com Fátima Bernardes é veiculado de segunda a sexta-feira, ao vivo, das 10h40 às 12h. Disponível em: <<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/encontro-com-fatima-bernardes.htm?paginaManter=1&voltar=sim>> Acesso em: 26 de jun. 2018.

6 de dezembro de 2011 e se depararem com Patrícia Poeta na bancada do principal telejornal da TV Brasileira. Essa hiperdivulgação só foi possível porque as pessoas se interessaram pela notícia envolvendo os apresentadores do “JN”. (BARA, 2012, p. 277).

A nova dupla de apresentadores, no entanto, não durou muito tempo: 3 anos apenas. Em novembro de 2014, Patrícia Poeta foi substituída por Renata Vasconcellos que, na época, apresentava o dominical Fantástico, na companhia de Tadeu Schimidt.

Figura 13 - Despedida de Fátima Bernardes e edição do noticiário ancorada por William Bonner e Patrícia Poeta



Fontes: site Memória Globo e divulgação TV Globo, 2018.

Figura 14 - Despedida de Patrícia Poeta e primeira edição com Renata Vasconcellos oficialmente na bancada do JN



Fonte: divulgação TV Globo e site Jornal Nacional, 2018.

É após a chegada de Renata Vasconcellos que ocorre uma renovação significativa no cenário e na linguagem do JN, mais um ponto de virada do noticiário. Novamente para comemorar o aniversário do telejornal, que somava agora cinco décadas, em 27 de abril de 2015, William Bonner e Renata Vasconcelos inauguraram um novo espaço e uma nova forma de apresentar o JN: mais leve, descontraída e em movimento pelo cenário, a grande novidade.

A trilha de encerramento do Jornal Nacional subiu acompanhada dos créditos finais quando os apresentadores Renata Vasconcelos e William Bonner se levantaram da bancada e com um ar descontraído sorriram e cumprimentaram alguém da equipe que estava fora de cena. Caminharam em direção a câmera, ou seja, ao telespectador, até saírem do ar. A informalidade empregada no boa noite jamais visto neste telejornal é marco simbólico na reformulação em um dos telejornais mais engessados do Brasil. O modo como o Jornal Nacional se apresenta aos brasileiros mudou. A reformulação foi no cenário, na utilização de diversos recursos tecnológicos, na informalidade nas conversas com o telespectador e os repórteres e nos movimentos de câmeras com diferentes enquadramentos. (VARGAS, 2015, p. 1).

Figura 15 - Escalada e chamada da passagem de bloco



Fonte: site do Jornal Nacional, 2018.

Figura 16 - Composição gráfica da passagem de bloco



Fonte: site do Jornal Nacional, 2018.

Figura 17 - Sequência do encerramento do jornal e despedida dos apresentadores



Fonte: site do Jornal Nacional, 2018.

Ainda segundo Vargas, a dinamização da apresentação a partir do movimento veio por influência da linguagem da internet. Além da caminhada ao fim do telejornal, os apresentadores também passaram, com a reformulação de cenário e a inserção de uma enorme tela de um dos lados da bancada, a se deslocar até ela para estabelecer contato com os repórteres em campo, no Brasil e no exterior. Romperam, assim, com uma zona de conforto: a bancada que, por anos, foi sinônimo de apoio e segurança durante as transmissões. Sair de trás dela evocou “[...] um efeito de continuidade espacial que aproxima fisicamente do fato e nos remete a um sentimento de que algo vai ocorrer. Ficamos de frente para algo que realmente está acontecendo, o andar, e que nos sugere que algo possa ou vai acontecer na sequência, isso nos prende a atenção” (VARGAS, 2015, p. 6).

Figura 18 - Sequência de enquadramentos da cobertura do terremoto no Nepal na edição de estreia do novo cenário





Fonte: imagens retiradas de vídeo disponível no site Memória Globo, 2018.

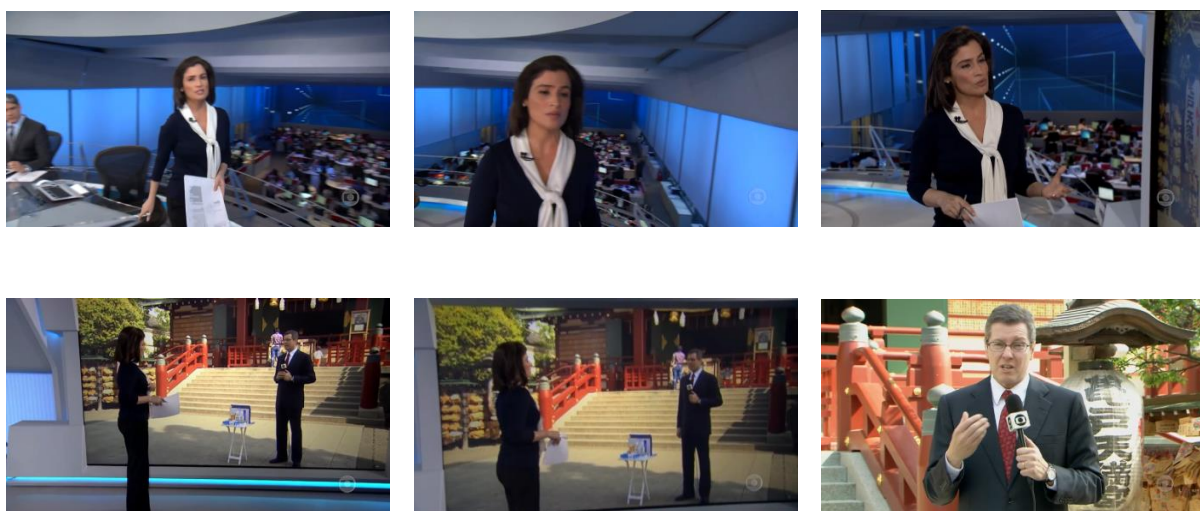
O novo telão também possibilitou que os repórteres aparecessem em tamanho real diante dos apresentadores, o que pressupõe a simulação de uma conversa também real. A interação entre eles ganhou, assim, ares de informalidade. Os apresentadores passaram a interrogar mais os repórteres. Esses, em resposta, começaram a comentar mais as notícias e explorar o fato de estarem no local dos acontecimentos. Segundo Vargas (2015), passou a ser uma estratégia constante a construção de uma continuidade espaço-temporal entre o estúdio e a rua, entre a produção e a exibição das notícias. “Como grande parte do que está sendo noticiado no telejornal já ocorreu, a transmissão direta passa a ser o grande eixo catalizador do programa. [...] Essa estratégia simula uma proximidade temporal do tempo anterior para o tempo atual e se materializa no agora, o estúdio” (VARGAS, 2015, p. 8). Tudo isso para alcançar mais proximidade e familiaridade com o telespectador, em especial o público jovem, que já vinha dando demonstrações de não se identificar mais com um jornal conservador, sisudo, preso a antigas formas de contar histórias.

Apesar da manutenção da bancada e da redação como cenário de fundo, reforçando uma aproximação também aos bastidores da notícia, foram necessárias reformulações de enquadramento para acompanhar as mudanças citadas acima. Vargas (2015) detalha que

[...] o Jornal Nacional nunca tinha ousado mudar os ângulos da câmera, sempre utilizou planos parados, os enquadramentos mais comuns como primeiros planos, plano médio com divisão de tela, plano geral e movimento de aproximação e distanciamento da lente tanto na abertura do programa como nas passagens de bloco e no encerramento. Pela primeira vez vimos um plano sequência da bancada até o monitor e uma despedida em plongê no canto esquerdo do estúdio até a saída dos apresentadores da cena, que não mais ficam parados na bancada rascunhando desnecessariamente seus scripts. Essa é uma cena real do que ocorre no final de um telejornal. Seus apresentadores se levantam e vão embora. Esse distanciamento da câmera em movimento curto de travelling nos coloca na cena de distanciamento do telejornal como se estivéssemos encerando o nosso encontro do dia. Já nas passagens de bloco vimos um movimento atípico, antes a câmera se distanciava agora há uma

proximidade da câmera em direção aos apresentadores. Ora o operador da câmera fecha no rosto do apresentador, ora vai em plano sequência de um plongê no extremo lado direito ou esquerdo do estúdio para o monitor no fundo da redação. É como se o movimento da câmera nos deixasse em alerta para o que virá como um fluxo contínuo, um movimento que não para. Esses movimentos nos incluem na cena comunicativa do telejornal que deseja nos prender a atenção e não mais nos confortar. (VARGAS, 2015, p. 10).

Figura 19 - Sequência de enquadramentos desde o momento em que Renata levanta da bancada até falar com o correspondente no Japão



Fonte: imagens retiradas de vídeo disponível no site Memória Globo, 2018.

É nesse contexto de mudanças que a previsão do tempo também adquiriu um tom menos formal no noticiário. Nessa estreia, Renata Vasconcellos, ao deixar a bancada em direção ao telão, anunciou que a partir daquele momento, a relação estabelecida com a apresentadora do tempo seria outra.

Renata Vasconcellos: Agora, a gente vai ver a previsão do tempo e de um jeito diferente. Porque a partir de hoje quem vai tratar da previsão do tempo é a Maria Júlia Coutinho, que vai falar ao vivo. Vai conversar todos os dias com a gente aqui no Jornal Nacional. Maria Júlia a gente primeiro quer saber se essa chuva vai parar ou se ela vai continuar em Salvador?

Maria Júlia: Oi Renata! Boa noite pra você, pro William, pra todos. Olha, ainda deve rolar muita água em Salvador, em grande parte da Bahia e essa chuvarada não deve arredar pé da capital baiana até o final da semana. Amanhã, as áreas mais afetadas devem ser: o oeste, o sul e também a região do Recôncavo Baiano. Então muita chuva ainda por lá.

William Bonner: E qual é a explicação, Maria Júlia, aqui é o Bonner falando, resolvi entrar nessa conversa, qual é a explicação pra essa chuva toda lá em Salvador?

Maria Júlia: Olha Bonner, esse aguaceiro todo é por causa de um fenômeno que tem um nome enorme: zona de convergência de umidade. A gente vai fazer um passeio por dentro desse fenômeno [...] ³⁹

Em pouco tempo, a apresentadora da previsão passaria, inclusive, a ser chamada pelo apelido, Maju⁴⁰. Ela imprimiu uma característica própria ao quadro e, dentre as mudanças na linguagem, além da interação mais informal com os apresentadores, como pode ser observado acima, passou a adotar termos descontraídos e até neologismos, como “chuvica”, “aguaceiro”, “sol bombando”.

Figura 20 - Primeira edição com a nova versão da previsão do tempo



Fonte: imagens retiradas de vídeo disponível no site do Jornal Nacional, 2018.

Não tardou para que Maria Júlia ganhasse projeção não só dentro do noticiário, mas também nos sites de redes sociais. Mesmo “caindo nas graças” desse público, foi vítima de perseguição pelos próprios usuários dessas plataformas. Um grupo se uniu em um ataque racista à apresentadora. Uma situação que ocorreu no mundo virtual, mas que teve implicações na condução do JN ao vivo, como será detalhado no próximo capítulo.

³⁹ Todas as citações referentes aos diálogos dos apresentadores feitas ao longo deste capítulo são transcrições com base nos vídeos disponibilizados pela emissora no site: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/>>.

⁴⁰ A escolha de como se referir à apresentadora do tempo foi definida ao vivo, conduzida pelo apresentador William Bonner. Situação que está descrita adiante no texto deste capítulo.

Antes de Maria Júlia, Bonner ganhou destaque na internet, em especial no site de rede social Twitter, com o perfil pessoal: @realwbonner. Em uma entrevista ao Canal GNT⁴¹, o apresentador contou que passou a usar o microblog para acompanhar as eleições de 2009 no Irã, uma forma que toda a imprensa internacional havia encontrado para se manter atualizada sobre os acontecimentos naquele país. Na sequência, também utilizou o Twitter para a divulgação do livro “Jornal Nacional: modo de fazer”, lançado no mesmo ano. Foi então que passou a se interessar pelo site de rede social como forma de entretenimento. Ele relatou, inclusive, que a instantaneidade possibilitada pelo microblog foi o que mais chamou sua atenção, uma vez que nunca o utilizou como ferramenta de trabalho. E foi dessa agilidade no feedback dos usuários que ele passou a tirar proveito nas postagens. Sempre com o intuito de mostrar um outro lado, menos sério e formal que o conhecido como apresentador do JN, Bonner passou a fazer brincadeiras com seguidores, enquetes (por exemplo, de qual gravata deveria usar no noticiário), e a compartilhar situações cotidianas, o que atraiu a atenção dos seguidores. Na época, ele chegou a se automear o “tio” do Twitter e os seguidores seriam seus “sobrinhos”. Diante de tamanha projeção nos anos iniciais de uso do Twitter, em 2010, ele recebeu um prêmio, na categoria jornalismo, no Shorty Awards, um evento anual que homenageia os melhores criadores de conteúdo para o Twitter.

A partir da reformulação do JN em 2015, essa interação e desenvoltura do apresentador no microblog foi transposta para a apresentação ao vivo no JN. Ao longo desse ano, foram registradas situações em que Bonner fez menção aos sites de redes sociais⁴², em especial sobre opiniões e correções de informações noticiadas, sugeridas pelos próprios usuários, e afirmou, na bancada, estar conectado, inclusive, durante a transmissão do noticiário. Como a imagem e a postura do apresentador estão intimamente relacionadas à função que ocupa no noticiário, tal interação nos sites de redes sociais impactou no estilo e na forma como o telejornal se dirigia ao público, pelo menos no período em que se deram essas menções diretas aos sites de redes sociais.

No entanto, passado esse período de maior efervescência no uso do Twitter, a frequência de postagens do apresentador diminuiu e, atualmente, é muito menor do que entre os anos de 2009 e 2011, quando Bonner fazia posts diários, ou no período que se seguiu às reformulações editoriais e de cenário do JN em 2015. Mas, ele ainda mantém um perfil ativo, com postagens esporádicas (são dez mil duzentos e setenta e cinco tweets até o momento) e uma marca de 10

⁴¹ Entrevista encontrada apenas em um perfil pessoal no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2MYGAKZhFUE>. Acesso em 03 de jul. 2018.

⁴² Serão detalhadas a seguir.

milhões 615 mil seguidores, o dobro da página oficial do Jornal Nacional, que conta com 5 milhões 394 mil seguidores⁴³. Um dos últimos fatos de repercussão na conta pessoal do apresentador foi a separação da esposa, Fátima Bernardes, em 2016. Os dois fizeram o anúncio, em primeira mão, nos perfis oficiais de ambos no Twitter. Com o mesmo texto, às 21h33 do dia 29 de agosto, uma segunda-feira, postaram:

Figura 21 - Postagens de William Bonner e de Fátima Bernardes sobre a separação



Fonte: site de rede social Twitter, 2016.

A repercussão na internet foi grande. E logo começaram a surgir postagens sobre o rompimento, a maior parte delas lamentações, mas também muitas brincadeiras envolvendo o ocorrido. Após o anúncio, Bonner só foi fazer uma nova postagem em seu perfil oficial em 31 de janeiro de 2017. Duas outras se seguiram: em 14 de junho e em 4 de agosto do mesmo ano. A partir de então ele retomou as postagens com maior frequência⁴⁴.

Todas essas reformulações e mudanças de postura caminharam com o JN e se somaram à última transformação no telejornal, registrada em 19 de junho de 2017. O noticiário mudou de estúdio: passou a ocupar um espaço em um prédio do Jornalismo da Rede Globo, recém-

⁴³ Número de seguidores em 03 de julho de 2018.

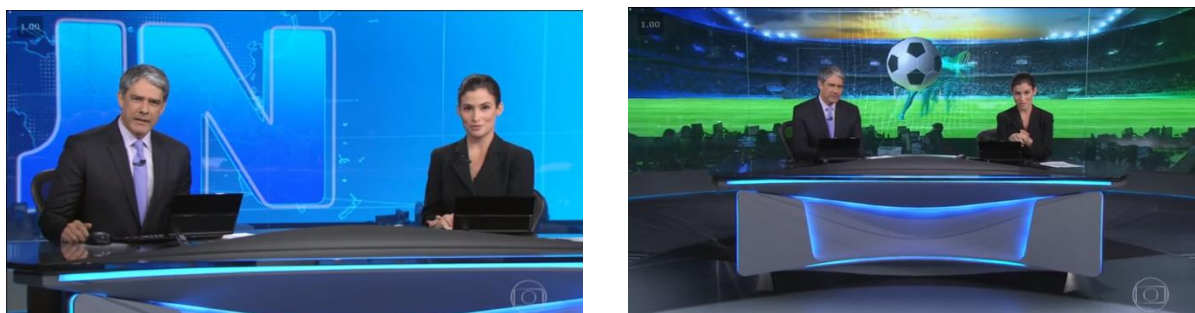
⁴⁴ No entanto, tendo como base a data de coleta de dados e escrita deste capítulo, julho de 2018, há 3 meses o apresentador não faz nenhuma postagem no site de rede social Twitter. As últimas quatro, todas datadas de 30 de março de 2018, foram compartilhadas da rede social Instagram, da qual ele também faz uso, mas não é objeto de estudo desta pesquisa. Por esse motivo, para a análise do modo de endereçamento atual do Jornal Nacional, optou-se por manter apenas a coleta de dados do perfil oficial do Jornal Nacional no Twitter.

inaugurado no Rio de Janeiro. Pela primeira vez, foi construída uma redação para reunir jornalistas e demais funcionários da Globo, GloboNews e do portal G1 em um mesmo espaço de trabalho. Ao todo, foram montados 189 postos de trabalho, 18 ilhas de edição, três de pós-produção, duas cabines de locução e salas de reunião, numa área total construída de mil trezentos e setenta metros quadrados, o dobro do espaço anterior destinado à equipe do JN (MEMÓRIA GLOBO, 2018).

O destaque do atual cenário é o fato de ele estar no centro da redação, ou seja, com todos os profissionais distribuídos no entorno. Também chama atenção a tecnologia empregada: as câmeras operadas por controles remotos e, ao fundo, a combinação de um vidro de 15 metros, que vai do fosco ao transparente, com uma enorme tela de LED, de 16 metros de largura por três de altura, que permite a projeção de recursos gráficos com efeito 3D para ilustrar o conteúdo noticiado, detalhes apresentados em uma reportagem da edição inaugural da nova casa do Jornal Nacional em 19 de junho⁴⁵.

As artes projetadas podem ser vistas de diferentes perspectivas, segundo o movimento das câmeras. O estúdio também tem duas câmeras operadas por braços robóticos. Suas trajetórias são pré-fixadas ou guiadas por sensores a partir do movimento dos apresentadores. Também há uma câmera de trilho de chão, que se desloca acompanhando a curva do cenário, e outra de trilho aéreo, que dá uma visão ampla de toda a redação. (MEMÓRIA GLOBO, 2018).

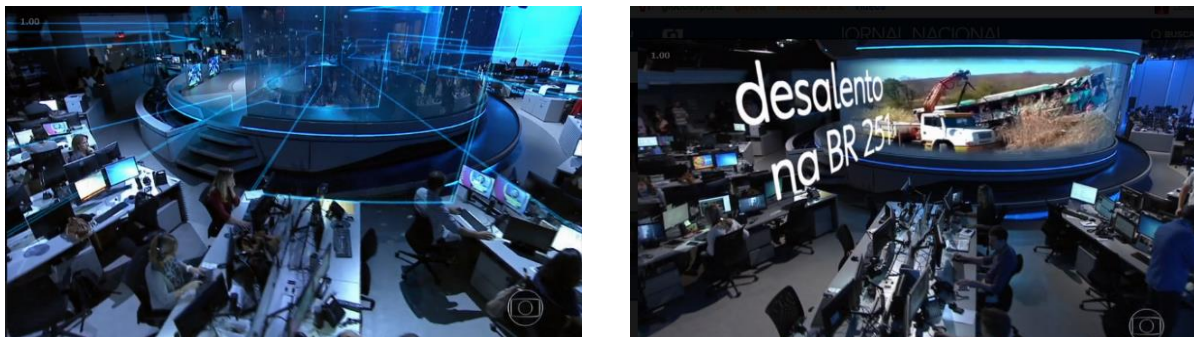
Figura 22 - Cenário padrão do e arte em 3D para ilustrar reportagem de futebol



Fonte: site Jornal Nacional, 2018.

⁴⁵ Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/06/19.html> >. Acesso em 03 de julho de 2018.

Figura 23 - Vinheta de abertura com imagens da redação e passagem de bloco



Fonte: site Jornal Nacional, 2018.

Além de exaltar a tecnologia, ficou clara a preocupação em mostrar que, no novo espaço, tudo estava “a serviço da informação”. E que a estrutura física acompanhava uma necessidade de união, aproximação e integração entre os profissionais dos diferentes segmentos da emissora: televisão aberta, canal fechado e internet.

Durante a exibição ao vivo do JN, foi mantida a proposta de interação com os jornalistas em coberturas ao vivo no Brasil e no exterior. Como já apresentado acima, esse telão foi inserido na reformulação de cenário em 2015, e conferiu mais informalidade à troca de informações entre os apresentadores e correspondentes, inclusive, por conta do enquadramento que passou a apresentar ambos de corpo inteiro, em uma simulação de conversa. Estrutura mantida também para a previsão do tempo, feita ao vivo, direto do estúdio de São Paulo.

Figura 24 - Previsão do tempo e entrada ao vivo na edição inaugural do novo estúdio



Fonte: site Jornal Nacional, 2018.

A reformulação ganhou destaque na imprensa nacional⁴⁶. Enquanto algumas reportagens em grandes veículos de comunicação enalteceram a inovação tecnológica empregada no novo estúdio, outras criticaram justamente o fato de a tecnologia não refletir mudanças no conteúdo, que se manteve o mesmo apesar do anúncio de integração entre jornalistas de televisão e de internet em um mesmo espaço. Na internet, usuários, principalmente do Twitter, utilizaram a mesma temática para fazer piada, como mostram as imagens a seguir.

Figura 25 - Exemplos de comentários no Twitter sobre mudança no cenário do JN



⁴⁶ Exemplos de sites que comentaram a mudança de cenário no Jornal Nacional: <https://portal.comunique-se.com.br/jornal-nacional-estreia-cenario-com-tecnologia-servico-da-noticia/>; <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,jornal-nacional-estreia-novo-cenario,70001849846>; <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/06/1894270-jornal-nacional-abusa-da-tecnologia-mas-se-esquece-da-noticia.shtml>. Acesso em 14 de jul. 2018.



Fonte: site de rede social Twitter, 2018.

Uma das últimas situações em que o cenário do JN voltou a ganhar destaque se deu na entrevista concedida pelo técnico da seleção brasileira, Adenor Bacchi, mais conhecido como Tite, em 14 de maio de 2018⁴⁷, em razão da divulgação da escalação dos jogadores para o mundial. Depois da volta do intervalo, William Bonner e Renata Vasconcellos estão em pé para anunciar a entrevista quando Tite já é visto atrás deles caminhando até o cenário. Depois da reformulação, é a primeira vez que um convidado é recebido na bancada e os apresentadores fazem questão de ressaltar isso. É William Bonner quem faz a introdução.

William Bonner: Eu diria até que para milhões de brasileiros, dia de convocação da seleção brasileira não é um dia comum. É um dia especial. E para o JN também, né Renata.

(Tite é visto entrando na parte de trás do cenário quando Renata o cita)

Renata Vasconcellos: É. E nesse dia especial em que o Tite foi notícia no Brasil inteiro ele veio aqui à casa do Jornal Nacional conversar com a gente. Muito bem-vindo, Tite!

(Tite já está no estúdio e é cumprimentado por Renata com abraço e beijo)

Tite: Obrigado. Tudo bem?

William Bonner: Que honra, Tite. Obrigado pela visita.

(Eles se cumprimentam com um aperto de mãos)

Tite: Obrigado. É um prazer.

William Bonner: Vamos lá.

Renata Vasconcellos: Vamos sentar, oh.

⁴⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2018/05/14.html>. Acesso em 10 de jul. 2018.

William Bonner: Vamos conversar. Olha, Tite, você está inaugurando o nosso cenário, por favor.

Renata Vasconcellos (fala com Bonner): está estreando.

Renata Vasconcellos: Você senta aqui, por favor.

Tite: é um ambiente diferente.

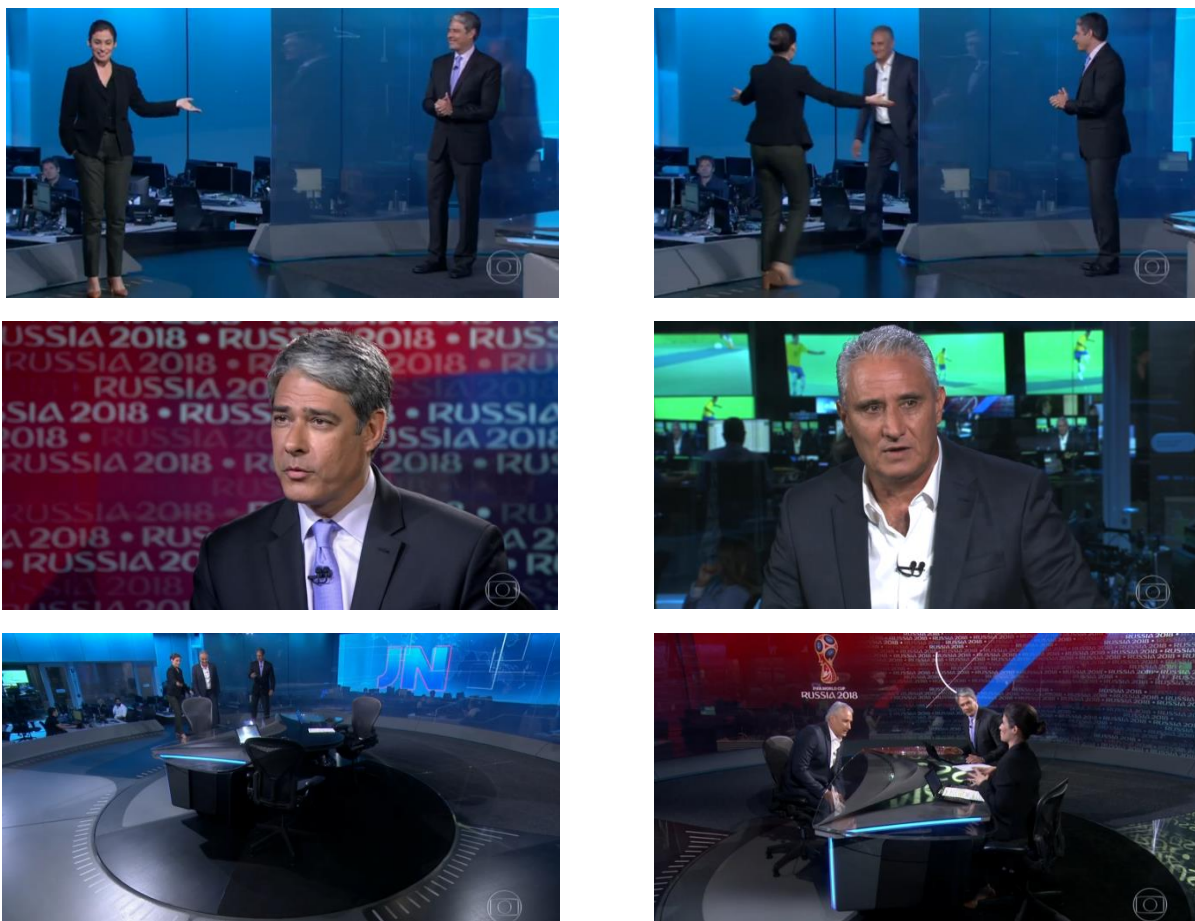
William Bonner: Porque agora esse cenário gira, é uma maravilha da tecnologia. E você é o primeiro a usar.

(Tite já sentado, Renata e Bonner se acomodando quando ela ainda em pé dá início à pergunta)

Renata Vasconcellos: Tite você conseguiu dormir de ontem pra hoje? Você consegue dormir bem assim em véspera de dias como esse?

Tite: Não, não consigo. (A entrevista segue).

Figura 26 - Sequência de enquadramentos da chegada de Tite ao estúdio à entrevista



Fonte: imagens retiradas de vídeo disponível no site do Jornal Nacional, 2018.

Mais uma vez, enquanto a imprensa comentou a inovação tecnológica do cenário e o conteúdo da entrevista⁴⁸, destacando importantes pontos de como o trabalho de Tite iria ser conduzido, nos sites de redes sociais predominaram os comentários com piadas sobre a bancada giratória.

Figura 27 - Comentários no Twitter sobre novo cenário de entrevistas



Fonte: site de rede social Twitter, 2018.

É fato que todas essas características e mudanças registradas ao longo das últimas décadas são responsáveis por compor o formato e o estilo do JN enquanto pertencente ao subgênero telejornal. São, portanto, necessárias ao entendimento de como o noticiário vem estruturando a forma como se endereça ao seu público e, atualmente, como esse endereçamento vem sendo atualizado a partir da chegada da internet e, em especial dos sites de redes sociais, dos quais os telespectadores agora também são usuários. O próximo capítulo é dedicado a entender melhor o conceito de modo de endereçamento e como ele é aplicado nesta pesquisa segundo Gomes (2012).

⁴⁸ Alguns sites que repercutiram a entrevista do JN: <https://esporte.uol.com.br/futebol/de-primeira/2018/05/16/cbf-nao-ve-privilegio-e-defende-importancia-de-tite-no-jornal-nacional.htm>; <https://veja.abril.com.br/placar/tite-vai-manter-rodizio-de-capitães-da-seleção-durante-a-copa/>; <http://www.atribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/futebol/tite-ve-selecao-blindada-de-criese-politica-na-cbf/?cHash=ad87a1874e8673f9da5d3536e951c26d>. Acesso em 14 de jul. 2018.

6 METODOLOGIA DE ANÁLISE E DEFINIÇÃO DO CORPUS

“O telejornalismo, como instituição social, não se configura somente a partir das possibilidades tecnológicas oferecidas, mas na conjunção das possibilidades tecnológicas com determinadas condições históricas, sociais, econômicas e culturais. [...] Para o desenvolvimento de uma metodologia de análise, essa premissa obriga uma atenção às diferenças existentes entre as diversas sociedades e tempos históricos e seus jornalismo – do ponto de vista dos seus valores e convenções; do ponto de vista das formas do gênero”.

(GOMES, 2011, p. 19-20)

Os capítulos anteriores ofereceram importantes bases teóricas e um detalhamento do objeto estudado, que seguem agora como suporte, como norteadores da análise que responderá à questão de pesquisa: o que está mudando na forma como o Jornal Nacional se endereça ao telespectador em um cenário permeado pelos sites de redes sociais? A escolha metodológica parte da própria pergunta. Ou seja, tem como base a análise de modo de endereçamento a partir da abordagem de Elizabeth Ellsworth (2001), David Morley e Charlotte Brunsdon (1999), John Hartley (1982) e, no Brasil, Itânia Maria Mota Gomes (2004; 2005; 2006; 2007; 2008; 2011).

6.1 O MODO DE ENDEREÇAMENTO NOS ESTUDOS DE TELEVISÃO

O conceito de modo de endereçamento surgiu com a análise fílmica, vinculada à *screen theory*⁴⁹. Mas, há cerca trinta anos, desde o fim da década de 1980, vem sendo adaptado e usado na interpretação de como se constrói a relação entre os programas televisivos e seus telespectadores.

Ellsworth (2001) é referência para o entendimento do conceito de modo de endereçamento no cinema e sua apropriação ao longo das décadas. A autora resume o significado inicial do conceito, nos anos 1970, a uma única questão: “quem este filme pensa que você é?” (ELLSWORTH, 2001, p. 11). Ainda de acordo com a pesquisadora, o conceito foi desenvolvido como uma forma de lidar, de uma maneira específica ao cinema, com grandes questões que perpassavam os estudos não só da área, mas da crítica de arte e de literatura, da sociologia, da antropologia, etc.

Essas questões têm a ver com a relação entre o “social” e o “individual”. Questões como: “qual é a relação entre o texto de um filme e a experiência do espectador, a estrutura de um romance e a interpretação feita pelo leitor, uma

⁴⁹ Screen theory é uma teoria fílmica, desenvolvida na década de 1970, de inspiração marxista, associada à revista britânica Screen.

pintura e a emoção da pessoa que a contempla, uma prática social e a identidade cultural, um determinado currículo e sua aprendizagem?”. Em outras palavras, qual é a relação entre o lado de “fora” da sociedade e o lado de “dentro” da psique humana? Como pode ser igualmente verdadeiro afirmar que “as pessoas agem de forma independente e intencional” e, ao mesmo tempo, dizer que os padrões que orientam suas ações – como elas pensam, o que elas “vêem”, o que elas desejam – “são, já, aspectos de seu ser social”? (ELLSWORTH, 2001. p. 12).

Por conta de tais características, nessa fase, o modo de endereçamento era entendido como um conjunto de mecanismos imateriais que estariam presentes no texto do filme e que agiriam sobre os espectadores imaginados ou reais, de maneira que fosse possível influenciar ou até controlar a resposta deles em relação à narrativa. Não é possível desconsiderar, segundo Ellsworth (2001), que os produtores de um filme, invariavelmente, fazem suposições sobre o perfil do público e as posições ou identidades sociais que o espectador deve ocupar ao assisti-lo. E não é diferente do que ocorre, por exemplo, com autores de livros ou mesmo produtores de propagandas comerciais. E que isso se dá por conta da distância existente entre esses profissionais e seus públicos reais.

As distâncias podem ser econômicas, temporais, sociais, geográficas, ideológicas, de gênero, de raça. Entre a redação do roteiro e a exibição, os filmes passam por muitas transformações. Entretanto, a maioria das decisões sobre a narrativa estrutural de um filme, seu acabamento e sua aparência final são feitas à luz de pressupostos conscientes e inconscientes sobre “quem” são seus públicos, o que eles querem, como eles vêem filmes, que filmes eles pagam para ver no próximo ano, o que os faz chorar ou rir, o que eles temem e quem eles pensam que são, em relação a si próprios, aos outros e às paixões e tensões sociais e culturais do momento. Os filmes visam e imaginam determinados públicos. (ELLSWORTH, 2001, p. 13).

Ao fazer essa projeção, o produtor de um filme estabelece, a partir dos desejos e suposições em relação ao público, uma estrutura de endereçamento que deixa traços intencionais e não intencionais no filme.

Os “traços” dessa estrutura não são visíveis. Eles não se apresentam diretamente na tela, para serem estudados, tal como se apresentam os aspectos do estilo de um filme como, por exemplo, a composição dos objetos e das pessoas em um quadro, o uso da cor, o movimento, o trabalho de edição, a iluminação. O modo de endereçamento parece-se mais com a estrutura narrativa do filme do que com seu sistema de imagem. Tal como a história ou a trama, o modo de endereçamento não é visível. (ELLSWORTH, 2001, p. 16).

No entanto, com o passar das décadas, pesquisas empíricas começaram a demonstrar que, ainda que um filme se endereçasse a um público determinado, na prática, ele erraria o alvo inicialmente traçado, dada a multiplicidade de relações envolvidas na experiência humana de consumir um material audiovisual e a impossibilidade de assegurar uma resposta do espectador condizente ao que foi inicialmente imaginado e estabelecido. “Os teóricos do cinema começam a ver o modo de endereçamento menos como algo que está em um filme e mais como um evento que ocorre em algum lugar entre o social e o individual” (ELLSWORTH, 2001, p. 13), ou seja, num espaço entre o texto do filme e os usos que o espectador faz dele.

Nesse sentido, Ellsworth (2001) afirma que começaram a surgir novas interpretações para o conceito de modo de endereçamento. Inicialmente, ele passou a ser visto como uma forma de o filme convocar o espectador a assisti-lo de um lugar não mais definido, mas preferencial. Rocha (2010), tendo como base os estudos de Ellsworth já citados, oferece um detalhamento dessa mudança de perspectiva.

De maneira mais clara isso significa dizer, por exemplo, que se um filme, ao ser produzido, foi pensado para um rapaz de dezoito anos branco da classe alta, ele também deve possuir em sua estrutura mecanismos que possibilitem aqueles que estão fora desta relação ideal ocuparem ainda que imaginariamente e apenas durante o tempo de sua projeção tal lugar para, a partir disso, ser capaz de extrair a compreensão correta do filme e seu prazer correspondente. Portanto, nessa noção de modos de endereçamento o sucesso estaria relacionado à capacidade de interpelação de um filme – expressa por artifícios usados em sua construção narrativa – em trazer (ou não) seus espectadores para a posição de sujeito que o filme considera preferencial. (ROCHA, 2010, p. 10).

Mas, novos entendimentos do conceito continuaram a surgir na sequência. Entre eles, a constatação de que um filme não trabalha apenas com um modo de endereçamento, mas com múltiplos. E que os próprios espectadores têm acesso a diferentes modos de endereçamento, além daqueles do filme, a partir de situações que compõem seu dia a dia. Por isso, a posição que eles assumem em relação ao filme e o sentido que constroem, vai depender de um contexto bem mais amplo.

O modo de endereçamento de um filme tem a ver, pois, com a necessidade de endereçar qualquer comunicação, texto ou ação “para” alguém. E, considerando-se os interesses comerciais dos produtores de filme, tem a ver com o desejo de controlar, tanto quanto possível, como e a partir de onde o espectador ou a espectadora lê o filme. Tem a ver com atrair o espectador ou a espectadora a uma posição particular de conhecimento para com o texto, uma posição de coerência, a partir da qual o filme funciona, adquire sentido, dá prazer, agrada dramática e esteticamente, vende a si próprio e vende os

produtos relacionados ao filme. Mas, à medida que os estudiosos do cinema têm tentado emparelhar os mecanismos de endereçamento presentes no texto de um filme particular com as leituras que um público real faz do filme, eles têm ficado cada vez mais atentos às complicações e aos paradoxos da experiência de ir ao cinema. Os públicos não são simplesmente “posicionados” por um determinado modo de endereçamento. Entretanto, para dar qualquer sentido a um filme ou para desfrutá-lo até mesmo minimamente, eles têm que se envolver com seu modo de endereçamento. Ainda que de forma mínima ou oblíqua, o modo de endereçamento de um filme está envolvido nos prazeres e nas interpretações dos públicos – inclusive em sua decisão de simplesmente recusar-se a ver o filme. (ELLSWORTH, 2001, p. 24).

Desse entendimento, surge uma conceituação de modo de endereçamento de cunho político-ideológico, que pode ser resumida na pergunta: quem este filme quer que eu seja? Também com base nos escritos de Ellsworth (2001), Rocha e Sant’Ana (2010) consideram esta etapa como uma “[...] preocupação mais estreita em vincular o potencial de difusão simbólica do cinema a processos de mudança social e ao aumento da capacidade crítica de leitura por parte dos espectadores” (ROCHA; SANT’ANA, 2010, p. 364). Porém, os estudos de cinema não conseguiram, segundo Ellsworth (2001, p. 40), responder a questões como: “que diferença faz o modo de endereçamento de um filme?”; “faz alguma diferença a quem o espectador ou a espectadora, consciente ou inconscientemente, pensa que ele ou ela é?”; “que diferença faz quem um espectador ou uma espectadora pensa que ele ou ela é à forma como ele ou ela age no mundo?”; “podem diferentes modos de endereçamento provocar ou encorajar outras ou diferentes formas de ser e agir no mundo?”.

Desse embate sobre a compreensão do modo de endereçamento surgiram as pesquisas de recepção tendo como base a pluralidade da vida social e da expressão individual (ROCHA; SANT’ANA, 2010). Os receptores passaram a ocupar lugar central no processo de construção de sentido dos filmes. É o despontar de uma visão baseada na cultura em oposição àquela estática, limitada ao interior do texto. E dessa relação, de acordo com Ellsworth (2001), surgiu um espaço entre o endereçamento e a resposta do espectador, “[...] é um espaço social, formado e informado por conjunturas históricas de poder e de diferença social e cultural. [...] é um espaço que carrega os traços e as imprevisíveis atividades do inconsciente, tornando-o, assim, capaz de escapar à vigilância e ao controle” (ELLSWORTH, 2001, p. 43-44).

E foi com base nos Estudos Culturais que a autora atualizou o conceito de modo de endereçamento ressaltando o jogo e o poder existentes no fato de não haver exatidão entre o endereçamento e a resposta, o que ela considerou um evento poderoso e paradoxal.

O modo de endereçamento do filme, lembremos, é invisível, não-localizável – é uma relação e não uma coisa. É um produto da contínua interação entre uma série de aspectos dos usos particulares de forma, de estilo e estrutura narrativa feitos por um determinado filme. [...] Em outras palavras, o que estou dizendo é que o paradoxal poder de endereçamento consiste na diferença entre, de um lado, todas as outras frases que poderiam ter sido ditas e foram ditas em outros filmes, telenovelas, noticiários, romances, comédias da tevê e, de outro, a frase que foi dita aqui. O modo de endereçamento consiste na diferença entre o que poderia ser dito – tudo o que é histórica e culturalmente possível e inteligível de se dizer – e o que é dito. (ELLSWORTH, 2001, p. 46-47).

É nesse sentido que a autora considera que o modo de endereçamento vai além das fronteiras do texto. Diz respeito às conjunturas históricas tanto do momento da produção quanto do momento da recepção. E, por essa razão, “[...] envolve história e público e expectativa e desejo” (ELLSWORTH, 2001, p. 47). Daí a dificuldade em controlá-lo inteiramente.

Transpondo o conceito de modo de endereçamento para a televisão, em *The Nationwide Television Studies* (1999), Morley e Brunson reúnem dois livros clássicos publicados duas décadas antes: *Everyday Television: ‘Nationwide’* (1978) e *The ‘Nationwide’ Audience* (1980). Os títulos fazem referência a um programa da BBC, veiculado das 18h às 19h, de segunda a sexta-feira, entre os anos de 1969 e 1984. O primeiro livro fez uma leitura detalhada do texto do programa, focando na edição de 19 de maio de 1976, mas tendo como base um ano de visualização. O segundo relatou as descobertas de uma pesquisa de audiência feita com a mesma edição do programa, de 19/05/1976, que foi exibida para diferentes grupos de telespectadores para discussão. Na edição conjunta, os autores esclarecem as origens dos dois livros e contam a história do projeto original Nationwide. Também detalham as pesquisas realizadas e o desenvolvimento de teorias de pesquisa e análise de audiência realizadas no *Centre for Contemporary Cultural Studies* na Universidade de Birmingham. Para este trabalho, no entanto, o destaque fica por conta da definição de modo de endereçamento que os autores propõem tendo como base esses estudos em televisão. Morley e Brunson (1999, p. 271) afirmam que “[...] o conceito de ‘modo de endereçamento’ designa as formas e práticas comunicativas específicas de um programa que constituem o que seria referido na crítica literária como seu ‘tom’ ou ‘estilo’”⁵⁰. Assim, o modo de endereçamento se caracterizaria pela relação que o programa proporia, ou definiria em conjunto com a audiência, tendo como base uma concepção prévia desse público.

⁵⁰ Tradução livre para: “The concept of ‘mode of address’ designates the specific communicative forms and practices of a programme which constitute what would be referred to in literary criticism as its ‘tone’ or ‘style’”. (MORLEY; BRUNSDON, 1999, p. 271).

A partir das definições de Ellsworth (2001) e dessa transposição para televisão apresentada por Morley e Brundson (1999), é possível chegar ao entendimento de que o modo de endereçamento, associado a um gênero televisivo, além de permitir a compreensão sobre como se dá a construção dos programas e seus formatos, é a ponte que une a etapa de produção à de recepção numa atividade social e histórica constante.

No caso específico dos produtos jornalísticos, tem-se essa mesma perspectiva adotada por Hartley (1982) ao analisar o processo de produção de uma notícia pela mídia e sua relação com a audiência. Ele afirma que tanto os jornais impressos quanto os programas de TV enfrentam o mesmo dilema: “[...] precisam incluir uma orientação a seus destinatários como parte de suas mensagens mas, a não ser de uma forma geral e abstrata, não sabem quem são esses destinatários” (HARTLEY, 1982, p. 88)⁵¹. Essa orientação seria um elemento constitutivo da mensagem e fugiria da mera apresentação de um fato ou acontecimento. Por esse motivo, o desconhecimento da audiência não poria fim à necessidade de desenvolvê-la. Ao contrário, segundo o autor, é fundamental, além de definir uma imagem da audiência com a qual os jornalistas possam trabalhar diariamente, pensar em um modo de endereçamento prático. Estaria aí, portanto, a chave do conceito para Hartley (1982). Nas palavras do autor, o modo de endereçamento seria “[...] o tom de um jornal impresso ou de uma transmissão, o que o distingue de seus concorrentes e provê grande parte do apelo do programa aos telespectadores ou leitores” (HARTLEY, 1982, p. 88)⁵².

Tomando como base os estudos de Ian Connell (1978), que elenca três elementos envolvendo a apresentação de notícias televisivas, a saber, o mediador, o *vox pop* e a entrevista investigativa, Hartley (1982) os define como operadores de análise do modo de endereçamento. Ou seja, a partir da análise desses elementos é possível identificar como um programa jornalístico televisivo configura seu tom, a forma como se endereça à sua audiência. Por mediador, o autor entende ser “[...] o profissional da emissora que atua como um link entre os telespectadores e o universo das notícias e de sua veiculação imediata” (HARTLEY, 1982, p. 90)⁵³. Já o *vox pop* seria o termo em latim para a voz do povo e faz referência às entrevistas populares, chamadas de fala-povo ou enquetes, que dão repercussão a uma determinada questão abordada no noticiário. Segundo o autor, essas entrevistas teriam uma dupla função: “[...] dar

⁵¹ Tradução livre para: “They too must include an orientation to their addressees as part of the message, but except in the most general and abstract of ways they don't know who the addressee is”. (HARTLEY, 1982, p.88).

⁵² Tradução livre para: “the tone of a newspaper or broadcast, that distinguishes it from its competitors and provides much of its ‘appeal’ to us as viewers or readers”. (HARTLEY, 1982, p.88).

⁵³ Tradução livre para: “The professional broadcaster who acts as a link between ordinary viewers and the newsworthy worlds beyond their immediate experience” (HARTLEY, 1982, p.90).

autenticidade à cobertura de um evento ao mostrar a preocupação de pessoas comuns e servir como pontos de identificação para o público, que presume-se compartilhar com as opiniões expressas nas entrevistas” (HARTLEY, 1982, p. 90)⁵⁴. Já a entrevista investigativa ou de sondagem teria a função de reforçar ao telespectador a posição do jornalista enquanto seu defensor em situações de interesse público.

E são justamente essas categorias que vão nortear os trabalhos de Gomes (2004; 2005; 2006; 2007; 2008; 2011) na proposição de uma definição de modo de endereçamento específica para o telejornalismo. Ela parte não só dos estudos de Hartley (1982), mas também dos já citados Morley (1980, 1999), Brunsdon (1978, 1999) e Ellsworth (2001), todos dedicados, segundo a pesquisadora, ao entendimento da relação de interdependência entre emissores e receptores na construção do sentido do texto televisivo. “A partir da orientação desses autores, decidimos explorar a produtividade da aplicação do conceito de modo de endereçamento à análise de telejornais e, então, testarmos alguns operadores de análise por nós desenvolvidos” (GOMES, 2005, p. 3).

Antes de chegar à definição e aos operadores de análise do modo de endereçamento no telejornalismo, propostos pela autora, é fundamental entender como ela estrutura todo um método de análise para comportá-los. Gomes (2011) parte da concepção de telejornalismo como uma instituição social e uma forma cultural, seguindo Raymond Williams (1979). Sendo assim, para analisar o telejornal, um produto midiático, necessitava levar em consideração a história e o contexto sem perder a concretude e a operacionalização exigidas em uma análise. A autora, então, firma as bases de seu método de análise nos “[...] *cultural studies*, em associação com os estudos de linguagem, abordagem que implica a consideração de aspectos ao mesmo tempo históricos, sociais, ideológicos e culturais do telejornalismo” (GOMES, 2011, p. 18, grifo da autora), permitindo a articulação entre jornalismo, televisão e recepção televisiva.

A essas premissas associou os conceitos metodológicos estrutura de sentimento, gênero televisivo e modo de endereçamento, que funcionam como instrumentos para serem usados diretamente com materiais empíricos. “Os três conceitos têm em comum sua origem – nasceram do esforço da análise cultural – e sua preocupação com o sujeito, com o processo ativo de produção de sentido na cultura. Nesse sentido, em diferentes estágios ou níveis, eles colocam atenção sobre os receptores e os processos de recepção” (GOMES, 2011, p. 27).

⁵⁴ Tradução nossa para: “They *authenticate* the coverage given to particular events by showing the concern of ordinary people in the issue; and they serve as potential *points of identification* for the audience, who are presumed to share the style and ‘widely held opinions’ voiced in the vox pop” (HARTLEY, 1982, p.90).

Estrutura de sentimento é um conceito cunhado por Raymond Williams no livro *The Long Revolution* (1961) e desenvolvido em *Marxismo e Literatura* (1979). Segundo Gomes (2011, p. 29), ele “[...] se refere a uma experiência social que está **em processo** ou **em solução**, com frequência ainda não reconhecida como social” [grifo da autora]. Ao partir da consideração do jornalismo como instituição social, a autora acredita que esse conceito “[...] permite olhar para o que é socialmente instituído como normas, valores, convenções do campo e o que é vivido, o que é a prática cotidiana e o que ela contém de características e qualidades que ainda não se cristalizaram em ideologias e convenções” (GOMES, 2011, p. 29). Assim, o telejornalismo deixa de ser observado como uma prática estática.

[...] se acolhemos a estrutura de sentimento [como um conceito metodológico, o jornalismo não poderá nunca ser considerado, para fins da análise, como uma “escola”, como uma instituição claramente e indefinidamente estadunidense ou anglo-saxônica que se espalha pelo mundo global – existirão tantos jornalismo quantas são as culturas, as sociedades e os tempos históricos em que ele é praticado e o trabalho do analista é encontrar as marcas da sua heterogeneidade constitutiva, a copresença, em seus produtos, de elementos dominantes, residuais e emergentes⁵⁵. (GOMES, 2011, p. 30).

O conceito metodológico de gênero televisivo que dá suporte ao método de análise de Gomes (2011, p. 32) também segue essa mesma perspectiva. A autora, ainda tendo como referência a obra de Raymond Williams, parte da concepção de gênero como “[...] uma forma de situar a audiência televisiva, em relação a um programa, em relação ao assunto tratado nele e em relação ao modo como o programa se destina a seu público”. Mas, vai além. Busca em Janotti Jr (2005) e em Martín-Barbero (1995) as bases para uma definição ampliada de gênero, que se configura a partir da relação interdependente dos processos de produção e de recepção: “[...] colocar a atenção nos gêneros televisivos implica reconhecer que o receptor orienta sua interação com o programa e com o meio de comunicação de acordo com as expectativas geradas pelo próprio reconhecimento do gênero” (GOMES, 2011, p. 32). É, portanto, um processo permanente de construção, que vai contra uma ideia estática de gênero. É o que a autora quer

⁵⁵ As noções de dominante, residual e emergente são usadas por Raymond Williams em *Marxismo e Literatura* (1997) para descrever elementos que compõem o processo cultural e são de diferentes temporalidades e origens. Gomes (2011) explica como se dá a articulação dessas noções à análise cultural. Segue o trecho: Segundo Williams (1997), é claro que a análise cultural deve considerar as características dominantes de um determinado processo ou sistema cultural, mas o analista precisa estar atento também a um certo senso de movimento, de processo histórico, e às articulações e inter-relações complexas entre esses elementos dominantes e os residuais, aqueles elementos que foram efetivamente formados no passado, mas ainda estão ativos no processo cultural, não só como elemento do passado, mas como um elemento efetivo do presente, e emergentes, novos significados e valores, novas práticas, novas relações e tipos de relação que são efetivamente criados e que aparecem como substancialmente alternativos ou opostos na cultura dominante. (GOMES, 2011, p. 30).

dizer ao afirmar que o gênero televisivo é da ordem da virtualidade, “[...] ou seja, não podemos encontrar por aí um exemplar puro de um gênero. Como virtualidade, entretanto, o gênero encontra sua atualização em programas específicos e, no sentido que adotamos aqui, no modo de endereçamento que cada programa constrói na relação com os espectadores” (GOMES, 2011, p. 33).

É por essa razão que, para esta pesquisa, ainda que se tenha como referência os princípios abordados a partir dos dois conceitos metodológicos acima descritos, o foco da análise está na definição de modo de endereçamento proposta pela autora.

Adotamos o conceito de modo de endereçamento naquilo que ele nos diz, duplamente, da orientação de um programa para o seu receptor e de um modo de dizer específico; da relação de interdependência entre emissores e receptores e na construção do sentido de um produto televisivo e do seu estilo. Nessa perspectiva, o conceito de modo de endereçamento se refere ao modo como um determinado programa se relaciona com sua audiência a partir da construção de um estilo, que o identifica e que o diferencia dos demais. Ele permite verificar como instituição e forma cultural se atualizam num programa específico. (GOMES, 2011, p. 36).

Esta pesquisa, portanto, assume a definição acima e busca identificar o atual modo de endereçamento do Jornal Nacional, ou seja, como ele se relaciona com a audiência e constrói um estilo em um contexto permeado pela influência da internet e dos sites de redes sociais. O próximo passo é entender como se dá o processo de operacionalização da análise.

6.1.1 Operadores de análise e aplicação

Além de definir uma abordagem própria para o conceito de modo de endereçamento, como apresentado acima, Gomes (2011) se preocupa em como deve se dar a análise de programas jornalísticos televisivos a partir de tal conceituação. Isso porque ainda que pareça clara a necessidade de a análise contemplar o que é específico da linguagem televisiva, essa se mostra uma tarefa bastante complexa.

A análise de programas jornalísticos televisivos, como parece óbvio, deve considerar os elementos que configuram os dispositivos propriamente semióticos da TV, os elementos da linguagem televisiva – os recursos de filmagem, edição e montagem de imagem e de som empregados pelos programas jornalísticos – e os elementos propriamente verbais. A análise deve nos levar ao que é específico da linguagem televisiva, tal como construída num determinado programa e, conseqüentemente, tal como socialmente partilhado pela audiência. A gravação ao vivo, as simulações, bem como os infográficos, mapas do tempo, vinhetas, telões e cenários virtuais formam o

conjunto dos recursos que, para além de credibilidade, dão agilidade e ajudam a construir a identidade dos programas e das emissoras. A análise do texto verbal, por sua vez, deve revelar as estratégias empregadas pelos mediadores para construir as notícias, interpelar diretamente a audiência e construir credibilidade. (GOMES, 2011, p. 37).

Por esse motivo, a autora esclarece que apenas a descrição de elementos semióticos não tem se mostrado suficiente no processo de compreensão das estratégias que configuram o modo de endereçamento dos programas jornalísticos televisivos. E, a partir dos operadores de análise, ela propõe uma “[...] articulação dos elementos semióticos aos elementos discursivos, sociais, ideológicos, culturais e propriamente comunicacionais” (GOMES, 2011, p. 37). São quatro operadores principais: o mediador, o contexto comunicativo, o pacto sobre o papel do jornalismo e organização temática.

A autora entende o mediador como a figura central, “[...] aquele que representa a ‘cara’ do programa, e que constrói a ligação entre o telespectador e os outros jornalistas que fazem o programa” (GOMES, 2005, p. 4). Isso quer dizer que não se pode deixar de considerar que são vários os mediadores dentro de um programa jornalístico, em especial se forem abarcados os diferentes formatos existentes. Mas esse operador, em específico, foca o perfil dos apresentadores e sua atuação no contexto do noticiário e da relação com os telespectadores.

Já o contexto comunicativo diz respeito ao lugar da comunicação, ou seja, o ambiente físico, social e mental em que ela ocorre. Na visão da autora, o contexto comunicativo compreende não só o programa, mas também o receptor e as circunstâncias espaciais e temporais envolvidas. “Um programa jornalístico sempre apresenta definições dos seus participantes, dos objetivos e dos modos de comunicar, explicitamente [...] – ou implicitamente – através das escolhas técnicas, do cenário, da postura do apresentador” (GOMES, 2011, p. 39).

No pacto sobre o papel do jornalismo, estão presentes os acordos tácitos estabelecidos entre telespectador e telejornal, tendo como base o papel que o jornalismo desempenha na sociedade. E é justamente a partir desse pacto que o telespectador tem condições de saber o que esperar de um determinado telejornal.

Para compreensão do pacto é fundamental a análise de como o programa **atualiza** as premissas, valores, normas e convenções que constituem o jornalismo como instituição social de certo tipo, em outras palavras, como lida com as noções de objetividade, imparcialidade, factualidade, interesse público, responsabilidade social, liberdade de expressão e de opinião, atualidade, quarto poder, como lida com as ideias de verdade, pertinência e relevância da notícia, com quais valores-notícia de referência opera. (GOMES, 2011, p. 39, grifo da autora).

A organização temática, por sua vez, no caso dos telejornais, diz respeito à estruturação das editorias e à forma como as notícias são apresentadas, que são definidas levando-se em consideração, entre outros fatores, a proximidade geográfica com a audiência. “Um telejornal pode ser local, regional, nacional ou internacional. Sem ser temático, o telejornal pode enfatizar as editorias de economia e política, ou a de cultura e lazer, ou a de esportes. A arquitetura dessa organização implica, por parte do programa, a aposta em certos interesses e competências do telespectador” (GOMES, 2004, p. 92).

Mas, Gomes (2011) faz questão de ressaltar que os operadores de análise não devem ser entendidos como categorias estanques e excludentes, ou seja, que podem ser observadas e interpretadas de forma isolada e a partir de regras externas ao objeto de análise. Ao contrário, “[...] os operadores são os ‘lugares’ para onde o analista deve olhar, não o fim último do esforço analítico” (GOMES, 2011, p. 38). Por esse motivo, não são fixos e podem ser adaptados para a configuração própria de cada telejornal.

Tanto que, em dois trabalhos anteriores liderados pela autora, realizados em parceria com os membros do Grupo de Pesquisa de Análise de Telejornais, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da UFBA, são utilizados outros operadores além dos quatro já citados. No primeiro deles, Gomes (2004a) propõe um exercício de interpretação do Jornal do SBT a partir da aplicação de oito operadores⁵⁶. No segundo, a análise é do Jornal Nacional. Nesse caso, Gomes (2005) faz a interpretação do modo de endereçamento do noticiário tendo como referência nove operadores⁵⁷. Nos dois casos, a autora afirma partir dos operadores de análise de Hartley (1982), já mencionados, e atualizá-los e ampliá-los em razão de uma variedade dos formatos dos programas jornalísticos; da forte hibridação entre gêneros, por exemplo, entre jornalismo e ficção, entre jornalismo e entretenimento; e das inovações tecnológicas disponibilizadas para o telejornalismo (GOMES, 2004a, 2005).

6.1.2 O modo de endereçamento do JN

Como mencionado acima, Gomes (2005) liderou uma análise detalhada do Jornal Nacional tendo como base nove operadores de análise do modo de endereçamento. Para tanto, foi definida uma amostra constituída por todas as edições do noticiário entre os meses de abril

⁵⁶ Além dos quatro operadores principais (mediador, temática, o pacto sobre o papel do jornalismo e o contexto comunicativo), Gomes (2004a) utiliza: os recursos técnicos a serviço do jornalismo, recursos da linguagem televisiva, formatos de apresentação da notícia e relação com as fontes de informação.

⁵⁷ Além dos oito operadores acima, Gomes (2005) acrescenta mais um a essa análise: o texto verbal.

e dezembro de 2004. Além dos quatro operadores já explicitados, a autora ainda utilizou: os recursos técnicos a serviço do jornalismo (as tecnologias de imagem e o modo como são utilizadas na cobertura jornalística), os recursos de linguagem televisiva (filmagem, edição e montagem de som e imagem), os formatos de apresentação da notícia (nota simples, nota coberta, reportagem, entrevista, indicadores), a relação com as fontes (a autoridade/especialista e o cidadão comum) e o texto verbal (estratégias empregadas pelos mediadores para construir as notícias e a credibilidade do noticiário). Dessa análise, foram elencados pontos importantes que demonstram as características constituintes do telejornal bem como o modo que ele convoca o telespectador. No entanto, a autora faz a ressalva de que, por muitas das características desse noticiário se confundirem com os elementos próprios do subgênero telejornal, perceber o modo de endereçamento do Jornal Nacional não é uma tarefa fácil.

Destacamos, para esta pesquisa, alguns pontos importantes elencados por Gomes (2005). O primeiro deles diz respeito à imparcialidade da notícia, considerada “a marca privilegiada do JN” (p. 7). O noticiário constrói sua credibilidade a partir da concepção de reportagem que evidencia os dois lados da notícia. As informações também são sustentadas por números, estatísticas, porcentagens apoiadas em artes e gráficos, elementos que caracterizam “certo didatismo do programa” (p. 8). A presença da equipe no local dos fatos, com exploração de entradas ao vivo e correspondentes não só no Brasil como em diferentes partes do globo, contribui para essa construção. Essa interpretação é reforçada por Maia (2005), em pesquisa de mestrado orientada por Gomes. Ela também se dedicou a identificar o modo de endereçamento de programas jornalísticos, entre eles o Jornal Nacional. Segundo a pesquisadora,

Aspectos como isenção, ausência de julgamento, espaço para duas vozes discordantes apresentadas como os dois lados da notícia, servem de sustentação da auto-imagem que o JN constrói de compromisso jornalístico, considerando, assim, que a sua audiência tem discernimento quanto às exigências feitas a um veículo em relação à sua atuação na área do jornalismo, com seus paradigmas e acordos tácitos com a sociedade. Mas, por outro lado, o telejornal utiliza a credibilidade do discurso jornalístico para, através dos elementos próprios da linguagem telejornalística, a exemplo da capacidade expressiva da imagem acompanhada do relato sonoro, para se dispor a ‘convencer’ sua audiência sobre o modo como deve interpretar algumas notícias. A convivência entre a força com que o telejornal apresenta de modo editorial suas opiniões, permitindo-se com frequência o recurso da ironia e uma argumentação de compromisso com as bases da função do jornalismo imparcial, isento, objetivo através do destaque à veracidade das imagens, relatos sonoros e dados detalhados, é a principal marca do modo de endereçamento do Jornal Nacional. No JN, há uma ambiguidade em relação ao que o jornalismo tenta distinguir entre ‘fato’ e ‘opinião’, já que são feitas, em larga medida, ironias e críticas durante a apresentação das notícias. (MAIA, 2005, p. 124).

Mas, o principal pacto do noticiário com a audiência, segundo Gomes (2005), seria a função de trazer um recorte do que acontece de mais importante no país e no mundo para alimentar a conversação social, ou seja, a troca de informações entre as pessoas no dia seguinte ao noticiário. Numa arquitetura de informações que segue sempre o princípio de apresentar as notícias mais quentes e depois o que tem de mais leve no encerramento do telejornal. Nesse sentido, para Maia (2005), o telejornal se posiciona como um guardião dos interesses do Brasil e dos brasileiros. Segundo a autora, essa posição

[...] é reiterada indistintamente nas matérias das diversas editorias que traduzem os fatos jornalísticos no discurso de defesa dos referenciais da nação e do brasileiro. Este é o pano de fundo tanto de reportagens sobre escândalos políticos e financeiros, crimes ambientais e denúncias de desvio de recursos, como daquelas matérias que destacam comportamentos solidários e de preservação de características culturais das diversas regiões. Por trás de todos os acontecimentos e enfoques, o JN estabelece para o noticiário um referencial fortemente ufanista. Mas o ufanismo do JN ganha contornos de maior seriedade, importância e repercussão na vida de todo o país na apresentação das notícias relativas aos acontecimentos jornalísticos que têm lugar em Brasília, no Rio de Janeiro e em São Paulo. Tais percepções não extraem os telespectadores das demais regiões do endereçamento do noticiário, no entanto, apontam tanto para a prevalência dos acontecimentos relativos às áreas privilegiadas, como para um modo de definir quais os fatos, fora desta demarcação, são noticiáveis e a maneira de abordá-los. Para além desta circunscrição geográfico-simbólica, o noticiário ressalta apenas os fatos vinculados à esfera das manifestações culturais locais, modeladas numa conformação de apelo emocional e excessos caricaturais, das riquezas ambientais ou aqueles de teor negativo, das áreas de segurança e polícia. (MAIA, 2005, p. 125).

Já em relação aos apresentadores, Gomes (2005) ressalta que eles reforçam a construção da sensação de imparcialidade promovida pelo noticiário ao assumirem o papel de “representantes dos interesses do cidadão” (GOMES, 2005, p. 9). Além disso, “[...] o jornal parece emprestar uma identidade forte, porém temporária, aos apresentadores. Os apresentadores do JN representam e traduzem todo o sentido de tradição e conservadorismo do telejornal” (p. 10). No entanto, a autora ressalta que, apesar de uma aparente postura de neutralidade, esses mesmos apresentadores não deixam de emitir juízos de valor. Isso se dá por meio das expressões faciais deles. “A credibilidade do Jornal Nacional, ao invés de estar marcada pelo distanciamento do fato, pela ilusão de transparência, está fundada na proximidade do fato, na atitude de viver os fatos, emocionar-se, indignar-se e alegrar-se com eles, ou tratá-los com a seriedade ou sobriedade que exigem” (p. 10).

É a mesma interpretação apresentada por Maia (2005), que destaca um conjunto de estratégias que vão desde o tom e ritmo da voz até a expressão facial dos apresentadores ao interpretar as notícias, para construir um noticiário que naturaliza o tom tradicionalista e explora interpretações dualistas e reducionistas dos fatos.

Sob este prisma, os telespectadores são interpelados a assumir, em alguma medida, uma certa cumplicidade com os valores defendidos e, também, concordar com o perfil construído pelo telejornal na apresentação dos ‘dois lados’ do fato jornalístico, numa abordagem reducionista da complexa teia dos acontecimentos. [...] O modo de apresentar os relatos, ainda que através do discurso impessoal, envolve a afirmação da capacidade técnica de acessar os acontecimentos com agilidade e rigor no apuro estético de imagens e efeitos visuais e sonoros. O ritmo veloz de apresentação das notícias com frases curtas, vocabulário de apelo dramático, larga utilização de recursos nos *teasers* e nas reportagens fazem parte das referências que o JN utiliza para posicionar-se como noticiário capaz de chegar rapidamente à cena do acontecimento, de onde se sente autorizado a emitir um relato que é colocado para o telespectador como verdadeiro, imparcial e objetivo da realidade. Este ritmo acelerado pressupõe exigências da audiência quanto ao modo de apresentação das notícias. (MAIA, 2005, p. 127).

O JN também é um telejornal que valoriza o trabalho dos repórteres, que muitas vezes são mencionados nominalmente durante uma determinada cobertura. No Brasil, o noticiário foi pioneiro ao enviar correspondentes a outros países. “O ‘estar ali’, a presença do repórter, assegura a credibilidade à narração do fato e, em longo prazo, ao jornal que o anuncia” (GOMES, 2005, p. 9). De volta ao Brasil, ainda que o objetivo seja retratar todo o país, as reportagens são predominantemente do eixo Rio – São Paulo – Brasília, como já mencionado. E é desse enfoque que, segundo a autora, são construídos os lugares de fala e a concepção da figura do outro. “Os acontecimentos das demais regiões são notícia sob o ‘olhar estrangeiro’” (GOMES, 2005, p. 11). O caráter nacional, portanto, fica por conta da construção de um discurso sobre o Brasil e o brasileiro, da exploração do sentimento nacional e da diversidade regional. É nesse sentido que a humanização das reportagens, ou seja, utilizar a história de uma pessoa para ser o exemplo de algo que pode ocorrer ou ocorre com muitas outras, torna-se uma estratégia do noticiário. “A intenção é dar um ‘rostro’, uma ‘cara’ a cada história. A aproximação aqui não significa simplesmente ‘se reconhecer’ na tela, mas reconhecer ‘aquela história’ contada como ‘humana’, ‘real’, ‘verdadeira’” (GOMES, 2005, p. 13).

No entanto, por conta do período em que foi realizada, tal interpretação do modo de endereçamento do Jornal Nacional merece uma atualização. Parte-se, aqui, da hipótese de que mudanças no cenário, nos mediadores e na atuação deles, na transposição do conteúdo da

televisão para plataformas digitais e também o novo perfil dos telespectadores, que consomem notícias de forma variada e estão conectados em rede, modificaram a relação que o noticiário propõe para ou define em conjunto com sua audiência. A intenção desta pesquisa é justamente identificar quais são essas mudanças nesse contexto de aproximação entre o telejornal e os sites de redes sociais na internet, bem como com seus usuários.

6.2 O *CORPUS* DA PESQUISA

A coleta dos casos que nortearam a análise e resposta da questão de pesquisa se deu de modo randômico, em três etapas, ao longo dos primeiros 3 anos de pesquisa. A primeira delas teve início em maio de 2015, o ano de ingresso da pesquisadora no programa de doutorado. Inicialmente, foi feita com a observação do noticiário, ao vivo, até o mês de dezembro do mesmo ano. Ao todo, foram identificadas 5 situações que registraram uma tentativa do Jornal Nacional em criar um discurso de aproximação com os usuários dos sites de redes sociais. A partir delas, foi-se em busca de informações relativas ao ocorrido para ilustrar os episódios nos sites de redes sociais e na imprensa, que registrou com surpresa as primeiras referências feitas pelos apresentadores do Jornal Nacional a esses sites e aos seus usuários.

Diante da constatação de que as interações durante a exibição ao vivo do noticiário ocorriam, predominantemente, por intermédio do site de rede social Twitter e, diante de todas as características apresentadas no Capítulo 4, que singularizam essa plataforma, optou-se por acompanhar o perfil oficial do Jornal Nacional nesse microblog para identificar como o noticiário se endereçava aos seguidores. Foram avaliadas as postagens no intervalo de 05 de junho a 05 de dezembro de 2015, divididas em 3 tipos principais: vídeo apresentando os destaques da edição do dia, feito por um dos apresentadores, porém sem um formato padrão e sem regularidade de postagem; textos explicativos com imagem e link de redirecionamento para o site do telejornal com reportagens veiculadas no dia; e, o que mais chamou atenção neste primeiro momento de análise, fotos dos apresentadores para marcar o início do telejornal na televisão, postada todos os dias às 20h30, horário de início da transmissão. A mesma análise sobre o tipo de conteúdo postado foi repetida entre os meses de junho e julho de 2018, período que compreendeu a Copa do Mundo de Futebol na Rússia, e que registrou os mesmos tipos de postagens, porém, com uma diferença: os vídeos de destaque passaram a ter regularidade, formato e linguagem próprios.

Depois de acompanhar o noticiário ao vivo e de analisar as postagens feitas no perfil oficial do site de rede social Twitter, partiu-se para uma ação combinada: assistir ao telejornal

e coletar postagens dos usuários do microblog sobre o JN, no instante da veiculação do noticiário. Para essa coleta, foi utilizado o software Netlytic⁵⁸, uma ferramenta de monitoramento e pesquisa desenvolvida por Antoliy Gruzd, professor da Ryerson University, no Canadá, e diretor do Social Media Lab, um laboratório de pesquisa multi e interdisciplinar da mesma universidade, dedicado ao estudo dos impactos das mídias sociais na atualidade⁵⁹. A ferramenta solicita uma autenticação simples, feita a partir de um perfil no site de rede social Twitter. Neste caso, o perfil utilizado foi o da própria pesquisadora. A partir da configuração da ferramenta, foram definidas coletas a cada quinze minutos, no intervalo de um dia, assim que uma situação envolvendo conteúdos ou menções a sites de redes sociais fossem identificadas ao vivo, com repercussão no Twitter. Foram vários os momentos de coleta entre novembro de 2017 e maio de 2018. Dentre eles, foram escolhidos oito episódios.

É importante esclarecer que, segundo essa opção metodológica, ainda que a intenção seja identificar o modo de endereçamento do noticiário, a análise não está centrada em uma pesquisa quantitativa. O trabalho está voltado, portanto, à interpretação qualitativa dos episódios mencionados à luz do eixo sincrônico do mapa das mediações de Martín Barbero (2009), entre formatos industriais e lógicas de produção, permeados pelas mediações de tecnicidade, também representadas no mapa das mutações, entre tempos e fluxos (MARTÍN-BARBERO, 2009b); tendo como referência o conceito de gênero enquanto categoria cultural, posicionado no centro do mapa das mediações (GOMES, 2011a); e a partir do contexto comunicativo, operador de análise de modo de endereçamento também definido por Gomes (2011). Esse último, no entanto, tomado a partir de uma visão crítica, que parte do pressuposto de que a definição do contexto comunicativo do objeto em questão, o Jornal Nacional, não se restringe mais à televisão, como até então considerado. Passa também pela relação estabelecida com os usuários dos sites de redes sociais por intermédio do perfil oficial do telejornal. É o que se pretende demonstrar com a análise a seguir.

⁵⁸ Disponível em: www.netlytic.org. Acesso em: novembro de 2017 a maio de 2018.

⁵⁹ Como está descrito no site do Social Media Lab: “The lab studies how social media is changing the ways in which people communicate, disseminate information, conduct business and form communities, and how these changes impact the social, economic and political structures of modern society”. Disponível em: <http://socialmedialab.ca/>. Acesso em 25 de mai. de 2018.

7 A CONSTRUÇÃO DO MODO DE ENDEREÇAMENTO EM MÚLTIPLAS TELAS

“[...] o telejornalismo não se resume a uma construção audiovisual sobre as coisas do mundo, mas se constitui enquanto extensão das interações sociais”.
(GUTMANN, 2012, p. 251)

Ao partir de uma fundamentação teórica baseada nos Estudos Culturais, entende-se, nesta pesquisa, a televisão enquanto tecnologia e forma cultural e o jornalismo como uma construção social, articulado à cultura e à sociedade (WILLIAMS, 2016). Ou seja, ele é constituído a partir de múltiplos contextos sociais, históricos, econômicos, que se modificam constantemente. E, justamente por isso, o tornam uma prática também em constante reconfiguração. Assim, assistir a um telejornal é um processo de mediação (MARTÍN-BARBERO, 2009), que se estabelece muito além do meio de comunicação e de sua linguagem.

Gutmann (2012)⁶⁰, que investigou as articulações entre a linguagem televisiva e valores constitutivos do jornalismo a partir de uma abordagem baseada em aspectos discursivos, textuais e culturais, que caracterizam as produções de telejornais brasileiros, reforça essa perspectiva ao afirmar que

O sentido de mediações, portanto, convoca um processo de ruptura com a referência exclusiva ora nas lógicas de produção, como determinante para os sentidos dos produtos midiáticos, ora nas lógicas de recepção, que marca as pesquisas empíricas dos efeitos midiáticos, na linha funcionalista pautada no modelo matemático da comunicação. Esse deslocamento nos ajuda a pensar o telejornalismo, e o jornalismo, não como uma esfera midiática que transmite os acontecimentos do mundo para um determinado público, mas como uma instância mediadora nos termos de Martín-Barbero, ou seja, como lugar de articulação entre cultura, comunicação, sociedade e política que, por sua vez, faz dialogar lógicas de produção, expectativas de consumo, matrizes culturais e formas industriais. Ao mesmo tempo, nos faz também aproximá-lo de uma perspectiva construcionista, que concebe o telejornalismo como uma construção cultural que põe em jogo elementos contextuais, valores próprios da constituição interna do campo, tecnologias e perspectivas de audiência. (GUTMANN, 2012, p. 189).

⁶⁰ *Formas do telejornal*: um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva (2012) é a pesquisa de doutorado de Juliana Freire Gutmann. A pesquisadora parte do entendimento de que o sentido da notícia é reconhecido no telejornalismo não só pelos conteúdos colocados em circulação, mas pelas formas como esses conteúdos são expressos. Com isso, ela estuda como se dá essa construção a partir da articulação de valores constitutivos do jornalismo, como instantaneidade, simultaneidade, conversação, participação, vigilância e revelação, à linguagem televisiva, tendo como referência três dimensões características do meio: elementos de composição audiovisual, performance dos sujeitos de fala e transmissão direta. Por conceber a experiência televisiva como um processo de mediação (MARTÍN-BARBERO, 2009), o gênero televisivo enquanto categoria cultural (GOMES, 2011a), e partir do contexto comunicativo, definido também por Gomes (2011), como lugar central para a análise do sentido dos telejornais, referências caras a esta pesquisa, este é um trabalho que dialoga e fundamenta a análise apresentada a seguir.

É por isso que também se assume, neste estudo, a proposição de Gomes (2011a) que posiciona o gênero televisivo no centro do mapa das mediações de Martín-Barbero e o reconhece enquanto categoria cultural, capaz de oferecer uma investigação completa do processo comunicativo, ou seja, das relações entre comunicação, cultura e política materializadas nos programas televisivos. Ainda que não seja uma proposta desta pesquisa analisar o gênero telejornalismo, busca-se, nessa referência teórica, ferramentas para a interpretação das mudanças no formato do Jornal Nacional e possíveis atualizações para esse subgênero, já que ele é uma extensão das interações sociais e “[...] as ações, situações e discursos são construídos e reconhecidos enquanto notícia porque se relacionam com temporalidades e práticas culturais da vida cotidiana” (GUTMANN, 2012, p. 15).

Uma vez que o recorte de análise traçado está justamente no eixo sincrônico do mapa das mediações de Martín-Barbero (2009), especificamente nas mediações da tecnicidade, acionadas pela interação entre formatos industriais, neste caso o telejornal, e lógicas de produção; e também no mapa das mutações, uma atualização proposta por Martín-Barbero (2009b), posicionadas entre tempos e fluxos, é importante ressaltar que essas mediações não estão relacionadas apenas às mudanças na cultura e nas práticas sociais a partir da tecnologia. Mas remetem também às novas linguagens e à complexidade dos discursos estabelecidos a partir das relações de poder e do contexto histórico do qual fazem parte (RONSINI, 2010). Assim, pensar as mediações de tecnicidade no gênero telejornalismo, mais precisamente no subgênero telejornal, é pensar, segundo Gutmann (2012),

[...] as competências organizacionais e comunicativas configuradas em formas materiais, em produtos. Nesse caso, é possível posicionar o telejornal enquanto formato industrial do telejornalismo cujas *tecnicidades* são as formas materiais simbólicas de lidar com a notícia na TV, as quais, através dos programas, dizem sobre regimes de presença e de presente, sobre trocas conversacionais, modos de representação do público, sobre o poder de vigilância e revelação das diversas esferas sociais que definem o jornalismo como instituição e forma cultural. (GUTMANN, 2012, p. 213, grifo da autora).

A autora também reforça que a tecnicidade se concentra nas formas materiais do telejornal, ou seja,

[...] busca-se adesão justamente pelas performances corporais e encenações dos sujeitos de fala, elementos audiovisuais, veiculação ao vivo que configuram temporalidades, modelos de conversação, representações de tipos sociais, espaços e escolhas plásticas relacionadas aos modos de vida cotidianos de uma dada coletividade – identificada pela partilha de gostos,

hábitos de audiência e de consumo, relações com territorialidades etc. Isso significa que a atuação social do jornalismo, ou pelo menos o reconhecimento social desta, depende de uma certa habilidade em posicionar o público como interlocutor do processo de interação. Como dito, é este movimento de reconhecimento por parte do público dos valores discursivos do jornalismo e do modo com que estes configuram representações de mundo, de sua cotidianidade, que responde pela certificação e legitimação dos programas acolhidos enquanto “jornalísticos” e cujos enunciados são identificados como “verdadeiros”, “reais”, “atuais”, “críveis”. (GUTMANN, 2012, p. 214-215).

Partindo desse quadro teórico, que norteia o olhar da pesquisadora, a opção metodológica para a análise do modo de endereçamento do Jornal Nacional se dá a partir do operador de análise do contexto comunicativo, definido por Gomes (2011). Como já apresentado no capítulo anterior, este operador, de maneira geral, diz respeito ao contexto em que o programa televisivo atua e que compreende tanto o emissor quanto o receptor e as circunstâncias espaciais e temporais em que se dão o processo comunicativo: “os modos como os emissores se apresentam, como representam seus receptores e como situam uns e outros em uma situação comunicativa concreta” (GOMES, 2011, p. 39). Mas que passam também pelas escolhas técnicas, de cenário e até de postura do apresentador.

No caso específico dos telejornais, vem de Gutmann (2012) a interpretação deste operador de análise, que se encaixa à proposta de trabalho desta pesquisa.

[...] entende-se que a apropriação do contexto comunicativo como operador metodológico para a análise dos processos comunicativos deflagrados pelos telejornais sugere um olhar na direção da cena criada no e pelo texto – entendido enquanto textualidade – através do modo como os sujeitos se apresentam e posicionam seus interlocutores, configurando lugares de fala, tempo e espaço determinados. O contexto comunicativo é justamente a situação discursiva que se realiza a partir do reconhecimento, por parte do programa, do seu receptor, da sua competência cultural e daquilo que é partilhado com ele (tempo, espaço, interesses comuns pela notícia). Nessa perspectiva, através do texto, procura-se entender como o programa constrói posições, como ele descreve e põe em relação seus interlocutores numa determinada dimensão espaço-temporal. (GUTMANN, 2012, p. 230).

Como a autora bem ressalta, texto é entendido enquanto textualidade e, segundo a interpretação nesta pesquisa, não está circunscrito à cena televisiva, uma vez que já não é mais possível desconsiderar o trânsito de conteúdos entre plataformas e a presença dos programas televisivos nos sites de redes sociais, como detalhado até aqui. Assim, a essa definição, propõe-se analisar todos os elementos citados de forma unificada, na televisão e na internet, pois o contexto comunicativo não difere, é um só. Assim como o modo de endereçamento também é único, construído em conjunto entre telejornal, seus telespectadores e seguidores do perfil

oficial do noticiário no Twitter. Ao partir dessa proposição, assume-se que o noticiário é um só e vem atualizando as relações que estabelece com seu público justamente por reconhecer nele a diversidade entre telespectadores que consomem o conteúdo pela televisão e usuários de sites de redes sociais que, ou acompanham o telejornal pela televisão ou pelas atualizações postadas tanto pelo perfil oficial do Jornal Nacional no Twitter ou pelos demais usuários, mas fazem questão de interagir, no momento da exibição ao vivo, por intermédio da plataforma. Esse é o cenário comunicativo que dá suporte à análise das situações coletadas a seguir.

7.1 OS PRIMEIROS REGISTROS

Como apresentado no capítulo anterior, a coleta de dados da pesquisa teve início em maio de 2015, mês de ingresso da pesquisadora no programa de Pós-Graduação, com a observação diária do Jornal Nacional ao vivo e o registro de situações que indicassem possíveis mudanças na forma como o noticiário se direcionava ao telespectador. O período foi escolhido em razão da mudança recente pela qual o telejornal tinha passado: em 27 de abril do mesmo ano, como detalhado no capítulo 5. A reformulação no cenário permitiu aos apresentadores, pela primeira vez na história do telejornal, levantarem das bancadas e circularem livremente pelo cenário; em consequência, os movimentos de câmera e os enquadramentos também foram alterados e as conversas com repórteres e com o próprio telespectador ganharam informalidade.

7.1.1 O apelido de Maria Júlia Coutinho

O primeiro registro desse novo momento do noticiário foi identificado em 12 de maio de 2015. Ao fim da previsão do tempo, Willian Bonner se dirige à recém-chegada apresentadora do tempo, Maria Júlia Coutinho, e pergunta como ela deseja ser chamada durante o noticiário: pelo nome completo ou pelo apelido que tem “nas redes sociais”. Segue o diálogo dos apresentadores nesse episódio.

William Bonner: Maria Julia, só pra terminar...

Maria Júlia: Fala...

William Bonner: o que é que você prefere: Maria Júlia ou Maju, como você se intitula nas redes sociais e o teu público, seus fãs, ficam pedindo pra gente?

Maria Júlia: Ahhhh (risos) Eu prefiro Maju.

William Bonner: Então tá bom. Renata, a partir de hoje, Maria Júlia Coutinho será também Maju.

Maria Júlia: (risada) Ahhh, adorei.

William Bonner: Boa noite pra você! (risos)

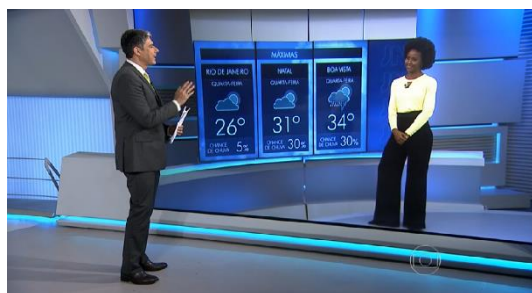
Renata ao mesmo tempo que Maria Júlia: Combinado. Até amanhã.

Maria Júlia: (risos) Boa noite Maju

Renata: Até amanhã Maju (reforçando a fala que ficou sobreposta)

Maria Júlia (fora de quadro): Até amanhã.

Figura 28 - Sequência de enquadramentos do diálogo



Fonte: site do Jornal Nacional, 2018.

Este é um diálogo curto, mas carregado de indícios que demonstram novidades no modo do noticiário se posicionar ao seu público. O primeiro ponto a ser considerado é a própria cena de conversação e o papel dos mediadores, os apresentadores. Segundo Gutmann (2012, p. 104), “[...] o telejornal é um espaço no qual as produções de sentido sobre o mundo se instauram a

partir de atos de conversação”, por isso a definição, por parte da pesquisadora, de que a conversação e a participação são valores constitutivos do telejornalismo.

Ainda que sejam diversas as situações de conversação e participação, a autora destaca a apresentação no estúdio justamente por ela “[...] servir de ancoragem das diversas outras unidades do noticiário” (GUTMANN, 2012, p. 104) e com isso ser o “terreno de conformação” do contexto comunicativo.

É pela apresentação ao vivo do programa que se estabelece o vínculo entre as partes do discurso ritualizado pelas performances dos principais sujeitos de fala de um telejornal: os apresentadores. Entender os atos conversacionais propostos por um telejornal significa reconhecer este primeiro sujeito do discurso (o apresentador enquanto narrador central ou macronarrador), observar como ele constrói posições e como, a partir destas, posiciona seu interlocutor. (GUTMANN, 2012, p. 105).

Nesse sentido, Gutmann (2012) pontua ainda que a bancada acaba sendo um elemento bastante representativo do lugar de fala do apresentador. É uma fronteira não só física, mas também simbólica, que estabelece quem fala e quem ouve.

No comando da bancada, além de corporificar o sujeito enunciador, sendo identificado como a representação primeira de um programa, o apresentador agencia a deleção de vozes para os outros sujeitos do discurso. Tal função reforça este lugar de direção de autoridade maior no processo comunicativo. (GUTMANN, 2012, p. 105).

É inegável, portanto, a importância da figura de William Bonner enquanto apresentador e editor chefe do Jornal Nacional. E de sua posição de autoridade em muitos momentos na bancada. Mesma condição de Renata Vasconcellos, que atualmente ocupa a segunda cadeira e também é editora executiva. No entanto, a situação acima apresentada foge à cena padrão.

Como é possível observar nos fragmentos da conversa, o diálogo dos apresentadores ocorre por intermédio de um telão. Ainda que tal recurso já viesse sendo utilizado em telejornais da rede, a novidade fica por conta do tamanho dessa tela, que mostra o correspondente em outro estúdio de corpo inteiro, e também os enquadramentos, que simulam uma conversa direta, como se estivessem em um mesmo espaço, um de frente para o outro. Mas, William Bonner está no Rio de Janeiro e Maria Júlia está em São Paulo. A ideia é justamente aproximá-la ao contexto de apresentação do telejornal. Os jornalistas também não estão separados por uma bancada. Fato que além simular uma proximidade entre eles no momento da conversação, também os coloca mais perto do público que acompanha esse diálogo, uma das grandes mudanças com a

reformulação do noticiário. Além do cenário, todo o desenrolar da conversa oferece elementos de uma tentativa de aproximação com o telespectador e com o público dos sites de redes sociais.

Ainda sobre a figura do apresentador, chama atenção o fato de ser aberta a possibilidade de uma apresentadora do Jornal Nacional ser chamada pelo apelido e a discussão sobre o seu uso ou não se dar no ambiente da transmissão ao vivo. Enquanto outros jornalistas da casa, como Chico Pinheiro e Caco Barcellos, tiveram seus apelidos naturalizados a partir do uso, neste caso, foi criado um momento para que Maria Júlia Coutinho fosse oficialmente declarada Maju, ou seja, uma estratégia muito bem pensada pela equipe editorial do telejornal.

O nome de um mediador, seja ele apresentador ou repórter, está estritamente vinculado a sua imagem profissional. Tanto que consta no site Memória Globo que o nome do editor-chefe do Jornal Nacional é William Bonemer Júnior. Ele se tornou William Bonner quando iniciou a carreira de apresentador na década de 1980: “A ideia de mudar o sobrenome surgiu quando ele se tornou apresentador do SPTV – 3ª Edição, em 1986: percebeu que seria uma pessoa pública e não queria ser confundido com o pai, o pediatra William Bonemer, que tinha um consultório na cidade” (MEMÓRIA GLOBO, 2019).

O nome e o sobrenome são tão fortes para um mediador que, segundo Gomes (2005), compõem o modo de endereçamento do Jornal Nacional quando esse pretende valorizar a cobertura jornalística realizada, mostrando ao telespectador o trabalho dos repórteres.

Nesse caso, os enviados especiais sempre recebem destaque dos apresentadores, que dizem seu nome na abertura das matérias: “da capital da Ucrânia, as informações são do enviado especial da Rede Globo, Marcos Losekann”. Essa estratégia legitima a fala do repórter que está no local do acontecimento. Matérias exclusivas e furos de reportagem também recebem o destaque dos apresentadores. Um exemplo foi a denúncia sobre fraudes no seguro para pescadores, em que o William Bonner informou: “a reportagem é de Ricardo Von Dorff”. (GOMES, 2005, p. 6).

À primeira vista, a possibilidade de uso do apelido poderia denotar um enfraquecimento e perda de credibilidade do mediador. No entanto, a pergunta de Bonner é reveladora: “O que é que você prefere: Maria Júlia ou Maju, como você se intitula nas redes sociais e o teu público, seus fãs, ficam pedindo pra gente”. Ou seja, Maria Júlia se autodenomina Maju e é reconhecida pelos telespectadores e seguidores dos sites de redes sociais como tal. O apelido compõe a identidade da jornalista e não significa perda da credibilidade, pois os próprios fãs pedem para que ela seja chamada assim no telejornal. Um pedido que, como demonstra o uso do gerúndio, é contínuo. Ou seja, vem sendo reiterado pelos telespectadores usuários da internet até o momento de o editor-chefe considerá-lo e decidir levar esse assunto ao momento da exibição

ao vivo. Mas, essa também parece ser uma condição que vai ao encontro do interesse do noticiário: foi dado início a um movimento de flexibilização do formato, de aproximação ao público por meio de um discurso menos formal. A presença da própria jornalista Maria Júlia é uma prova disso, uma vez que ela trouxe mais dinamismo e leveza à previsão do tempo. E a decisão de deixar claro ao vivo, durante a transmissão do telejornal, o início do uso do apelido, é mais um passo dessa estratégia.

Uma possível explicação para essa construção identitária do mediador, que agora pode ser acionado pelo apelido no momento da conversação no telejornal, e o reconhecimento por parte do público, pode estar nas pesquisas desenvolvidas Valéria Araújo (2018). A pesquisadora questiona as noções de objetividade que se tornaram um padrão profissional no jornalismo brasileiro no início das transmissões televisivas na década de 1950, foram se consolidando nas décadas seguintes, mas estão sendo reelaboradas. Araújo, V. (2018) parte da atuação dos repórteres de três programas semanais, *Profissão Repórter*, *A Liga* e *O Infiltrado*, para identificar como a relação proposta com o público a partir das vivências experimentadas pelos repórteres abrem possibilidade para construções subjetivas no telejornalismo. Ainda que o discurso hegemônico carregue as noções de objetividade, Araújo, V. (2018) chega à conclusão de que

Configurados a partir de um argumento que apresenta os relatos de vivência de seus repórteres como centrais em suas construções, *A Liga*, *Profissão Repórter* e *O infiltrado* exibem mediadores que funcionam justamente a partir de uma perspectiva que os caracteriza como personagens convocando sentidos acerca de si mesmos na construção da discussão jornalística que exibem. Os três programas se apropriam das convenções jornalísticas a partir de modos bastante distintos, mas a atuação dos repórteres nos três produtos coloca em causa um sentido de partilha que convoca o espectador para a cena através de uma experiência pessoal que configura as narrativas e aciona sentidos que tanto permitem um reconhecimento do espectador na cena quanto configuram possibilidades de oferta de reconhecimento aos sujeitos implicados nela – ainda que o personagem construído na performance dos repórteres se sustente justamente na autoridade atribuída a ele pela profissão ou pelo reconhecimento de um código comum sobre o jornalismo. (ARAÚJO, V., 2018, p. 348-349).

Assim, os programas acionam, a partir das experiências de seus repórteres, a partilha de sentidos subjetivos em uma reportagem, uma partilha que é pessoal e estabelecida a partir do fazer, do relato profissional, mas que considera afeto e sensibilidade.

Fazendo a transposição para o objeto desta pesquisa, essas convocações de afeto e sensibilidade, que foram identificadas por intermédio do trabalho jornalístico dos repórteres

dos três programas abordados, podem ser identificadas em perfis pessoais de apresentadores e repórteres do Jornal Nacional nos sites de redes sociais. Além de relatarem situações vivenciadas durante a atuação profissional, de bastidores, esses espaços também passaram a ser utilizados para compartilhar momentos da vida privada, que antes não chegavam ao público. A relação de intimidade é simulada a tal ponto de os usuários dos sites de redes sociais se sentirem íntimos dos jornalistas e demonstrarem isso por intermédio dos comentários que fazem nas postagens.

Uma situação que permite ao jornalista reconfigurar a construção de sua própria identidade perante o público. É o caso, por exemplo, de William Bonner. Ele sempre representou o modelo de apresentador e editor-chefe de um telejornal, ou seja, a materialização da objetividade jornalística em “[...] um corpo discreto, sóbrio e de expressão supostamente neutra e imparcial” (ARAÚJO, V., 2018, p. 211). Mas, em seu perfil do Twitter, ele pôde apresentar perfis menos conhecidos, o do William Bonner pai, que divide com os usuários situações da vida cotidiana dos filhos trigêmeos adolescentes, o colega de trabalho que faz brincadeiras com outros membros da equipe, o usuário de rede social que cria e reproduz memes e até faz enquetes, como a já citada para escolha da gravata que vai usar no telejornal, ou ainda para descobrir a preferência dos seguidores ou não pela barba dele. Ações reforçadas no perfil oficial da emissora no Twitter, por exemplo, como será demonstrado no tópico a seguir.

Como essas outras “vertentes” do jornalista foram “bem aceitas”, tiveram repercussão e geraram mobilização em torno da audiência do noticiário, já não seria mais possível manter o formato televisivo livre dessas influências. Não se pode deixar de considerar, no entanto, que a Rede Globo de Televisão tem diretrizes bastante rigorosas em relação ao que os jornalistas devem ou não postar em seus perfis em sites de redes sociais⁶¹, um verdadeiro manual de conduta. Assim como são bastante rígidas também as regras em torno do padrão de qualidade e formato do noticiário que, como foi relatado no capítulo dedicado a ele, passou por inovações na linguagem de maneira bastante lenta e gradual.

Mas, é evidente que, principalmente no caso de William Bonner⁶², as postagens e a proximidade estabelecida com o público por intermédio dos sites de redes sociais são

⁶¹ Parte dessas diretrizes foi apresentada em reportagem no Jornal O Globo, intitulada: “Grupo Globo divulga diretrizes sobre uso de redes sociais por jornalistas”. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/grupo-globo-divulga-diretrizes-sobre-uso-de-redes-sociais-por-jornalistas-22840215>. Acesso em 25 de jul. 2018.

⁶² A apresentadora Renata Vasconcellos possui perfis pessoais em sites de redes sociais, no entanto, pelo tipo de postagens que faz não mobiliza os usuários da mesma forma que William Bonner. No desenrolar da análise, será demonstrado que, quando as interações se dão por intermédio do perfil oficial do Jornal Nacional no Twitter, Renata também se apresenta com uma postura mais descontraída, bastante diferente daquela que assume na bancada do telejornal.

identificadas como positivas e por isso levadas à cena do noticiário. É o que ficará demonstrado não só neste como nos próximos exemplos a serem apresentados. E é o que ocorre também com Maria Júlia Coutinho, que desde a chegada no noticiário como apresentadora do tempo, teve essa relação incentivada e reforçada no telejornal. Toda essa teia de ressignificações faz com que a apresentadora seja, então, “autorizada” e estimulada pela emissora, e pelo público, a usar o seu apelido.

Retomando o diálogo dos apresentadores, outro destaque fica por conta da demonstração da preferência da apresentadora em ser chamada, a partir daquele momento, pelo seu apelido. É o início do fechamento dessa cena comunicativa que reforça o perfil descontraído da jornalista, de uma pessoa próxima de seu público. Ao revelar a William Bonner sua escolha, Maria Júlia, que está em enquadramento aberto, ou seja, o corpo inteiro no quadro, sorri e faz gestos de quem está surpresa e gostando da notícia.

Um reforço a esse endereçamento é o fato de que Bonner, ao dar andamento à conclusão da conversa, diz a seguinte frase: “Então tá bom. Renata, a partir de hoje, Maria Júlia Coutinho será também Maju”. Apesar de parecer uma conversa com Renata, que está na bancada, Bonner diz essa frase olhando para uma câmera que o enquadra em primeiro plano. Assim, o sentido passado é de que ele está dirigindo a frase para o telespectador e não para Renata. O deslocamento da apresentadora da cena é tamanho que há um momento de hesitação até ela concordar com Bonner. Maria Júlia responde que adorou e Bonner se despede com o boa noite. É quando Renata, então, responde: “Combinado. Até amanhã”. Mas, com a demora, ela acaba falando junto com Maria Júlia, que já está se despedindo de Bonner, e quase não dá para entender o que a apresentadora diz. Renata, então, reforça, agora enquadrada, em plano médio, na bancada, “Até amanhã Maju”, que responde, já fora do quadro, “Até amanhã”.

Apesar desse pequeno desencontro, não é possível afirmar que esse momento foi espontâneo, que não estava previsto no roteiro do telejornal. Até porque a contagem de tempo é extremamente rigorosa e a sequência de enquadramentos denota que, pelo menos, o assunto tratado era de conhecimento dos envolvidos na condução do noticiário. Mas, é importante ressaltar que essa situação demonstra a intenção do telejornal em transmitir ao público que o desejo dos seguidores de Maju está sendo atendido. Que eles têm voz dentro do telejornal. Ainda que todo o contexto demonstre ser essa uma estratégia pensada pelo noticiário.

É clara também a intenção em demonstrar que o Jornal Nacional acompanha ativamente as discussões nos sites de redes sociais, e não apenas os comentários relativos ao conteúdo que disponibiliza. Acompanha as impressões e considerações a respeito da condução do telejornal e sobre os seus mediadores, sejam eles os titulares da bancada ou apresentadores de quadros

temáticos, como é o caso da previsão do tempo. E não só acompanha, como traz para a exibição ao vivo elementos desses sites quando conveniente para sua linguagem e para sua linha editorial, uma vez que uma reivindicação como essa poderia ter sido discutida fora do estúdio (e deve ter sido, para se chegar à definição de levá-la para o estúdio). Fazer menção aos sites de redes sociais, destacar a popularidade de Maria Júlia Coutinho nessas plataformas e colocar os ditos “fãs” da apresentadora na cena de diálogo foi uma estratégia de reforço à informalidade e de busca por uma proximidade que vinha sendo perdida diante da queda nos índices de audiência já mencionada.

7.1.2 O hacker com “cara de maluco”

O segundo caso representativo dessa guinada no modo de endereçamento do Jornal Nacional ocorreu poucos dias depois do primeiro, em 18 de maio de 2015. Os internautas desaprovaram um comentário do apresentador Willian Bonner sobre a aparência de um norte-americano citado em uma das reportagens por tentar invadir o sistema de controle de aeronaves em pleno voo nos Estados Unidos. A seguir, o trecho da conversa entre os mediadores: William Bonner e Renata Vasconcellos estão no estúdio do Jornal Nacional, no Rio de Janeiro, e Helter Duarte está em Nova Iorque, nos Estados Unidos. O diálogo começa com Renata Vasconcellos enquadrada em plano médio. Quando ela cita o correspondente internacional, o enquadramento muda para o plano geral e é possível ver que ela está em pé, ao lado do telão usado justamente para a conversa com repórteres no Brasil e no exterior. O posicionamento dos dois novamente simula uma conversa “olho no olho”.

Renata Vasconcellos: A polícia americana está investigando um especialista em segurança na internet suspeito de ter invadido o sistema de controle de um avião em pleno voo. O correspondente em Nova Iorque, Helter Duarte, tem os detalhes pra gente. Boa noite Helter, como o FBI chegou até essa pessoa?

Helter Duarte: Oi Renata, boa noite pra você e pra todo mundo aí no Brasil. Sabe aquela história de que o peixe morre pela boca? Pois é. Foi mais ou menos por aí. O nome do hacker é Chris Roberts. Ele publicou uma mensagem em uma rede social contando vantagem, dizendo que iria invadir os computadores que controlam os filmes que a gente vê a bordo e também as máscaras de oxigênio do avião. Isso foi no mês passado. Ele estava viajando de Chicago para Nova Iorque, e é claro né, depois de uma mensagem dessa ele foi detido pelo FBI, teve que prestar horas de depoimento, e os agentes do FBI também conseguiram um mandado de busca e apreensão, foram na casa dele e pegaram os computadores pessoais que estão sendo investigados agora.

Renata Vasconcellos: E depois ele disse o que, Helter?

Helter Duarte: Ele falou que era brincadeirinha, que não tinha acontecido nada. Mas, aí, depois confessou. Disse que de 2011 a 2014 ele entrou sim no sistema de controle de aviões de 15 a 20 vezes. E que uma vez mudou ligeiramente a altitude e a rota de um voo. Isso, assim, sem estar ali dentro da cabine, remotamente. E de uma outra vez ele conseguiu fazer o avião voar assim um pouco de lado. Mas que a intenção era alertar as autoridades para falhas de segurança dentro desses aviões.

William Bonner, que está na bancada, é enquadrado em plano médio e faz uma pergunta para Helter Duarte. Mas, como ele já dá início à exposição de sua opinião sobre o caso e sobre a aparência do norte-americano, ele dirige o olhar tanto em direção ao telão, para fazer a pergunta, quanto para a câmera, buscando apoio do telespectador para o comentário que faz.

William Bonner: O mundo parece que está ficando muito complicado, né. A gente até vê pelo rosto do sujeito ali que não está fácil. Mas, enfim, a polícia está investigando se ele fez mesmo isso que ele disse que fez, né Helter? Agora, a essa altura do campeonato, ele chegou a dizer como ele teria conseguido fazer isso?

Helter Duarte: É Bonner, a polícia está investigando se ele fez realmente. Ele disse que pegou um cabo de internet desses que a gente tem em casa e todo mundo usa pra acessar a internet. Ele modificou esse cabo, conectou ali no sistema de entretenimento do avião onde a gente vê os filmes, conectou no computador dele e aí teria conseguido roubar os códigos de segurança do avião. Agora, os especialistas em aviação aqui nos Estados Unidos estão duvidando um pouco dessa história assim como a Boeing que todo mundo sabe é uma das maiores fabricantes de aviões do mundo. A Boeing explicou que os computadores que controlam os filmes e o avião são completamente separados, não se comunicam. Então ele pode ser só um maluco que está tentando aparecer. Tomara, né?

Após essa resposta, Helter e Renata aparecem novamente em um enquadramento em plano geral, para o encerramento do diálogo. Renata agradece a participação do repórter e indica que Bonner prossiga com o telejornal, ao chamá-lo pelo nome. Mas, Bonner continua com o assunto e profere a frase que vai ser bastante questionada na internet, ainda que o termo “maluco” já tenha sido utilizado no fim da resposta de Helter Duarte.

Renata Vasconcelos: Tomara, porque se for tão fácil assim como ele quis fazer crer, que perigo hein, Helter. Obrigada. Bonner.

William Bonner: Cara de maluco ele tem, né. Cá pra nós.

Figura 29 - Sequência de enquadramentos do diálogo



Fonte: site do Jornal Nacional, 2018.

A repercussão, principalmente no Twitter, veio logo após os comentários do apresentador. Nesta etapa da pesquisa, ainda estava sendo feito apenas o monitoramento do telejornal. A busca por esses comentários ilustrativos se deu no dia seguinte, quando o assunto foi alvo de comentários também na imprensa, em razão de seu ineditismo.

Figura 30 - Posts contrários ao comentário de Bonner



Fonte: site de rede social Twitter

A proporção tomada pelas postagens foi tamanha que, momentos depois, ainda na mesma edição do telejornal, veio a retratação. Após a previsão do tempo, o apresentador dialoga com a jornalista Maria Júlia Coutinho sobre usar o termo “Jampa” para a capital João Pessoa. A jornalista fica na dúvida se os telespectadores vão gostar. E Bonner afirma que, se não gostarem, logo eles saberão por intermédio das “redes sociais”.

Maria Júlia (na sequência da apresentação da previsão do tempo para as capitais brasileiras): [...] Em João Pessoa, 31 graus, sem previsão de chuva. E aproveitando, Bonner, lembra da nossa conversa sobre as abreviações, dos nomes? De Floripa...

William Bonner: Você tem alguma para João Pessoa?

Maria Júlia: Então... Eu recebi uma enxurrada de e-mails, aí, de mensagens... E eu descobri que João Pessoa é Jampa.

William Bonner: Essa é nova pra mim.

Maria Júlia: Essa não, pra mim também. Eu não esperava... Jampa!

William Bonner: É... Tá permitido, então, Jampa.

Maria Júlia: Ah, não sei, não.

William Bonner: É? Eu acho que sim...

Maria Júlia: Pode ser...

William Bonner: Se o pessoal de João Pessoa não gostar, saberemos. Você sabe que as pessoas se manifestam rapidamente nas redes sociais. Ainda pouco eu estava vendo nas redes sociais, vocês sabem né, eu faço o Jornal Nacional mas ao mesmo tempo eu também fico na rede social olhando. Aí teve gente que me censurou porque eu disse que aquele rapaz que entra no avião com o cabo lá no computador do avião tinha cara de maluco. Na verdade, eu fiquei pensando: que mau humor dessas pessoas. Mas, não. Elas estão certas. Porque depois eu fiquei fazendo uma reflexão. Eu conheço uma porção de gente com aquele cavanhaque, talvez não tão longo, mas com cavanhaque longo, com olho meio esbugalhado, mas eles não ficam entrando em avião não. Não tem nada a ver o rosto do rapaz com o que ele fez ou disse que fez. Maju, obrigado. Até amanhã.

Maria Júlia: Tchau, tchau, até amanhã. Está justificado. Boa noite

(risos dos dois)

Figura 31- Sequência de enquadramentos do diálogo



Fonte: site do Jornal Nacional, 2018.

Para dar início à análise da situação que, no entendimento desta pesquisadora mais chama atenção, a retratação de William Bonner ao vivo, é preciso retomar, primeiramente, os dois comentários feitos por ele durante o diálogo.

O assunto é bastante delicado. Trata-se da ação de um hacker que, por meio de uma manobra relativamente simples, ou pelo menos é o que ele relata, afirma ter invadido computadores que controlam os aviões em pleno voo. O correspondente internacional, Helder Duarte, entra ao vivo diretamente de Nova Iorque para falar sobre o caso, que ocupa parte considerável do noticiário, dois minutos e trinta e sete segundos. Para se ter um parâmetro, as reportagens do noticiário têm entre dois e três minutos de duração. Após toda a introdução do assunto feita por Renata Vasconcellos e as duas respostas iniciais de Helder, dando detalhes do caso, é a vez de William Bonner participar da conversa. E ele já abre sua participação com uma fala em que exprime uma opinião pessoal. O apresentador busca, inclusive, a concordância do

público, ou mesmo um sentimento de empatia ao seu desabafo, ao se direcionar para a câmera, enquadrado em plano médio, e dizer: “O mundo parece que está ficando muito complicado, né”. E, na sequência, a primeira observação sobre o personagem retratado: “A gente até vê pelo rosto do sujeito ali que não está fácil”. Fica claro que o comentário nada tem a ver com a notícia. É um julgamento pessoal que parte das concepções pré-estabelecidas do apresentador sobre o que é normalidade, anormalidade, sobre o que considera situações de ameaça, e por que não, até mesmo de beleza.

Após os dois comentários, Bonner usa um recurso de transição justamente para marcar que fez um desabafo, mas a partir dali dará sequência ao assunto. É a expressão: “Mas, enfim”. O apresentador prossegue a conversa com dois questionamentos ao correspondente internacional que, prontamente, os responde. Porém, Helter não retoma os comentários iniciais feitos por William Bonner. Apenas no final da resposta ele parece corroborar com a opinião pessoal do editor-chefe ao afirmar: “Então ele pode ser só um maluco que está tentando aparecer”. Ainda assim, esse comentário de Helter é baseado em informações prestadas por uma fonte oficial, a Boeing, que não vê possibilidades de ocorrer o tipo de manipulação citada pelo hacker. Por essa razão, o comentário do correspondente se apresenta de forma mais isenta que o de Bonner. Helter, no entanto, demonstra sua posição pessoal com a frase: “Tomara, né?”, ao expressar sua torcida para que, de fato, o caso tenha sido inventado pelo hacker. Afinal, neste momento, os jornalistas assumem também uma identificação com os passageiros de avião, se colocam no lugar de quem faz uso desse meio de transporte e com a sensação de instabilidade gerada a partir das declarações do hacker. É o que fica evidente, também, no comentário de Renata Vasconcellos, que tem o objetivo de encerrar a conversa: “Tomara, porque se for tão fácil assim como ele quis fazer crer, que perigo hein, Helter. Obrigada”.

A sequência após esse comentário de Renata, mais uma vez, merece destaque. Depois do agradecimento pela participação do correspondente, Renata se dirige à câmera que a enquadra em plano médio. E ela diz apenas: “Bonner”. Esse é um recurso textual bastante utilizado pelos apresentadores após o uso do telão, pois sinaliza o encerramento daquela conversação e início da seguinte, a partir da bancada. Porém, Bonner insiste em seu posicionamento pessoal, não avança para o próximo assunto, e reforça os comentários anteriores com a frase: “Cara de maluco ele tem, né”. É, no entanto, na frase seguinte: “Cá pra nós”, que ele deixa clara, mais uma vez, a busca pela proximidade com o público, que ele julga ter a mesma opinião dele, ao qual se direciona sorrindo e proferindo essa frase. Nesse momento, a câmera o enquadra em plano médio na bancada.

Mais uma vez, recorre-se aqui ao trabalho de análise de Araújo, V. (2018) sobre a performance dos repórteres nos programas A Liga, Profissão Repórter e O infiltrado. A pesquisadora entende que

[...] o modo como a performance do repórter se convencionou na linguagem televisiva brasileira não responde apenas como um elemento textual formal, ou como algo que diz de relações de poder ou identitárias que compõem contextos de produção e recepção, mas diz justamente desse vínculo, do modo como convenções de gênero respondem a variados contextos de formação que estão em constante disputa. Nesse sentido, se gênero nos diz das regularidades e especificidades que configuram um conjunto de programas historicamente, ao atualizar a relação dessas características em um modo de endereçamento específico disputando convenções estabelecidas ao longo do tempo, os programas que tomamos aqui para análise nos deixam ver transições importantes em valores e normas que conformam o jornalismo como instituição social e o telejornalismo como forma cultural em constante transformação. (ARAÚJO, V., 2018, p. 334).

A correlação com a performance do apresentador é clara. Também não há dúvidas de que a situação acima apresentada, envolvendo os apresentadores do Jornal Nacional e o correspondente internacional, se encaixa no processo de atualização do subgênero telejornal que se encontra, nas palavras da pesquisadora, em transição de valores e normas, em especial, pelos novos cenários comunicativos configurados a partir da popularização da internet e dos sites de redes sociais, como se tem demonstrado nesta pesquisa.

Depreende-se, portanto, que desde a reformulação em abril de 2015, o Jornal Nacional vem buscando uma reconfiguração em seu modo de se endereçar ao telespectador justamente por reconhecer que o formato que fez sucesso nas últimas décadas, liderando a audiência no horário nobre na televisão brasileira, já não condiz mais com uma sociedade em constante transformação. E, como todo período de reconfiguração, há tentativas, erros e acertos nessa trajetória de reposicionamento do formato.

No caso específico da notícia do hacker norte-americano, o que William Bonner não previu ao fazer o seu comentário é que muitas pessoas poderiam ter opinião diferente da dele. E que, hoje, os telespectadores do Jornal Nacional usuários do Twitter têm esse espaço para tornar públicas as opiniões sobre o que é veiculado. E foi exatamente o que ocorreu. Muitos deles se identificaram e acharam a situação engraçada, como mostram os comentários: “linda gravata azul Bonner!!! Mas não tá fácil não é... Quando a gente acha que já viu de tudo...” e “O tio Bonner tirando maior sarro da cara do maluco!!! Gnt, eu tô rindo e não é pouco”. Grande parte, no entanto, desaprovou: “@realwbonner infeliz o seu comentário julgando o hacker americano pelo ‘rosto’. Ter cavanhaque e ser careca é sinal de ser mau elemento”. Um dos

usuários, inclusive, associou o comentário de Bonner às mudanças recentes no formato do noticiário: “que legal que o JN mudou pra que agora o Bonner passa fazer análise preconceituosa da aparência das pessoas bacana mesmo né”. Em tom irônico, além de uma crítica ao novo formato do noticiário, o comentário também revela o estranhamento sobre o posicionamento do apresentador, nunca visto ao longo dos últimos anos.

O peso das críticas expressas pelos usuários do Twitter durante a transmissão do noticiário foi tão significativo que uma retratação foi pensada para a mesma edição. E ela não foi feita de forma espontânea ou desarticulada da condução do telejornal. Ela foi estruturada para que fizesse sentido em um momento exato do noticiário, em que os sites de redes sociais eram citados novamente, ao fim da previsão do tempo. Esse momento, inclusive, já pode ser identificado como o de maior descontração dentro do telejornal, uma vez que além de espaço para comentários e retratações, reúne os dois mediadores do noticiário mais atuantes nessas plataformas.

O assunto que puxa o diálogo são as abreviações dos nomes das capitais brasileiras, usadas por Maria Júlia durante a apresentação da previsão do tempo. Elas configuram uma marca textual da apresentadora. Ela então lembra esse uso e Bonner questiona se ela tem uma versão para a cidade de João Pessoa, que tinha acabado de ser mencionada na previsão do dia. Maria Júlia ressalta ter recebido uma “enxurrada” de e-mails e mensagens de telespectadores informando-a que a abreviação popularmente usada para João Pessoa é Jampa. Aqui, é evidenciado, mais uma vez, o relacionamento próximo que a jornalista, recém-chegada ao quadro do tempo, vem buscando estabelecer com os telespectadores e seus seguidores na internet. E a tentativa em demonstrar que há uma abertura para que eles enviem informações, sugestões e comentários, porque ela não só acompanha como há esse espaço no telejornal: já pediram que ela fosse chamada pelo apelido e, agora, a mesma situação é apresentada ao informarem que a abreviação de João Pessoa é Jampa.

Ainda que o diálogo transcorra de forma natural, vai ficando perceptível que ele não é totalmente espontâneo a partir do desenrolar da conversa. Bonner diz que desconhecia a abreviação: esse também é um estímulo à participação e um indicativo ao telespectador de como ele pode contribuir com o telejornal, com sua construção. O apresentador ainda reforça que está permitido o uso no telejornal. Aqui, torna-se evidente o papel de comando e de autoridade de Bonner enquanto editor-chefe do telejornal. Ele autorizou ao vivo o uso do termo Jampa. Significa que os comentários que ele faz também têm esse peso de autoridade à frente do telejornal. Maria Júlia, que é adepta das abreviações, diz não saber se está mesmo autorizado esse uso. Por um momento, questiona a decisão de William Bonner. Mas, é nesse ponto que

fica evidente como o diálogo foi encadeado para chegar à menção dos sites de redes sociais. Bonner reafirma que ela pode usar porque eles saberão rapidamente se o pessoal de João Pessoa não gostar. E aí o gancho é efetivado: “Você sabe que as pessoas se manifestam rapidamente nas redes sociais”. Já dando indícios de que ele conhece o modo de funcionamento dos sites de redes sociais e que não há problema em testar esse uso. Se o pessoal não gostar, eles vão ficar sabendo por intermédio da plataforma e vão reconsiderar. Todo esse desenrolar para chegar ao momento de retratação do apresentador, que fez um comentário achando que teria respaldo do telespectador e dos seguidores do noticiário nos sites de redes sociais, não teve e vai precisar se posicionar.

O apresentador dá início à retratação como parte do diálogo com Maria Júlia, no entanto, a explicação não permite interferências dela. E, ao fim, Bonner já se despede da colega. Ela só tem tempo de dizer que “Está justificado” e se despedir. O texto proferido por Bonner, contudo, merece um olhar mais atento. Segue novamente:

William Bonner: Se o pessoal de João Pessoa não gostar, saberemos. Você sabe que as pessoas se manifestam rapidamente nas redes sociais. Ainda pouco eu estava vendo nas redes sociais, vocês sabem né, eu faço o Jornal Nacional mas ao mesmo tempo eu também fico na rede social olhando. Aí teve gente que me censurou porque eu disse que aquele rapaz que entra no avião com o cabo lá no computador do avião tinha cara de maluco. Na verdade, eu fiquei pensando: que mau humor dessas pessoas. Mas, não. Elas estão certas. Porque depois eu fiquei fazendo uma reflexão. Eu conheço uma porção de gente com aquele cavanhaque, talvez não tão longo, mas com cavanhaque longo, com olho meio esbugalhado, mas eles não ficam entrando em avião não. Não tem nada a ver o rosto do rapaz com o que ele fez ou disse que fez. Maju, obrigado. Até amanhã.

Maria Júlia: Tchau, tchau, até amanhã. Está justificado. Boa noite

Ao dizer que faz o Jornal Nacional acompanhando os sites de redes sociais, William Bonner, apresentador e editor-chefe, reforça a autoridade (GUTMANN, 2012) que tem diante do Jornal Nacional. Ainda que exista toda uma equipe responsável pelo monitoramento das ações dos usuários dos sites de redes sociais e da própria página oficial do telejornal, a afirmação do apresentador expressa o compromisso de checagem da repercussão em torno dos conteúdos veiculados que, graças a essas plataformas, é instantânea. E o material exibido, por sua vez, está sob sua responsabilidade, inclusive legal.

Mas, não é só isso. A frase também expressa instantaneidade e simultaneidade, correlatos do valor de atualidade, tão caro ao telejornalismo, segundo Gutmann (2012).

As noções de instante ou imediato qualificam a ideia de rapidez de uma ação e também de uma desejada coincidência entre o tempo da ação e sua projeção no presente. No jornalismo, o sentido predominante da instantaneidade se relaciona ao efeito de ausência de intervalo de tempo entre a ocorrência de um evento e sua publicização, o que, numa perspectiva histórica, articula-se ao gradativo desenvolvimento dos meios tecnológicos de produção, transmissão e distribuição de bens culturais. (GUTMANN, 2012, p. 67).

A instantaneidade, portanto, é um valor que foi sendo gradativamente construído pelo jornalismo a partir dos modos de interação da sociedade, pautados pelas transformações na tecnologia, com impacto direto na produção de sentido da notícia (GUTNAMM, 2012). No telejornalismo, são diversos os procedimentos e recursos de instauração do tempo atual, que incluem desde os materiais ao vivo quanto os gravados, ancorados pela transmissão direta no estúdio. Mas, é fato e já discutido nesta pesquisa que a conexão em rede encurtou tempos e espaços, ou seja, modificou a percepção de instantaneidade. E os sites de redes sociais potencializaram esse “encurtamento”. Assim, quando Bonner assume que acompanha os sites de redes sociais ao mesmo tempo em que faz o Jornal Nacional, que já viu a repercussão sobre o comentário que ele fez sobre o hacker norte-americano, e tem uma posição a respeito, afinal está falando sobre ela, reforça o poder dos sites de redes sociais e, concomitantemente, o poder do telejornal ao vivo, que vem passando por questionamentos quanto ao seu valor de atualidade comparado às mídias digitais. A resposta do apresentador é, inclusive, uma prova disso. Em muitas outras situações, o Jornal Nacional adotou posturas de retratação quando acionado pelos telespectadores, porém, não de forma tão imediata. Essas ações eram mais comuns nas edições seguintes do noticiário, quando muitos telespectadores já nem tinham mais acesso a elas. Por isso a surpresa e a repercussão até mesmo na imprensa diante do imediatismo.

Ainda no início da fala, com a explicação “vocês sabem, né”, William Bonner reitera sua presença no Twitter. Em seu perfil pessoal, chamado por muitos usuários de “tio” e bastante atuante, ele já deu provas do quanto está conectado a essa rede por meio de suas postagens variadas. Mas, naquele diálogo com Maria Júlia, reforçou que também está presente nessa rede social quando assume o perfil de apresentador, nesse caso, com a função de acompanhar de perto o que é dito sobre o Jornal Nacional e o que é pautado pelos usuários. Mais um movimento de reforço à proximidade com os telespectadores e seguidores do perfil oficial do telejornal. Se ele está presente no Twitter, no instante da transmissão direta, o seguidor que faz um comentário e aciona o perfil pessoal de Bonner ou o perfil oficial do Jornal Nacional tem a possibilidade de ter a sua opinião considerada, de ter voz dentro do noticiário. Uma voz, é claro, submetida a

espaços muito bem delimitados que o noticiário impõe segundo sua linha editorial e seu interesse estratégico.

Dando continuidade à análise da fala do apresentador, ele cita que muitos usuários o censuraram pelo comentário. E que ele ficou pensando no mau humor dessas pessoas. Um jogo de palavras bastante interessante vindo do apresentador do noticiário que, até a pouco menos de um mês, ainda conservava normas e condutas estabelecidas há décadas. E, que pela história, é sabido que praticava autocensura em favor do regime militar que vigorou no país no período de sua fundação. Mas, que agora, em nova roupagem, considera críticas a um comentário preconceituoso “censura”, e fruto do mau humor dos usuários do Twitter.

Mas, na sequência, ele admite que as pessoas estão certas no posicionamento crítico adotado e diz que chegou a essa conclusão porque fez uma reflexão: “Eu conheço uma porção de gente com aquele cavanhaque, talvez não tão longo, mas com cavanhaque longo, com olho meio esbugalhado, mas eles não ficam entrando em avião não. Não tem nada a ver o rosto do rapaz com o que ele fez ou disse que fez”. Toda essa construção para considerar que o comentário não foi adequado, no entanto, ele não pede desculpas explícitas. Nem reconhece ter sido um comentário preconceituoso. A reflexão que ele diz ter feito, talvez não tenha sido tão profunda assim. Quando ele se despede e Maria Júlia responde com: “Está justificado”, mais uma vez, o entendimento é de que, de fato, o impacto dos acionamentos dos usuários do Twitter foi significativo para merecerem uma justificativa ao vivo.

Gomes (2005), ao analisar o modo de endereçamento do Jornal Nacional, já havia adiantado que “[...] a não emissão explícita de opinião por parte dos apresentadores” era uma condição do Jornal Nacional de construção de imparcialidade. No entanto, ainda que adotando uma postura aparente de neutralidade e objetividade, os apresentadores à época, William Bonner e Fátima Bernardes, emitiam, sim, juízos de valor por meio de expressões faciais. “A credibilidade do Jornal Nacional, ao invés de estar marcada pelo distanciamento do fato, pela ilusão de transparência, está fundada na proximidade do fato, na atitude de viver os fatos, emocionar-se, indignar-se e alegrar-se com eles, ou tratá-los com a seriedade ou sobriedade que exigem” (GOMES, 2005, p. 10). 13 anos depois, essa proximidade do fato e convocação da emoção do público é reforçada por meio de comentários, principalmente, de William Bonner. A diferença é que, agora, esse endereçamento pode ser comentado, questionado e até mesmo negociado, instantaneamente, tendo como suporte os sites de redes sociais.

7.1.3 As correções de informação ao vivo

Ao longo desse período de análise, outras duas situações merecem destaque: correções de informações ao vivo acionadas por postagens nos sites de redes sociais. A primeira delas foi em 16 de junho de 2015. Nessa data, William Bonner noticiou o hobby do astronauta norte-americano Scott Kelly: fotografar os lugares sobrevoados pela estação espacial em que ele estava. Kelly postava as imagens no Twitter acompanhadas de mensagens. Enquanto falava sobre uma mensagem para os moradores de Fortaleza, Bonner disse que o astronauta desejava boa sorte a eles, enquanto na imagem veiculada via-se claramente a expressão “good night”.

William Bonner [cabeça]: Você consegue imaginar o que faria se tivesse que passar um ano inteiro lá em cima, na estação espacial internacional? O astronauta Scott Kelly descobriu um passatempo.

William Bonner [ao vivo com cobertura de imagens]: Fotografar os lugares sobrevoados pela estação. No Tibet, por exemplo, um lago, que ele diz ser a área com o azul mais forte do nosso planeta. E no mesmo dia o americano desejou boa sorte a todos em Fortaleza, depois de registrar essa imagem da capital cearense.

Figura 32- Sequência de enquadramentos do diálogo



Fonte: site do Jornal Nacional, 2018.

Rapidamente, surgiram postagens corrigindo o apresentador, demonstradas a seguir.

Figura 33 - Correções dos internautas



Fonte: site da rede social Twitter, 2015.

Ao fim do telejornal, depois de um link com Galvão Bueno, comentarista esportivo, Bonner fez a correção. Além de citar de forma genérica os sites de redes sociais, ele aproveitou o momento de despedida do noticiário, enquadrado em primeiro plano, para fazer a retratação de forma leve e descontraída. Segue a fala do apresentador.

William Bonner: Olha, eu fui corrigido aqui nas redes sociais, aquela mensagem que o astronauta americano mandou para o pessoal de Fortaleza não foi um boa sorte, né gente. Foi boa noite. O mesmo boa noite que eu dou pra você agora, lembrando que o Jornal da Globo é depois de Verdades Secretas.

Ana Paula Araújo: Boa noite! (risos)

Outro caso do mesmo tipo ocorreu com a apresentadora do tempo. Mas, dessa vez, foi devido a um erro de informação no mapa da previsão. Em 10 de novembro de 2015, a cidade de Lages, em Santa Catarina, apareceu no telão com a grafia Lajes.

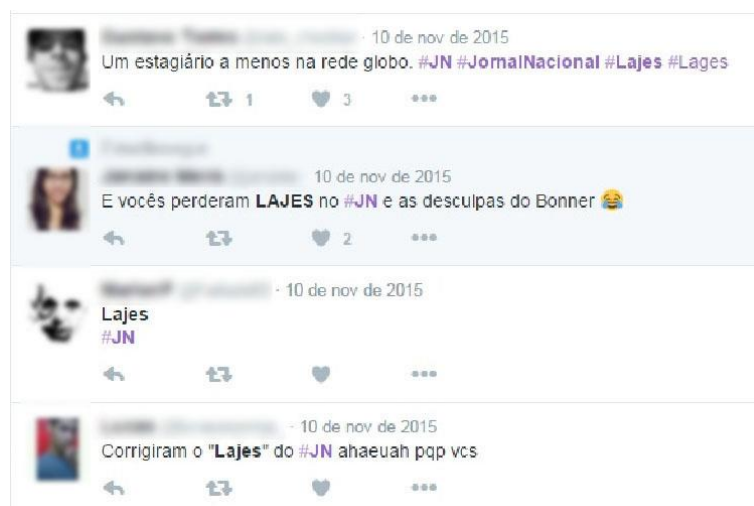
Figura 34 - Arte com a grafia errada de Lages



Fonte: site do Jornal Nacional, 2015.

No mesmo instante, vários comentários foram postados no Twitter. Alguns exemplos podem ser observados abaixo.

Figura 35 - Intervenção dos usuários de sites de redes sociais



Fonte: site da rede social Twitter, 2015.

Momentos depois, ainda na mesma edição, William Bonner fez a correção, dessa vez de forma mais breve, mas ainda assim pontuando que as reclamações teriam vindo de usuários de sites de redes sociais.

William Bonner: Pessoal das redes sociais corrigindo a gente aqui. Então, vamos lá. Na hora da previsão do tempo, aquele mapa atrás da Maju mostrou o nome da cidade catarinense de Lages escrito com J. Estava errado, né. Lages, em Santa Catarina, se escreve com G.

A primeira questão que merece destaque é que correções de informações em edições do Jornal Nacional não são novidade. Esse é um recurso até bastante utilizado e serve como um pacto de credibilidade com o telespectador, para que ele tenha sempre informações apuradas. O ineditismo, portanto, está no fato de William Bonner afirmar, nas duas situações, que a correção foi feita pelos usuários de sites de redes sociais: “Olha, eu fui corrigido aqui nas redes sociais” e “Pessoal das redes sociais corrigindo a gente aqui”.

Na primeira situação, sobre o astronauta que tem o hobby de fotografar, trata-se de uma nota coberta. Nesse caso, o texto é narrado pelo apresentador e a cobertura de imagens é feita com as fotografias e mensagens do astronauta retiradas do perfil do astronauta no Twitter. Por essa razão, Bonner é acionado nominalmente pela frase traduzida de forma errada: além de marcarem a conta pessoal de Bonner nas postagens, com o @realwbonner, ele também é interpelado nas perguntas, como se os usuários estivessem, de fato, em uma conversa direta com o editor-chefe: “Bonner ta louco? O astronauta desejou boa noite e não boa sorte” e “Bonner o astronauta disse Good Night e na minha terra ele disse boa noite e não boa sorte”. Com esse questionamento tão direcionado, a intenção dos usuários é justamente responsabilizá-lo pelo que disse. Na hora de fazer a correção, Bonner reconhece esse direcionamento feito a ele e assume a responsabilidade pelo erro na informação: “Olha eu fui corrigido aqui nas redes sociais”.

É diferente do caso da arte da previsão do tempo, em que a Maria Júlia Coutinho está apresentando. Os usuários do Twitter, ao comentarem o erro, identificam como sendo da equipe do telejornal: “Um estagiário a menos na Rede Globo” e “Lajes #JN”. Com a hashtag do telejornal, a convocação não é direta ao apresentador e editor-chefe do noticiário. Por isso, ainda que seja ele que faça a correção, por ela não ter sido direcionada a ele, a introdução já é diferente: “Pessoal das redes sociais corrigindo a gente aqui”.

Nos dois casos, as correções feitas apontam para o monitoramento dos sites de redes sociais por parte da equipe do noticiário e o interesse em mencionar essa participação dos

usuários das plataformas que comentam os erros de informação e pedem correção. Mais uma vez, essa é uma estratégia de aproximação e tem o interesse de demonstrar que o telejornal está aberto a receber comentários e a fazer correções quando houver erros.

Também merece destaque a forma instantânea como essas correções foram feitas. Elas são bastante similares ao comentário sobre a aparência do hacker norte-americano: ocorreram ainda na mesma edição do noticiário. Como já explicitado anteriormente, o valor de atualidade do telejornal é novamente acionado com essa conduta. A notícia é dada e corrigida, ou seja, atualizada na mesma edição, para que seja endereçado ao telespectador que há uma preocupação com a apuração da informação e com a transparência. Ainda no caso da correção sobre a tradução incorreta de “Good night”, demonstrou-se novamente a preocupação em fazer uma articulação com o roteiro do telejornal. William Bonner aproveita o boa noite da retratação para se despedir dos telespectadores, ou seja, faz uso de uma situação até certo ponto incômoda para o telejornal, ainda que seja uma falha pequena, para tornar a correção descontraída e leve, como ele demonstra que deva ser a relação estabelecida com os usuários dos sites de redes sociais. É essa simulação de uma conversa entre amigos que reforça a situação de intimidade com o público buscada pelo noticiário.

7.1.4 O ataque racista a Maria Júlia Coutinho

Outro caso significativo, em que ações nos sites de redes sociais refletiram na condução do telejornal, foi o do ataque racista à apresentadora Maria Júlia Coutinho. No dia 2 de julho de 2015, foi postada uma foto da jornalista na página do Jornal Nacional no Facebook. Daquele momento, até o dia seguinte, em que era comemorado o Dia Nacional de Combate à Discriminação Racial, a postagem recebeu comentários ofensivos de cunho racista.

Durante a tarde do dia 03 de julho, a equipe do JN fez demonstrações de repúdio aos comentários. William Bonner e Renata Vasconcellos publicaram um vídeo em apoio a Maria Júlia e também fizeram fotos com cartazes em punho com os dizeres: #SomosTodosMaju, para serem postadas no perfil oficial do telejornal. Essa hashtag, inclusive, entrou para os tópicos mais comentados daquele dia no site de rede social Twitter. No entanto, as ações não ficaram restritas à internet. Foi aberto um espaço, ao vivo, no Jornal Nacional, após a previsão do tempo, para que fossem dados esclarecimentos legais sobre o caso e para que a jornalista também pudesse emitir a sua opinião. Segue abaixo a transcrição desse momento.

William Bonner [em pé, enquadramento fechado]: Olha, a Maria Júlia recebeu hoje uma demonstração de carinho do tamanho do Brasil. Hoje é o Dia Nacional de Combate à Discriminação Racial e uns 50 criminosos publicaram comentários racistas, de maneira coordenada, contra ela, na página do Jornal Nacional no Facebook. Só que o que aconteceu depois, de uma forma absolutamente espontânea e avassaladora, foi que milhares e milhares e milhares de pessoas manifestaram a indignação e o repúdio aos criminosos. Na internet, a expressão “Somos Todos Maju” ganhou todas as redes sociais.

Renata Vasconcellos [na bancada]: E isso também acabou provocando a reação das autoridades. No estado do Rio, por exemplo, o Ministério Público pediu à promotoria de investigação penal que acompanhe o caso com rigor na delegacia de repressão a crimes de informática. E em São Paulo, o promotor criminal Cristiano Jorge dos Santos instaurou inquérito para apurar os crimes de racismo e injúria qualificada.

William Bonner [em pé, enquadramento fechado]: A Globo espera que essas ações cheguem a bom termo e que os criminosos sejam punidos de verdade. E além disso a própria Globo também está estudando as medidas judiciais cabíveis.

William Bonner [em pé, enquadramento aberto com Maria Júlia no telão]: Agora, Maria Júlia, me deixe pedir um favor pra você. Divide, por favor, com o público do Jornal Nacional, aquela mensagem linda que você mandou pra gente por e-mail hoje à tarde aqui. Porque tava todo mundo preocupado com você. E você mandou uma mensagem maravilhosa. Divide, aqui, com todo mundo.

Maria Júlia: Pois é Bonner, tava todo mundo preocupado. Muita gente imaginou que eu estaria chorando pelos corredores. Mas, na verdade, é o seguinte, gente. Eu já lido com essa questão do preconceito desde que eu me entendo por gente. Claro, que eu fico indignada, fico triste com isso, mas eu não esmoreço, não perco o ânimo, que eu acho que isso é o mais importante, né. Eu cresci numa família muito consciente, de pais militantes, que sempre me orientaram. Eu sei dos meus direitos, né, então acho importante, claro, essas medidas legais serem tomadas, até para evitar novos ataques a mim e a outras pessoas, né. Eu acredito que isso é muito importante e agora eu quero manifestar, assim, a felicidade que eu fiquei. Porque é uma minoria que fez isso, né. Eu fiquei muito feliz com as manifestações de carinho, mesmo, como vocês disseram. Eu recebi milhares de e-mails, de mensagens, então, acho que isso que é o mais importante. E a militância que eu faço, gente, é com o meu trabalho. Fazendo o meu trabalho sempre bem feito, sempre com muito carinho, muita dedicação e muita competência, que acho que é o mais importante. E para finalizar, Bonner e Renata, é o seguinte, os preconceituosos ladram mas a caravana passa. É isso.

William Bonner: É isso a Maju, né Maju, a Majuzinha passa, como você gosta de dizer.

Maria Júlia: (risos) Eu falei isso. Os preconceituosos ladram, mas a Majuzinha passa. É isso.

William Bonner: É isso.

William Bonner [de volta ao enquadramento fechado]: Olha, eu e a Renata falamos aqui em nome de todos os colegas da Rede Globo. É claro que todos aqui dentro repudiam também essas agressões absurdas. Somos Todos Maju, né Renata?

Renata Vasconcellos: Somos Todos Maju, hoje e sempre.

Maria Júlia: Obrigada, gente. (Despedidas e o jornal continua)

Figura 36 - Sequência de enquadramentos do diálogo



Fonte: imagens retiradas de vídeo disponível no site Memória Globo, 2018.

O caso acima foi registrado menos de três meses depois de Maria Júlia assumir a apresentação do quadro do tempo e pouco mais de um mês após a escolha do apelido Maju como sua principal identificação no noticiário, que gerou bastante repercussão. Tentativas da emissora de fazer com que a jornalista fosse um elo com os usuários de sites de redes sociais por sua popularidade nessas plataformas. O preconceito de parte desses usuários materializado nas mensagens racistas postadas no perfil oficial do telejornal no Facebook precisava, portanto, de uma resposta à altura. E ela veio. Tanto que o diálogo, iniciado novamente por William Bonner, voz máxima do noticiário, após a previsão do tempo, começa pela reação da maioria dos usuários seguidores da apresentadora em sua defesa. Em um enquadramento em plano médio, ele olha diretamente para a câmera e diz: “Olha a Maria Júlia recebeu hoje uma demonstração de carinho do tamanho do Brasil”. Para situar o público que não tem acesso aos

sites de redes sociais e não acompanhou toda a mobilização da equipe com vídeos e cartazes ao longo do dia, e essa é uma realidade com a qual o telejornal tem que lidar, Bonner oferece um pequeno retrospecto do ocorrido: “Hoje é o Dia Nacional de Combate à Discriminação Racial e uns 50 criminosos publicaram comentários racistas, de maneira coordenada, contra ela, na página do Jornal Nacional no Facebook”. É a primeira vez que o site de rede social Facebook é referenciado nominalmente no telejornal, que opta por usar “redes sociais” em referência a qualquer plataforma. Nesse caso, é uma forma de localizar de forma mais precisa de onde partiram os ataques. E logo ele ressalta as reações em apoio, destacando o fato de elas terem sido espontâneas, o que reforça a popularidade de Maria Júlia: “Só que o que aconteceu depois, de forma absolutamente espontânea e avassaladora, foi que milhares e milhares e milhares de pessoas manifestaram a indignação e o repúdio aos criminosos”. Fica evidente a intenção em demonstrar o número pequeno de usuários que praticaram o ato criminoso em contraposição aos “milhares” que não concordaram, reconheceram o trabalho da jornalista e a defenderam.

A frase seguinte é ainda mais elucidativa da ação do telejornal para coibir o ataque articulado à apresentadora: “Na internet, a expressão ‘Somos Todos Maju’ ganhou todas as redes sociais”. A frase foi criada pela equipe do noticiário e associada ao símbolo da cerquilha para se tornar uma hashtag, ou seja, um recurso usado para identificar o tema do conteúdo que está sendo compartilhado nos sites de redes sociais. Bastante populares no Twitter, as hashtags foram apropriadas pelos demais sites de redes sociais. A partir delas, são agrupados diversos conteúdos sobre um determinado tema e torna-se mais fácil a pesquisa sobre essas publicações. Assim, é possível encontrar pessoas e seus comentários sobre um determinado assunto a partir das hashtags. Quando o telejornal cria a hashtag #SomosTodosMaju e a compartilha em vídeos e cartazes no perfil oficial, tem início uma série de reproduções e o conteúdo rapidamente se espalha pela rede. A intenção é justamente chegar ao maior número possível de usuários. Outra informação importante é que a frase é uma referência a outra hashtag que se popularizou no mundo todo: #jesuischarlie ou “eu sou Charlie”, uma referência à revista Charlie Hebdo e à morte dos jornalistas da publicação em um ataque terrorista em 07 de janeiro de 2015, em Paris. Da mesma forma que a hashtag foi criada para ser um apoio à publicação e aos funcionários que lá trabalhavam, essa foi a intenção do Jornal Nacional: apoiar e posicionar o telejornal frente aos ataques cometidos contra Maria Júlia. A mensagem da equipe era a de que todos estavam com Maria Júlia e contra os criminosos.

Mas, não bastava o apoio do telejornal e a abertura de espaço dentro do noticiário para falar das reações de carinho recebidas pela jornalista. Racismo é crime no Brasil e por isso foram ressaltadas as medidas legais tomadas em relação a esse caso por parte do Ministério

Público no Rio de Janeiro e de um inquérito de um promotor em São Paulo. Essas informações fogem ao padrão do diálogo estabelecido entre Bonner e Maria Júlia por meio do telão. Por isso, o enquadramento muda: é direto da bancada, enquadrada em plano médio, que Renata Vasconcellos faz essa atualização sobre o caso: “E isso também acabou provocando a reação das autoridades. No estado do Rio, por exemplo, o Ministério Público pediu à promotoria de investigação penal que acompanhe o caso com rigor na delegacia de repressão a crimes de informática. E em São Paulo, o promotor criminal Cristiano Jorge dos Santos instaurou inquérito para apurar os crimes de racismo e injúria qualificada”.

William Bonner é então novamente enquadrado em plano médio, ao lado do telão, para oferecer o posicionamento oficial da emissora, em mais um reforço de seu posto de autoridade no telejornal: “A Globo espera que essas ações cheguem a bom termo e que os criminosos sejam punidos de verdade. E além disso a própria Globo também está estudando as medidas judiciais cabíveis”. Ou seja, o apoio da emissora não é só virtual, será efetivado pelas vias judiciais em busca de responsabilização dos culpados. Após essa fala, feita diretamente para a câmera, um verdadeiro recado aos criminosos, o enquadramento abre. E é possível conferir o posicionamento padrão dos apresentadores simulando uma conversa, cara a cara, a partir do telão. É o momento em que Bonner pede para Maria Júlia dividir com o público algo que tinha ficado restrito à equipe do telejornal: o posicionamento pessoal da jornalista, o que ela sentiu e como ela reagiu ao ataque. Ao falar como lida com o preconceito desde a infância, os sentimentos desencadeados, o papel dos pais na sua formação, ela apresenta o processo de construção de sua identidade, de quem ela é, independentemente da profissão de jornalista, apresentadora do quadro do tempo. São questões relativas à sua vida íntima e privada que vão para a cena pública para que haja um sentimento de partilha com os telespectadores e seguidores, ou seja, uma proximidade com esse público justamente por meio de referências e qualidades que a caracterizam não só como mediadora de um telejornal, mas enquanto um sujeito singular (ARAÚJO, V., 2018). Uma situação totalmente inédita no Jornal Nacional que, durante anos, tentou apagar quaisquer dessas possíveis referências, principalmente aquelas entre o ex-casal William Bonner e Fátima Bernardes na bancada.

Frases de apoio são trocadas entre os apresentadores e, para encerrar, Bonner, em enquadramento em plano médio, novamente se direcionando ao telespectador ao falar diretamente para a câmera, retoma que o posicionamento assumido por ele e por Renata Vasconcellos é em nome de todos os colegas da Rede Globo. E mais uma vez faz referência à frase que compôs a hashtag criada pela equipe sobre o assunto: “Somos Todos Maju, né Renata?”. Prontamente, da bancada, também enquadrada em plano médio, Renata reforça:

“Somos Todos Maju, hoje e sempre”. Um fechamento no telejornal para um caso iniciado na internet, e tendo como referência a linguagem própria da rede, que é o uso das hashtags. Um direcionamento claro ao telespectador de que, para o telejornal, as plataformas, televisão e internet, nesse caso, estão integradas. Faltava identificar, contudo, o posicionamento do telejornal no site de rede social Twitter, a relação que ele buscava estabelecer a partir da postagem de conteúdos. Essa foi definida como a etapa seguinte da pesquisa.

7.2 O PERFIL OFICIAL DO JN NO TWITTER

As situações apresentadas indicavam certa interferência dos telespectadores usuários dos sites de redes sociais na condução ao vivo do noticiário. Como apresentado no Capítulo 3 desta pesquisa, tal tipo de interação e imediatismo são característicos do Twitter. Portanto, como segunda etapa, decidiu-se por acompanhar o perfil oficial do Jornal Nacional nesse microblog para identificar como o noticiário se endereçava aos usuários, seguidores ou não do JN. Foram coletadas as postagens no intervalo de 05 de junho a 05 de dezembro de 2015. Na sequência, elas foram analisadas também com base no operador contexto comunicativo (GOMES, 2011).

Nesse período, foram identificados 3 tipos de postagens principais: vídeos, que apresentavam os destaques da edição do dia, feito por um dos apresentadores, porém sem um formato padrão e sem regularidade de postagem; foto dos apresentadores para marcar o início do telejornal na televisão, postada todos os dias às 20h30, horário de início da transmissão; e, após a exibição ao vivo na televisão, a postagem do conteúdo do telejornal, contendo um texto explicativo com uma imagem e o link redirecionando para o site.

7.2.1 A identificação das postagens

Nesta fase da pesquisa, o segundo tipo de postagem, as fotos dos apresentadores do JN, foi o que mais chamou a atenção. Dos 161 dias de telejornal analisados, em apenas 7 elas não foram encontradas. Portanto, decidiu-se partir para uma observação mais atenta sobre a mensagem transmitida por essas imagens aos usuários do site de rede social, seguidores ou não do perfil oficial do Jornal Nacional. De acordo com a disposição em cena e atuação⁶³ dos jornalistas nas 154 fotos obtidas no recorte temporal, foi possível observar que elas exerciam

⁶³ A pesquisadora optou por utilizar aqui o substantivo derivado do verbo atuar por considerar que, em determinadas imagens, os apresentadores, de fato, interpretam ou simulam situações.

uma função pré-determinada segundo o modo de endereçamento do noticiário. Sendo assim, optou-se por excluir as fotos posadas na bancada que tinham a função apenas de marcar o início do telejornal, ao todo 90 imagens, uma vez que a elas não cabia nenhum tipo de interpretação a não ser o que estava posto: 2 apresentadores posicionados na bancada aguardando a entrada no ar. As 64 fotos restantes foram avaliadas e agrupadas de acordo com o grau de repetição e o que representavam. Para isso, foram definidas 5 categorias, a saber: a desconstrução da bancada (12 fotos), apresentadores atores (10 fotos), bastidores (25 fotos), selfies (14 fotos) e linguagem das redes sociais (3 fotos).

Em um estudo recente sobre as mudanças na performance dos apresentadores, Fechine (2008) afirma que “[...] a credibilidade do telejornal é influenciada diretamente pela confiança que os espectadores depositam nos seus apresentadores” (FECHINE, 2008, p. 69). É claro que não se pode ignorar toda a equipe que trabalha na produção e veiculação de um noticiário, mas é a figura do apresentador que está em contato direto com o telespectador, o representante máximo como já apresentado (GUTMANN, 2012). No entanto, esse profissional, diante das mudanças recentes no âmbito da comunicação, passou a representar, concomitantemente, um novo lugar social, com novas regras e práticas associadas: passou a ser a voz também dos perfis oficiais do telejornal nos sites de redes sociais. Nessa transição, há, portanto, uma mudança tanto para o jornalista quanto para o telespectador/usuário, que agora conta com ferramentas instantâneas de legitimação, crítica ou rejeição ao conteúdo disponibilizado. É justamente por esses motivos que, para uma aproximação e interação com os usuários, os apresentadores do Jornal Nacional passaram a integrar todas as imagens postadas no Twitter para marcar o início do telejornal na televisão. E não são só os apresentadores oficiais. Os substitutos da dupla William Bonner e Renata Vasconcelos também começaram a participar dos registros quando estão escalados. Mas, William Bonner, por ser atuante e ter um perfil pessoal no Twitter com um número significativo de seguidores, acaba sendo o que mais se destaca na condução de grande parte das imagens.

Na primeira categoria, a desconstrução da bancada, são comuns as fotos em que os apresentadores são posicionados de forma descontraída nesse que foi, por muitos anos, o símbolo máximo e o local de realização do telejornalismo. Como já foi relatado, no caso do Jornal Nacional, só recentemente, em 2015, a bancada passou a ser explorada de forma diferente nos cenários. Portanto, quando postadas, as imagens dos apresentadores em situações inusitadas na bancada demonstram que a barreira física que os separava dos telespectadores já não existe mais. Que eles estão mais presentes do que nunca na vida de quem os assistem ou os acompanha pelos sites de redes sociais. Quando seria possível, por exemplo, ver imagens de uma

apresentadora terminando de se maquiar na bancada, retirando os pelos da blusa, ou ainda tomando um chá minutos antes da entrada ao vivo, ainda que em situações simuladas. Graças às tentativas do telejornal de se fazer mais presente nos sites de redes sociais, agora é.

Figura 37 - Imagens da categoria desconstrução da bancada



Fonte: perfil oficial do Jornal Nacional no Twitter, 2015.

A segunda categoria identificada é a dos apresentadores atores. Diferentemente dos primórdios do telejornalismo, quando a função do apresentador estava mais próxima da do

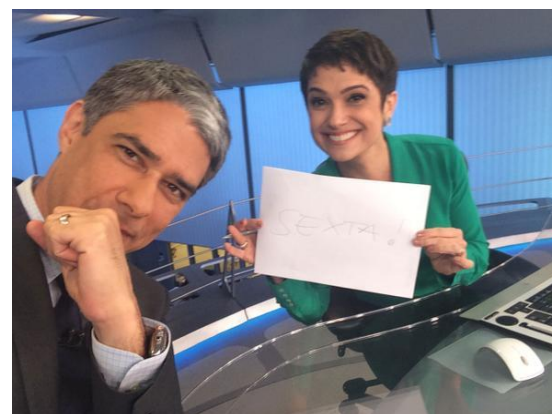
locutor, que se limitava à leitura das notícias em uma performance mais próxima ao estilo radiofônico, hoje o que se observa são apresentadores âncoras, mais participativos, que acompanham a rotina produtiva e imprimem uma marca segundo os padrões exigidos pela emissora. Mas, além dessa mudança na função desempenhada, há também, segundo Fachine (2008), grandes transformações nas posturas e nos perfis dos apresentadores.

Hoje, é cada vez mais fácil apontar apresentadores de telejornal que esbravejam contra os políticos ou criticam duramente as instituições cobrando “soluções” em nome do “povo”, evidenciando com clareza posturas ideológicas. Há ainda outros que, assumindo um estilo mais descontraído, fazem brincadeiras com a equipe ou com o próprio espectador, revelam situações de seu cotidiano (a reação que tiveram com a vacina da gripe, por exemplo), comportamentos privados (o que faz quando está de folga, por exemplo) e gostos individuais (o time pelo qual torce, por exemplo) em meio aos comentários feitos às reportagens apresentadas pelo telejornal. (FACHINE, 2008, p. 69).

No caso do objeto deste estudo, os atuais apresentadores, William Bonner e Renata Vasconcellos, vêm adotando um perfil menos formal durante a transmissão. Estão relacionados mais ao segundo grupo apresentado acima por Fachine (2008), que compartilha situações do cotidiano, gostos individuais e até comportamentos privados. No entanto, o que se observa é que essas situações ainda acontecem pouco durante o noticiário. São mais comuns por meio das imagens postadas nos sites de redes sociais, uma tentativa de criar identificação com os usuários.

Um exemplo é a imagem em que Bonner e Renata brincam que ela está recebendo uma ligação minutos antes da entrada ao vivo. Em outro momento do editor-chefe com Sandra Annenberg, a postos para o início do telejornal, ela aponta para um machucado na mão do apresentador. Junto com a foto, do dia 05 de outubro de 2015, foi postada a seguinte frase: “Um pequeno acidente na corrida matinal, mas já está tudo resolvido. Boa noite! O #JN tá no ar!”. Tem ainda as constantes brincadeiras com uma das estagiárias de jornalismo à época, mostrando a afinidade da dupla com os demais membros da equipe. São situações, muitas vezes, criadas ou então adaptadas da rotina, por isso a categorização que pressupõe uma atuação. Elas sugerem certa informalidade, descontração e até humor por parte dos apresentadores que são vistos em um contexto mais sério pelos telespectadores durante as transmissões ao vivo.

Figura 38 - Imagens da categoria apresentadores personagens



Fonte: perfil oficial do Jornal Nacional no Twitter, 2015.

Outra categoria importante são as imagens que retratam os bastidores da notícia. Para Gomes (2005) é decisiva a forma como as emissoras lidam com os recursos à disposição do jornalismo: “[...] o modo como exibem para o telespectador o trabalho necessário para fazer a notícia são fortes componentes da credibilidade do programa/da emissora e importante dispositivo de atribuição de autenticidade” (GOMES, 2005, p. 5).

Além da credibilidade no que é noticiado, observa-se que, no caso do Jornal Nacional, a exibição de etapas do processo de produção da notícia e de preparação dos apresentadores funciona como elemento de aproximação. Um convite para o público dos sites de redes sociais participar da rotina e se interessar por ela. Não são raras as imagens de bastidores, inclusive com profissionais que tradicionalmente não apareceriam diante das lentes se não fosse nesse tipo de situação. É possível ver retratados cinegrafistas, maquiadores, técnicos de iluminação, bem como momentos de preparação dos apresentadores em ângulos do cenário não registrados nas transmissões, equipamentos que fazem parte apenas da rotina dos profissionais, entre outros registros. Todas essas tentativas claras de tornar as etapas produtivas mais próximas dos telespectadores conectados em rede para despertar neles o interesse por situações que não costumavam ser mostradas e agora o são apenas na internet.

Figura 39 - Imagens da categoria bastidores





Fonte: perfil oficial do Jornal Nacional no Twitter, 2015.

Ainda sobre as mudanças na rotina e no perfil dos apresentadores, foram introduzidas as produções de selfies, autorretratos que mostram os jornalistas em seu local de trabalho. Uma adaptação típica dos sites de redes sociais para o ambiente profissional que tem justamente o objetivo de simular o ambiente das redes e gerar identificação.

Figura 40 - Imagens da categoria selfies



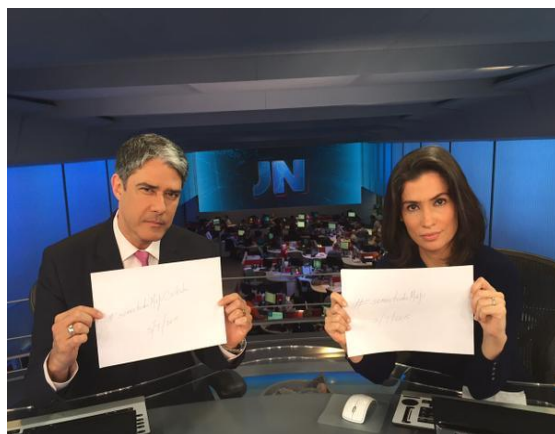
Fonte: perfil do Jornal Nacional no Twitter, 2015.

Com o advento dos sites de redes sociais, os jornalistas também precisaram se adaptar a uma nova linguagem. Isso porque a popularização das redes e o seu uso foram incorporados nas práticas cotidianas de comunicação (RECUERO, 2014). Segundo a autora, “[...] essas práticas são também dependentes das limitações técnicas dos espaços construídos para a interação que vão reconstruir, através da apropriação, sentidos e convenções para a conversação online” (RECUERO, 2014, p. 17). Significa dizer que os profissionais de comunicação que pretendem lidar com o público dos sites de redes sociais precisam aprender os sentidos e convenções adotados para serem reconhecidos e aceitos como parte integrante desse grupo. É por esse motivo que vemos, novamente, os apresentadores do Jornal Nacional adotarem esse processo de mudança também por meio das fotos postadas nos perfis do Twitter.

Um dos primeiros momentos em que foi perceptível o esforço dos apresentadores em se integrarem à linguagem das redes sociais foi no episódio de racismo contra a apresentadora do tempo Maria Júlia Coutinho, já mencionado. No mesmo dia em que ela recebeu uma série de comentários preconceituosos no Facebook foram desenvolvidas diversas ações pela equipe do Jornal Nacional representando o posicionamento da emissora contra os atos racistas. Somada a essas ações, foi postada a foto a seguir, momentos antes do telejornal, em que os apresentadores seguravam folhas de papel com a hashtag #SomosTodosMaju escrita à mão.

Depois dessa primeira iniciativa, foram feitos outros usos de fotos mencionando hashtags, um dos principais símbolos de conversação nas redes, para informar os usuários sobre posicionamentos ou opiniões dos apresentadores. Também na figura a seguir há um exemplo que mostra a divulgação da estreia de uma nova novela da emissora: A Regra do Jogo. Normalmente, informações sobre início e término dos episódios são dadas no momento de despedida do telejornal, antes da subida dos créditos, por meio de uma nota. Nesse caso, a ação foi antes do noticiário como tentativa de mobilizar também o público das redes e não só os telespectadores que acompanham o Jornal Nacional até o fim. Já na terceira foto, Bonner e Renata divulgam a hashtag do telejornal. Ações simples, por meio das imagens, mas que refletem uma mudança de postura em busca de uma maior integração e atenção ao público dos sites de redes sociais.

Figura 41 - Imagens da categoria linguagem da rede social



#SomosTodosMaju



#EstreiaARegraDoJogo



Fonte: perfil do Jornal Nacional no Twitter, 2015.

7.2.2 As mudanças registradas ao longo da pesquisa

Após a avaliação inicial acima descrita, esta pesquisadora manteve uma observação rotineira do perfil oficial do Jornal Nacional no Twitter. E, no período de 11 de junho a 16 de julho de 2018, que correspondeu à cobertura especial que o noticiário fez da Copa do Mundo de Futebol na Rússia, inclusive com um estúdio montado na cidade de Moscou com ancoragem de Renata Vasconcellos e Galvão Bueno, definiu-se pelo acompanhamento diário da página e registro de todo o conteúdo postado pela equipe do noticiário, bem como as interações surgidas a partir dele, para verificar possíveis alterações.

Constatou-se que os registros fotográficos, segundo as categorias acima listadas, foram mantidos para marcar, no Twitter, o início da transmissão do telejornal na televisão. Também permaneceram ativas as postagens dos conteúdos do telejornal: um pequeno texto, uma imagem

representativa da reportagem e o link direcionando para o site, após a veiculação na televisão. Em muitas situações as postagens se deram no fim da noite, no início ou ao longo do dia seguinte, com poucos registros de interações (comentários, compartilhamentos e curtidas), com exceção das postagens que continham vídeos com trechos de reportagens, passagens ou conteúdos próprios para a postagem no Twitter nesse formato⁶⁴.

A mudança mais perceptível, no entanto, ficou por conta dos vídeos com os destaques da edição. Além de diários e com um formato definido, gravado por um dos apresentadores do telejornal⁶⁵, direto da bancada, eles passaram a ser postados antes das fotografias⁶⁶, como a primeira postagem do telejornal no dia⁶⁷, o que conferiu destaque a esse material e um número significativo de visualizações⁶⁸. Apesar de parecidos esteticamente com os vídeos de destaque veiculados na televisão momentos antes da exibição do telejornal ao vivo, no Twitter, eles ganharam características próprias, uma adaptação ao perfil do público desse site.

O primeiro ponto a ser observado é que o vídeo com os destaques do dia é gravado na bancada, o “[...] elemento simbólico de conformação do lugar autorizado para a fala daquele que, de modo mais explícito, representa o sujeito enunciador: o apresentador” (GUTMANN, 2012). Como já discutido no tópico anterior e ao longo deste, o contexto da bancada é importante porque reforça a posição maior de autoridade no processo comunicativo e posiciona o interlocutor. “Assim, se de um lado temos o sujeito detentor de conhecimento (a autoridade), do outro temos o sujeito ávido por informações. E é a partir desse pacto tácito que se configuram os atos conversacionais propostos pelos telejornais” (GUTMANN, 2012, p. 106). Isso, porém, é o que se via na televisão. Ainda que gravado na bancada, o vídeo de destaques do Jornal Nacional para o Twitter busca, se não modificar, flexibilizar esse pacto. E principalmente a partir da linguagem utilizada. Com um texto mais informal e dialogado, a tentativa de William Bonner é romper a barreira imposta pela bancada entre quem detém o conteúdo e quem espera por informações. Uma vez que grande parte dos usuários do Twitter já tiveram acesso às notícias pela internet. O apresentador ressalta isso em muitos dos vídeos e convoca esse usuário a ampliar sua visão sobre o assunto no telejornal. Assim como nos registros fotográficos da

⁶⁴ Informações sobre esses números no Apêndice C.

⁶⁵ Durante o período analisado, em razão da cobertura especial, a maior parte dos vídeos foi feita por William Bonner, com exceção de 4 edições aos sábados em que ele foi substituído por César Tralli, Chico Pinheiro e Alexandre Garcia. No entanto, ao acompanhar a página, foi possível identificar que fora da cobertura especial os apresentadores se alternam na gravação dos destaques do dia.

⁶⁶ Informações sobre as fotografias estão disponíveis no Apêndice B.

⁶⁷ Ao longo do período, apenas em 3 ocasiões foram feitas postagens de outros conteúdos antes da chamada de vídeo. A primeira, em razão do início da cobertura especial da Copa em 11/06, e as duas outras em razão dos jogos da seleção brasileira, em 22/06 e 27/06.

⁶⁸ Informações sobre esses números no Apêndice A.

categoria desconstrução da bancada, apresentados também no tópico anterior, aqui, é o texto que por meio da informalidade busca estar mais próximo da realidade desse público. A seguir, alguns trechos desses vídeos demonstram claramente os recursos empregados.

12/06 - William Bonner: [...] De Moscou, do nosso estúdio espetacular, a Renata Vasconcelos e o Galvão Bueno vão trazer o encontro da seleção brasileira com a torcida, num treino aberto em Sochi. E também a fase excepcional do melhor jogador do planeta, o português Cristiano Ronaldo. Gente, a copa do mundo vai começar! É depois de amanhã que começa a copa. E aqui no JN a gente traz todas as informações do mundial [...].

20/06 - William Bonner: Bom, você deve ter acompanhado nos últimos dias, a pressão dentro e fora dos Estados Unidos era enorme, e o presidente Donald Trump acabou com a lei que separava famílias de imigrantes ilegais na área de fronteira. Esse problema ele acabou contornando. A gente vai ver no Jornal Nacional de hoje. [...]

21/06 - William Bonner: [...] Ao vivo da Rússia, toda a apresentação do JN, com, claro, os argentinos se complicando muito nessa derrota de 3 a zero para a Croácia hoje. Junto com a França, a Croácia está classificada para as oitavas de final. Lionel Messi teve um apagão. O goleiro argentino teve uma falha horrível. E o resultado é que a Argentina tá numa dificuldade enorme de permanecer nessa copa. Enorme! [...]

22/06 - William Bonner: Olá! Você já deve imaginar: o Jornal Nacional de hoje vai trazer todos os detalhes da vitória da nossa seleção por 2 a zero contra a Costa Rica. Você vai ter uma análise do desempenho dos nossos jogadores nessa partida que foi decidida no finzinho já, nos acréscimos, com aquele sofrimento todo. [...]

26/06 - William Bonner: E aí? Até a geladeira da sua casa sabe que o Brasil precisa de um empate amanhã com a Sérvia para se manter na copa do mundo. Tá bom. Mas e depois disso? O Jornal Nacional vai mostrar todas as possibilidades de futuros confrontos da seleção. [...]

27/06 - William Bonner: Se a sua preocupação como torcedor era essa, relaxa, porque pelo menos até 2022 não vai ter nenhuma outra seleção de futebol neste planeta que poderá dizer que é a maior vencedora de copas do mundo. Só a brasileira. Não é porque o Brasil despachou a Sérvia, hoje, não. A gente passou para as oitavas de final, tá tudo certo. Mas é que a única seleção que poderia se tornar pentacampeã tá fora. A Alemanha, atual campeã mundial, foi eliminada hoje. [...]

28/06 - William Bonner: Você que tem plano de saúde fica ligado porque tem novas regras entrando em vigor. O Jornal Nacional vai mostrar tudo o que mudou esta noite. [...]

03/07 - William Bonner: Olá! Logo mais no Jornal Nacional você vai ver que o norte do Brasil está em alerta porque tem 2 estados enfrentando surto de sarampo. E um desprezo muito perigoso, que nós já mostramos aqui no JN, um desprezo que tem crescido no país pelas vacinas, um problema que tem se espalhado pelo país inteiro, ele tá fazendo agora com que a vacina contra a

poliomielite deixe de ser aplicada por milhões de pessoas. Isso é muito, muito grave, é muito perigoso. [...]

06/07 - William Bonner: 2 a 1 para a Bélgica. Fazer o quê. O Brasil entrou para o grupo dos eliminados. Mas tá em companhia da Alemanha, da Argentina, da Espanha, de Portugal e das outras seleções que foram saindo ao longo do torneio. Jogo tá jogado, e com a adrenalina mais baixa o Jornal Nacional vai mostrar como foi que isso aconteceu. [...] E mais: os nossos repórteres na Tailândia relatam como a morte de um mergulhador abalou a equipe de salvamento daqueles meninos que estão presos na caverna. É um drama que o mundo inteiro está acompanhando com muita aflição. [...]

09/07 - William Bonner: Olá! O Jornal Nacional acompanhou hoje mais um dia de resgate daqueles meninos que estão presos na caverna da Tailândia. O mundo inteiro tá de olho nisso. Oito desses garotos já estão no hospital recebendo tratamento. Faltam agora mais quatro meninos e o instrutor deles. Você vai saber também qual é a pauta de votações no congresso nacional que dá calafrios nos economistas mais preocupados com a saúde financeira do país, da União. [...]

13/07- William Bonner: Deixa eu destacar aqui alguns assuntos que estão hoje no Jornal Nacional. Primeiro, a greve dos caminhoneiros. Ela derrubou o setor de serviços que responde por mais de 70% da riqueza produzida anualmente no nosso país. No Jornal Nacional você vai ver o impacto disso para nossa economia. E economistas avaliam também o desastre que o congresso armou para as contas públicas pro ano que vem. E isso com o apoio de governistas. Na Inglaterra, milhares de manifestantes protestaram contra a presença do presidente americano Donald Trump. Teve até um boneco gigante de que ele não gostou muito não. [...]

Há uma diferença, no entanto, quando os apresentadores substitutos, normalmente aos fins de semana, assumem a bancada. Nos exemplos abaixo é possível verificar que não é empregada a mesma informalidade proposta por William Bonner.

30/06 – Chico Pinheiro: Olá! Muito boa noite pra você que navega na internet. Vai ver daqui a pouco no Jornal Nacional os jogos das oitavas da copa do mundo. França e Uruguai mandam pra casa Argentina de Messi e Portugal de Cristiano Ronaldo. No primeiro jogo, entre argentinos e franceses, duas viradas de placar com sete gols marcados. E a consagração de um craque que impressiona aos 19 anos de idade. Na outra partida, o Uruguai saiu na frente mas cedeu o empate. E Cavani garantiu a vaga. O Brasil está treinando com Marcelo em campo mas ele ainda é dúvida para o jogo de segunda em Samarah. A seleção já está lá pra enfrentar o México. Os detalhes você vê daqui a pouco no Jornal Nacional. Aguarde.

14/07 – Alexandre Garcia: Você que nos acompanha pela internet vai ver logo mais no Jornal Nacional a expectativa para a decisão de amanhã entre Croácia e França. E também uma análise do desempenho das duas seleções e de seus maiores astros. E com 2 a zero sobre a Inglaterra, a Bélgica ficou em terceiro, no seu melhor desempenho em uma copa. O presidente americano Donald Trump enfrenta novos protestos na Grã-Bretanha. Em novas imagens, os meninos que estavam na caverna da Tailândia agradecem os seus salvadores.

E nós vamos mostrar também o perigo das boas estradas. O Jornal Nacional vai começar às oito e meia, hora de Brasília. E depois você encontra todas as notícias no g1.com.br/jornalnacional.

O segundo ponto que merece destaque é a forma como William Bonner encerra o vídeo. Em todos os registros, ele reforça o horário do telejornal na televisão. E, em seguida, pontua que na internet o conteúdo do noticiário pode ser acessado “a qualquer tempo”. Seguem alguns exemplos.

11/06 – William Bonner: [...] Você vai ver logo mais na televisão às oito e meia no horário de Brasília. E aqui, na internet, em qualquer tempo, em g1.com.br/jn. A gente se vê.

12/06 – William Bonner: [...] Na tv, você sabe, o Jornal Nacional é logo mais às oito e meia da noite, horário de Brasília. Aqui na internet, você encontra o tempo todo em g1.com.br/jn. A gente se vê.

13/06 – William Bonner: [...] Você tem que saber que hoje, na televisão, o JN vai ser mais cedo, vai ser às oito da noite, horário de Brasília. Aqui, na internet, a qualquer tempo em g1.com.br/jn. A gente se vê.

20/06 – William Bonner: [...] Na televisão, começa às oito e meia da noite, no horário de Brasília, você sabe. Mas aqui na internet, a qualquer tempo em g1.com.br/jn. A gente se vê.

27/06 – William Bonner: [...] Na televisão, o JN é a partir das oito e meia da noite, horário de Brasília. Aqui na internet, a qualquer hora em g1.com.br/jn. A gente se vê.

É uma demonstração de como o noticiário julga importante os acessos que ocorrem fora do instante da transmissão ao vivo e incentiva que eles ocorram: “Aqui na internet, você encontra o tempo todo em g1.com.br/jn”. A despedida neutra: “A gente se vê”, também é um reforço: independentemente da plataforma, o importante é que haja o encontro com o apresentador, o que significa o consumo do conteúdo.

Ainda que, como demonstrado, as fotografias e os vídeos sejam significativos para identificar uma nova interação entre telejornal e público, a conversação gerada durante a exibição ao vivo, a partir do Twitter, é outro ponto fundamental para a análise do novo modo de endereçamento do telejornal. É uma das facetas do atual contexto comunicativo do noticiário e, portanto, merece destaque no próximo tópico.

7.3 OBSERVAÇÃO COMBINADA: TELEJORNAL AO VIVO E POSTS DO TWITTER

Depois de acompanhar o noticiário ao vivo e de realizar uma primeira análise das postagens feitas no perfil oficial do Jornal Nacional no site de rede social Twitter, o objetivo era identificar, no instante da transmissão do telejornal, como se dava a recepção dos conteúdos e do endereçamento proposto manifestada pelos usuários na plataforma. A coleta, realizada a partir do software Netlytic, como informado no capítulo 6, se deu entre os meses de novembro de 2017 e maio de 2018. Nesse período, destacam-se oito situações detalhadas a seguir.

7.3.1 O celular na horizontal

Em 21 de dezembro de 2017⁶⁹, a reportagem que abriu o Jornal Nacional foi sobre um acidente, no Vale do Itajaí, em Santa Catarina, provocado pelo ex-deputado federal João Pizzolatti que, na ocasião, estava embriagado. A reportagem começava com imagens do ex-deputado apoiado a uma cerca, por quase não conseguir parar em pé, e afirmando estar bêbado, feitas com um celular por uma testemunha que estava no local.

Figura 42- Vídeo usado no início da reportagem



Fonte: site do Jornal Nacional, 2017.

⁶⁹ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2017/12/21.html>. Acesso em 10 de jul. 2018.

A reportagem questionava o fato de Pizzolatti não ter sido preso em flagrante. Na volta ao estúdio, depois de uma nota pé com informações do advogado do ex-deputado, William Bonner surpreendeu os telespectadores com um tutorial sobre como fazer imagens com o celular para a televisão. Segue o trecho.

William Bonner [em enquadramento aberto]: O advogado de João Pizzolatti disse que o ex-deputado vai ser internado numa clínica para tratamento de dependentes de álcool. Já que a gente usou aquela imagem gravada por uma testemunha, vale aproveitar pra fazer uma observação.

William Bonner [em plano médio e com o celular na mão]: Na hora da pressa, é muito comum filmar ou fotografar com o celular nessa posição, assim, vertical. Mas, para a imagem ser mais bem explorada aqui na televisão, repara o formato aqui da tela, o ideal é que o smartphone fique na horizontal. Porque desse jeito que a imagem vai respeitar o formato da tela de tevê e aparecer muito maior. Fica a dica.

Figura 43- Sequência de enquadramentos da explicação de Bonner



Fonte: site do Jornal Nacional, 2017.

Logo após a explicação do apresentador, uma avalanche de comentários invadiu o Twitter. E a repercussão se deu também em sites jornalísticos e de entretenimento⁷⁰. No perfil oficial do Jornal Nacional no Twitter, foi postado o vídeo da explicação de Bonner acompanhado da seguinte frase: “Já anotou a dica do Bonner? (emoji com piscadinha). Envie seu vídeo para o #JN: bit.ly/2CVetjl #ficaadica. O texto após os dois pontos correspondia a um link encurtado, próprio para postagens em sites de redes sociais, que redirecionava os usuários para a página “VC no Jornal Nacional”, no site do telejornal. Lá estava disponibilizado um formulário com o passo a passo para o envio do conteúdo. O vídeo postado no Twitter recebeu 63 comentários, foi retweetado, ou seja, compartilhado da forma como foi postado, 207 vezes, recebeu 1066 curtidas e teve mais de 29 mil visualizações⁷¹.

Para a captura dos tweets, dada a repercussão referente à postura inédita do apresentador e editor-chefe do noticiário, foi usada a combinação das contas do perfil oficial do Jornal Nacional e também do perfil oficial de William Bonner: foram coletados posts que mencionavam @jornalnacional ou @realwbonner e que, adicionalmente, tinham a hashtag: #ficaadica, citada por ele. A coleta foi montada a partir da veiculação das orientações de Bonner ao vivo na bancada e se estendeu por um dia: das 20h44 minutos do dia 21/12/2017 às 23h57 minutos de 22/12/2017 foram coletadas um total de 466 postagens⁷². Mas, nesse período, destaca-se o intervalo que vai do momento em que a situação é registrada até uma hora após o fim do telejornal, em que foram coletados 203 tweets⁷³ mencionando o ocorrido. Nesses registros, foi possível identificar uma variedade de postagens: em tons de apoio, surpresa, críticas e brincadeiras com o que foi veiculado na televisão. Seguem alguns exemplos.

⁷⁰ Disponível em: <https://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2017/12/william-bonner-faz-tutorial-durante-jornal-nacional-vira-meme.shtml>; <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,no-jornal-nacional-william-bonner-faz-tutorial-de-como-gravar-video,70002128689>; <https://www.terra.com.br/diversao/tv/william-bonner-ensina-a-fazer-video-com-celular-no-jn-e-agita-web-blogueiro.92d69c74c788920bc6f05c5298c02cfezo8p7zni.html>; <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/noticia-da-tv/2017/12/bonner-ensina-publico-a-filmar-na-horizontal-com-o-celular-no-jn-fica-a-dica>; <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2017/12/21/fica-a-dica-bonner-ensina-telespectador-como-filmar-usando-smartphone.htm>; <https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/125498-william-bonner-dica-jn-gravar-video-no-celular-vira-meme.htm>. Acesso em 14 de jul. 2018.

⁷¹ Informações do dia seguinte à postagem.

⁷² É importante lembrar que o número de postagens coletadas se refere ao tipo e combinação dos termos de busca. Sendo assim, não significa que só houve esse número total de postagens.

⁷³ A lista dos tweets está disponível no Anexo A.

Figura 44 - Postagens feitas após tutorial de gravação de vídeo

The figure displays six tweets from Twitter, arranged in a 3x2 grid. Each tweet includes a profile picture, a 'Seguir' button, the text of the tweet, a timestamp, and interaction icons (reply, retweet, like, share). The bottom tweet includes a video thumbnail.

Tweet 1 (Top Left): User: [William Bonner](#). Text: "Apareceu um #FicaADica no Jornal @jornalnacional." Timestamp: 20:44 - 21 de dez de 2017. 2 Curtidas.

Tweet 2 (Top Right): User: [Tio](#). Text: "tio @realwbonner mandando #ficaadica no JN hahahah ❤️" Timestamp: 20:45 - 21 de dez de 2017.

Tweet 3 (Middle Left): User: [Gabriel de Barros](#). Text: "Vc vai trabalhar de graça pra globo, não vão te dar credito e ainda o @realwbonner reclama q vc ta fazendo errado #ficaadica" Timestamp: 20:49 - 21 de dez de 2017.

Tweet 4 (Middle Right): User: [Paulo Cavallari](#). Text: "#ficaadica NO @jornalnacional MEU DEUS! Que modernidade é essa, @RedeGlobo ? PALMAS!" Timestamp: 20:48 - 21 de dez de 2017. 1 Curtida.

Tweet 5 (Bottom Left): User: [Walter Drey](#). Text: "@realwbonner Filmar com o celular de pé fica melhor pras nossas redes sociais, onde realmente queremos compartilhar nossas mídias. Vocês da edição da TV que se virem! #FicaADica #WilliamBonner #JornalNacional #Instagram #InstagramPosts #Snapchat #Moments" Timestamp: 21:01 - 21 de dez de 2017.

Tweet 6 (Bottom Right): User: [Walter Drey](#). Text: "Que ridículo. @realwbonner ensinando no jornal nacional que as pessoas devem fazer os vídeos na horizontal porque assim as imagens são melhor aproveitadas na Tv. Só que as pessoas estão consumindo vídeos nos celulares e na vertical. #ficaadica." Timestamp: 20:53 - 21 de dez de 2017 de Natal, Brasil.

Tweet 7 (Bottom Center): User: [William Bonner](#). Text: "Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica" Timestamp: 21:00 - 21 de dez de 2017. 35 Retweets, 62 Curtidas. Video thumbnail shows William Bonner with a sign that says "PASSOS NO AÍZ NÃO É GOSTOSO".

Fonte: site de rede social Twitter

Para entender esse caso, recorre-se, novamente aos estudos de Gutmann (2012) sobre o discurso jornalístico, especificamente no que diz respeito aos sentidos de vigília e revelação da coisa pública atrelados à noção de interesse público. Para a autora,

[...] a noção de vigilância, em referência à capacidade de atuar numa posição de vigília do poder público e das demais esferas da vida social, tem como correspondente discursivo a ideia de revelação pública, que coloca o jornalismo numa espécie de “lugar sacrossanto” de onde é possível e legítimo desvelar o anteriormente desconhecido. Nessa perspectiva, vigilância e revelação são aqui exploradas para interpretar os efeitos de sentido de ubiquidade forjados pelo telejornal, que se utiliza de diversos expedientes da linguagem televisiva para se configurar como um sujeito onipresente que estaria não apenas *aqui e agora*, mas enquanto aquele que, *aqui e agora, tudo sabe e tudo vê*. (GUTMANN, 2012, p. 145, grifo da autora).

Entre os diversos expedientes da linguagem televisiva, de que trata Gutmann (2012), o registro amador é um deles. Como já foi demonstrado no capítulo destinado à trajetória do telejornalismo no Brasil, a busca pela qualidade técnica de som e imagem era prioridade no período de configuração da linguagem audiovisual do telejornal no país. E o Jornal Nacional representou um marco importante pois promoveu uma revolução na técnica e no processo industrial ao instaurar o padrão Globo de qualidade (COUTINHO, 2012; NEVES, 2015). Mas, com o desenvolvimento e barateamento de aparelhos de captação e reprodução e sua consequente popularização, o smartphone é um exemplo, o acesso a registros amadores e sua disponibilização para os telejornais foram extremamente facilitados. A baixa qualidade técnica dos conteúdos registrados acabou se tornando, segundo Gutmann (2012) uma estratégia das emissoras para ampliar os efeitos de vigilância e de revelação pública.

Em um primeiro momento, de modo mais enfático a partir do início deste século, observa-se nos telejornais brasileiros a crescente produção de registros audiovisuais feitos por dois tipos de fonte: a fonte anônima identificada como “cinégrafista amador” e o repórter, também anônimo, nos momentos em que se fazia uso de microcâmeras escondidas, geralmente em reportagens de denúncia. Nessa fase inicial, o uso do material audiovisual amador tem propósitos distintos: no primeiro caso se impõe como um artifício para estimular no telespectador curiosidade pelo olhar diferente, ao mesmo tempo em que ensaia uma maior aproximação com este interlocutor que ganha *status* de fonte de informação; no segundo caso faz do dispositivo técnico elemento simbólico de autenticação do fato relatado, amplificando o poder de vigilância, ao transcender espaços e situações socialmente não permitidos para revelar zonas de segredo, o antes socialmente velado. (GUTMANN, 2012, p. 146).

Em telejornais de diferentes emissoras, esse material amador era apresentado com ressalvas, créditos sobre as imagens e explicações que o distinguiam dos demais conteúdos. Situação que vem mudando, recentemente, uma vez que o registro amador tem se tornado marca do discurso jornalístico, ou nas palavras de Gutmann (2012, p. 147), “[...] uma espécie de *status* poético nos telejornais”. Assim, se antes tinha-se apenas duas fontes principais desse tipo de material, a pesquisadora afirma que elas foram ampliadas para quatro fontes de registro, tendo como ponto de referência a instância da produção. São elas:

1. registros feitos pelos chamados cinegrafistas amadores, o cidadão comum, popularizados principalmente pela portabilidade das câmeras de celular; 2. apropriação dos dados (imagem e áudio) produzidos por sistemas de câmeras de segurança em bancos, lojas, postos de gasolina, escolas, ruas, etc.; 3. gravações, também amadoras, cedidas por instituições oficiais, geralmente órgãos policiais que têm o hábito de registrar apreensão de drogas, flagrante, prisão, invasão de cativado e escutas telefônicas que utilizam o recurso como prova da autenticidade dos fatos; 4. e, por último, o material capturado pelo próprio mediador, quando este se coloca na posição de videoreporter ou quando utiliza o recurso da câmera escondida. (GUTMANN, 2012, p. 147).

Ao registro um, soma-se, mais recentemente, o potencial de popularização desses conteúdos pelos perfis dos cidadãos comuns em sites de redes sociais. Rapidamente, registros são compartilhados e chegam, muitas vezes, sem a intenção de quem os produziu, às emissoras de televisão. Como já foi demonstrado no relato do caso analisado neste tópico e ainda será demonstrado em outras situações desta pesquisa, esses materiais audiovisuais registrados de forma amadora tornam-se fontes de informação e até conteúdo base para reportagens. “Esse protagonismo eletrônico parece fornecer insumos ao jornalismo e ao seu papel de vigilância e revelação pública dos fatos, ao provocar efeito de ubiquidade e forjar uma dada capacidade de atestar visualmente o dito, desvelando o antes desconhecido” (GUTMANN, 2012, p. 147).

Retomando o caso do ex-deputado João Pizzolatti, que provocou um acidente por estar embriagado, o vídeo amador tem justamente essa função. O dia que a reportagem vai ao ar é o dia seguinte ao acidente. E já na cabeça da reportagem, que abre o telejornal, William Bonner afirma: “As Polícias Civil e Rodoviária de Santa Catarina abriram investigação sobre o acidente provocado pelo ex-deputado federal João Pizzolatti, ontem, no Vale do Itajaí. Pizzolatti assumiu que estava bêbado, mas não foi preso em flagrante”. Na sequência, a reportagem já começa com o vídeo do ex-deputado visivelmente alcoolizado e afirmando estar bêbado (ele o fez somente no vídeo, já que negou fazer o teste do bafômetro). Também foram feitos registros fotográficos, presentes na reportagem, do momento em que ele era atendido pelas equipes de resgate ainda na rodovia. Na reportagem, a justificativa para o não flagrante seria o fato de ele estar sem a

carteira de habilitação, ter negado fazer o teste do bafômetro e uma suspeita de traumatismo craniano, fato que teria levado a equipe de atendimento a encaminhá-lo a um hospital para avaliação. Mas, ele foi embora por não querer ser atendido, já que não estava sendo escoltado pela Polícia Rodoviária. A reportagem termina com a informação de que um inquérito para investigar o caso foi aberto e, mais uma vez, imagens do registro amador com o ex-deputado cambaleando. Um reforço para atestar sua embriaguez e a necessidade de investigação para se apurar o que de fato aconteceu para ele não ter sido preso em flagrante.

Ao usar esse tipo de material, o telejornal reforça sua condição de ubiquidade, de estar em um determinado lugar, em um acontecimento inesperado. Já o registro é tido como uma forma de cobrar responsabilidades que não foram apuradas localmente na presença de autoridades. Se ele não tivesse sido feito e divulgado amplamente, seria mais um caso de impunidade. Ao ser trazido à cena do telejornal, o fato é publicizado e a chance de ficar impune é menor, já que o inquérito, como informado na cabeça, já foi aberto e a reportagem reforça a necessidade dele.

Portanto, quando um telejornal faz uso de um registro amador, esse é incorporado enquanto

[...] forma de projeção do real, cujo sentido antes estava mais centralizado na narração verbal do mediador e das suas fontes. Nesse movimento, o telejornal se coloca enquanto autor desse tipo de registro, englobando não apenas os fragmentos feitos por câmeras alheias, mas também incorporando os aspectos estéticos das imagens amadoras como dispositivo expressivo de autenticidade. (GUTMANN, 2012, p. 159).

É por isso que Gutmann (2012) nomeia essa condição como poética do registro amador, uma vez que as formas características desse tipo de registro já compõem a gramática do telejornal.

Nesse sentido, os novos dispositivos de captura acabam por inaugurar um padrão estético de autenticação da realidade. São imagens tremidas, com pouca nitidez e variação cromática, áudios com baixa qualidade, geralmente com grande quantidade de ruído, enquadramentos imprecisos, planos desfocados, inclusão da data de gravação e do *time code* no canto da tela, marcas próprias dos modos de gravação caseira que invadem os relatos telejornalísticos, misturando-se aos registros feitos pelos cinegrafistas das emissoras, sendo definitivamente incorporados pelas instâncias de produção. (GUTMANN, 2012, p. 163).

No entanto, não é o que parece ocorrer, em específico, com o Jornal Nacional. Ainda que tenha feito uso do vídeo amador e, para isso, lançado mão de recursos de videografismo, como uma base gráfica para dar suporte ao vídeo em formato menor que a tela e legendas para facilitar a compreensão do áudio, o telejornal, mais uma vez na figura de William Bonner, sua autoridade maior, apresentador e editor-chefe, se direciona aos telespectadores para “ensinar” como deve ser feito um registro amador.

Logo após a nota com informações do advogado do ex-deputado João Pizzolatti, ainda em enquadramento aberto, William Bonner introduz o tema: “Já que a gente usou aquela imagem gravada por uma testemunha, vale aproveitar pra fazer uma observação”. O tom inicial da frase dá a entender que usar o vídeo foi uma decisão editorial e que era necessário fazer uma observação sobre o material veiculado. No trecho seguinte, já em enquadramento fechado e com um celular na mão, William Bonner reconhece as condições em que o material foi gravado: “Na hora da pressa, é muito comum filmar ou fotografar com o celular nessa posição, assim, vertical”. No entanto, ele quer passar a mensagem de que essa não é a forma correta. Por isso faz uma demonstração, por vezes minuciosa e em tom didático, sobre como devem ser feitos os registros amadores para que eles sejam veiculados no telejornal: “Mas, para a imagem ser mais bem explorada aqui na televisão, repara o formato aqui da tela, o ideal é que o smartphone fique na horizontal. Porque desse jeito que a imagem vai respeitar o formato da tela de tevê e aparecer muito maior”. Para encerrar, o uso de mais uma hashtag com a expressão “Fica a dica”, que aparece na fala dele e em um recurso gráfico na tela, como pode ser visto na figura 43. Com ela, o sentido passado mais uma vez é o de “ensinamento”, uma dica para quem não percebeu que a tela da televisão é horizontal e está fazendo vídeos de maneira errada, comprometendo a qualidade do telejornal. Assim, ao mesmo tempo em que usa a linguagem da internet, e que se endereça de forma a se aproximar dos telespectadores e também dos usuários do Twitter, uma vez que o vídeo explicativo também foi postado no perfil oficial do Jornal Nacional com um link para a página de envio de conteúdos para o noticiário, William Bonner se distancia dessa mesma linguagem e desse público ao querer imprimir uma regra para a gravação do vídeo, um material espontâneo, que foi feito possivelmente de forma inesperada e não segue as mesmas características de um material jornalístico feito exclusivamente para televisão.

O editor-chefe do Jornal Nacional rompe, portanto, com todo o processo de construção da poética do registro amador, que já é aceita e reconhecida pelos telespectadores, na ânsia de apagar as características tão próprias desse tipo de material e que já foram incorporadas ao subgênero telejornal. Acredita-se que a intenção é justamente ampliar o sentido de ubiquidade do telejornal, removendo marcas que ofereceriam indícios de que essa ubiquidade só é possível

com o auxílio externo, vindo de uma das fontes citadas acima por Gutmann (2012) ou popularizado a partir dos sites de redes sociais, a que diferentes emissoras e telejornais têm acesso, deixando de ser exclusivo.

Retomando o mapa das mediações de Martín-Barbero (2009) e as mediações de tecnicidade, Gutmann (2012, p. 234, grifo da autora) traz ainda outra definição bastante interessante que ajuda a entender esta situação: “[...] enquanto pelas *tecnicidades* são configuradas gramáticas do telejornal, nas *ritualidades* estão as gramáticas de uso por parte dos telespectadores”, um movimento integrado e “[...] fundamental para a legitimação do processo comunicativo do telejornal e de seus enunciados, cujo reconhecimento e adesão pública são construídos pela reprodução de situações, relações, atuações e personagens da vida cotidiana” (GUTMANN, 2012, p. 234). Portanto, as tecnologias da comunicação impõem novas linguagens, novas gramáticas, mas elas estão atreladas ao uso social, em um contexto de modificações de formatos e discursos consolidados. É o ecossistema tecnocomunicativo de Martín-Barbero (2009b), que pensa a comunicação a partir da noção de intermedialidade: não uma mera relação entre textos existentes, mas uma interação que rompe com o que se tinha até então de norma e atua em todos os meios. Como já explicitado, “[...] é a contaminação entre sonoridades, textualidades, visualidades, as matérias-primas dos gêneros” (MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 154). E é justamente essa hibridação de meios e mensagens que o Jornal Nacional, ao mesmo tempo em que persegue, parece querer barrar.

Vale lembrar que na última reformulação editorial em 2017 foi ressaltada a proposta de integrar profissionais de televisão e internet a serviço da cobertura noticiosa. Mas, ainda que reconheça e até faça uso de linguagens típicas dos sites de redes sociais, como a hashtag, e que se disponha a flexibilizar o formato utilizando registros amadores, o telejornal desconsidera as ritualidades, as gramáticas de uso próprias do novo telespectador que agora também é responsável por produzir e compartilhar conteúdos em plataformas digitais. E que, para atender a essas condições, e não exclusivamente ao telejornal, produz vídeos na vertical. É o que fica demonstrado, principalmente, por duas postagens feitas no Twitter logo após esse episódio. Na primeira delas, o usuário afirma: “@realwbonner Filmar com o celular de pé fica melhor para nossas redes sociais, onde realmente queremos compartilhar nossas mídias. Vocês da edição da TV que se virem! #ficaadica”. Outro pontua: “Que ridículo @realwbonner ensinando no jornal nacional que as pessoas devem fazer os vídeos na horizontal porque assim as imagens são melhor aproveitadas na tv. Só que as pessoas estão consumindo vídeos nos celulares e na vertical #ficaadica”.

Nos dois casos, a hashtag lançada pelo telejornal, #ficaadica, é compartilhada e com o mesmo tom de aviso anteriormente empregado. Só que, nos posts, o alerta é para a equipe do noticiário: o que ela pensa sobre quem produz vídeos amadores pode estar equivocado. A prioridade não é o telejornal, mas sim o consumo no celular e o compartilhamento nos perfis pessoais, como explicitado pela expressão “nossas mídias”. Se o telejornal quer fazer uso desse tipo de conteúdo, é ele que precisa se adaptar. É nítida, portanto, a possibilidade imediata de contestação ao que está sendo endereçado justamente por essa “orientação” não fazer parte de uma prática que, apesar de recente, já está consolidada entre os usuários de sites de redes sociais. A situação é mais uma prova de que o modo de endereçamento do noticiário é constantemente negociado com seu público. Agora, também por intermédio dos sites de redes sociais.

É claro que, entre as postagens no Twitter mencionando o episódio, também estão presentes muitos comentários achando graça na postura de William Bonner: “Eu vivi pra ver o Tio Bonner falando: #ficaadica @realwbonner” e “O @realwbonner faz um tutorial de como gravar com o celular na horizontal em pleno o horário nobre na tv e é claro que vira meme instantâneo rsrs #ficaadica”; postagens apoiando o comentário: “Tem que ter momentos de descontração. O jornalismo só traz (infelizmente) tragédia nos dias atuais. Ele tá certo. Jornalista não é um robô só para dá notícia. Gostei da iniciativa do @realwbonner Willian Bonner ensinar como tirar foto. #FicaaDica”; e reações de surpresa e de indignação com o tema abordado “@realwbonner To bem chocado com o momento telecurso e #ficaadica na tela”; “Vocês acham que política, economia e corrupção são assuntos importantes? Não, coleguinha! Foi preciso o @realwbonner parar o @jornalnacional pra ensinar vocês a filmar na horizontal! Espero que tenham aprendido a lição. #ficaadica”; e “O @realwbonner poderia ler mensagens dos telespectadores no ar. #JornalNacional #FicaaDica”.

O que todas elas demonstram é que é inegável como essas ações, estruturadas durante a transmissão ao vivo mas fazendo referência aos sites de redes sociais e seus usuários, têm impacto na forma como o telejornal se posiciona e recebe informações de seu público. Um dos usuários se surpreende porque a hashtag lançada pelo telejornal chegou aos assuntos mais comentados do dia no Twitter: “#ficaadica nos trends... @realwbonner ainda mexe com esse site sim! #JN”. Outro lamenta por não ter visto a cena ao vivo, mas tomou conhecimento do fato pelo Twitter: “#ficaadica @realwbonner meu deus como ã vi essa cena”. Já este outro usuário confirma ter mudado de canal quando ficou sabendo do ocorrido por intermédio do Twitter e suspeita de uma estratégia de marketing: “#ficaadica eu estava assistindo band news, entrei no tt vi esta hashtag e agora to assistindo o jornal hoje. To achando que é estrategia de marketing do @realwbonner para a gente ver ele na tv”. A mesma impressão deste outro: “se

tem um povo doido por memes e zueiras, esse povo é do twitter, #ficaadica tio @realwbonner já fez deliberadamente pensado aqui né?... vai malandro”. Mas, se a estratégia do Jornal Nacional ao se endereçar ao seu público é trazer os usuários do Twitter, de fato, para mais perto do telejornal, essa é uma ação de mão dupla, uma vez que oferece margem para contestação imediata. É o que ficará ainda mais evidente nos casos relatados a seguir.

7.3.2 Campanha “O Brasil Que Eu Quero”

Em 14 janeiro de 2018 a Rede Globo lançou, no dominical Fantástico⁷⁴, a campanha “O Brasil Que Eu Quero”, em razão das eleições gerais de 2018. Jornalistas do alto escalão da emissora, inclusive apresentadores de diferentes telejornais, gravaram um vídeo explicando de forma bastante didática qual era a proposta da campanha e como os materiais deveriam ser gravados e enviados para serem exibidos nos noticiários. O convite começa no estúdio e se desdobra em uma reportagem.

Tadeu Schmidt: Qual é a sua esperança para o Brasil? Que país você quer a partir do ano que vem com novos governantes no poder?

Ana Paula Araújo: A gente quer te fazer um convite.

(Vídeo)

Ana Paula Araújo [em off]: 2018. Ano em que os brasileiros vão às urnas para escolher governadores, senadores, deputados estaduais, federais e o próximo ou a próxima presidente da república. Ano em que vamos escrever um novo capítulo da nossa história. Somos mais de 144 milhões de eleitores e 5 mil 570 municípios. E a gente pergunta: que Brasil você quer para o futuro?

Ana Paula Araújo [em passagem]: A tecnologia vai levar o seu recado para a tela da Globo. Segundo dados do IBGE, pelo menos 139 milhões de pessoas, com dez anos de idade ou mais, têm celular no Brasil. É com a ajuda dele que a gente quer conhecer você.

Ana Paula Araújo [em off]: A partir de março, todos os nossos telejornais, do Hora Um ao Fantástico, de segunda a domingo, vão exibir depoimentos de brasileiros em todos os 5 mil 570 municípios gravados pelo celular. Norte, Sul, Nordeste, Centro Oeste, Sudeste... Onde você estiver. Estamos aqui para ouvir a sua voz. Quer saber como participar? Como gravar e como mandar o seu vídeo? Você vai saber agora.

(Fade e mudança de trilha)

Sônia Bridi: Primeiro tem que escolher um lugar.

⁷⁴ Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/edicoes/2018/01/14.html>>. Acesso em 15 de jul. 2018.

Renata Vasconcellos: Eu tô aqui na Praça Mauá, zona portuária do Rio.

Sônia Bridi: Essa é a igreja de Santa Rita, Centro Histórico de Paraty.

Francisco José: Praça da Sé, na cidade do Crato.

José Roberto Burnier: Eu estou aqui no Largo dos Jesuítas, no Centro de Embu das Artes.

Sônia Bridi: E é nesse lugar, que representa tanto do passado do Brasil, que eu te pergunto: que país você quer para o futuro?

Renata Vasconcellos: E você pode ser um porta-voz da sua cidade gravando um vídeo com o seu celular.

Francisco José: A forma mais segura é você pedir a um amigo para fazer a gravação. Eu vou pedir ao meu amigo Paulo Ernesto para gravar.

José Roberto Burnier: E, olha, você pede para a pessoa sempre ficar como está aqui, a cerca de um metro de distância. E, olha, com o celular sempre na horizontal. Olha como ele tá segurando, ó, deitado, tá vendo.

Renata Vasconcellos: Dessa forma você consegue mostrar melhor você e o lugar que você escolheu.

Sônia Bridi: Você também pode gravar usando um bastão de selfie.

Renata Vasconcellos: Não tem bastão de selfie? Problema nenhum. Usa o celular mesmo. Sempre deitado, na horizontal. Presta atenção se você e o lugar que escolheu estão aparecendo.

Francisco José: Comece a gravação dizendo o seu nome e o local de onde está falando.

José Roberto Burnier: Grave seu recado em 15 segundos.

Sônia Bridi: E aí você conta pra gente: Que Brasil você quer para o futuro?

(De volta ao estúdio)

Ana Paula Araújo: Feito o convite. Para participar e rever as dicas de como gravar o seu vídeo, basta você ir ao site do Fantástico ou então acessar direto: g1.com.br/brasilqueeuquero.

Tadeu Schmidt: Não tem por que esperar, né. Grave amanhã mesmo seu depoimento e mande logo pra gente.

Após essa apresentação inicial no Fantástico, a partir da segunda-feira, dia 15 de janeiro de 2018, todos os telejornais da emissora, inclusive os das afiliadas, no interior dos estados, passaram a exibir as orientações de gravação do vídeo para participar da campanha. Na edição

do Jornal Nacional⁷⁵ dessa data, a campanha foi o último assunto do dia. Estavam na bancada Heraldo Pereira e Giuliana Monrone. E foi ela que introduziu o tema.

Giuliana Monrone: Neste ano, mais de 140 milhões de eleitores vão voltar às urnas para escolher o novo presidente do Brasil. E nós queremos ouvir o que os brasileiros de cada cidade do país esperam para o futuro. Grave o seu vídeo e mande para nós. No Rio de Janeiro, a Renata Vasconcellos mostra o que você deve fazer para que seu vídeo seja o melhor e represente a sua cidade.

(Vídeo gravado em externa)

Renata Vasconcellos: Eu tô aqui na Praça Mauá, zona portuária do Rio. Um local de lazer e de passagem, típico de tantas cidades brasileiras. E diante de um lugar como esse, símbolo da cidade, eu te pergunto: Que Brasil você quer para o futuro? A gente quer ouvir o desejo de cada um dos 5.570 municípios do Brasil. O país inteiro vai dar o seu recado aqui nos nossos telejornais. E você pode ser um porta-voz da sua cidade gravando um vídeo do seu celular. Basta ficar diante de um dos lugares mais conhecidos da sua cidade, um lugar que identifique de onde você está falando. Sempre de dia. Pede para um amigo seu fazer o vídeo para você. Eu vou pedir para o Eduardo fazer a gravação pra mim. Funciona assim, olha. Ele vai ficar mais ou menos a uns 2 passos pequenos de distância, mais ou menos 1 metro de distância, sempre com o celular na horizontal, deitado. Dessa forma, você consegue mostrar melhor você e o lugar que você escolheu. Se você preferir, pode usar um bastão de selfie. Olha que legal. Lembrando sempre de usar ele deitado, o celular deitado na horizontal, prestando atenção se você e o lugar que você escolheu tão aparecendo na tela. Não tem bastão de selfie? Problema nenhum. Usa o celular mesmo. Sempre deitado, na horizontal, presta atenção se você e o lugar que você escolheu tão aparecendo. É isso. Você tem 15 segundos para dar o seu recado. Comece seu vídeo dizendo seu nome e o lugar, a cidade de onde você tá falando. E aí diz pra gente: Que Brasil você quer para o futuro?

(De volta ao estúdio)

Giuliana Monrone: Importante essa dica da Renata de gravar com o celular deitado, né. Pra participar e rever as dicas de como gravar o seu vídeo, basta entrar na nossa página na internet ou acessar diretamente o site: g1.com.br/brasilqueeuquero, tudo junto. Grava amanhã mesmo. Manda pra gente!

A campanha “O Brasil Que Eu Quero” envolveu todos os telejornais da emissora. Mas, no caso específico do Jornal Nacional, reforçou a já identificada “vocação” dele em ser um “telejornal da nação” (GOMES, 2005, p. 10). Essa onipresença está apoiada, segundo Gomes (2005, p. 11) “[...] na exploração da diversidade de regiões e territórios e marcada pela presença de diferentes repórteres. Aqui entra em jogo a pretensão de ‘cobrir’ o país e ‘integrar os diferentes estados através da notícia’”. É a mesma pretensão da campanha em ouvir o que os

⁷⁵ Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2018/01/15.html>>. Acesso em 13 de jul. 2018.

brasileiros de cada um dos 5.570 municípios têm a dizer sobre desejos futuros em relação ao país: “O país inteiro vai dar o seu recado aqui nos nossos telejornais”. Além disso, o caráter nacional do telejornal também está fundado na “[...] construção de um discurso sobre o Brasil e os brasileiros a partir da valorização da identidade nacional. O programa se vale da exploração de tipos genuínos, do sentimento nacional e da diversidade regional” (GOMES, 2005, p. 11). Mais uma vez, a mesma ancoragem da campanha, que solicitava aos telespectadores que começassem o vídeo se identificando, nome e cidade, e ainda escolhessem locais representativos de seus municípios de origem: “Basta ficar diante de um dos lugares mais conhecidos da sua cidade, um lugar que identifique de onde você está falando” e “Comece seu vídeo dizendo seu nome e o lugar, a cidade de onde você tá falando”.

Em um dia, quem acompanhasse mais de um telejornal da Rede Globo, por exemplo um telejornal local e dois nacionais, acompanharia a divulgação da campanha nos três e com as mesmas orientações. E foi assim nas semanas seguintes ao lançamento. Sempre com a justificativa da necessidade de dar voz à população em um ano de eleições, em que os rumos da história do país poderiam ser modificados. No entanto, como é possível identificar tanto no texto do vídeo de apresentação da campanha no Fantástico, quanto no do Jornal Nacional, para ter essa voz dentro dos noticiários era preciso seguir regras: além das já citadas sobre local e identificação, gravar durante o dia, respeitar os 15 segundos de tempo limite do vídeo, pedir para alguém gravar a dois passos de distância ou usar um bastão de selfie. Na impossibilidade das duas últimas situações, usar o celular mesmo, mas “na horizontal, deitado”. Essa última orientação foi repetida 3 vezes no vídeo feito por Renata Vasconcellos. E na volta ao estúdio, a apresentadora do dia, Giuliana Monrone, ainda reforçou: “Importante essa dica da Renata de gravar com o celular deitado, né”. Vale lembrar que a primeira orientação de William Bonner sobre a gravação de vídeos para o telejornal tinha sido há menos de um mês, em 21/12/2017. E, como demonstrado no tópico anterior, causou bastante repercussão. Foi o que novamente ocorreu em relação à campanha.

Diante de todas as exigências para a gravação dos depoimentos, os sites de redes sociais novamente foram palco para contestações. Na internet, a campanha foi mudada para “O Brasil Que Eu Não Quero”, já que as pessoas julgaram ser mais importante mostrar os problemas e não os locais que identificavam as cidades. Também foram inúmeras piadas e brincadeiras sobre a insistência em gravar com o celular “na horizontal”. Descontentes com a forma como foram acionados pelo telejornal, os telespectadores usaram seus perfis no Twitter para reagir e mostrar que, se o espaço no noticiário era destinado a eles, o uso deveria ser como eles gostariam.

Figura 45 - Respostas à campanha Brasil que eu quero



Fonte: site de rede social Twitter, 2018.

Cabe, ainda, mais uma observação sobre a situação acima descrita. E ela está diretamente relacionada à frase que abre este capítulo: “[...] o telejornalismo não se resume a uma construção audiovisual sobre as coisas do mundo, mas se constitui enquanto extensão das interações sociais” (GUTMANN, 2012, p. 251). O lançamento da campanha “O Brasil Que Eu Quero” se dá em um dos momentos políticos mais conturbados dos últimos anos no país. É um momento de derrocada da popularidade de Michel Temer, que assumiu a presidência em maio de 2016 após o impeachment de Dilma Rousseff. Um ano depois, ele teve uma conversa com o empresário Joesley Batista divulgada pelo jornal “O Globo” que tratava da compra do silêncio do ex-deputado Eduardo Cunha, do MDB. A gravação foi usada, inclusive, como base para duas denúncias do procurador-geral da República, Rodrigo Janot, que foram barradas na Câmara. Para se ter uma ideia, Temer entregou a faixa presidencial a Jair Bolsonaro em janeiro de 2019 com um índice de aprovação popular de 5%⁷⁶. Pode-se afirmar que o brasileiro, nesse período, demonstrava sinais claros de descrédito no corpo político e associava as dificuldades vivenciadas, como falta de escolas, de atendimentos de saúde, de infraestrutura básica, entre outros, com as situações de corrupção noticiadas diariamente. O descontentamento também se estendia aos veículos de comunicação e à Rede Globo.

E é nesse contexto que a emissora, aproveitando a chegada das eleições gerais, decidiu promover um debate sobre os desejos do brasileiro para o país do futuro. Enquanto o que esses queriam, de fato, era cobrar explicações e ações rápidas sobre os problemas vivenciados no presente. Há um conflito evidente entre o que a emissora quer mostrar em seus noticiários e o que os brasileiros querem ver. Por isso as exigências quanto ao formato do vídeo, para esse público, tornaram-se ainda mais absurdas: como se posicionar diante de um cartão postal de uma cidade se ele não reflete a situação cotidiana vivida pela população? Essa é a origem da contestação. Mas ela é muito mais ampla: parte de um momento de não reconhecimento do telejornalismo enquanto extensão das interações sociais. Há uma ruptura até mesmo com o pacto estabelecido sobre o papel do jornalismo: o que é relevante para o telejornalismo da Rede Globo, neste momento, os valores-notícia, como lida com o direito público à informação e à liberdade de expressão, por exemplo, não o é para parte de seu público, pelo menos não no formato previamente estabelecido.

A Rede Globo reconheceu essa dissonância a partir da repercussão na internet. E, em 23 de janeiro de 2018⁷⁷, oito dias depois do lançamento, William Bonner, ao vivo no Jornal

⁷⁶ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46679758>. Acesso em 28 de fev. 2019.

⁷⁷ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2018/01/23.html>. Acesso em 13 de jul. 2018.

Nacional, fez uma retratação sobre a intenção da campanha e como as pessoas poderiam se manifestar por meio dos vídeos.

William Bonner: Desde a semana passada a gente tem repetido um convite para que você conte para todos os brasileiros, aqui, na tela da Globo, o que espera do futuro neste ano em que o país vai eleger um novo presidente. E, de todos os cantos do Brasil, nós começamos a receber milhares de vídeos. A gente pediu que a gravação fosse feita num lugar bem representativo de onde você vive. Aí, teve gente que fez selfie na frente de um cenário que simboliza a cidade. Teve gente que preferiu mandar o recado de um lugar com algum problema, porque considera que esse lugar, com esse problema, é o que representa a sua cidade. Tá valendo: quem escolhe o cenário é você. A gente separou alguns exemplos que chegaram para mostrar que não tem mistério nenhum. É uma selfie, mas com a câmera, assim ó, na horizontal.

Vídeo 1 (dois rapazes ao lado de um rio com corredeira): Meu nome é Décio Boff. O meu é Maicon Toldo. Somos de Flores da Cunha, Rio Grande do Sul. Queremos um Brasil assim, limpo, transparente e pacífico.

Vídeo 2 (senhor em frente a um terreno baldio com lixo): Sou Jorge Luiz, de São João de Meriti, Rio de Janeiro. Eu quero um Brasil sem covardia, sem sofrimento, sem miséria. Nesse mundo, se todo mundo fizesse um pouquinho, talvez o mundo não fosse tão imundo.

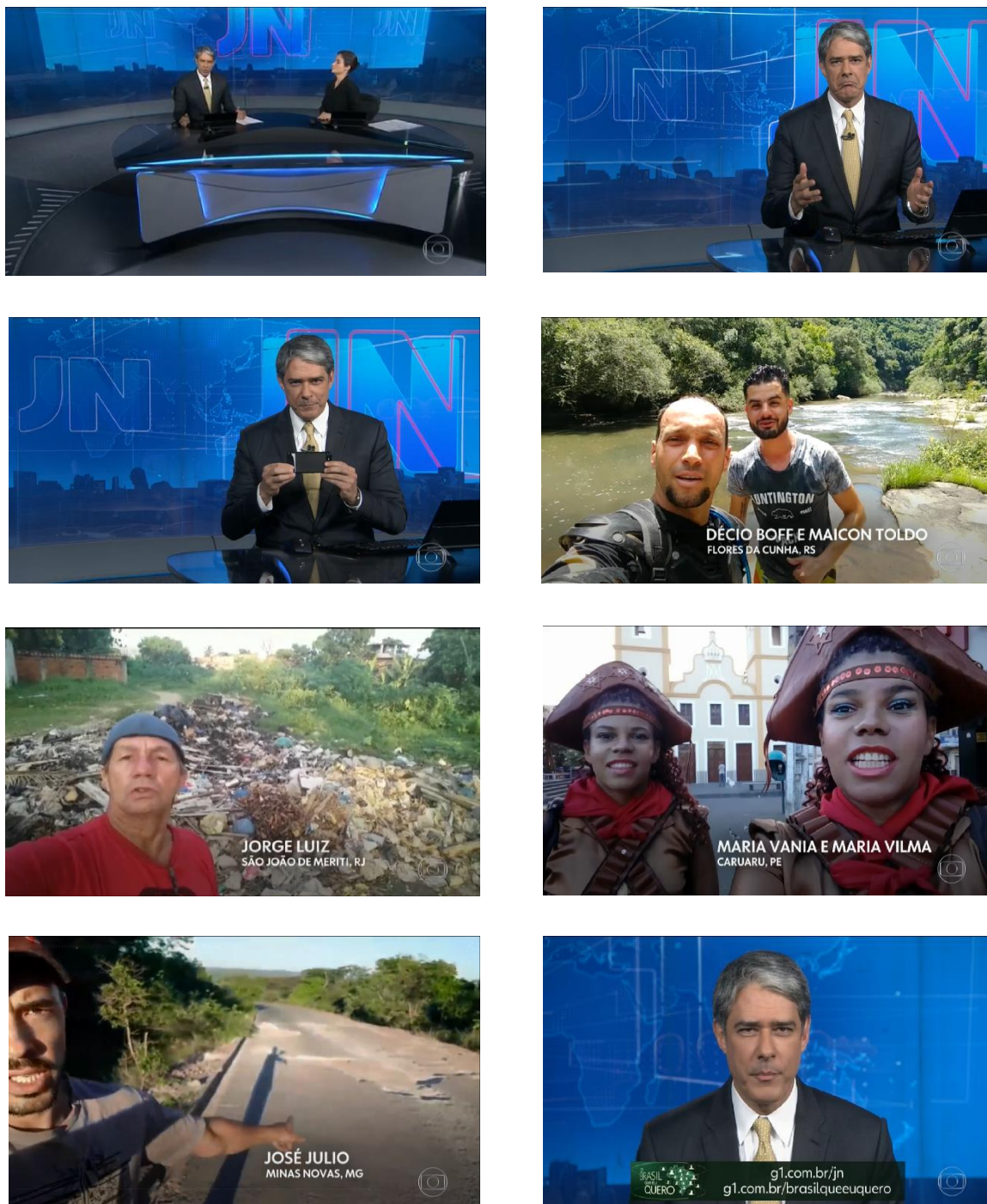
Vídeo 3 (mulher em frente a uma praça com uma igreja ao fundo): Maria Vania, eu falo de Caruaru. O que eu desejo para o futuro do meu Brasil é que a educação e a saúde sejam prioridade. O meu é Maria e o que eu desejo para o futuro do Brasil é salário digno para os nossos professores e um Brasil sem corrupção.

Vídeo 4 (homem em frente a uma vegetação e depois mostra uma rodovia esburacada): Aqui em Minas Novas, Minas Gerais, né. Aqui quem tá falando é o Zé Júlio. E... eu não quero mostrar beleza nenhuma não. Aí a pergunta é: Que país eu quero pra mim? Eu quero um país que o dinheiro da gente não fica jogado fora, fazendo esse asfalto colado de guspe [sic] aqui não. Porque isso aqui tá uma vergonha.

(De volta ao estúdio)

William Bonner: Pra ter a oportunidade de representar a sua cidade, aqui na tela da Globo, e de ter a sua voz ouvida, é só mandar o vídeo pra gente. Você encontra toda a orientação de como gravar na nossa página na internet ou no site g1.com.br/brasilqueeuquero, tudo junto.

Figura 46 - Sequência de enquadramentos do diálogo



Fonte: site do Jornal Nacional, 2018.

O primeiro ponto a ser considerado é que a campanha “O Brasil Que Eu Quero” surgiu como uma proposta de todos os telejornais da emissora. Tanto que seu lançamento foi no dominical Fantástico, o programa jornalístico que abre a programação semanal de notícias. No entanto, a reconfiguração dos rumos da campanha não se deu nele. Foi feita durante o Jornal Nacional e, mais

uma vez, pelo apresentador William Bonner, uma demonstração do alcance do telejornal e também da importância da figura do apresentador frente aos sites de redes sociais, de onde partiram as contestações sobre o formato da campanha.

Ainda que William Bonner não faça nenhuma referência a esses sites desta vez, é claro o movimento de ajuste da campanha em razão de parte dos telespectadores não gostarem das exigências de gravação e estarem se manifestando sobre isso. Tanto que ele afirma já ter recebido vídeos da forma como foi pedida, mas também vídeos feitos em locais que representam problemas dos municípios: “Teve gente que preferiu mandar o recado de um lugar com algum problema porque considera que esse lugar, com esse problema, é o que representa a sua cidade. Tá valendo: quem escolhe o cenário é você”. A mesma abertura, no entanto, não foi concedida para o formato de gravação do vídeo, que o apresentador insiste ter que ser na posição horizontal: “A gente separou alguns exemplos que chegaram para mostrar que não tem mistério nenhum. É uma selfie, mas com a câmera assim, ó, na horizontal”. Essa demonstração na bancada foi repetida com o uso de um aparelho de celular, mais um reforço ao pedido. E o apresentador ainda comparou a gravação a uma selfie, termo bastante popularizado. Um recurso para mostrar que a gravação já é algo do cotidiano dos telespectadores, por isso “não tem mistério nenhum”.

Logo após o esclarecimento de Bonner, foi feita mais uma coleta de postagens do Twitter. Dessa vez, foram requisitados, durante a busca, os tweets que mencionassem o perfil oficial do Jornal Nacional no Twitter: @jornalnacional, sem o uso de hashtags. Foi estabelecido o intervalo de 1 dia para o recolhimento do material. Mas, novamente, chamam atenção as postagens feitas logo após a explicação de Bonner, no intervalo de 1 hora. Para ter uma margem um pouco maior de análise, foram selecionadas as postagens feitas até duas horas após o fim do noticiário. Do total de 761 posts coletados pelo software a partir dos critérios selecionados, 118⁷⁸ eram mencionando a campanha. A maior parte dos comentários fazia referência ao vídeo 4, principalmente sobre a expressão usada pelo telespectador Zé Julio: “asfalto colado de guspe [sic]”, ao reclamar da conservação de uma estrada em Minas Gerais. Mas também são verificados posts criticando o telejornal pela postura de só depois da mobilização na internet voltar atrás na proposta inicial; os telespectadores que ficaram surpresos e até parabenizaram o noticiário por mostrar vídeos com problemas; e ainda os que incentivaram os telespectadores a continuar mandando vídeos com as dificuldades enfrentadas no país, como foi o caso do vídeo 2 gravado em frente a um lixão. Seguem alguns dos comentários encontrados.

⁷⁸ Lista de tweets disponível no Anexo B.

Figura 47 - Postagens sobre a reconsideração



Fonte: site de rede social Twitter, 2018.

A resposta do editor-chefe do Jornal Nacional surpreendeu não só os internautas, mas também a imprensa, que acompanhou a massiva divulgação da campanha nos telejornais da emissora. O jornalista Maurício Stycer chegou a fazer uma análise do caso em sua coluna online na Folha de S. Paulo⁷⁹. Nas palavras do colunista, a partir da ação do apresentador

Constatou-se que o tom edificante da convocação não encontrou a ressonância esperada. Em vez de cartões-postais de suas cidades, como havia sido sugerido, muitos espectadores optaram por exhibir mazelas. O caso mostra, mais uma vez, que a pretensão de falar com o espectador e, especialmente, dar voz a ele não é tão simples, nem pode ser orientada apenas pelo marketing. (FOLHA DE S. PAULO, online).

Não é simples porque é preciso compreender todas as práticas culturais envolvidas no cotidiano do telespectador. Que já não é o mesmo da década passada, vem se reconfigurando e, com isso, exige também a reconfiguração do telejornal. Gutmann (2012, p. 250) já havia adiantado que

⁷⁹ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mauriciostycer/2018/01/1953494-globo-convida-espectador-a-colaborar-mas-recebe-resposta-inesperada.shtml>> Acesso em 13 de jul. 2018.

as formas do telejornal são lugares de mediação em que se configuram as representações dos sujeitos, as ações, os discursos e as situações da vida cotidiana (GUTMANN, 2012, p. 250). E que

No telejornal contemporâneo, esse movimento [de produção de sentido] tem sido caracterizado por um maior grau de proximidade entre as instâncias comunicativas, estratégia legítima de geração de sentido de atualidade e interesse público quando, mesmo articulando representações de sujeitos às esferas individuais, pressupõe partilha pública e reconhecimento social. (GUTMANN, 2012, p. 251).

Mas, ao que consta até aqui diante dos casos apresentados, essa própria condição de proximidade vem ganhando outras proporções por intermédio dos sites de redes sociais. No caso específico desta pesquisa, o telespectador do Jornal Nacional que assiste ao noticiário ao mesmo tempo em que está conectado no Twitter encontra nessa rede um importante espaço de ressonância para a sua opinião. Em poucos minutos, ela pode ser compartilhada e ganhar proporções que, anteriormente, ao assistir ao telejornal na sala de casa, apenas com familiares, jamais seria possível alcançar. E que, portanto, se descobre ser a opinião também de outros tantos telespectadores. Já quem não é telespectador também tem acessado o conteúdo do noticiário justamente por esse grau de compartilhamento de informações na rede. É a prática da TV Social, já discutida nesta pesquisa (FECHINE, 2017).

O diferencial em relação ao Jornal Nacional é que o público vem, aos poucos, descobrindo o poder desse fenômeno e os reflexos na condução ao vivo do telejornal, ainda que em situações bastante pontuais. A percepção dos telespectadores fica evidente em comentários como: “@jornalnacional Legal vcs terem mostrados os vídeos do Brasil que não queremos! É a reação povo. É mais ainda a aproximação não só com a notícia do povo, mas sim com o sentimento do telespectador!”; “@jornalnacional a Globo levou uma invertida do povo queiram que o povo mostrassem lugares bonitos e históricose o povo está enviando videos do verdadeiro Brasil que temos, na verdade começou a campanha política da maior rede de TV do nosso país não perca as próximas cenas”; “@jornalnacional lugares históricos e bonitosnada disso o povo está cansado de ser influenciados têm que mostra o verdadeiro Brasil”; “O povo falando que era pra gravar num ponto turístico da cidade, o cara foi lá e gravou no lixão HAHHAHAHA #JN”.

Há, portanto, uma reconfiguração na relação entre telejornal e telespectador que passa pelas novas práticas de uso dos sites de redes sociais por ambos. Práticas que estão se estabelecendo e se reconfigurando conforme o contexto comunicativo que as envolvem. É sobre isso o próximo caso a ser analisado.

7.3.3 A cobertura do desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti

O terceiro caso representativo no período de análise escolhido foi sobre a cobertura do desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti, do grupo especial do carnaval do Rio de Janeiro. A agremiação entrou na avenida na madrugada da segunda-feira, 12 de fevereiro de 2018, primeiro dia de desfiles, com uma crítica intensa à escravidão moderna, às relações e legislações de trabalho e ao governo de Michel Temer, que foi representado em um dos carros como um vampiro com faixa presidencial, além dos “manifestoches”, os famosos patos da Fiesp que apareciam como manifestantes manipulados pela mídia por defenderam o impeachment de Dilma Rousseff.

Já na transmissão ao vivo do desfile foi possível notar certa apatia dos apresentadores que se limitavam a poucos comentários, muito diferente do que ocorre normalmente com os demais enredos. Na edição do Jornal Nacional da própria segunda-feira⁸⁰, mais uma vez a emissora optou por fazer uma cobertura diferente da vista com as demais escolas. Na escalada e no link que chamou a reportagem, os jornalistas ressaltaram o tom de protesto dos desfiles. Mas, enquanto as outras agremiações que desfilaram tiveram até um minuto e meio de suas apresentações mostradas em uma reportagem sobre o primeiro dia de desfile, a Paraíso do Tuiuti teve aproximadamente 35 segundos, o menor tempo de todas. Segue o trecho destinado a ela na reportagem de Helter Duarte.

(Arte com nome da escola)

Off: A Paraíso do Tuiuti trouxe um enredo crítico. Centro e trinta anos depois da assinatura da Lei Áurea, a escravidão acabou mesmo no Brasil? Na comissão de frente, o grito de liberdade dos escravos africanos.

Passagem: Gente, eu vou tentar mostrar aqui dentro, chega aqui, chega aqui.

Componente: o show está apenas começando.

Off: A Tuiuti mostrou manifestantes fantoches, criticou a reforma trabalhista e o presidente Michel Temer.

A reação no Twitter foi imediata: assim que a reportagem foi veiculada começaram a surgir os primeiros comentários. Inclusive com informações sobre o tempo cronometrado das escolas. Foi montada uma busca novamente selecionando as postagens que mencionassem a conta @jornalnacional no intervalo de até uma hora após o fim do telejornal. Nesse período, foram coletados 436 tweets. Desses, 208⁸¹ mencionavam, em comentários ou compartilhamentos, a reportagem e o espaço dado à escola de samba Paraíso do Tuiuti. Seguem alguns exemplos.

⁸⁰ Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2018/02/12.html> > Acesso em 25 de jul. 2018.

⁸¹ Lista de tweets disponível no Anexo C.

Figura 48 - Repercussão da cobertura do JN sobre a escola Paraíso do Tuiuti

Em resposta a @jornalnacional

Vai falar do desfile do VAMPIRO e Do golpe?!

20:37 - 12 de fev de 2018

2 Retweets 5 Curtidas

Em resposta a @jornalnacional

Mostra aí o desfile da Tuiuti

21:03 - 12 de fev de 2018

5 Curtidas

#VamosCombinar A @RedeGlobo boicota a Tuiuti veja o tempo dos VTs do @jornalnacional sobre o desfile de domingo: Fonte DATAJAND

Imagem de uma lista de tempos de vídeo (VTs) para o desfile de domingo:

1º Império - 1m/4seg
2º São Clemente - 1m07seg
3º Vila Isabel - 1m29seg
4º Tuiuti - 35seg
5º Grande Rio - 1m05seg
6º Mangueira - 1m03seg
7º Mocidade - 53seg

#TuiutiCampea

@jornalnacional SEM VERGONHA!

A única imagem q mostrou da Tuiuti foi do Vampirão Temer, p/uns míseros segundos no 2o. bloco.

A @RedeGlobo não respeita NADA, NINGUÉM!!

Se acham os donos da verdade, mesmo qd milhões de pessoas no BR e no Mundo vê q são 1 engodo!!

21:26 - 12 de fev de 2018

2 Retweets

Mídia NINJA @MidiaNINJA

Teve VT hoje sobre o desfile de ontem no Jornal Nacional. Adivinha quem teve menos tempo na Globo? Isso mesmo, Paraíso do Tuiuti.

via *Imagem de uma lista de tempos de vídeo (VTs) para o desfile de domingo:*

1º Império - 1m/4seg
2º São Clemente - 1m07seg
3º Vila Isabel - 1m29seg
4º Tuiuti - 35seg
5º Grande Rio - 1m05seg
6º Mangueira - 1m03seg
7º Mocidade - 53seg

O @jornalnacional sendo JN, não mostrou o desfile da #Tuiuti depois se diz um jornal isento imparcial. Na verdade sabe q os patos q foram mostrados na avenida foram todos adestrados no horário nobre.

21:23 - 12 de fev de 2018

5 Retweets 7 Curtidas

Fonte: site de rede social Twitter, 2018.

Tal posicionamento surtiu efeito. No dia seguinte, terça-feira 13 de fevereiro, o Jornal Nacional exibiu uma reportagem ampliada⁸², de quatro minutos, sobre os protestos que deram o tom do carnaval 2018. Segue a transcrição da cabeça, lida por Rodrigo Boccardi no estúdio, e a reportagem de Paulo Renato Soares. Destaque: a reportagem começa com uma descrição do desfile da Paraíso do Tuiuti, justamente o que a emissora deveria ter feito na reportagem do dia anterior.

Rodrigo Boccardi: Este carnaval deixou uma marca forte e indiscutível: os protestos contra a violência no Rio de Janeiro e as críticas aos políticos e às questões sociais.

Off: Antes das escolas, as arquibancadas já davam o tom do carnaval este ano. O público vaiou e xingou o prefeito do Rio Marcelo Crivela e o presidente Michel Temer. A insatisfação virou enredo. A Paraíso do Tuiuti desfilou críticas sociais e políticas na primeira noite na avenida. Operários obrigados a se desdobrar denunciavam as más condições de trabalho. E criticavam a reforma trabalhista. Carteiras rasgadas mostravam que muitos brasileiros vivem sem direitos no trabalho informal. Os manifestoches eram uma sátira a manifestantes que são manipulados pelos poderosos. Como se fossem marionetes, eles estavam encaixados no pato da Fiesp, um dos símbolos do protesto contra o governo Dilma. E carregavam uma panela em referência aos panelaços da época. No último carro, um vampiro vestia a faixa presidencial, numa alusão ao presidente Michel Temer. A fantasia de destaque ganhou o nome de vampiro neoliberalista.

(sobe som)

Off: A Mangueira também não usou sutilezas para criticar. O prefeito do Rio, Marcelo Crivela, apareceu representado como um boneco de judas, desses que são malhados no sábado de Aleluia. Ele estava no carro: Prefeito, o pecado é não brincar o carnaval. Com o enredo “com dinheiro ou sem dinheiro, eu brinco”, a escola criticou o corte da verba da prefeitura para a festa na Marquês de Sapucaí.

(sobe som)

Off: Na Beija-Flor, a escola deu um recado claro contra os corruptos, a intolerância, a violência. O prédio da Petrobrás foi pra avenida. E quando as paredes se abriam, o que se via eram as estruturas de um país desigual. Atrás, a crítica a quem ajudou a construir essa situação. Os efeitos desse abandono: teve arrastão na avenida... bala perdida... tiroteio na escola. Mortos na guerra do tráfico. Policial também vítima da violência. O homem da mala com dinheiro, aqui, sambou na nossa cara. A foto famosa da chamada gangue dos guardanapos ganhou vida na avenida. É o registro de um jantar em Paris em que o ex-governador do Rio Sérgio Cabral e amigos aparecem com um pano na cabeça. Ainda teve a ala: no circo Brasil, o palhaço é o povo. E ainda carregando nas costas o peso dos impostos.

(sobe som)

⁸² Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2018/02/13.html>>. Acesso em 17 de jul. 2018.

Passagem: No sambódromo e nas ruas, o país está festejando. Mas o folião este ano não pode ser acusado de usar a festa para esquecer dos problemas. O grito do carnaval em 2018 também é um grito de basta.

Off: O Suvaco do Cristo foi pras ruas com 30 mil pessoas. Este ano, o tema era proibido proibir. Frase famosa contra a censura e a ditadura em 1968. O bloco fez uma crítica ao prefeito Marcelo Crivela.

(sobe som marchinha com crítica)

Off: No Simpatia quase Amor, 300 mil vozes engrossaram o coro dos descontentes com a situação na cidade e no país. (sobe som). Este ano, o tema do enredo do Simpatia é: “A cidade é nossa em fevereiro. Você não gosta de carnaval mas o nosso povo gosta”.

(sobe som marchinha com crítica)

Off: É uma crítica direta ao prefeito Marcelo Crivela, que deixou o Rio durante o carnaval.

(sobe som marchinha com crítica)

Assim como no caso da campanha “O Brasil Que Eu Quero”, a mudança de postura não passou despercebida pelos usuários do Twitter, que se manifestaram por meio de postagens no site de rede social assim que a reportagem foi exibida na televisão.

Figura 49 - Repercussão sobre a retratação do Jornal Nacional





Fonte: site de rede social Twitter, 2018.

As postagens acima foram obtidas em mais uma coleta logo após a exibição da reportagem ampliada sobre as manifestações políticas nos desfiles de carnaval. A busca se deu a partir de menções à conta @jornalnacional no Twitter. No intervalo compreendido entre o início da exibição do telejornal até uma hora após o seu término, foram coletados 616 tweets. Desses, 209⁸³ faziam menção a reconsideração do noticiário em ampliar a cobertura dada ao desfile da escola Paraíso do Tuiuti.

É importante considerar que se trata do mesmo contexto político e social em que foi lançada a Campanha “O Brasil Que Eu Quero”, com rejeição ao governo de Michel Temer em razão das constantes denúncias de corrupção envolvendo não só o presidente como representantes do alto escalão, e de descontentamento da população com a classe política. A escola Paraíso do Tuiuti ouviu esse clamor que vinha das ruas e decidiu justamente torná-lo tema de seu desfile. Mas teve a cobertura barrada pelo Jornal Nacional, como demonstrado.

Essa postura do noticiário é perceptível e questionada justamente pelo modo de endereçamento construído até então. Como já apresentado, Gomes (2005, p. 7) pontua que a imparcialidade da notícia é a “marca privilegiada do JN”, uma vez que ele constrói a credibilidade com base na concepção de reportagens que apresentam os dois lados da notícia. O fato de as equipes irem ao local dos fatos é outro ponto que reforça essa construção com o telespectador. Mas não foi o que se viu na reportagem do primeiro dia de desfiles. Na cobertura sobre a Paraíso do Tuiuti, ainda que Helter Duarte estivesse na Marquês de Sapucaí, junto aos

⁸³ Lista de tweets disponível no Anexo D.

integrantes da agremiação para registrar a passagem deles pela avenida, o tempo destinado ao registro foi encurtado consideravelmente. O off de abertura dizia apenas que a escola apostou em um enredo crítico, questionando o fim da escravidão. A passagem do repórter se tornou um indício claro de que até havia uma tentativa de tornar aquele registro semelhante ao das demais escolas, pois todos possuíam passagens. Mas a da Paraíso do Tuiuti não parecia fazer sentido: era o repórter tentando entrar em uma estrutura da comissão de frente: “Gente eu vou tentar mostrar aqui dentro, chega aqui, chega aqui”. Com o repórter ainda em movimento, corta-se para uma imagem já dentro da estrutura e para a fala de um componente, que diz apenas uma frase: “o show está apenas começando”. Na sequência, não há detalhamento sobre as alas, apenas uma lista dos assuntos: “A Tuiuti mostrou manifestantes fantoches, criticou a reforma trabalhista e o presidente Michel Temer”.

Essa diferenciação de abordagem promoveu uma quebra no que vinha sendo estabelecido junto ao telespectador, por isso ele percebeu instantaneamente e usou o recurso que tinha em mãos, o acesso ao perfil pessoal no Twitter, para expor o que identificou e compartilhar com os demais usuários da plataforma. Novamente Gutmann (2012, p. 250) tem uma explicação para situações como essa. Segundo a pesquisadora, o contexto comunicativo do telejornal, no interior das textualidades, reproduz um acordo implícito entre o telejornal e o público sobre a coerência de sentido e o reconhecimento social daquele programa enquanto subgênero do telejornalismo, que ela chama de “definição de situação”. Esse contrato está permeado por relações de poder que disputam pela autenticação e legitimidade da enunciação, ou seja, pela constituição do próprio contexto comunicativo. “O reconhecimento dos discursos telejornalísticos enquanto críveis e relevantes para uma determinada comunidade de sentido depende justamente desse jogo de posições que articula telejornal, jornalistas, público e cultura” (GUTMANN, 2012, p. 250). Transpondo para o caso da cobertura do desfile da Paraíso do Tuiuti, há um rompimento dessa articulação por parte do Jornal Nacional, que optou, editorialmente, por uma cobertura tendenciosa e deixou para trás o acordo de imparcialidade com o telespectador.

Ainda que no dia seguinte, é evidente que a exibição de uma nova reportagem incluindo a Paraíso do Tuiuti, mesmo que com uma abordagem ampliada sobre os protestos em geral, foi uma resposta às postagens nos sites de redes sociais. E essa é uma atitude que chama a atenção pois, como já citado, não foi a primeira vez em que a emissora adotou uma cobertura tendenciosa. Vale recordar o caso das Diretas Já. Mas foi uma das primeiras vezes em que se buscou uma reparação rápida. A estratégia editorial do Jornal Nacional, então, foi reunir todas as escolas e blocos carnavalescos do Rio de Janeiro que tinham feito algum tipo de crítica a

governos e a questões sociais em uma só reportagem. Já na cabeça, o apresentador do dia, Rodrigo Boccardi, fez o anúncio: “Este carnaval deixou uma marca forte e indiscutível: os protestos contra a violência no Rio de Janeiro e as críticas aos políticos e às questões sociais”.

Na sequência, no primeiro off da reportagem de Paulo Renato Soares, a introdução ao tema mencionou nomes de políticos criticados nos desfiles: “Antes das escolas, as arquibancadas já davam o tom do carnaval este ano. O público vaiou e xingou o prefeito do Rio Marcelo Crivela e o presidente Michel Temer. A insatisfação virou enredo”. A Paraíso da Tuiuti foi, então, a primeira escola a ser citada na reportagem. Foi oferecido um detalhamento do enredo da escola. Ainda assim, houve uma tentativa em não criar grandes questionamentos sobre os temas abordados, como é possível observar neste trecho sobre a reforma trabalhista, em que as carteiras rasgadas são associadas à falta de direitos no trabalho informal, ainda que o posicionamento da escola fosse contrário à reforma como um todo: “A Paraíso do Tuiuti desfilou críticas sociais e políticas na primeira noite na avenida. Operários obrigados a se desdobrar denunciavam as más condições de trabalho. E criticavam a reforma trabalhista. Carteiras rasgadas mostravam que muitos brasileiros vivem sem direitos no trabalho informal”. E neste outro, em que não há uma explicação ampliada sobre os manipuladores dos “manifestoches”: “Os manifestoches eram uma sátira a manifestantes que são manipulados pelos poderosos. Como se fossem marionetes, eles estavam encaixados no pato da Fiesp, um dos símbolos do protesto contra o governo Dilma. E carregavam uma panela em referência aos panelaços da época”. Especificamente sobre esse tema, os usuários do Twitter foram bastante enfáticos nos posicionamentos:

#jornalnacional me engana que eu gosto. Depois de deixar a Paraíso do Tuiuti sem comentários no vídeo show vem com esta. Aquela mão é tua REDE GLOBO.

Não mesmo JN, aquelas mãos no carro da Tuiuti representavam a MÍDIA manipulando os paneleiros para ir as ruas! #JornalNacional.

Ficou tão feio para a @RedeGlobo, que hoje o @jornalnacional, se aproveitando da narrativa senso comum da @BeijaFlorReal, teve que falar um pouco mais da @Tuiutioficial. Só não falou que ela faz parte dos poderosos que manipulam os Manifestoches.

A mão nas fantasias da Tuiuti não é só a manipulação “pelos poderosos” mas também da MÍDIA, das matérias tendenciosas. Acho que faltou essa parte da explicação, #JornalNacional.

O pior é o cinismo da globo colocando o #JN #jornalnacional para interpretar as mãos manipuladoras da Tuiuti como sendo de poderosos. Digamos que chega a ser meio cinismo, porque aquelas mãos são dela também. A poderosa sentiu a pressão. Davi (o povo) pode derrotar Golias.

@BlogdoNoblat Mas o JN mentiu hoje, as mãos no carro da Tuiuti representavam a MÍDIA manipulando os paineleiros pra irem as ruas. Mas né como reconhecer e falar isso numa reportagem! KKKKK #JornalNacional.

É interessante como em alguns desses casos os usuários do Twitter, ao usarem as hashtags e as menções às contas @jornalnacional e @RedeGLobo, parecem buscar estabelecer um diálogo direto, como se estivessem se comunicando com outras pessoas e não com perfis institucionais: “#jornalnacional me engana que eu gosto” e “Acho que faltou essa parte da explicação, #JornalNacional”. Um recurso que demonstra a intenção em se posicionarem e serem ouvidos.

Já o fim do off destinado à escola falava sobre a representação de Michel Temer: “No último carro, um vampiro vestia a faixa presidencial, numa alusão ao presidente Michel Temer. A fantasia de destaque ganhou o nome de vampiro neoliberalista”. O texto, ainda que com sinais claros de uma preocupação da emissora em tratar da crítica ao então presidente pela escola, trouxe elementos significativos para que os usuários do Twitter identificassem ali uma retratação.

Diferentemente das situações em que ocorreram erros de informação e que o editor-chefe William Bonner mencionou estar sendo corrigido pelas “redes sociais”, neste caso, por se tratar de um posicionamento editorial, assim como na campanha “O Brasil Que Eu Quero”, não houve nenhuma menção aos sites e aos usuários. Mas, é nítido o monitoramento deles e o movimento do telejornal em pautar e destacar um repórter para fazer uma reportagem que atendesse às reivindicações que surgiram nessas plataformas. E foram diversas as postagens que fizeram menção ao poder dos sites de redes sociais e dos seus usuários logo após a exibição da reportagem. Como também puderam ser identificadas reações de surpresa à veiculação e mensagens de apoio ao telejornal por ter voltado atrás e ampliado o espaço destinado à escola Paraíso do Tuiuti. Seguem as manifestações:

@jornalnacional encerrando edição de hoje informando ao telespectador o que os narradores do desfile da Acadêmicos do Tuiuti não fizeram. A rede social ã deixa mais um assunto na gaveta. Os editores sabem disso e estão de parabéns ao encerrar o silêncio incômodo.

@edugoldenberg @paisdoEmbuste @jornalnacional @Tuiutioficial @RedeGlobo agora o JN resolveu falar sobre o tema da escola tuitui sobre o golpe, depois de tanta repercussão negativa na internet.

Ficou tão feio que @jornalnacional teve que simular que ainda faz jornalismo e, hoje, acabou dando mais destaque à escola.

A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não fugiu ao fenômeno. Apenas misturou informação e editorial no mesmo conteúdo.

Agora a @RedeGlobo resolveu mostrar no @jornalnacional a crítica da @Tuiutioficial, não teve como fugir, né? Pior é dar uma de insentona, cria vergonha na cara viada!!!! #JornalNacional.

@RedeGlobo baixou a cabeça no #JornalNacional? Quer tampar o sol com peneira? Foi muito bom ver... mas veio tarde demais!

Hahahaha olha essa @RedeGlobo @jornalnacional fingindo se redimir por não ter mostrado a escola Tuiuti ontem...acho q ficou mais feio ainda em lindos af.

@jornalnacional Pronto! A Globo cumpriu o seu papel. Voltamos ao país normal.

#JornalNacional é isso aí Globo, adorei a matéria, sabia que vc não ia decepcionar.

Se durante o desfile houve silêncio, o @jornalnacional foi muito bem hj ao juntar todas as críticas de Tuiuti, Mangueira e Beija-Flor e fazer uma matéria só, bem amarrada e explicada. Jornalismo correto é bem feito. Sim, a Globo falha muito, mas hj foi bem.

7.3.4 A leitura da postagem do General Villas Boas

No fim da edição de 03 de abril de 2018⁸⁴, William Bonner leu uma postagem do então comandante do Exército, o general Eduardo Villas Boas, feita no site de rede social Twitter. Era a véspera do julgamento do Supremo Tribunal Federal sobre a liberdade do ex-presidente Lula após a condenação em segunda instância no caso do triplex do Guarujá. Um momento delicado, polarizado, em que a leitura do post, no encerramento do Jornal Nacional, sem apresentar uma análise ou uma contextualização, gerou burburinho na internet. Segue o trecho.

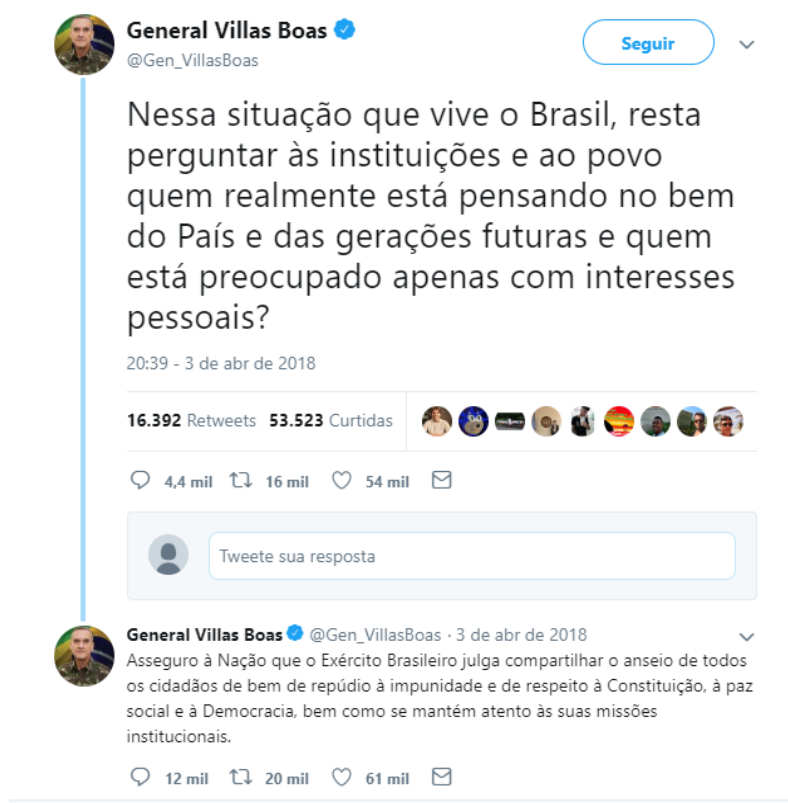
William Bonner: E uma última informação. Sem citar o julgamento do habeas corpus de Lula pelo Supremo amanhã, o comandante do Exército, o general Villas Boas, fez um comentário em repúdio à impunidade numa rede social. Ele escreveu, abre aspas: Asseguro à nação que o exército brasileiro julga compartilhar o anseio de todos os cidadãos de bem de repúdio à impunidade e de respeito à Constituição, à paz social e à democracia. Bem como se mantém atento às suas missões institucionais. Nessa situação que vive o Brasil, segue ainda o tweet do general, resta perguntar às instituições e ao povo quem realmente está pensando no bem do país e das gerações futuras e quem está preocupado apenas com interesses pessoais. Fecha aspas.

Renata Vasconcellos: O Jornal da Globo é logo depois de Tá no ar. Boa noite.

William Bonner: Uma boa noite pra você e até amanhã.

⁸⁴ Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2018/04/03.html>>. Acesso em 13 de jul. 2018.

Figura 50 - Postagem do general Villas Boas no Twitter



Fonte: site de rede social Twitter, 2018.

O que se viu no Twitter após o fim do noticiário foi uma série de postagens citando a leitura, algumas questionando o teor e o porquê da menção. Para muitos telespectadores, que acompanharam a transmissão ao vivo, e depois usaram o site de rede social para se manifestarem, não ficou claro o objetivo do noticiário ao dar espaço e encerrar a edição com tal informação considerada, por muitos, ameaçadora. Foram 526 postagens coletadas que mencionavam a conta @jornalnacional até uma hora após o encerramento do noticiário. Dessas, 175⁸⁵ mencionavam o ocorrido. Mas elas ainda perduraram nas horas seguintes até a madrugada.

⁸⁵ Lista de tweets disponível no Anexo E.

Figura 51 - Postagens sobre tweet general Exército



Fonte: site de rede social Twitter, 2018.

No Jornal da Globo⁸⁶ do mesmo dia, o posicionamento em relação ao post do general foi diferente. Já na escalada, a jornalista e apresentadora do noticiário, Renata Loprete, anunciou o assunto.

Renata Loprete: Boa noite. Todas as atenções voltadas para o Supremo. Nesta quarta-feira, o tribunal julga se Lula pode continuar em liberdade apesar de condenado em segunda instância no caso do triplex. Como pano de fundo, um debate jurídico sobre o momento em que as penas de prisão devem começar a ser cumpridas. Pelo atual entendimento do Supremo, o momento é

⁸⁶ Disponível em: < <https://globoplay.globo.com/v/6633861/programa/>>. Acesso em 13 de jul. 2018.

este em que se encontra o ex-presidente. Mas há ministros que preferem esperar os recursos nas instâncias superiores da Justiça. Na véspera, a nota dissonante veio do comandante do Exército. Numa rede social, o general Villas Boas fez comentários alusivos ao julgamento, incompatíveis com a função constitucional das Forças Armadas.

Depois de deixar claro um posicionamento sobre a postagem do general, o noticiário ainda apresentou uma explicação mais detalhada e a repercussão sobre a postagem, com informações da correspondente Giovana Teles, ao vivo, da cidade de Brasília. Depois de dar informações sobre o julgamento, a jornalista complementou:

Giovana Teles [ao vivo]: Outra manifestação, como você falou no começo do jornal, Renata, veio do comandante do Exército, o general Villas Boas. Sem citar o julgamento do habeas corpus de Lula pelo Supremo amanhã, ele fez um comentário dizendo-se em repúdio à impunidade. Isso foi numa rede social.

Giovana Teles [em off e com imagens do post]: O texto diz o seguinte abre aspas: Asseguro à nação que o exército brasileiro julga compartilhar o anseio de todos os cidadãos de bem de repúdio à impunidade e de respeito à Constituição, à paz social e à democracia. Bem como se mantém atento às suas missões institucionais. Nessa situação que vive o Brasil, resta perguntar às instituições e ao povo quem realmente está pensando no bem do país e das gerações futuras e quem está preocupado apenas com interesses pessoais. Fecha aspas.

(De volta ao vivo ao estúdio)

Renata Loprete: Giovana, depois dessa declaração do general Villas Boas, o ministro interino da Defesa foi procurado e deu explicações contemporizadoras, digamos assim.

Giovana Teles [ao vivo]: Isso, Renata. A comunicação do Exército confirmou que essa mensagem, aí, da rede social foi mesmo escrita pelo comandante, pelo general, não é, e que isso demonstra o que ele acha, o que ele pensa da atual situação do país. E o ministro interino da Defesa falou ao jornal O Globo. Vamos ver o que ele disse.

Giovana Teles [em off e com imagens da reportagem no jornal]: Ao jornal O Globo, o ministro interino da Defesa, Joaquim Silva e Luna, afirmou que o general Villas Boas tem mostrado coerência, que é uma marca da gestão dele. Que ele, Villas Boas, tem preocupação com preceitos constitucionais e valoriza nossas bases que são os anseios do povo, o legado em termos de valores para as gerações futuras. A mensagem é que a população pode ficar tranquila, pois as instituições estão aqui. E prossegue o ministro interino da Defesa, não é uma mensagem de uso da força. É o contrário. Segundo Luna, Villas Boas jamais faria algo diferente disso. E não há reprovação dentro do governo, segundo o ministro interino da Defesa.

Giovana Teles [ao vivo]: O julgamento do habeas corpus de Lula está marcado para começar amanhã às duas da tarde aqui no STF. Renata.

No dia seguinte, a postagem voltou a ser assunto no Jornal Nacional⁸⁷. Mas, dessa vez, com outro tom e em uma reportagem ampliada, com quatro minutos e meio de duração, um tempo considerável, e a repercussão em diferentes segmentos da sociedade. Já na cabeça, o apresentador William Bonner faz o anúncio do mal-estar gerado.

William Bonner: A manifestação de ontem do comandante do Exército, o general Eduardo Villas Boas, numa rede social na internet, causou um grande mal-estar dentro e fora do governo. E foi considerada inadequada.

Na reportagem do jornalista Vladimir Neto, o texto da postagem é resgatado e são apresentadas, inicialmente, as manifestações contrárias ao posicionamento do general no site de rede social Twitter. Dentre as pessoas e as entidades que repudiaram o post estão: a presidente do PT, Gleise Hoffmann, o governador do Estado do Maranhão, Flávio Dino (PCdoB), a ANPR – Associação Nacional dos Procuradores da República, a OAB – Ordem dos Advogados do Brasil e o Instituto dos Advogados Brasileiros. Na sequência, duas defesas ao general: a do ministro interino da Defesa, em entrevista concedida ao jornal O Globo, e a do secretário de governo, o ministro Carlos Marun (MDB), em entrevista ao blog da jornalista Andrea Sadi. A reportagem ainda é finalizada com uma nota do comandante da Aeronáutica, o Brigadeiro do Ar Nivaldo Rossato, destinada inicialmente ao público interno. Segue a transcrição abaixo:

Off: A manifestação do comandante do exército foi feita em duas mensagens em uma rede social ontem à noite. Sem citar o julgamento do habeas corpus do ex-presidente Lula pelo Supremo, o general Eduardo Villas Boas disse que o exército brasileiro julga compartilhar o anseio de todos os cidadãos de bem de repúdio à impunidade e de respeito à Constituição. E se mantém atento às suas missões institucionais. O general termina perguntando quem está realmente pensando no bem do país e das gerações futuras e quem está preocupado apenas com interesses pessoais.

Passagem [em Brasília]: As palavras do comandante do exército tiveram grande repercussão. Ele chegou a receber o apoio de alguns generais da ativa, o que foi considerado ainda mais grave. As reações negativas foram imediatas e vieram de vários setores.

Off: A presidente do PT, a senadora Gleisi Hoffmann, escreveu numa rede social que assim como afirma o general Villas Boas, o PT defende o combate à impunidade e o respeito à Constituição. Inclusive no que diz respeito ao papel das Forças Armadas. E o respeito à Constituição implica na garantia do direito à presunção de inocência.

⁸⁷ Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2018/04/04.html>>. Acesso em 13 de jul. 2018.

Off: O governador do Maranhão, Flávio Dino, do PCdoB, disse também em uma rede social, que no Estado de Direito, cada um tem o seu papel institucional. Ao comandante do exército não cabe interpretar a Constituição nem dizer o que é impunidade. Para isso, existem os 3 poderes, especialmente o Supremo Tribunal Federal.

Off: Em nota, a Associação Nacional dos Procuradores da República manifestou preocupação com as mensagens que podem ser mal compreendidas e instigar manifestações de movimentos políticos de parcela da população. A ANPR afirmou que, em Estados Democráticos de Direito, o poder civil dirige os destinos da nação e deve ser livremente exercido, sem interferências, insinuações, ou o que pareça, sequer sugestões impertinentes.

Off: A Ordem dos Advogados do Brasil enfatizou que é preciso respeito às decisões do STF. O Brasil passa por uma forte crise institucional, política e econômica. Não existe solução para o país fora da Constituição e da democracia. Por isso, o respeito às decisões do STF, independentemente dos vencedores e dos vencidos, é condição para a existência do Estado de Direito.

Off: O Instituto dos Advogados Brasileiros também repudiou a manifestação do general. Destacou que dispomos de maturidade política para resolver conflitos ideológicos e completou: Dispensamos, assim, as Forças Armadas dessa tarefa, para que elas deem cobro de sua primordial missão institucional, que é a de proteger a Nação de inimigos externos. Entre nós não temos inimigos, quando muito somos adversários, sempre dispostos ao entendimento e ao consenso e sempre pela via democrática.

Off: Ao Jornal O Globo, o ministro interino da Defesa, general Joaquim Silva e Luna, afirmou que a intenção do general Villas Boas era reafirmar sua crença nos princípios constitucionais. Disse que o general tem mostrado coerência, o que é uma marca da gestão dele. O ministro da Defesa acrescentou que a mensagem é de que a população pode ficar tranquila, pois as instituições estão aqui. Não é uma mensagem de uso da força. É o contrário. Segundo o ministro, Villas Boas jamais faria algo diferente disso.

Off: O secretário de Governo, o ministro Carlos Marun, disse ao blog da jornalista Andrea Sadi que o general Villas Boas é um democrata. Demonstrou preocupação e pregou o respeito à Constituição.

Off: Em nota destinada exclusivamente ao público interno, mas que acabou vazando, o Comandante da Aeronáutica, o Brigadeiro do Ar, Nivaldo Rossato, pregou respeito aos poderes institucionais. Ele disse: Nestes dias críticos para o país, nosso povo está polarizado, influenciado por diversos fatores. Por isso, é muito importante que todos nós, militares da ativa ou da reserva, integrantes das Forças Armadas, sigamos fielmente à Constituição, sem nos empolgarmos a ponto de colocar as nossas convicções pessoais acima daquelas das instituições. Os poderes constituídos sabem de suas responsabilidades perante a nação e devemos acreditar neles. Tentar impor nossa vontade ou de outrem é o que menos precisamos neste momento.

Figura 52 - Postagem do JN no Twitter marcando início da edição de 03/04/2018



Fonte: site de rede social Twitter, 2018.

Para entender a situação acima descrita, um ponto importante são os seguintes horários: o telejornal começa às 20h29, como demonstrado na foto acima, e a postagem do general Villas Boas é feita às 20h39, dez minutos depois do início. Tendo como referência o tempo total da edição, que foi de 49 minutos, descontados os intervalos comerciais, o período para a checagem, apuração e inserção de uma voz oficial ou especialista para comentar a postagem era relativamente curto. A leitura de uma nota simples ao fim da edição denotou, portanto, uma decisão editorial do telejornal: a postagem foi tomada como voz oficial do general e o assunto mereceu destaque ainda que não houvesse quem analisasse tal posicionamento. A leitura da postagem foi feita então com a menção de “abre aspas”, ou seja, exatamente da forma em que foi publicada, sem nenhuma interpretação. Porém, o que chama a atenção é o fato de ela estar descontextualizada. Apesar de o julgamento de Lula ter sido tema durante a edição do Jornal Nacional desse dia, William Bonner, no início da nota, diz apenas: “É uma última informação. Sem citar o julgamento do habeas corpus de Lula pelo Supremo amanhã, o comandante do Exército, o general Villas Boas, fez um comentário em repúdio à impunidade numa rede social. Ele escreveu, abre aspas [...]”. Ao término da leitura do post do general, Renata Vasconcellos informa que o Jornal da Globo começa após o programa “Tá no ar” e se despede, assim como William Bonner, com um boa noite. Como foi possível observar, o Jornal da Globo trouxe a

repercussão do caso. E, em situações como essa, é comum, ao fim da edição do Jornal Nacional, um dos apresentadores informar que a cobertura completa sobre o tema será oferecida no próximo telejornal. E isso não ocorreu. Esse, sem dúvida, foi um dos motivos que alarmaram os telespectadores e incitaram os comentários no Twitter sobre o tema, acompanhado, é claro, do teor da postagem do general em um contexto político de ânimos acirrados devido o julgamento do ex-presidente Lula.

O telejornal acionou, por meio do conteúdo e do formato escolhido, sentidos de instantaneidade e de vigilância e revelação (GUTMANN, 2012), numa busca por endereçar ao telespectador os valores de atualidade e de interesse público característicos do jornalismo e que contribuem na construção do contrato com o telespectador para reconhecê-lo como tal. Mas, da forma como ocorreu, esse episódio também acabou sendo um retorno à antiga prática consolidada pelo noticiário, durante o regime militar, de atender aos interesses políticos e econômicos dos militares (GOMES, 2010). Uma postura bastante questionada e que foi alvo, inclusive, de retratação pública, recentemente, pelo Grupo Globo⁸⁸. É por isso que muitos telespectadores não interpretaram a leitura da postagem como uma informação que chegou de última hora e que merecia espaço justamente por ser o posicionamento do comandante do exército brasileiro à época. Eles questionaram se a emissora estaria apoiando um possível regime militar novamente ou se esse seria um apoio à pressão ao Supremo Tribunal Federal feita de forma velada pelo general em razão do julgamento de Lula. Os telespectadores entenderam que, para além do compromisso com a atualidade e o interesse público, o telejornal estaria utilizando de seu poder e abrangência enquanto meio de comunicação para influenciar de alguma forma, ainda que apenas endossando um discurso, os rumos do julgamento de Lula. É o que também demonstram os tweets abaixo.

@realwbonner e @jornalnacional perdem a decência por completo dando boa noite ao Brasil esfregando o terror na nossa cara! Não aceitamos ameaças, vocês tem uma dívida com esse país e nós vamos cobrar a conta! Canilhas!!!!
#OPovoQuerLulaLivre

@jornalnacional citando general do exército? Brasil já viu esse filme antes...
#ditaduranuncamais #GloboGolpista #LulaLivre

Espera um pouco! Eu acabei de ver o @jornalnacional endossar o discurso do General que apoia a Intervenção Militar? Foi isso mesmo? Que ABSURDO!

⁸⁸ Em 2013, quando da criação do site Memória, do Jornal O Globo, o Grupo Globo reconheceu o apoio ao golpe militar de 1964 e se desculpou por considera-lo um erro. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>. Acesso em: 06 de mar. 2019.

O @realwbonner lendo comunicado do exército no @jornalnacional . Isso é tão anos 70 "O futuro repetir o passado" "Quem não conhece sua história, está condenado a repeti-la" #DitaduraMilitarRetornara ?

@jornalnacional A leitura do Twitter no final da edição de hoje pareceu o anúncio do início da neo-ditadura militar.

Tentando assustar a população ou pressionar o STF @jornalnacional @realwbonner ?????

O recado ao @STF_oficial está dado, o @jornalnacional noticiou o tweet do @Gen_VillasBoas !! O povo honesto, ordeiro e trabalhador do Brasil deposita suas esperanças na contínua vigilância exercida pelas #FFAA !! @SakaSakamori @SrtaBella5 @NinaLCastro @PeresLeci @velhonarede

Eu acho tão absurdo o @jornalnacional reproduzir a fala do @Gen_VillasBoas às vésperas do julgamento do habeas corpus de @LulapeloBrasil que isso isso me soa muito golpe de 64, ditadura!

Ao fazer a leitura da postagem de forma isolada, sem contextualização e sem uma interpretação especializada da declaração do representante máximo do exército em um contexto tão conturbado, o Jornal Nacional, ao mesmo tempo em que manteve seus princípios editoriais de apoio à classe militar, reconhecidos em sua trajetória histórica, colocou em cheque o endereçamento recente que busca construir de telejornal imparcial, cuja credibilidade se funda em conteúdos que oferecem os dois lados da notícia e profissionais que vão atrás dos fatos para atestar as informações (GOMES, 2005).

Situação reforçada pela reportagem do dia seguinte que, ainda que tenha buscado trazer versões diversas sobre a declaração, foi construída sem sonoras, ou seja, sem entrevistas concedidas especialmente sobre o caso, apenas offs com as declarações registadas em perfis no Twitter, notas oficiais divulgadas à imprensa ou declarações concedidas a outros veículos de comunicação. Não deixa de ser uma tentativa de reforço à validade de informações obtidas por meio de sites de redes sociais como justificativa para o uso do post do general⁸⁹. A primeira que apareceu citada, após a passagem do repórter, foi a presidente do PT, Gleisi Hoffmann. Em seguida, mais quatro fontes que repudiaram a declaração de Villas Boas e só então foram apresentadas as opiniões do ministro interino da Defesa e do secretário de governo que ofereceram outra interpretação à postagem do general, apoiando sua fala. A declaração do ministro, inclusive, foi a mesma apresentada no Jornal da Globo, como detalhado acima. A

⁸⁹ Situações semelhantes, de uso de informações postadas em perfis oficiais no Twitter, já vinham sendo registradas, principalmente, em reportagens sobre Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, que tem como prática a divulgação de ações do governo na plataforma. Esse exemplo será retomado no próximo tópico.

reportagem foi encerrada, contudo, com uma nota do Comandante da Aeronáutica destinada ao público interno, mas que foi divulgada. Nela, mais um posicionamento contrário à manifestação de Villas Boas e uma recomendação: “Os poderes constituídos sabem de suas responsabilidades perante a nação e devemos acreditar neles. Tentar impor nossa vontade ou de outrem é o que menos precisamos neste momento”. Apesar desse encerramento com tom de crítica, a reportagem não ofereceu nenhum outro tipo de esclarecimento ao telespectador em relação à escolha editorial feita para a leitura do post. E, ainda que a interpretação a partir dos sites de redes sociais tenha sido negativa, não foram identificadas ações de retratação.

7.3.5 Sites de redes sociais como fonte de informação

Além do caso do General Villas Boas, acima analisado, ainda merecem destaque nesta pesquisa outros usos de sites de redes sociais por parte do Jornal Nacional para a obtenção de conteúdos para o telejornal. Em 29 de janeiro de 2018⁹⁰, em meio a uma polêmica sobre sua nomeação como ministra do Trabalho, a então deputada federal Cristiane Brasil (PTB), que vinha sofrendo ações trabalhistas de ex-funcionários, gravou um vídeo na companhia de amigos em um barco, afirmando que provaria inocência. O material foi postado no Facebook e no Twitter. Ao longo do dia, o vídeo ganhou repercussão, foi bastante compartilhado e foi usado para compor uma reportagem do Jornal Nacional. Já na cabeça da reportagem, o apresentador William Bonner citou a origem do vídeo.

William Bonner: Num vídeo que circulou, hoje, em redes sociais, a deputada Cristiane Brasil, do PTB, falou sobre as ações que enfrentou na justiça trabalhista e que motivaram a suspensão da posse dela como ministra do Trabalho.

A reportagem, com cerca de três minutos de duração, feita por Paulo Renato Soares, já começa com trechos do vídeo. Na sequência, são usadas imagens de arquivo da deputada em atividade e, novamente, trechos do material. A passagem do repórter, feita na cidade do Rio de Janeiro, traz uma nota da deputada justificando a gravação. Uma forma de atualizar a repercussão do material e dar voz a ela, já que não há uma declaração exclusiva para a reportagem. A sonora de um dos advogados que entraram com ação contra a posse de Cristiane Brasil reforça a crítica ao teor do vídeo divulgado. E, em seguida, é usado um trecho do vídeo

⁹⁰ Disponível em: < <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2018/01/29.html>>. Acesso em 13 de jul. 2018.

com opinião contrária. Mas, o off que vem na sequência traz o posicionamento de reforço à posse da deputada por parte do governo federal. A seguir, a transcrição da reportagem:

Off: No vídeo, Cristiane Brasil está dentro de um barco, ao lado de quatro homens. Um deles dá o sinal para a gravação começar:

Homem 1 [no vídeo]: Vai ministra!

Cristiane Brasil [no vídeo]: Eu tenho pra falar pra vocês o seguinte: todo mundo tem direito de pedir qualquer coisa na Justiça. Todo mundo pode pedir qualquer coisa abstrata. O negócio é o seguinte: Quem é que tem direito? Ainda mais na Justiça do Trabalho.

Off: A deputada federal está falando sobre os motivos que vêm impedindo a posse dela como ministra do Trabalho.

(Segue reportagem com imagens de arquivo)

Off: Ela já respondeu duas ações trabalhistas por não assinar a carteira de motoristas particulares. Numa, foi condenada a pagar indenização. Na outra, fez acordo.

Off: Um grupo de advogados entrou na Justiça argumentando que a nomeação de Cristiane Brasil ofende a moralidade administrativa, porque ela violou gravemente a legislação trabalhista. E a justiça federal em Niterói, no estado do Rio, decidiu em caráter liminar suspender a posse dela.

Cristiane Brasil [no vídeo]: Eu juro pra vocês. Eu juro pra vocês que eu não achava que eu tinha nada para dever para essas duas pessoas que entraram contra mim. E eu vou provar isso em breve.

Homem 1 [no vídeo]: E eu tô com você doutora.

Homem 2 [no vídeo]: Eu posso dar uma declaração aqui... Como empresário aqui, ação trabalhista toda hora a gente tem...

Homem 1 [no vídeo]: Todo mundo pode ter. Eu tenho, ele tem, qualquer um pode ter.

Off: O presidente Michel Temer nomeou Cristiane Brasil para o Ministério do Trabalho no começo do mês. E desde então o governo federal está recorrendo na justiça pra que ela tome posse. No dia 20, o Superior Tribunal de Justiça aceitou um recurso da Advocacia Geral da União. E autorizou que ela assumisse o cargo. Mas, dois dias depois, uma liminar da presidente do Supremo Tribunal Federal, a ministra Carmem Lúcia, suspendeu de novo a posse da deputada. E, pela segunda vez, a cerimônia que já estava pronta teve que ser cancelada.

Cristiane Brasil [no vídeo]: Eu só quero saber o seguinte: quem que pode passar na cabeça das pessoas que entram contra a gente em ações trabalhistas?

Passagem: Cristiane Brasil divulgou uma nota dizendo que a gravação e a divulgação do vídeo foram uma manifestação espontânea de um amigo,

utilizada fora de contexto. Ela diz também que respeita o direito do trabalhador reivindicar seus direitos. Mas os advogados que impediram a posse dizem que as declarações da deputada no vídeo são mais um motivo para que ela não assuma o Ministério do Trabalho.

Sonora Marcos Chehab Maleson: Nesse vídeo, nós percebemos que a Cristiane Brasil, ela de forma clara e evidente, ela desrespeita a Justiça e o direito do Trabalho. Ele, inclusive, vai servir como um grande elemento de prova para o próprio Supremo Tribunal Federal manter a nossa reclamação com relação ao nosso pedido de suspensão da posse da Cristiane Brasil. E a gente acredita que, inclusive, de forma definitiva.

Off: O vídeo provocou constrangimento entre assessores do presidente e aliados. Oficialmente, o Palácio do Planalto não quis comentar as declarações da deputada. Assessores de Michel Temer disseram ao jornalista Valdo Cruz, da GloboNews, que o presidente mantém a disposição de dar posse a Cristiane Brasil no Ministério do Trabalho.

Figura 53 - Trecho do vídeo de Cristiane Brasil



Fonte: site do Jornal Nacional, 2018.

Fica evidente que, da forma como foi estruturada, a reportagem só fazia sentido com o uso do vídeo, ou seja, foi pautada a partir dele. O noticiário já vinha exibindo a polêmica em torno da indicação e da posse da deputada federal ao Ministério do Trabalho. O registro amador veio completar esse monitoramento e reforçar o efeito de vigília e revelação (GUTMANN, 2012) assumido pelo telejornal: a deputada indicada a ocupar a cadeira do Ministério do Trabalho criticou ações trabalhistas feitas contra ela como se fossem invenções dos trabalhadores. Quando, na verdade, eram bastante concretas e estavam evidenciadas na

reportagem: ela não registrou a carteira de trabalho de dois de seus funcionários. Ao acompanhar esse desdobramento e usar o vídeo para revelar as opiniões da deputada, o telejornal se apresentou, mais uma vez, como defensor da coisa pública e dos interesses do cidadão.

Outro ponto interessante é que, já na cabeça da reportagem, William Bonner fez questão de ressaltar que o vídeo circulou nas “redes sociais” naquele dia. Além da vigilância, evoca também a atualidade do material. É mais uma demonstração do monitoramento dos sites de redes sociais para identificar o tipo de conteúdo em circulação e, a partir dos resultados, fazer o recorte para o telejornal, uma vez que esse se endereça ao seu público de forma a assumir o compromisso de trazer o que de mais importante aconteceu no país no dia (GOMES, 2005). Sem o monitoramento, o vídeo, que teve impactos na posse de Cristiane Brasil, como informado na entrevista do advogado Marcos Maleson, por servir de prova para o Supremo Tribunal Federal sobre a conduta da deputada, poderia ter passado despercebido, assim como o desfecho desse caso acompanhado pelo noticiário.

O sentido de instantaneidade, enquanto tradução da atualidade, foi reforçado ainda pela passagem, feita pouco tempo antes de o telejornal entrar no ar. Essa identificação é possível porque ela foi gravada em ambiente externo e está escuro. E também pelo texto, uma nota oficial da deputada federal, com explicações sobre a gravação e divulgação do material. Também acabaram tendo essa função a sonora do advogado, ao avaliar o caso, e o off final com o posicionamento do governo federal sobre o vídeo.

Também chamou atenção neste caso a qualidade do vídeo amador. Ainda que, em episódios recentes, o Jornal Nacional, na figura de seu editor-chefe, tenha buscado melhorar a qualidade de registros amadores enviados pelos telespectadores, a relevância do conteúdo do vídeo de Cristiane Brasil prevaleceu. Isso porque são muitos os ruídos na gravação. Inclusive com músicas de fundo que, em alguns momentos, dificultavam o entendimento da fala da deputada e dos seus acompanhantes. A estratégia utilizada, então, pelo noticiário foi a legendagem de todas as falas. Ainda que o vídeo tenha sido gravado na horizontal, como vem pregando o noticiário, foi necessário o uso de uma base feita em videografismo como suporte, uma vez que a tela não foi preenchida completamente.

Já em 10 de fevereiro de 2018⁹¹, um vídeo feito na maternidade e postado pela cantora baiana Ivete Sangalo em seu perfil oficial no Instagram e compartilhado no Twitter, e uma foto postada pelo marido dela, Daniel Cady, no Instagram, em razão do nascimento de suas filhas

⁹¹ Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2018/02/10.html>>. Acesso em 13 de jul. 2018.

gêmeas, foram usados em uma nota coberta no Jornal Nacional para o anúncio do parto. Segue o texto lido ao vivo pela apresentadora do dia, Giuliana Monrone.

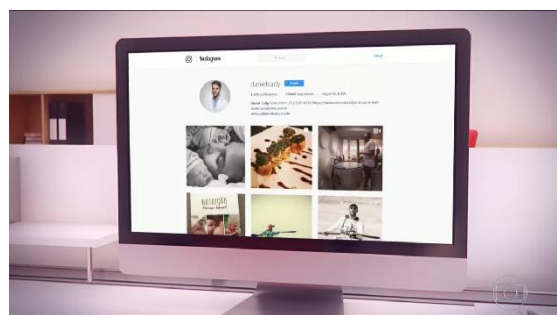
Giuliana Monrone: As filhas gêmeas da cantora Ivete Sangalo nasceram na manhã deste sábado em Salvador. As meninas se chamam Marina e Helena.

(Início da cobertura com imagens)

Giuliana Monrone: Em um vídeo postado nas redes sociais, Ivete Sangalo aparece aí dançando com o marido, os irmãos e amigos, pouco antes de entrar na sala de parto. As meninas, com quase 3 quilos cada, devem receber alta em 3 dias. Agora pouco, o marido de Ivete publicou uma foto das filhas.

Rodrigo Boccardi: Nasceram pulando Carnaval. Saúde pra todas.

Figura 54 - Vídeo de Ivete Sangalo e registros das postagens no Instagram no JN



Fonte: Jornal Nacional, 2018.

Como demonstrado, esse é mais um exemplo de monitoramento dos sites de redes sociais pela equipe do Jornal Nacional para agregar conteúdo dessas plataformas ao telejornal. O vídeo mostrava um momento íntimo da cantora, ao que parece ser no quarto ou em uma sala de espera do hospital, rodeada de familiares. O conteúdo foi divulgado na página dela no Instagram e foi compartilhado em um link do Twitter chegando a 10 milhões 695 mil

visualizações, um número bastante expressivo. Foi uma forma de tornar esse momento mais próximo de seus fãs, que acompanharam diversas postagens da cantora ao longo dos meses de gestação. Essa aproximação tem sido uma prática dela: mostrar bastidores e situações cotidianas nos sites de redes sociais. Quando o telejornal se apropriou desse conteúdo, um vídeo descontraído da cantora, recorreu a essa popularidade de Ivete na internet para também se aproximar de seus telespectadores/seguidores que conhecem o trabalho da cantora.

Por meio das fotos, o telejornal também aproveitou para reafirmar seu compromisso com a atualidade e apuração das informações sobre o parto. O vídeo de Ivete Sangalo foi postado às 5h22 de 10 de fevereiro de 2018. Já as fotos de Daniel Cady, marido de Ivete, pouco tempo antes da veiculação do telejornal. A apresentadora Giuliana Monrone chegou a ressaltar na cabeça da nota coberta que as fotos tinham sido publicadas há pouco tempo. E o off trouxe o detalhamento do peso das meninas e também quando elas iriam receber alta.

Mas, apesar dos exemplos citados, há também situações em que esse tipo de uso de conteúdo de sites de redes sociais trouxe problemas para o Jornal Nacional em razão da falta de apuração do material utilizado. As duas situações apresentadas a seguir estão fora do período de coleta realizado de novembro de 2017 a maio de 2018. Porém, justificam-se por sua representatividade no momento das retratações.

O primeiro caso ocorreu na Copa do Mundo de Futebol na Rússia. No dia 03 de julho de 2018⁹², o Jornal Nacional trouxe uma reportagem sobre as condições de saúde do jogador Uruguaio Edinson Cavani. Artilheiro da seleção uruguaia, ele tinha se machucado e era dúvida na escalação dos jogos das quartas de final do campeonato. A reportagem, feita pelo jornalista Edgar Alencar, foi ancorada por Renata Vasconcellos e Galvão Bueno direto do estúdio do Jornal Nacional em Moscou:

Renata Vasconcellos: França e Uruguai vão fazer outro jogo das quartas de final na próxima sexta-feira. E os uruguaiois correm contra o tempo, Galvão.

Galvão Bueno: É que eles estão fazendo de tudo para recuperar o artilheiro do time nessa copa.

(Início da reportagem)

Off: A ausência de Edinson Cavani no treino desta terça-feira até já era esperada. Mas, a cada dia, a situação fica mais preocupante. Desde que se machucou no sábado contra Portugal, o atacante tem feito trabalhos separados do grupo.

⁹² Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2018/07/03.html>. Acesso em 11 de jul. 2018.

Off: O departamento médico confirmou um edema na panturrilha esquerda. Não chega a ser uma lesão muscular, o que já descartaria a chance de ele jogar contra a França. Mas o problema maior são as dores.

Off: O também atacante Luiz Suarez não mostrou muito otimismo e disse que o período é curto para uma recuperação e que agora não depende mais do companheiro.

(Sobe som Suarez em uma coletiva de imprensa)

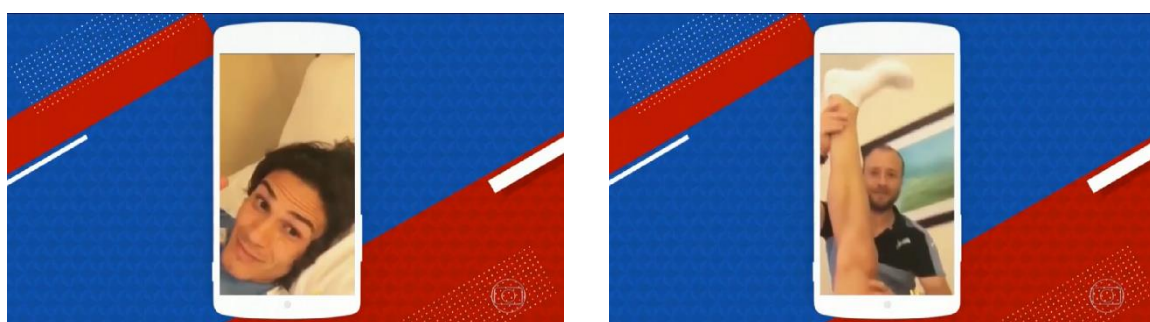
Passagem: Pelo lado mais otimista, não se trata de qualquer lesão crônica do atleta. E o Cavani faz aquele estilo fominha. Não gosta de perder nenhum jogo.

Off: Nessa última temporada, por exemplo, o Paris Saint German, clube dele na França, fez 60 jogos. O uruguaio participou de 45. Só o meia Rabiot teve 1 a mais.

Off: Se na sexta-feira não der mesmo para o titular, o favorito é Christian Stuani, que o substituiu contra Portugal.

Off: Nos últimos dias tem sido mais fácil ver o Cavani nas redes sociais do que nos campos. Em um dos vídeos, ele recebe tratamento enquanto ouve a cantora brasileira Marília Mendonça. É a receita que pode ajudar o Uruguai a ir completo disputar uma vaga para uma das semifinais. Gelo, anti-inflamatórios, paciência e um pouco da nossa música sertaneja (sobe som da música sertaneja).

Figura 55 - Vídeo do jogador Cavani exibido pelo JN



Fonte: site do Jornal Nacional, 2018.

Essa foi mais uma reportagem feita sem entrevistas. Como é possível observar, o texto todo é construído em off e apenas com o sobe som de uma fala do jogador Suarez em entrevista coletiva. O início do off final da reportagem dá a entender que o último registro que se tem do jogador, portanto, é o do vídeo publicado por ele em um site de rede social mostrando um momento da reabilitação pelo qual vinha passando, assunto principal da reportagem: “Nos últimos dias tem sido mais fácil ver o Cavani nas redes sociais do que nos campos. Em um dos

vídeos, ele recebe tratamento enquanto ouve a cantora brasileira Marília Mendonça”. O fato de o jogador estar ouvindo uma música brasileira ainda é explorado como um item a mais na combinação da receita que poderia levá-lo de volta aos gramados e aos jogos das quartas de final: “É a receita que pode ajudar o Uruguai a ir completo disputar uma vaga para uma das semifinais. Gelo, anti-inflamatórios, paciência e um pouco da nossa música sertaneja”.

A reportagem demonstra, portanto, uma preocupação do telejornal em atualizar o estado de saúde de um jogador importante da competição dias antes de uma partida decisiva. E, diante da falta de registro dele em campo e de uma possível dificuldade de acesso às dependências da concentração do time, onde é feita a reabilitação, decidiu fazer uso de uma postagem do próprio jogador. Esse, inclusive, foi um recurso bastante utilizado na competição. Eram frequentes os usos de fotos e vídeos feitos por jogadores de diferentes seleções e postados em perfis oficiais.

O problema é que esse vídeo do Cavani, em específico, não era atual. Já tinha sido postado pelo jogador em outubro de 2017. Portanto, o off final da reportagem em nada condizia com a situação do jogador. Fazer conteúdos já postados circularem novamente é uma prática comum de usuários de sites de redes sociais, mas nada familiar à rotina dos telejornais que divulgam conteúdos inéditos diariamente. E deve ter sido o que ocorreu nessa situação para que o Jornal Nacional tivesse acesso novamente a esse vídeo. Porém, uma simples checagem do conteúdo poderia ter acabado com esse equívoco. Na época em que foi divulgado pelo jogador, o vídeo recebeu destaque na imprensa esportiva brasileira, em sites de torcedores de futebol e até mesmo a cantora Marília Mendonça usou o seu perfil oficial no Twitter para agradecer ao jogador por acompanhar o trabalho dela, como pode ser observado nas figuras a seguir.

Figura 56 - Registros da primeira divulgação do vídeo de Cavani

TORCEDORES COPA DO BRASIL FANTASY FUTEBOL MAIS GAMES BUSCA LOGIN ESCREVA

Mundo ESPN @ESPNAgora Seguir

Na concentração uruguaia, Cavani posta vídeo ouvindo Marília Mendonça es.pn/2fJxEZf

10:17 - 4 de out de 2017

11 Retweets 70 Curtidas

10 11 70

marilia mendonça @MariliaMReal Seguir

¡Gracias por el cariño @ECavaniOfficial ! Estoy muy contento de saber que te gusta mi trabajo... #Cavani #MariliaMendonca

7.014 visualizações

0:15 / 0:15

10:23 - 4 de out de 2017

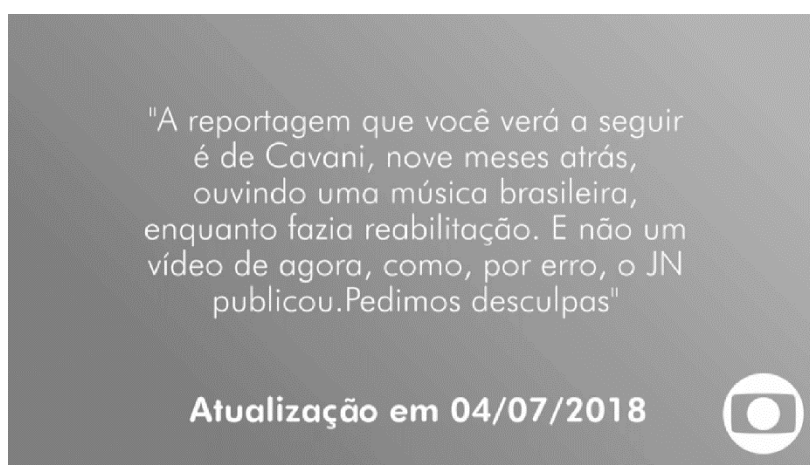
118 Retweets 595 Curtidas

11 118 595

Fonte: site de rede social Twitter e site Torcedores, 2018.

Logo após o telejornal, alguns sites já começaram a questionar o fato de o telejornal ter usado um vídeo antigo. O TV e Famosos do Uol, que tinha divulgado o vídeo de Cavani em outubro de 2017, foi um deles⁹³, com uma publicação registrada às 21h30, logo após o telejornal. A reportagem de Cavani não foi postada no Twitter e a edição do Jornal Nacional que foi para o site no dia seguinte exibia o aviso abaixo logo no início da reportagem.

Figura 57- Aviso de erro em reportagem e pedido de desculpas



Fonte: site do Jornal Nacional, 2018.

Além do informe no site, na edição de 04 de julho de 2018, Renata Vasconcellos fez a correção ao vivo, direto do estúdio em Moscou. Após uma nova reportagem de Edgar Alencar sobre a seleção uruguaia, retomando a ausência de Cavani no treino do dia e a possibilidade de o time, desfalcado no ataque, contar com uma defesa forte, a apresentadora disse:

Renata Vasconcellos: E nós temos uma correção a fazer. Ontem, no Jornal Nacional, nós dissemos que o vídeo do jogador uruguaio Cavani ouvindo música brasileira enquanto fazia reabilitação era de agora. Na verdade, o vídeo é do ano passado. Pelo erro, agora corrigido, nós pedimos desculpas.

Apesar do erro, nos dois dias o assunto não ganhou repercussão no Twitter. Em uma coleta realizada no período a partir de menções à conta @jornalnacional, outras reportagens sobre a Copa, inclusive uma feita por Renata Vasconcellos sobre a cultura russa e exibida no

⁹³ Reportagem sobre erro do Jornal Nacional. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/03/jn-exibe-cavani-ouvindo-sertanejo-nove-meses-atras-como-se-fosse-na-copa.htm>. Acesso em 04 de jul. 2018.

dia da retratação e uma sobre a contagem de assovios de Tite, do dia anterior, obtiveram mais comentários do que a falta grave do noticiário. Mas, não foi o que ocorreu com um fato mais recente em que o assunto era política e a retratação se deu na mesma edição.

Em 22 de fevereiro de 2019, o Jornal Nacional abriu a edição do dia⁹⁴ com várias reportagens sobre a situação da Venezuela, que passa por grave crise institucional⁹⁵. Após a autodeclaração de Juan Guaidó como presidente interino da Venezuela, com o reconhecimento de diversos países, entre eles o Brasil, o presidente Jair Bolsonaro decidiu enviar uma ajuda humanitária aos venezuelanos. A fronteira do país foi fechada pelo presidente Nicolás Maduro e um gabinete de crise foi montado aqui no Brasil para discutir o envio da ajuda. É esse o assunto da reportagem de Delis Ortiz a ser analisada a seguir. Segue parte dela transcrita.

William Bonner: Em Brasília, o Presidente Jair Bolsonaro convocou 12 ministros para uma reunião de emergência sobre a situação da Venezuela. Segundo o porta-voz da presidência, o papel do Brasil é apenas de ajuda humanitária.

(Início da reportagem)

Off: O endurecimento de Nicolás Maduro não desarticulou o mutirão de apoio e ajuda humanitária aos venezuelanos. Mas levou o governo a montar um gabinete de crise para avaliar as consequências do fechamento da fronteira. E, de cara, ainda pela manhã, o Ministro do Gabinete de Segurança Institucional já descartava o uso da força para garantir a ajuda aos venezuelanos.

Sonora Augusto Heleno: O que já tá estabelecido é que o Brasil não vai fazer nenhuma ação agressiva contra a Venezuela, que é contra a Constituição. Não é o nosso pensamento. Nós queremos que a situação se resolva da melhor maneira possível.

(Segue a reportagem com informações da reunião)

O trecho acima foi escolhido porque ele será o motivo de um erro e posterior retratação do Jornal Nacional. Como apresentado, o Ministro do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno, concedeu entrevista na manhã daquele dia ao telejornal e afirmou que não haveria nenhuma resposta agressiva do Brasil em relação a Venezuela.

⁹⁴ Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional/edicoes/2019/02/22.html>. Acesso em: 11 de mar. 2019.

⁹⁵ Em 23 de janeiro de 2019, Juan Guaidó, chefe do legislativo da Venezuela, se autodeclarou presidente interino do país após manifestações contrárias ao governo de Nicolás Maduro.

Figura 58 - Sonora de Augusto Heleno e nota pé lida por William Bonner



Fonte: site do Jornal Nacional, 2019.

Como a fala foi colhida antes da reunião do gabinete de crise, na chegada do ministro ao local, como o off deixa claro, o noticiário buscou, por meio de um perfil no Twitter, atualizar a declaração do ministro. O texto a seguir, uma nota pé, foi lido ao fim da reportagem citada.

William Bonner: O Ministro do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno, disse agora pouco numa rede social que o governo vai aguardar o desenrolar dos acontecimentos na Venezuela. Repetiu que o Brasil não vai fazer nenhuma ação agressiva, mas afirmou, abre aspas: Caso haja qualquer agressão à soberania do país, iremos reagir baseados em preceitos constitucionais. Fecha aspas.

A surpresa veio ao fim do telejornal, quando o editor-chefe, antes de encerrar a edição do dia, fez a retratação. Em tom sério e enquadrado em plano médio, William Bonner disse:

William Bonner: E antes de encerrar, nós voltamos a falar sobre a crise na Venezuela. Nós dissemos, agora pouco, que o Ministro do Gabinete de Segurança Institucional, Augusto Heleno, teria publicado numa rede social que o Brasil pode reagir a agressões à soberania do país. Mas, o ministro esclareceu que a declaração não é de autoria dele e foi publicada num perfil falso. Por esse erro, nós pedimos desculpas ao ministro e a você, telespectador.

(Em seguida, a despedida)

Renata Vasconcellos: O Jornal da Globo começa logo depois de “Meu nome é liberdade”. Boa noite!

William Bonner: Boa noite. Bom fim de semana.

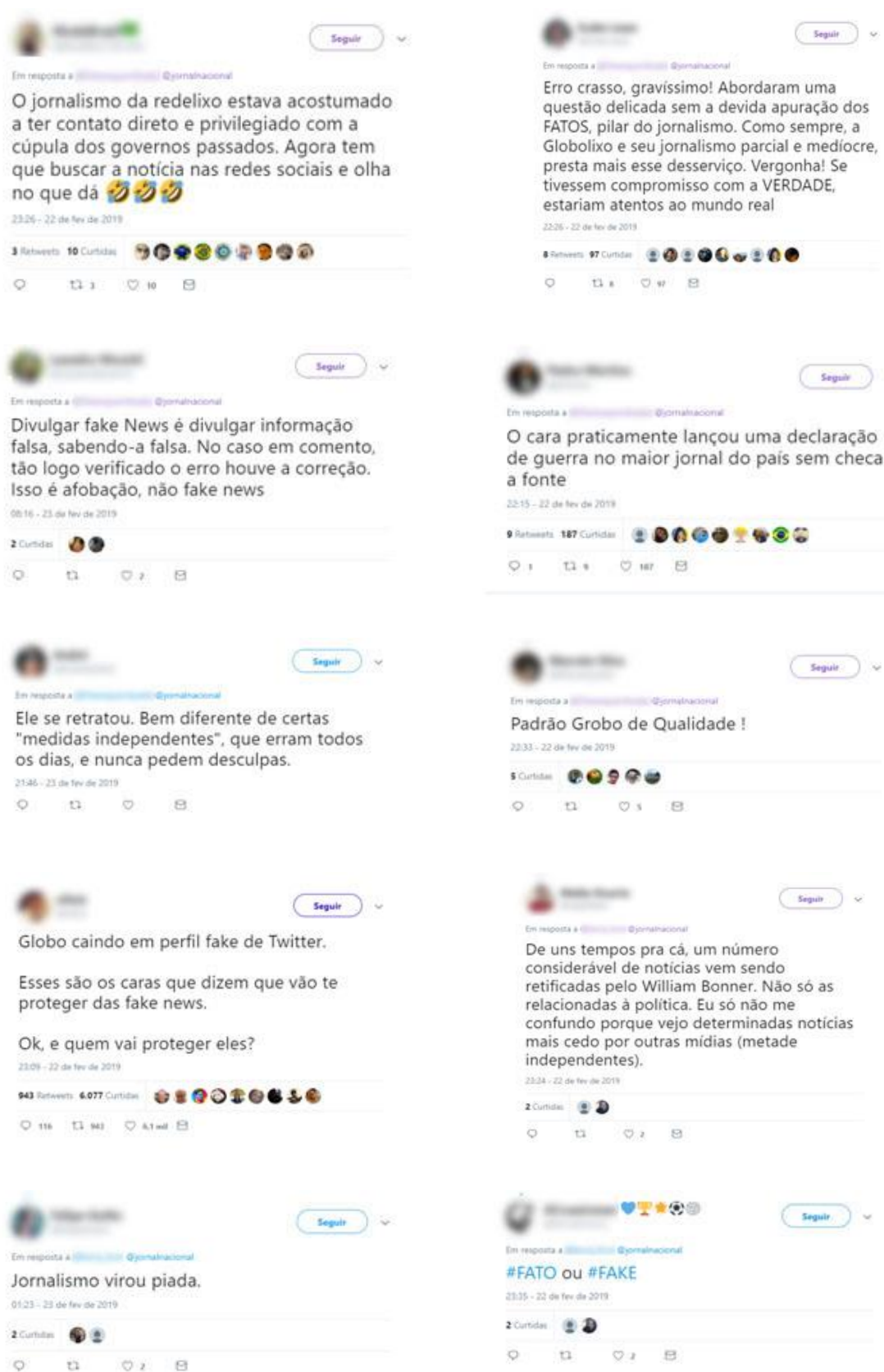
Logo após o ocorrido, a pesquisadora buscou montar uma nova coleta de dados com o software Netlytic para captura de postagens que fizessem menção à conta @jornalnacional.


Mas, o site estava fora do ar. Só foi possível fazer a coleta no dia seguinte, no período da manhã. Ainda assim, os tweets só começaram a ser capturados no período da noite. Recorreu-se também à busca avançada no dia seguinte no próprio site do Twitter. A partir de diferentes combinações de busca, com palavras-chave, menções à conta @jornalnacional e hashtags, foram poucos os resultados encontrados, ainda que a pesquisadora tivesse acompanhado o fluxo de postagens durante a exibição do telejornal. Com base nos posts retornados a partir do software Netlytic referentes ao dia 23 de fevereiro de 2019, ainda havia postagens sobre o ocorrido e chamaram atenção duas delas, compartilhadas várias vezes, por diferentes usuários. A primeira, da conta @Desesquerdizada, que continha um texto e o vídeo da nota pé, possuía 115 mil visualizações, foi compartilhada 3.500 vezes, recebeu 13.795 curtidas, além de 942 comentários. A segunda, a conta @terca_livre, também postou um texto e a reprodução do vídeo da nota pé. Foram registradas 115 mil visualizações, 4.231 compartilhamentos, 14.823 curtidas e 1.100 comentários. Apesar de serem duas contas com perfis manifestadamente políticos e de direita, apoiadores do governo de Jair Bolsonaro, diante da representatividade dos números apresentados, vale a observação de alguns dos comentários registrados nessas postagens por perfis pessoais, para além do conteúdo político que retratam.

Com o erro e a retratação também foram tema de reportagem em diversos veículos de comunicação⁹⁶, a partir deles também foi possível chegar a outras contas pessoais com números de compartilhamentos e comentários bastante expressivos. Só não foi possível fazer o mapeamento sistemático do conteúdo em listas, como nos casos anteriores. No entanto, são importantes registros sobre o episódio. Destacam-se, por exemplo, os questionamentos quanto à credibilidade das informações noticiadas pelo Jornal Nacional. A maior parte dos comentários condena a falta de apuração e de checagem do material a ser veiculado por parte da equipe do telejornal. Também é possível observar muitos posicionamentos direcionados ao editor-chefe do noticiário, ao projeto do Grupo Globo para desvendar Fake News, conhecido como Fato ou Fake, bem como postagens menos direcionadas, mas que questionam a validade do jornalismo enquanto instituição, e até mesmo usuários defendendo a dificuldade de se reconhecer uma conta falsa no Twitter. A seguir, estão exemplos do material coletado.

⁹⁶ Alguns exemplos podem ser conferidos em: <https://exame.abril.com.br/brasil/jornal-nacional-cita-perfil-falso-de-ministro-e-pede-desculpas-veja/>; <https://gente.ig.com.br/tvenovela/2019-02-23/jornal-nacional-erro-bonner.html>; <https://catracalivre.com.br/entretenimento/jornal-nacional-divulga-perfil-falso-de-ministro-e-pede-desculpas/>; <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/noticia-da-tv/2019/02/jornal-nacional-comete-erro-e-william-bonner-pede-desculpas/>; <https://www.otvfoco.com.br/jornal-nacional-comete-erro-e-bonner-pede-desculpas/>; <https://www.correiodobrasil.com.br/jornal-nacional-noticia-falsa-pede-desculpas/>. Acesso em 11 de mar. 2019.

Figura 59 - Postagens sobre o erro do JN






 [@jornalnacional](#) [Seguir](#)


Em resposta a [@jornalnacional](#)

Eles estão errados por serem incompetentes e não checarem, mas esses perfis falsos idênticos aos verdadeiros deviam ser proibidos. Está aí um exemplo do que poderia causar. O TT vive derrubando o perfil de um monte de gente boa e não faz nada com esses. Palhaçada.

06:31 - 23 de fev de 2019

9 Curtidas 


   





 [@jornalnacional](#) [Seguir](#)

Em resposta a [@jornalnacional](#)

No bom jornalismo, faz-se necessário a confirmação criteriosa da informação e da identificação da fonte, mas em tempos onde não se tem responsabilidade com a notícia e nem com quem a recebe, noticia-se tudo, sem critério, checagem, lamentável.

23:20 - 22 de fev de 2019

8 Retweets 95 Curtidas 


 [@jornalnacional](#) [Seguir](#)

O jornal nacional fez praticamente uma declaração de guerra ao vivo, retiraram a informação de um perfil fake do general Augusto Heleno no Twitter. Logo após se retrataram. Esse é o "jornalismo padrão", PQP...

21:32 - 22 de fev de 2019

1.114 Retweets 6.397 Curtidas 


   

 [@jornalnacional](#) [Seguir](#)

Em resposta a [@jornalnacional](#)

Ele pediu desculpas pela informação errada, mas quem deixou de assistir o jornal depois de dada essa informação não viu a correção da falha feita somente no final. Lamentável que tenham feito esse desserviço à população.

21:36 - 22 de fev de 2019

1 Retweet 18 Curtidas 

 [@jornalnacional](#) [Seguir](#)

Jornal Nacional quase causou uma catástrofe internacional ao dizer que o General Augusto Heleno iria à guerra contra a Venezuela, colocou vidas em risco na fronteira por uma Fake News causada pela mesma.

[#GloboNimigadoBrasil](#)



22:27 - 22 de fev de 2019

776 Retweets 1.819 Curtidas 

 [@jornalnacional](#) [Seguir](#)

Jornal Nacional não verifica fonte e noticia #FakeNews de perfil falso do General Augusto Heleno - 22/02/19



27:23 - 22 de fev de 2019

1.696 Retweets 4.674 Curtidas 

 [@jornalnacional](#) [Seguir](#)

Em resposta a [@jornalnacional](#)

A [@RedeGlobo](#) está se enforcando com a própria corda. Não assisto a emissora, mas vi o vídeo aqui na internet.

23:12 - 22 de fev de 2019

1 Curtida 

 [@jornalnacional](#) [Seguir](#)

Em resposta a [@GerardoMachado](#)

Las reglas cambiaron! Tenemos un nuevo jugador social incontrolable que son las RRSS. Exige más profesionalismo al periodismo!!!

[#Vergonzoso](#) [#SentidoComún](#) [#FakeNews](#)



09:01 - 23 de fev de 2019

1 Retweet 1 Curtida 



Fonte: site de rede social Twitter, 2019.

Para compreender este episódio, é importante partir do contexto que envolve as relações entre o Jornal Nacional e o alto escalão do governo brasileiro. Desde a campanha presidencial, Jair Bolsonaro vem dando demonstrações claras de sua preferência por outras emissoras de televisão em detrimento à Rede Globo. Ele foi o único candidato a não comparecer no debate entre os presidenciáveis, alegando dificuldades por conta da bolsa de colostomia que usava após o incidente em que foi ferido, também durante a campanha. No entanto, na mesma data, concedeu entrevista à Rede Record. Desde então, é clara a dificuldade por parte do telejornal em ter acesso a Bolsonaro e aos membros do governo. Assim como é crescente o uso principalmente do Twitter por parte do presidente para fazer divulgação oficial⁹⁷. Por isso, em muitas situações, o uso de informações postadas em perfis oficiais em sites de redes sociais tem se tornado uma alternativa para garantir que o compromisso estabelecido com o público, de trazer o que de mais importante e atual aconteceu no dia (GOMES, 2005), seja de fato mantido. Essa é, portanto, uma das estratégias do noticiário: ao fazer referência a informações que acabaram de ser divulgadas nos sites de redes sociais, em especial o Twitter, são construídos junto ao telespectador tanto o sentido de instantaneidade quanto os de vigilância e revelação (GUTMANN, 2012).

É o que se observa na nota pé divulgada logo após a reportagem. Tendo como referência o período de gravação do material, a manhã daquele dia, ao informar que o ministro tinha acabado de fazer uma postagem “nas redes sociais”, infere-se que ali está a notícia mais recente. E que o telejornal permaneceu vigilante para trazer o registro. A parte inicial da nota retoma o que Augusto Heleno já havia declarado na reportagem: “Repetiu que o Brasil não vai fazer nenhuma ação agressiva”. A segunda parte, contudo, é a que traria a mudança de posicionamento do ministro. Ela então é colocada entre aspas justamente para justificar que,

⁹⁷ A atuação do presidente Jair Bolsonaro no Twitter se assemelha bastante à de Donald Trump, presidente dos Estados Unidos, com quem também partilha a mesma vertente política. Ao longo desta pesquisa, foram registrados casos em que o Jornal Nacional construiu suas reportagens tendo como base as declarações do presidente norte-americano no site de rede social, muito semelhante ao que ocorreu nos episódios relatados no início deste tópico.

apesar de retirada do Twitter, representa a voz oficial do ministro: “Caso haja qualquer agressão à soberania do país, iremos reagir baseados em preceitos constitucionais”. Não haveria problema algum se a declaração não pertencesse a um perfil falso. O telejornal foi acionado ao longo da exibição para que a correção fosse feita e assim o fez.

Ainda que o noticiário tenha permanecido vigilante ao longo do dia para acompanhar a atualização do fato em questão e trazê-la em primeira mão para o telespectador, é evidente, a partir das postagens coletadas, que essa atuação perde completamente o sentido diante da não identificação do conteúdo falso por meio de checagem. Pode-se afirmar que, ainda que o telejornal tenha buscado reforçar seu compromisso em trazer a voz de fontes oficiais, instaurase um momento de crise no modo de endereçamento que ele estabelece com o telespectador, justamente por assumir seu relato como “verdadeiro, imparcial e objetivo da realidade” (MAIA, 2005). Tal situação ainda ganhou maior repercussão em razão de uma ampla campanha, feita pelo próprio noticiário, sobre a importância da apuração de informações. Durante a corrida eleitoral, o Grupo Globo lançou o serviço: Fato ou Fake?, uma ferramenta à disposição da população para a identificação de notícias falsas, atualizada pelas equipes do G1, O Globo, Extra, Época, Valor, CBN, GloboNews e a TV Globo.

Mesmo que alguns usuários, como pode ser observado nas postagens, reconheçam que a informação lida por William Bonner não se caracteriza como uma *fake news*, ou seja, uma informação reconhecidamente falsa e publicada para gerar determinadas reações de quem as recebe, já que ao fim do telejornal o editor-chefe fez a correção e pediu desculpas pelo erro, para muitos usuários o entendimento é de que o telejornal não está comprometido com informações “verdadeiras”, ou que não domina uma etapa importante do processo de produção da notícia, a apuração. Ou ainda, que o editor-chefe, que por diversas vezes se assumiu usuário ativo dos sites de redes sociais, inclusive durante a sua atuação na bancada nas transmissões ao vivo, e sua equipe não estão assim tão acostumados com as ritualidades⁹⁸ próprias de usuários dos sites de redes sociais: a criação de perfis falsos e a necessidade de identificá-los. Sendo que essa última, segundo as próprias postagens, requer habilidade específica, uma vez que o próprio site de rede social Twitter não possui uma ação eficaz na coibição de perfis falsos.

Com isso, há contestações até mesmo ao pedido de desculpas direcionado aos telespectadores, julgado insuficiente por muitos usuários, tanto por ser uma ação que vem se tornando mais frequente no telejornal, quanto em razão de muitas pessoas que assistiram ao início do telejornal não terem acompanhado a correção e o pedido de desculpa feito apenas no

⁹⁸ Segundo a concepção de Martín-Barbero (2009).

fim da edição, e terem permanecido com a primeira declaração divulgada. Também foram expressivos os comentários questionando quantas outras notícias veiculadas pelo noticiário teriam passado sem correção. A consequência mais alarmante da situação apresentada, contudo, foi o questionamento, por parte de muitos usuários do Twitter que se manifestaram, da validade e da importância do jornalismo enquanto instituição social. Não foram poucas às menções de descrédito à atuação dos jornalistas, profissionais do Jornal Nacional ou não, comparações com outros veículos de comunicação, e pedidos de retirada da concessão pública da Rede Globo.

Diante da proporção da repercussão no Twitter, foi possível acompanhar o alcance que situações envolvendo conteúdos televisivos adquirem nesse site de rede social, envolvendo até mesmo quem não está com a televisão ligada. Foram inúmeros os relatos de usuários que lamentaram não ter visto a retratação ao vivo por não assistirem ao telejornal, outros pedindo explicações do ocorrido e aqueles que ainda informavam ter visto a retratação somente a partir das postagens. É a constatação de que televisão e sites de redes sociais se retroalimentam. Um processo contínuo de conversação que não está restrito a um tipo só de conteúdo. Assim como tem a característica de ser instantânea, essa relação também é variável e imprevisível.

8 CONCLUSÃO

A trajetória percorrida até aqui e os casos analisados a partir do Jornal Nacional confirmam o pressuposto que norteou esta pesquisa de que não é mais possível analisar o modo de endereçamento de um programa televisivo sem ampliar o olhar para as relações que ele estabelece com seu público por intermédio dos sites de redes sociais. No caso do JN, é decisiva a interação estabelecida a partir do Twitter, principalmente pelo fato de essa plataforma oferecer um espaço instantâneo, colaborativo e de rápida propagação de conversações sobre temas variados, inclusive, sobre o que é veiculado ao vivo no noticiário, no conhecido fenômeno da TV social (FECHINE, 2008).

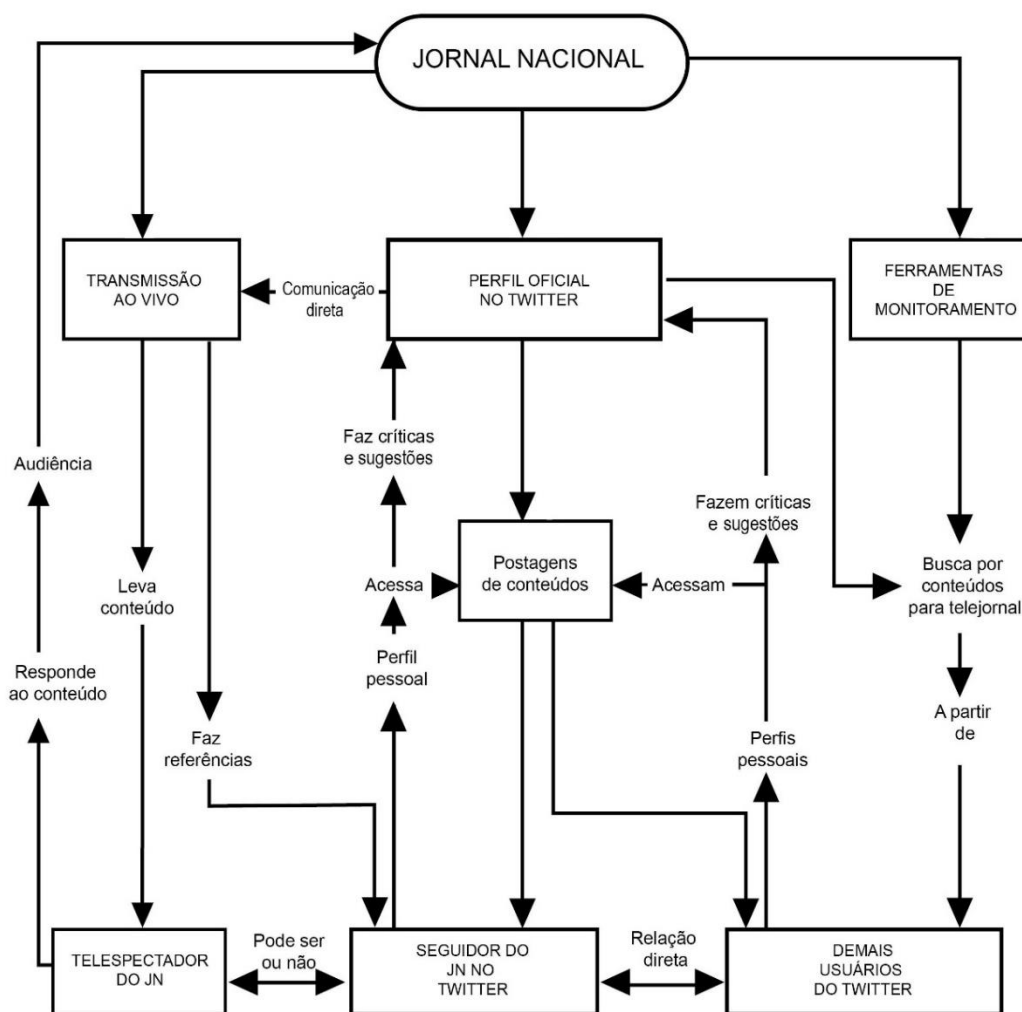
Faz-se necessário, contudo, retomar o conceito de estabilidade em fluxo (GOMES, 2012) aplicado ao Jornal Nacional. Isso porque, ao mesmo tempo em que o noticiário busca reconfigurar seu estilo, sua forma de se endereçar ao público por intermédio do Twitter, mantém pontos importantes que já haviam sido levantados na análise do modo de endereçamento realizada por Gomes (2005) e Maia (2005). Por exemplo, a imparcialidade tida como a marca do telejornal. As reportagens ainda são construídas de forma a contemplar vozes opostas, informações embasadas em números, estatísticas e porcentagens, a presença da equipe no local dos fatos, com exploração do ao vivo, no Brasil e no exterior. Essa credibilidade conquistada a partir do discurso, mais uma vez, também foi utilizada para manter, a partir de elementos próprios da linguagem, tentativas de convencimento do público segundo o modo próprio do noticiário de interpretar determinadas notícias. Além disso, o programa reassumiu junto à audiência as funções de trazer um recorte do que mais importante aconteceu no dia e de guardião dos interesses do Brasil e dos brasileiros.

Mas, é fundamental considerar que o telejornalismo é um lugar de articulação entre cultura, comunicação, sociedade e política e, como tal, coloca em jogo além de elementos contextuais e valores próprios, tecnologias e perspectivas da audiência (GUTMANN, 2012). Retomando o mapa das mediações de Martín-Barbero (2009) e concebendo o telejornal enquanto um formato industrial, as novas técnicas, ou seja, as formas materiais simbólicas de lidar com a notícia, que envolvem as performances dos sujeitos de fala, elementos audiovisuais, escolhas plásticas, entre outros, necessariamente devem ser reconhecidas socialmente pela audiência, posicionada pelo noticiário como interlocutora desse processo de interação. É o que o autor ressalta ao afirmar que o contexto atual é de produção de formas mestiças, que rompem com a norma e atuam transversalmente em todos os meios, numa “[...] contaminação entre sonoridades, textualidades, visualidades, as matérias-primas dos gêneros”

(MARTÍN-BARBERO, 2009a, p. 154). Assim, seria impossível o JN se manter alheio às mudanças desencadeadas no processo comunicativo a partir da popularização dos sites de redes sociais ao se endereçar ao público.

Foi fundamental compreender a atual configuração do contexto comunicativo estabelecido entre o Jornal Nacional e o seu público. Vale retomar que esse operador de análise é entendido como a situação discursiva que reflete como o telejornal enxerga o telespectador, suas competências culturais e até o que tem em comum com ele, em um espaço e tempo definidos, e as posições bastante definidas que estabelece para o público. Na atualidade, o site de rede social Twitter é uma importante via pela qual essa nova situação discursiva ocorre. O mapa, a seguir, apesar de representar um recorte espaço-temporal e, portanto, passível de atualizações futuras, reflete essa complexa teia de relações.

Figura 60 - Contexto comunicativo do Jornal Nacional



Fonte: elaborado pela autora.

Retomando os objetivos de pesquisa

O mapa apresentado conduziu a análise das situações e interações coletadas para se chegar aos elementos que constituem o modo de endereçamento recente do Jornal Nacional. Foi possível, então, identificar dois eixos acionados pelo telejornal. Em um primeiro momento, para manter as formas já estabelecidas de endereçamento de telejornal imparcial, responsável por atualizar o público sobre o que de mais importante aconteceu no dia e por desempenhar a função de guardião dos interesses dos cidadãos, ele passou a recorrer aos sites de redes sociais como suporte à apuração e até mesmo à obtenção de conteúdos para serem noticiados, dada a agilidade de compartilhamento e propagação de notícias na rede e também a impossibilidade, por parte da equipe do noticiário, de obter tais materiais pelas vias tradicionais. São exemplos o vídeo de Cristiane Brasil, a foto e o vídeo do nascimento das filhas da cantora Ivete Sangalo, e o post do General Villas Boas, uma demonstração de monitoramento dos sites de redes sociais e de celeridade no uso desses conteúdos na edição do noticiário do mesmo dia, ou até mesmo minutos após as postagens e compartilhamentos. Ainda que não seja exclusivo deste eixo, esse uso demonstra um movimento de apropriação de novas técnicas para a manutenção do estilo já estabelecido com o público, uma vez que esses materiais não diferiram muito dos registros amadores amplamente utilizados na última década.

O segundo eixo, por sua vez, é o da construção junto ao público de um novo endereçamento do noticiário. Portanto, é a resposta da pergunta que conduziu esta pesquisa. O Jornal Nacional, de forma inédita, passou a se valer de diferentes estratégias, tanto na televisão quanto no perfil oficial no Twitter, para se apresentar como um noticiário próximo do telespectador e receptivo às suas críticas e sugestões. Porém, ainda que o discurso seja de abertura e aproximação, o único canal para que essa proximidade se estabeleça são os sites de redes sociais, já que o site do telejornal até possui um *fale conosco*, mas não garante a mesma instantaneidade e participação ofertadas pelos primeiros. O telespectador que não está conectado é posicionado apenas como um observador da cena: ele apenas acompanha as referências a situações envolvendo os sites de redes sociais e seus usuários. Sua única interação é desligar a televisão ou mudar de canal, ou seja, sua manifestação é sua audiência. Enquanto que ao telespectador usuário do site de rede social, ou até mesmo ao usuário que não é telespectador, como foi identificado em muitas situações, mas está na rede e acompanha a conversação gerada entorno do conteúdo televisivo, é ofertada a possibilidade de interação com o noticiário. Claro, respeitadas as condições estabelecidas pelo telejornal e sua linha editorial, que acabam sendo um limitador desse potencial de interação ofertado. Ainda assim, no caso do

Twitter, a relação é mais forte justamente pelas características próprias dessa plataforma, de instantaneidade no compartilhamento e propagação de conteúdo. Dentre essas estratégias para a consolidação de um novo modo de o telejornal se endereçar, chegou-se às seguintes categorias: desenvoltura do mediador, uso do conteúdo dos sites de redes sociais, participação ao vivo no noticiário e reposicionamento de decisões editoriais.

Sobre os principais mediadores do Jornal Nacional, os apresentadores, Gomes (2005) destacou o empenho do noticiário na construção da imagem deles enquanto representantes dos interesses do cidadão. Por essa razão, deveriam traduzir o sentido de tradição e conservadorismo do telejornal, ainda que por vezes não escondessem juízos de valor ao se expressarem na bancada. Nesta análise, contudo, observa-se um rompimento pontual, mas significativo, desses sentidos de tradição e conservadorismo, em especial por William Bonner. Além de editor-chefe e principal responsável pelo conteúdo colocado no ar, é dele também que partem as principais tentativas de consolidar uma nova imagem frente ao público. Ainda que em muitos momentos a postura formal e contida seja mantida, Bonner inaugura um movimento de flexibilização ao autorizar uma linguagem mais informal. São exemplos, a escolha do apelido de Maria Júlia Coutinho; a exposição de opiniões na bancada, como no caso do hacker norte-americano; e de momentos da vida privada dos mediadores ao vivo no noticiário, como foi a declaração de Maria Júlia Coutinho em razão do ataque racista que sofreu. Todas essas situações, que faziam referência aos usuários de sites de redes sociais, tinham a intenção de transmitir a intenção em estar perto do telespectador. Afinal, para que o telejornal fosse reconhecido como um espaço aberto ao seu público e próximo das redes, era preciso que essa abertura fosse percebida a partir da bancada. E as ações na televisão se estenderam para a internet. William Bonner também conduziu esse movimento de reconfiguração da imagem do telejornal e dos apresentadores no Twitter. A maior parte das fotografias postadas para marcar o início do telejornal na televisão, nas diferentes categorias listadas, tem cenas em que ele se destaca na captura da imagem ou na composição da cena. A mesma situação ocorre com os vídeos de destaque. Foi o editor-chefe que deu corpo a um formato e imprimiu uma marca: a linguagem informal e o encerramento que convida o público a desconsiderar uma das principais características da televisão aberta, o fluxo da programação, para acompanhar o telejornal “a qualquer tempo” na internet.

Juntamente com essa mudança na postura do mediador, o uso de vídeos e declarações postados no Twitter para compor o telejornal, neste eixo, também se torna um reforço ao sentido de proximidade buscado pelo Jornal Nacional. Demonstrar ao público que os sites de redes sociais, por onde eles interagem livremente, é fonte de informação e alvo de monitoramento

constante, torna esse um terreno comum a ambos, um ponto de identificação. A expectativa, portanto, é que se construa um atalho, uma forma de esse usuário da plataforma chegar mais fácil ao conteúdo que é veiculado na televisão, uma forma de recuperar a audiência perdida. E que o telespectador que é usuário também se encarregue de levar o conteúdo da televisão para a plataforma, num movimento de atração dos demais. É o que se vê nos momentos em que o telejornal autoriza a participação ao vivo. Alguém que está assistindo ao noticiário vai às redes porque se sente impelido a comentar uma incorreção ou uma postura diferente do apresentador. E só encontra nesse espaço a abertura que não tem na televisão para comentar o conteúdo exibido. Mas, a partir do monitoramento, o telejornal já tem condições de identificar e oferecer “voz” a esse telespectador durante a transmissão. É inegável que essa abertura representa uma estratégia do noticiário para que o telespectador se sinta parte do processo. Mas é fato que essas interações ainda são mínimas perto do potencial de participação que poderia ser ofertado, justamente porque precisam, primeiramente, atender aos interesses do noticiário. Parte dele a decisão de autorizar a participação e ele a conduz da melhor forma que atenda aos seus objetivos de endereçamento: passar a imagem de proximidade e de abertura. E esses efeitos de sentido, em muitas situações, são atingidos junto ao público.

Porém, é preciso reconhecer que essa participação estimulada é imprevisível, ou seja, em algumas situações ela não pode ser totalmente controlada pelo noticiário. É o que fica claro em momentos em que o Jornal Nacional precisou reposicionar decisões editoriais. São exemplos a campanha “O Brasil Que Eu Quero” e a cobertura do desfile da escola Paraíso do Tuiuti. O posicionamento por parte dos usuários do Twitter foi tão incisivo que a estratégia adotada pelo noticiário, para que não houvesse uma ruptura no endereçamento que vinha sendo construído até então e mais uma vez fosse demonstrado que as postagens feitas na rede estavam sendo monitoradas e consideradas, foi o reposicionamento editorial, ainda que esse não tenha sido claramente admitido. Tem-se, portanto, um modo de endereçamento negociado ao vivo, construído de forma instantânea a partir das novas relações estabelecidas com base nos sites de redes sociais. E no reconhecimento, por parte do noticiário e do público, do poder de mobilização que esse último possui a partir das plataformas digitais. Se até então o posicionamento era individual, agora ele ganha ressonância ao ser amplamente compartilhado, um alcance que não era possível antes dessas plataformas.

Ao mesmo tempo em que o público redescobre seu papel e sua força no novo cenário configurado pela associação entre televisão e sites de redes sociais, ao telejornal cabe o entendimento de como suas práticas devem ser reconfiguradas para atingir o endereçamento desejado, porém em consonância com o pacto estabelecido com o público, ou seja, com o que

está acordado e se espera dele enquanto telejornal. Isso porque em pelo menos três situações não foi o que ocorreu. A primeira delas foi a tentativa de convencer os telespectadores a gravarem flagrantes a serem enviados ao noticiário com o celular deitado, enquanto o uso comum nas redes tem sido na vertical. Por mais que se tenha observado a insistência do noticiário nesse assunto, foram muitas as críticas e piadas em torno da exigência. E, após o pedido, o Jornal Nacional continuou a fazer uso de vídeos na vertical: o da cantora Ivete Sangalo e o do próprio Cavani. O que só veio a corroborar as críticas recebidas. Fato que poderia ser evitado se o noticiário considerasse que, para que ocorra a tal proximidade almejada, o primeiro passo é não considerar as mídias digitais como concorrentes, mas como parceiras. E, portanto, não há nenhuma necessidade em apagar suas características. O segundo ponto é que, ainda que seja reconhecido o uso de postagens como declarações oficiais, a contextualização e a apuração ainda são bases fortes do jornalismo e precisam ser mantidas. Não foi o que ocorreu, por exemplo, com a declaração do General Villas Boas, lida de forma isolada ao fim do telejornal, ainda que ela fosse ao encontro dos princípios editoriais do noticiário; com o uso do vídeo antigo do jogador Cavani na reportagem da Copa; e a leitura da postagem do perfil falso do ministro Augusto Heleno. Nos dois últimos casos, chama a atenção a necessidade de se atentar para ritualidades próprias dos usuários dos sites de redes sociais. Assim como há o registro de conteúdo na vertical, há também a criação de perfis falsos e a recirculação de materiais já postados de tempos em tempos. E, se a intenção é tornar uma plataforma fonte de conteúdo e de informação, é preciso conhecer a fundo as relações que ela possibilita. Situações como essas mais comprometem do que favorecem a construção do sentido de aproximação almejado.

Trajatória e contribuições para trabalhos futuros

Os resultados obtidos são expressivos. Mas, este é um objeto de estudo em constante transformação. Até nos momentos finais de redação da tese, como demonstrado, surgiram situações responsáveis por reconfigurar a relação telespectador x telejornal. É por isso que, desde o início da pesquisa em 2015, foram as situações registradas as responsáveis por conduzir esta pesquisadora em busca de uma teoria e de uma metodologia que dessem suporte à análise desse momento que é tão singular para o Jornal Nacional e para o telejornalismo no Brasil, mas ao mesmo tempo complexo e mutante. A escolha dos Estudos Culturais e, como consequência, o entendimento do gênero enquanto categorial cultural, não poderiam ter sido mais apropriados para entender esse que é um movimento de reconfiguração dos meios. E a análise de modo de endereçamento, a partir do operador do contexto comunicativo, o suporte essencial para

identificar, como apresentado, a negociação de forças na configuração de um cenário totalmente novo para o telejornalismo.

Um ponto importante que não se mostrou necessário à solução do problema de pesquisa nem pertencia aos objetivos lançados para este estudo, mas que pode ser trabalhado em pesquisas futuras, é o detalhamento do perfil dos usuários do Twitter que vão em busca de interações a partir do conteúdo do Jornal Nacional, sejam eles telespectadores ou não do noticiário. Ao conhecer melhor esse público, seria possível investigar as motivações para essas interações, a avaliação sobre o retorno recebido ou não do telejornal, a validade da conversação gerada na rede a partir de opiniões semelhantes e contrárias, e até relações mais profundas, os acordos tácitos estabelecidos em relação ao papel do jornalismo na sociedade. Ideias de verdade e de objetividade, valores-notícia, liberdade de expressão e de opinião e direito público à informação foram temas que perpassaram muitos dos comentários coletados nas diferentes situações apresentadas. Também seria possível avançar, a partir dos resultados obtidos até aqui, numa investigação sobre o impacto dessas mudanças na reconfiguração tanto do subgênero telejornal, quanto do gênero telejornalismo. Para isso, seria necessário estender esta avaliação a diferentes programas de emissoras variadas, como forma de mapear seu alcance e reflexos, ainda que o Jornal Nacional seja uma referência importante e por vezes seja confundido com o próprio subgênero telejornal. Para além do telejornalismo, a mesma reflexão ainda poderia ser empregada a outros gêneros televisivos, em face da afirmação de Martín-Barbero (2009, p. 153) de que “os gêneros estão sendo reinventados à luz da interface da televisão com a internet”.

Este estudo, portanto, chega ao fim ao mesmo tempo em que se desdobra em diversas possibilidades, em trajetos múltiplos a serem percorridos por esta pesquisadora. E é essa a validade de um estudo que tem por objeto o produto de interações sociais: ser o primeiro passo em uma longa jornada em busca da compreensão de fenômenos complexos e mutantes.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos Alberto. A pesquisa norte-americana. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

ARAÚJO, Valéria Maria Sampaio Vilas Bôas. **Contar não é o mesmo que viver: Jornalismo e subjetividade na atuação do repórter na televisão brasileira**. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

BARA, Gilze. Para além do “boa-noite”: os apresentadores do “Jornal Nacional” e os vínculos com o público. In: PORCELLO, F.; VIZEU, A.; COUTINHO, I. (Org.). **O Brasil (é)ditado**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v.1. Florianópolis: Insular, 2012, p.255-279.

BEVILAQUA, Leire Mara; ITO, Liliane de Lucena. **A Presença do Jornal Nacional nas Redes Sociais: O Que Dizem as Fotos Postadas nos Perfis Oficiais do Facebook e do Twitter**. In: XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2016, São Paulo. Anais ... São Paulo: Intercom, 2016, p. 1-15.

BONNER, William. **Jornal Nacional: modo de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2016: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2016.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Comunicação Social. **Pesquisa brasileira de mídia 2014: hábitos de consumo de mídia pela população brasileira**. Brasília: Secom, 2014.

BRUNSDON, Charlotte. **Everyday television: “nationwide”**. London: British Film Institute, 1978.

BUCCI, Eugenio. Linha direta com quem? **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, v.6, n.17, p. 91-94, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36903>. Acesso em: 12 de jan. 2018.

CAJAZEIRA, Paulo Eduardo. O telejornalismo nas Redes Sociais Digitais. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 233-257.

CARLÓN, Mario. Repensando os debates anglo-saxões e latino-americanos sobre o “fim da televisão”. In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Orgs.). **O fim da televisão**. Trad. Diego Andres Salcedo. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014, p. 11-33.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTELLS, Manuel. **Comunicación y poder**. Madrid: Alianza Editorial, 2009.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

COLVIN, Geoff. **TV is dying? Long live TV!**, 2007. Disponível em: https://money.cnn.com/magazines/fortune/fortune_archive/2007/02/05/8399123/index.htm. Acesso em 20 de jul. 2018.

COUTINHO, Iluska. **Dramaturgia do telejornalismo**: a narrativa da informação em rede e nas emissoras de televisão de Juiz de Fora-MG. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e Público: sobre vínculos com o cidadão, convertido em audiência. In: PORCELLO, F.; VIZEU, A.; COUTINHO, I. (Org.). **O Brasil (é)ditado**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v.1. Florianópolis: Insular, 2012a.

COUTINHO, Iluska. Telejornalismo e identidade em emissoras locais: a construção de contratos de pertencimento. In: VIZEU, Alfredo (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

ELLSWORTH, Elizabeth. Modos de endereçamento: uma coisa de cinema; uma coisa de educação também. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Nunca fomos humanos – nos rastros do sujeito**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 7-76.

EMERIM, Cárilda. Telejornal, tecnologia e narrativa no Brasil para os próximos 65 anos. In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornal e praça pública**: 65 anos de telejornalismo. Florianópolis: Insular, 2015, p. 207-228.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Os Estudos Culturais. In: HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga (Orgs.). **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

FECHINE, Yvana. TV Social: contribuição para a delimitação do conceito. **Contracampo**, Niterói, v. 36, n. 01, pp. 84-98, abril/julho 2017. Disponível em: <http://periodicos.uff.br/contracampo/article/view/17598>. Acesso em 19 de jul. 2018.

FECHINE, Yvana. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 36, p.69-76, ago. 2008. Quadrimestral. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/4417/3317>. Acesso em: 15 jan. 2016.

FINGER, Cristiane; SOUZA, Fábio Canatta de. Uma nova forma de ver TV no sofá ou em qualquer lugar. **Revista Famecos**. Porto Alegre, v. 19, n. 2, pp. 373-389, maio/agosto 2012. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/12320>. Acesso em: 15 de jan. 2016.

GOBBI, Maria Cristina. Televisão na América Latina: 60 anos de aculturação, mestiçagem, mundialização. In: MELO, José Marques de; GOBBI, Maria Cristina (Org.). **Televisão na América Latina**: 1950-2010, pioneirismo, ousadia, inventividade. São Bernardo do Campo: Cátedra UNESCO/METODISTA: Universidade Metodista de São Paulo, 2011, p. 09-15.

GOMES, Itania Maria Mota. Estabilidade em fluxo: uma análise cultural do Jornal Nacional, da Rede Globo. In: GOMES, Itania Maria Mota (Org.). **Análise de Telejornalismo: desafios teórico-metodológicos**. Salvador: EDUFBA, 2012, p. 39-58.

GOMES, Itania Maria Mota. (Org.). **Gêneros televisivos e modos de endereçamento no telejornalismo**. Salvador: EDUFBA, 2011.

GOMES, Itania Maria Mota. Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v. 28, n.1, janeiro/abril 2011a.

GOMES, Itania Maria Mota. O Jornal Nacional e as estratégias de sobrevivência econômica e política da Globo no contexto da ditadura militar. **Revista Famecos**, Porto Alegre, v.17, n.2, p. 5-14, maio/agosto 2010.

GOMES, Itania Maria Mota. Questões de método na análise do telejornalismo: premissas, conceitos, operadores de análise. **E-compós**, Brasília, v. 8, 2007.

GOMES, Itania Maria Mota. Telejornalismo de qualidade: pressupostos teórico-metodológicos para análise. **E-compós**, Brasília, v. 6, 2006.

GOMES, Itania Maria Mota. Modo de Endereçamento no Telejornalismo do Horário Nobre Brasileiro: o Jornal Nacional, da Rede Globo de Televisão. In: **Anais do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro/RJ, 05 a 09 de setembro de 2005. Disponível em:
www.portcom.intercom.org.br/pdfs/74277217742772103772621605140235486090.pdf.
Acesso em 25 de jun. 2018.

GOMES, Itania Maria Mota. **Efeito e Recepção**: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os *media*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004.

GOMES, Itania Maria Mota. Quem o Jornal do SBT pensa que somos? Modo de endereçamento no telejornalismo show. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 25, dezembro 2004a.

GOMES, Itania Maria Mota. Efeito e Recepção: a interpretação do processo receptivo em duas tradições de investigação sobre os *media*. In: GOMES, Itania Maria Mota; SOUZA, Maria Carmem Jacob de Souza. **Media e Cultura**. Salvador: Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea, 2003.

GOMES, Itania Maria Mota. A Noção de Gênero Televisivo como Estratégia de Interação: o Diálogo entre os Cultural Studies e os Estudos da Linguagem. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, São Leopoldo, v. 4, n. 2, dezembro 2002.

GOMES, Itania Maria Mota; MENEZES, Mariana de Oliveira. O pacto sobre o papel do jornalismo nos quatro telejornais diários da TV Globo. **Animus**, Santa Maria/RS, v. 13, 2008.

GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do telejornal**. Um estudo das articulações entre valores jornalísticos e linguagem televisiva. Tese (Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporâneas) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

HALL, Stuart. Codificação/Decodificação. In: HALL, Stuart; SOVIK, Liv (Org.). Da diáspora: identidades e mediações culturais. Trad. Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009, p. 365-381.

HARTLEY, John. **Understanding News**. London: Methuen, 1982.

JACKS, Nilda. Tendências latino-americanas nos estudos da recepção. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 5, novembro 1996. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/2946>. Acesso em 25 de jul. 2018.

JACKS, Nilda; ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Comunicação e recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

JACKS, Nilda. SCHMITZ, Daniela. Os meios em Martín-Barbero: antes e depois das mediações. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 12, n.1, janeiro/abril 2018.

JANOTTI JR, Jeder Silveira. Dos gêneros textuais, dos discursos e das canções: uma proposta de análise da música popular massiva a partir da noção de gênero midiático. In: **Anais 14º Encontro Anual da Compós**. Niterói, 2005. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_825.pdf. Acesso em 30 de jun. 2018.

JENKINS, Henry; FORD, Sam; GREEN, Joshua. **Cultura da conexão: criando valor e significado por meio da mídia propagável**. São Paulo: Aleph, 2014.

JENKINS, Henry. **A cultura da convergência**. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2009.

JORNAL NACIONAL. **A notícia faz história**. 12.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

KNEIPP, Valquíria A. Passos. 60 anos de formação do profissional de telejornalismo no Brasil. In: VIZEU; PORCELLO; COUTINHO (Orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 251-278.

LASSWELL, Harold D. A Estrutura e a Função da Comunicação na Sociedade. In: COHN, Gabriel (org.). **Comunicação e Indústria Cultural**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

MAIA, Jussara Peixoto. **Do telejornal ao programa jornalístico temático: Jornal Nacional e Globo Rural - uma relação de gênero e de modo de endereçamento**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporânea) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Uma aventura epistemológica. Entrevistador: Maria Immacolata Vassalo de Lopes. **Revista Matrizes**, São Paulo, v. 2, n.2, p. 143-162, 2009a.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. As formas mestiças da mídia. Entrevistadora: Mariluce Moura. **Revista Pesquisa FAPESP**, São Paulo, n. 163, p. 10-15, 2009b.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século. In: MORAES, Dênis de (Org.). **Sociedade Midiatizada**. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de cartógrafo**: travessias latino-americanas da comunicação na cultura. São Paulo: Loyola, 2004.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. América Latina e os anos recentes: o estudo da recepção em comunicação social. In: SOUSA, Mauro Wilton de (Org.). **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 39-68.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **De los medios a las mediaciones**: comunicación, cultura y hegemonia.. Barcelona: Gustavo Gili, 1987.

MATIAS, Alexandre. **“Hype ou barômetro emocional do planeta”**, 2009. Disponível em: <http://trabalhosujo.com.br/2009-o-ano-do-twitter/>. Acesso em 11 de nov. 2018.

MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. **História das teorias da comunicação**. Trad. Luiz Paulo Rouanet. 14. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

MATTOS, Sérgio. A evolução histórica da televisão brasileira. In: VIZEU; PORCELLO; COUTINHO (Orgs.). **60 anos de jornalismo no Brasil**: história análise e crítica. Florianópolis: Insular, 2010, p. 23-55.

MATTOS, Sérgio. **História da Televisão Brasileira**. Uma visão econômica, social e política. 4. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

MELLO, Edna. PRF-3 TV Tupi – Difusora e imagens do dia: o pioneirismo da televisão e do telejornalismo no Brasil. In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornal e praça pública**: 65 anos de telejornalismo. Florianópolis: Insular, 2015, p. 49-66.

MILLER, Toby. A Televisão Acabou, a Televisão Virou Coisa do Passado, a Televisão Já Era. In: FREIRE FILHO, João (Org.). **A TV em transição**: tendências de programação no Brasil e no mundo. Porto Alegre: Sulina, 2009, p. 9-25.

MORLEY, David. **The ‘Nationwide’ Audience**: Structure and Decoding. London: British Film Institute, 1980.

MORLEY, David; BRUNSDON, Charlotte. **The Nationwide Television Studies**. London: Routledge, 1999.

MORLEY, David; BRUNSDON, Charlotte. **Everyday Television**: “Nationwide”, London: British Film Institute, 1978.

MUSSE, Christina Ferraz; THOMÉ, Cláudia. A trama narrativa nas reportagens da TV brasileira: breve análise de meio século de experimentações textuais na maior rede de televisão

do país. In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015, p. 107-129.

NEVES, Flora. Telejornalismo nos primeiros tempos: história de desafios. In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015, p. 25-48.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. Televisão: causa e efeito de si mesma. In: CARLÓN, Mario; FECHINE, Yvana (Orgs.). **O fim da televisão**. Trad. Diego Andres Salcedo. Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014, p. 96-113.

OROZCO GÓMEZ, Guillermo. O telespectador frente à televisão. Uma exploração do processo de recepção televisiva. **Revista Comunicare**, São Paulo, v. 5, n.1, 2005.

PEREIRA, Ariane. Expressividade e aproximação com o público: as mulheres na bancada do JN e as mudanças na forma de se apresentar as notícias. In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015, p. 295-317.

PICCININ, Fabiana; SGORLA, Fabiane. “Veja como fiz e como faço” – bastidores autenticam o real no Jornal Nacional da Rede Globo de Televisão. In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015, p. 277-294.

PIENIZ, Mônica. **Tecnicidade como mediação empírica: a reconfiguração da recepção de telenovela a partir do Twitter**. 2013. v. 1, 198 f. Tese (Doutorado em Comunicação e Informação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, Porto Alegre, 2013.

PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1968.

PORCELLO, F.; VIZEU, A.; COUTINHO, I. (Org.). **O Brasil (é)ditado**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v.1. Florianópolis: Insular, 2012.

PORTO, Mauro. Novas Estratégias Políticas na Globo? O Jornal Nacional Antes e Depois da Saída de Cid Moreira. In: **Anais do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro/RJ, setembro de 1999. Disponível em:
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/0cd31ae9042f03c05e81972da9a5d9ed.PDF>.
Acesso em 25 de jun. 2018.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2014.

RECUERO, Raquel. Diga-me com quem falas e dir-te-ei quem és: a conversação mediada pelo computador e as redes sociais na internet. **Revista Famecos**, Porto Alegre, n. 38, p. 118-128, abril 2009. Disponível em:
<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/5309/3879>.
Acesso em 15 de jun. 2018.

RECUERO, Raquel; BASTOS, Marco; ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

RENAULT, Letícia. Webtelejornalismo: o telejornalismo brasileiro em expansão para o ciberespaço no século XXI. In: VIZEU, Alfredo; MELLO, Edna; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska. (Orgs.). **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 259-280.

REZENDE, Guilherme Jorge de. 60 anos de jornalismo na TV Brasileira: percalços e conquistas. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 57-81.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

ROCHA, Simone Maria. Os Estudos Culturais e a Análise Cultural da Televisão: Considerações Teórico-Metodológicas. Animus. **Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, Santa Maria, v. 10, n. 19, 2011.

ROCHA, Simone Maria. Entre a ideologia, a hegemonia e a resistência: dos modos de endereçamento como um diálogo entre a produção e a audiência de produtos audiovisuais. In: **Anais do 19º Encontro Anual Compós**. Rio de Janeiro/RJ, junho de 2010. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_simone_rocha.pdf. Acesso em 31 de jul. 2018.

ROCHA, Simone Maria; SANT'ANA, Guilherme Antônio. Modos de endereçamento e gênero televisivo: proposta metodológica para análise da televisão como forma cultural. In: BRAGA, José Luiz; LOPES, Maria Immacolata Vassalo de; MARTINO, Luiz Claudio. (Org.). **Pesquisa empírica em comunicação**. São Paulo: Paulus, 2010, p. 361-379.

RONSINI, Veneza V. Mayora. A perspectiva das mediações de Jesús Martín-Barbero (ou como sujar as mãos na cozinha da pesquisa empírica de recepção). In: **Anais do 19º Encontro Anual Compós**. Rio de Janeiro/RJ, junho de 2010. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt12_veneza_ronsini.pdf. Acesso em 23 de set. 2018.

SANTAELLA, Lucia; LEMOS, Renata. **Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter**. São Paulo: Paulus, 2010.

SILVA, Edna de Mello; ROCHA, Liana Vidigal. Telejornalismo e Ciberespaço: convergência de tecnologias e informação. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010, p. 197-214.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. **Muito além do Jardim Botânico: Um estudo sobre a audiência do Jornal Nacional da Globo entre trabalhadores**. São Paulo: Summus, 1985.

SILVERSTONE, Roger. Prefácio à edição da Routledge Classics. WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Trad. Marcio Serelle e Mário F. I. Viggiano. São Paulo: Boitempo, 2016.

SIQUEIRA, Fabiana Cardoso de; VIZEU, Alfredo. Jornalismo em transformação: as escolhas dos formatos das notícias na TV. In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornalismo em questão**. Florianópolis: Insular, 2014, p. 53-76.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. Janelas eletrônicas: anotações sobre a dimensão técnica/tecnológica no telejornalismo brasileiro. In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015, p. 149-179.

TEMER, Ana Carolina Rocha Pessôa. A mistura dos gêneros e o futuro do telejornal. In: VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

TOURINHO, Carlos Alberto Moreira. **Inovação no Telejornalismo: O que você vai ver a seguir**. Vitória: EspaçoLivros, 2009.

TURNER, Graeme. Prefácio à edição brasileira. In: WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Trad. Marcio Serelle e Mário F. I. Viggiano. São Paulo: Boitempo, 2016.

VARGAS, HEIDY. A bancada do Jornal Nacional já não é mais a mesma: reflexões acerca da mise-en-scène na apresentação. In: **Anais do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Rio de Janeiro/RJ, 04 a 07 de setembro de 2015. Disponível em: http://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/lista_area_DT1-TE.htm. Acesso em 25 de jun. 2018.

VARGAS, Renata; BARA, Gilze; COUTINHO, Iluska. A queda da bancada e as mudanças históricas na cena de apresentação dos telejornais: em busca da aproximação e criação de identidade com o público. In: **Anais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste**. Ouro Preto/MG, 28 a 30 de junho de 2012. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2012/resumos/R33-1829-1.pdf>. Acesso em 10 de out. 2017.

VIZEU, ALFREDO. O telejornalismo como lugar de referência e a função pedagógica, **Revista Famecos**, Porto Alegre, n.40, p. 77-83, dez. 2009.

VIZEU, Alfredo (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIZEU, Alfredo. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

VIZEU, Alfredo; LORDÊLO, Tenaflae da Silva. 65 anos de telejornalismo: das “notícias fordistas” e as “notícias pós-fordistas”. In: VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo**. Florianópolis: Insular, 2015, p. 133-148.

VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v.4. Florianópolis: Insular, 2015.

VIZEU, A.; MELLO, E.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Org.). **Telejornalismo em questão**. Coleção Jornalismo Audiovisual. v.3. Florianópolis: Insular, 2014.

VIZEU, A.; PORCELLO, F.; COUTINHO, I. (Orgs.). **60 anos de telejornalismo no Brasil: história análise e crítica**. Florianópolis: Insular, 2010.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. In: VIZEU, Alfredo (Org.). **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 11-28.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão: tecnologia e forma cultural**. Trad. Marcio Serelle e Mário F. I. Viggiano. São Paulo: Boitempo, 2016.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e Literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1979.

WILLIAMS, Raymond. **The Long Revolution**. Harmondsworth: Penguin, 1961.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. Trad. Maria Jorge Vilar de Figueiredo. 10. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2009.

WOLTON, Dominique. Mídias personalizadas versus mídias generalistas: entrevista com Dominique Wolton. Trad. Iuri Furukita Baptista. **Revista Sessões do Imaginário**. Porto Alegre, v. 19, n. 32, p. 5-7, 2014. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/20103/12808>. Acesso em 11 de nov. 2018.

WOLTON, Dominique. **Pensar a Comunicação**. Trad. Zélia Leal Adghirni. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

WOLTON, Dominique. **Internet, e depois?** uma teoria crítica das novas mídias. Trad. Isabel Crossetti. Porto Alegre: Sulina, 2003.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**. Uma teoria crítica da televisão. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Editora Ática, 1996.

Sites consultados

BBC BRASIL. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese>

CATRACA LIVRE. Disponível em: <https://catracalivre.com.br>

CORREIO DO BRASIL. Disponível em: <https://www.correiodobrasil.com.br>

FOLHA DE S. PAULO. Disponível em: <https://www.folha.uol.com.br>

GENTE TV E NOVELAS. Disponível em: <https://gente.ig.com.br>

GLOBO PLAY. Disponível em: <https://globoplay.globo.com>

JORNAL NACIONAL. Disponível em: <http://g1.globo.com/jornal-nacional>

JORNAL O GLOBO. Disponível em: <http://oglobo.globo.com>

FANTÁSTICO. Disponível em: <http://g1.globo.com/fantastico>

MEMÓRIA GLOBO. Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com>

MEMÓRIA O GLOBO. Disponível em: <http://memoria.oglobo.globo.com>

OBSERVATÓRIO DA TELEVISÃO. Disponível em:
<https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br>

REVISTA EXAME. Disponível em: <https://exame.abril.com.br>

SOFTWARE NETLYTIC. Disponível em: www.netlytic.org

SOCIAL MEDIA LAB. Disponível em: <http://socialmedialab.ca>

TORCEDORES. Disponível em: <https://www.torcedores.com>

TV E FAMOSOS. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br>

TV FOCO. Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/>

Reportagens e entrevistas em sites de notícia e entretenimento

APOIO AO GOLPE DE 64 FOI UM ERRO. Disponível em:
<http://memoria.oglobo.globo.com/erros-e-acusacoes-falsas/apoio-ao-golpe-de-64-foi-um-erro-12695226>. Acesso em: 06 de mar. 2019.

BONNER ENSINA A FAZER VÍDEO COM O CELULAR NO ‘JN’ E AGITA A WEB. PORTAL TERRA. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/william-bonner-ensina-a-fazer-video-com-celular-no-jn-e-agita-web-blogueiro,92d69c74c788920bc6f05c5298c02cfezo8p7zni.html>. Acesso em 14 de jul. 2018.

BONNER ENSINA PÚBLICO A FILMAR NA HORIZONTAL COM O CELULAR NO JN: “FICA A DICA”. OBSERVATÓRIO DA TELEVISÃO. Disponível em: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/noticia-da-tv/2017/12/bonner-ensina-publico-a-filmar-na-horizontal-com-o-celular-no-jn-fica-a-dica>. Acesso em 14 de jul. 2018.

BONNER FAZ TUTORIAL NO “JN” E ENSINA PÚBLICO A FILMAR COM CELULAR. PORTAL UOL. Disponível em:
<https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2017/12/21/fica-a-dica-bonner-ensina-telespectador-como-filmar-usando-smartphone.htm>. Acesso em: 14 de jul. 2018.

CBF NÃO VÊ “PRIVILÉGIO” E DEFENDE A IMPORTÂNCIA DE TITE NO JORNAL NACIONAL. PORTAL UOL. Disponível em: <https://esporte.uol.com.br/futebol/de-primeira/2018/05/16/cbf-nao-ve-privilegio-e-defende-importancia-de-tite-no-jornal-nacional.htm>. Acesso em 14 de jul. 2018.

ENTREVISTA DE WILLIAM BONNER AO CANAL GNT. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=2MYGAKZhFUE>. Acesso em 16 de jul. 2018.

GLOBO CONVIDA ESPECTADOR A COLABORAR MAS RECEBE RESPOSTA INESPERADA. FOLHA DE S. PAULO. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/mauriciostycer/2018/01/1953494-globo-convida-espectador-a-colaborar-mas-recebe-resposta-inesperada.shtml>. Acesso em 13 de jul. 2018.

GRUPO GLOBO DIVULGA DIRETRIZES SOBRE USO DE REDES SOCIAIS POR JORNALISTAS. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/grupo-globo-divulga-diretrizes-sobre-uso-de-redes-sociais-por-jornalistas-22840215>. Acesso em 25 de jul. 2018.

IBOPE DO JORNAL NACIONAL DERRETE E MARCA 20 PONTOS. UOL. Disponível em: <http://celebridades.uol.com.br/ooops/ultimas-noticias/2015/03/23/ibope-do-jornal-nacional-derrete-e-marca-20-pontos.htm>. Acesso em: 25 jun. 2018.

JN EXIBE CAVANI OUVINDO SERTANEJO NOVE MESES ATRÁS COMO SE FOSSE NA COPA. Disponível em: <https://tvefamosos.uol.com.br/noticias/redacao/2018/07/03/jn-exibe-cavani-ouvindo-sertanejo-nove-meses-atras-como-se-fosse-na-copa.htm>. Acesso em 10 de mar. 2019.

JORNAL NACIONAL CITA PERFIL FAKE NO AR E PEDE DESCULPAS POR ERRO. Disponível em: <https://gente.ig.com.br/tvenovela/2019-02-23/jornal-nacional-erro-bonner.html>. Acesso em 11 de mar. 2019.

JORNAL NACIONAL CITA PERFIL FALSO DE MINISTRO E PEDE DESCULPAS. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/jornal-nacional-cita-perfil-falso-de-ministro-e-pede-desculpas-veja/>. Acesso em 11 de mar. 2019.

JORNAL NACIONAL COMETE ERRO E WILLIAM BONNER PEDE DESCULPAS. Disponível em: <https://observatoriodatelevisao.bol.uol.com.br/noticia-da-tv/2019/02/jornal-nacional-comete-erro-e-william-bonner-pede-desculpas>. Acesso em 11 de mar. 2019.

JORNAL NACIONAL COMETE ERRO GRAVE E WILLIAM BONNER PEDE DESCULPAS AOS TELESPECTADORES. Disponível em: <https://www.otvfoco.com.br/jornal-nacional-comete-erro-e-bonner-pede-desculpas/>. Acesso em: 11 de mar. 2019.

JORNAL NACIONAL DIVULGA NOTÍCIA FALSA E PEDE DESCULPAS AO PÚBLICO. Disponível em: <https://www.correiodobrasil.com.br/jornal-nacional-noticia-falsa-pede-desculpas/>. Acesso em: 11 de mar. 2019.

JORNAL NACIONAL ESTREIA CENÁRIO COM “TECNOLOGIA A SERVIÇO DA NOTÍCIA”. PORTAL COMUNIQUE-SE. Disponível em: <https://portal.comunique-se.com.br/jornal-nacional-estrela-cenario-com-tecnologia-servico-da-noticia/>. Acesso em 14 de jul. 2018.

JORNAL NACIONAL ESTREIA NOVO CENÁRIO. ESTADÃO. Disponível em: <https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,jornal-nacional-estrela-novo-cenario,70001849846>. Acesso em 14 de jul. 2018.

NO ‘JORNAL NACIONAL’, WILLIAM BONNER FAZ ‘TUTORIAL’ DE COMO GRAVAR VÍDEO NO CELULAR. ESTADÃO. Disponível em:

<https://emails.estadao.com.br/noticias/tv,no-jornal-nacional-william-bonner-faz-tutorial-de-como-gravar-video,70002128689>. Acesso em 14 de jul. 2018.

NOVO ‘JORNAL NACIONAL’ ABUSA DA TECNOLOGIA, MAS RELEGA NOTÍCIA. FOLHA DE S. PAULO. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/06/1894270-jornal-nacional-abusa-da-tecnologia-mas-se-esquece-da-noticia.shtml>. Acesso em 14 de jul. 2018.

PELA PRIMEIRA VEZ JORNAL NACIONAL É DERROTADO NA AUDIÊNCIA DO RJ. GGN. Disponível em: <https://jornalggn.com.br/noticia/pela-primeira-vez-jornal-nacional-e-derrotado-na-audiencia-do-rj>. Acesso em: 25 de jun. 2018.

RETA FINAL DO GOVERNO TEMER: MARASMO, PEQUENAS HOMENAGENS E PREOCUPAÇÃO COM A JUSTIÇA MARCAM OS ÚLTIMOS DIAS NO CARGO. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-46679758>. Acesso em 28 de fev. 2019.

TITE VAI MANTER RODÍZIO DE CAPITÃES DA SELEÇÃO DURANTE A COPA. VEJA. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/placar/tite-vai-manter-rodizio-de-capitães-da-selecao-durante-a-copa/>. Acesso em 14 de jul. 2018.

TITE VÊ SELEÇÃO BLINDADA DE CRISE POLÍTICA NA CBF. A TRIBUNA. Disponível em: <http://www.tribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/futebol/tite-ve-selecao-blindada-de-crise-politica-na-cbf/?cHash=ad87a1874e8673f9da5d3536e951c26d>. Acesso em 14 de jul. 2018.

WILLIAM BONNER DÁ DICA NO JN DE COMO GRAVAR VÍDEO NO CELULAR E VIRA MEME. TECMUNDO. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/cultura-geek/125498-william-bonner-dica-jn-gravar-video-no-celular-vira-meme.htm>. Acesso em: 14 de jul. 2018.

WILLIAM BONNER FAZ TUTORIAL DURANTE O ‘JORNAL NACIONAL’ E VIRA MEME. FOLHA DE S. PAULO. Disponível em:

<https://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2017/12/william-bonner-faz-tutorial-durante-jornal-nacional-vira-meme.shtml> . Acesso em 14 jul. 2018.

APÊNDICE A - Dados das chamadas em vídeo postadas no Twitter durante a Copa

Chamadas em vídeo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
11/06/2018	24	21	166	5.048
12/06/2018	16	13	111	3.762
13/06/2018	15	9	90	3.553
14/06/2018	32	15	184	6.161
15/06/2018	20	23	273	8.420
16/06/2018	27	25	224	7.778
18/06/2018	22	13	137	4.658
19/06/2018	24	12	147	4.822
20/06/2018	42	18	160	4.749
21/06/2018	12	14	128	4.064
22/06/2018	13	13	197	4.094
23/06/2018	7	12	161	5.105
25/06/2018	11	13	84	3.581
26/06/2018	18	15	146	4.094
27/06/2018	20	27	228	5.551
28/06/2018	16	12	113	4.299
29/06/2018	12	17	187	4.419
30/06/2018	6	10	116	4.839
02/07/2018	8	10	168	6.550
03/07/2018	38	80	330	9.959
04/07/2018	11	12	131	4.376
05/07/2018	5	12	88	3.206
06/07/2018	44	28	437	12.500
07/07/2018	10	25	239	8.626
09/07/2018	17	19	287	8.213
10/07/2018	22	11	191	6.290
11/07/2018	8	17	158	4.383
12/07/2018	17	22	198	6.627
13/07/2018	27	28	200	6.704
14/07/2018	30	12	273	15.100
16/07/2018	37	81	389	12.100

APÊNDICE B – Dados das fotos postadas no Twitter durante a Copa

Fotos	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas
11/06/2018	79	23	357
12/06/2018	66	23	297
13/06/2018	41	23	390
14/06/2018	56	22	369
15/06/2018	41	26	441
16/06/2018	4	21	342
18/06/2018	54	12	278
19/06/2018	64	24	450
20/06/2018	65	21	398
21/06/2018	99	35	839
22/06/2018	22	23	250
23/06/2018	32	28	325
25/06/2018	55	23	408
26/06/2018	30	17	445
27/06/2018	33	30	443
28/06/2018	73	18	523
29/06/2018	44	28	554
30/06/2018	51	19	491
02/07/2018	51	39	963
03/07/2018	37	21	348
04/07/2018	40	22	380
05/07/2018	22	18	376
06/07/2018	79	74	1.100
07/07/2018	31	13	289
09/07/2018	55	19	382
10/07/2018	85	24	439
11/07/2018	79	17	392
12/07/2018	42	18	360
13/07/2018	35	28	542
14/07/2018	83	32	671
16/07/2018	28	14	243

APÊNDICE C – Dados gerais das postagens no perfil oficial no Twitter durante a Copa

11/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Trecho vídeo reportagem	15	23	192	5.801
Tweet 2	Chamada padrão em vídeo	24	21	166	5.048
Tweet 3	Foto padrão	79	23	357	-
Tweet 4	Texto + foto + link	0	3	41	-
Tweet 5	Texto + foto + link	16	8	63	-
Tweet 6	Texto + foto + link	2	2	31	-
Tweet 7	Trecho vídeo reportagem	4	22	146	4.779
Tweet 8	Texto + foto + link	1	11	87	-
Tweet 9	Texto + foto + link	16	5	76	-
Tweet 10	Texto + foto + link	9	6	23	-
Tweet 11	Texto + foto + link	5	3	14	-
Tweet 12	Texto + foto + link	16	4	28	-
Tweet 13	Texto + foto + link	0	7	56	-
Tweet 14	Texto + foto + link	0	4	31	-
Tweet 15	Texto + foto + link	9	10	103	-

12/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	16	13	111	3.762
Tweet 2	Foto padrão	66	23	297	-
Tweet 3	Texto + foto + link	10	5	53	-
Tweet 4	Texto + foto + link	3	1	31	-
Tweet 5	Texto + foto + link	3	1	26	-
Tweet 6	Texto + foto + link	5	0	17	-
Tweet 7	Texto + foto + link	5	14	46	-
Tweet 8	Texto + foto + link	7	2	33	-
Tweet 9	Texto + foto + link	4	1	15	-
Tweet 10	Texto + foto + link	0	2	17	-
Tweet 11	Texto + foto + link	4	2	52	-
Tweet 12	Texto + foto + link	3	3	33	-
Tweet 13	Texto + foto + link	7	3	35	-
Tweet 14	Texto + foto + link	7	3	33	-
Tweet 15	Texto + foto + link	5	1	16	-
Tweet 16	Texto + foto + link	4	8	80	-
Tweet 17	Vídeo	7	10	68	2.972

13/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	15	9	90	3.553
Tweet 2	Foto padrão	41	23	390	-
Tweet 3	Texto + foto + link	10	5	53	-
Tweet 4	Texto + foto + link	3	1	31	-
Tweet 5	Texto + foto + link	3	1	26	-
Tweet 6	Texto + foto + link	5	0	17	-
Tweet 7	Texto + foto + link	5	14	46	-
Tweet 8	Texto + foto + link	7	2	33	-
Tweet 9	Texto + foto + link	4	1	15	-
Tweet 10	Texto + foto + link	0	2	17	-
Tweet 11	Texto + foto + link	4	2	52	-
Tweet 12	Texto + foto + link	3	3	33	-
Tweet 13	Texto + foto + link	7	3	35	-
Tweet 14	Texto + foto + link	7	3	33	-
Tweet 15	Texto + foto + link	5	1	16	-
Tweet 16	Texto + foto + link	4	8	80	-

14/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	32	15	184	6.161
Tweet 2	Foto padrão	56	22	369	-
Tweet 3	Texto + foto + link	3	6	38	-
Tweet 4	Texto + foto + link	1	4	28	-
Tweet 5	Texto + foto + link	3	7	29	-
Tweet 6	Texto + foto + link	5	6	38	-
Tweet 7	Texto + foto + link	0	5	31	-
Tweet 8	Texto + foto + link	11	5	33	-
Tweet 9	Texto + foto + link	21	28	62	-
Tweet 10	Texto + foto + link	16	7	23	-
Tweet 11	Texto + foto + link	8	0	21	-
Tweet 12	Texto + foto + link	11	12	141	-
Tweet 13	Texto + foto + link	2	8	69	-
Tweet 14	Texto + foto + link	3	2	43	-
Tweet 15	Texto + foto + link	2	4	28	-
Tweet 16	Texto + foto + link	3	3	25	-

15/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	20	23	273	8.420
Tweet 2	Foto padrão	41	26	441	-
Tweet 3	Texto + foto + link	10	8	232	-
Tweet 4	Texto + foto + link	1	4	27	-
Tweet 5	Texto + foto + link	4	7	57	-
Tweet 6	Texto + foto + link	2	3	34	-
Tweet 7	Texto + foto + link	0	2	49	-
Tweet 8	Texto + foto + link	29	6	47	-
Tweet 9	Texto + foto + link	3	3	30	-
Tweet 10	Texto + foto + link	5	1	16	-
Tweet 11	Texto + foto + link	1	11	58	-
Tweet 12	Texto + foto + link	5	3	42	-

16/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	27	25	224	7.778
Tweet 2	Foto padrão	4	21	342	-
Tweet 3	Texto + foto + link	8	12	194	-
Tweet 4	Texto + foto + link	7	4	59	-
Tweet 5	Texto + foto + link	9	7	34	-
Tweet 6	Texto + foto + link	5	5	49	-
Tweet 7	Texto + foto + link	5	3	45	-
Tweet 8	Texto + foto + link	6	2	30	-
Tweet 9	Texto + foto + link	5	3	39	-
Tweet 10	Texto + foto + link	20	10	159	-

18/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	22	13	137	4.658
Tweet 2	Foto padrão	54	12	278	-
Tweet 3	Texto + foto + link	11	4	49	-
Tweet 4	Texto + foto + link	1	2	39	-
Tweet 5	Texto + foto + link	8	1	44	-
Tweet 6	Texto + foto + link	12	5	38	-
Tweet 7	Texto + foto + link	3	2	37	-
Tweet 8	Texto + foto + link	4	3	57	-
Tweet 9	Texto + foto + link	10	1	23	-
Tweet 10	Texto + foto + link	5	2	28	-
Tweet 11	Texto + foto + link	11	33	109	-
Tweet 12	Texto + foto + link	46	20	158	-
Tweet 13	Texto + foto + link	28	11	86	-
Tweet 14	Texto + foto + link	3	0	35	-

19/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	24	12	147	4.822
Tweet 2	Foto padrão	64	24	450	-
Tweet 3	Texto + foto + link	1	4	33	-
Tweet 4	Texto + foto + link	26	6	33	-
Tweet 5	Texto + foto + link	26	3	60	-
Tweet 6	Texto + foto + link	3	6	65	-
Tweet 7	Texto + foto + link	7	13	187	-
Tweet 8	Texto + foto + link	3	3	37	-
Tweet 9	Texto + foto + link	53	12	86	-
Tweet 10	Texto + foto + link	4	2	32	-
Tweet 11	Texto + foto + link	0	3	14	-
Tweet 12	Texto + foto + link	17	5	24	-
Tweet 13	Texto + foto + link	6	9	113	-
Tweet 14	Texto + foto + link	3	3	35	-
Tweet 15	Texto + foto + link	17	0	27	-

20/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	42	18	160	4.749
Tweet 2	Foto padrão	65	21	398	-
Tweet 3	Texto + foto + link	32	8	67	-
Tweet 4	Texto + foto + link	5	4	80	-
Tweet 5	Texto + foto + link	1	4	33	-
Tweet 6	Texto + foto + link	2	0	29	-
Tweet 7	Texto + foto + link	27	1	39	-
Tweet 8	Texto + foto + link	4	4	35	-
Tweet 9	Texto + foto + link	14	17	52	-
Tweet 10	Texto + foto + link	13	8	50	-
Tweet 11	Texto + foto + link	2	7	21	-
Tweet 12	Texto + foto + link	20	3	33	-
Tweet 13	Vídeo reportagem	19	18	177	7.512
Tweet 14	Texto + foto + link	6	13	66	-
Tweet 15	Texto + foto + link	12	1	22	-

21/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	12	14	128	4.064
Tweet 2	Foto padrão	99	35	839	-
Tweet 3	Texto + foto + link	6	2	37	-
Tweet 4	Texto + foto + link	1	4	27	-
Tweet 5	Texto + foto + link	4	3	54	-
Tweet 6	Texto + foto + link	4	2	26	-
Tweet 7	Texto + foto + link	5	1	45	-
Tweet 8	Texto + foto + link	18	4	58	-
Tweet 9	Texto + foto + link	1	3	20	-
Tweet 10	Texto + foto + link	16	6	31	-
Tweet 11	Texto + foto + link	5	16	43	-
Tweet 12	Texto + foto + link	4	13	103	-
Tweet 13	Texto + foto + link	4	1	32	-
Tweet 14	Texto + foto + link	3	4	47	-
Tweet 15	Texto + foto + link	14	10	50	-
Tweet 16	Texto + foto + link	10	2	26	-

22/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Texto + foto + link	6	14	225	-
Tweet 2	Texto + foto + link	23	9	158	-
Tweet 3	Chamada padrão em vídeo	13	13	197	4.094
Tweet 4	Foto padrão	22	23	250	-
Tweet 5	Texto + foto + link	3	4	78	-
Tweet 6	Texto + foto + link	5	3	81	-
Tweet 7	Texto + foto + link	7	5	91	-
Tweet 8	Texto + foto + link	3	5	72	-
Tweet 9	Texto + foto + link	12	7	66	-
Tweet 10	Texto + foto + link	6	4	51	-
Tweet 11	Texto + foto + link	3	0	33	-
Tweet 12	Texto + foto + link	35	3	124	-
Tweet 13	Texto + foto + link	2	1	33	-
Tweet 14	Texto + foto + link	6	5	136	-
Tweet 15	Texto + foto + link	26	26	141	-
Tweet 16	Texto + foto + link	5	10	67	-

23/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	7	12	161	5.105
Tweet 2	Foto padrão	32	28	325	-
Tweet 3	Texto + foto + link	4	6	46	-
Tweet 4	Texto + foto + link	2	4	43	-
Tweet 5	Texto + foto + link	2	3	28	-
Tweet 6	Texto + foto + link	3	2	30	-
Tweet 7	Texto + foto + link	0	2	43	-
Tweet 8	Texto + foto + link	5	4	25	-
Tweet 9	Texto + foto + link	5	43	168	-
Tweet 10	Texto + foto + link	19	39	335	-
Tweet 11	Texto + foto + link	15	6	38	-
Tweet 12	Texto + foto + link	11	4	85	-
Tweet 13	Texto + foto + link	6	5	56	-
Tweet 14	Texto + foto + link	15	5	36	-

25/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	11	13	84	3.581
Tweet 2	Foto padrão	55	23	408	-
Tweet 3	Texto + foto + link	9	6	59	-
Tweet 4	Texto + foto + link	1	1	33	-
Tweet 5	Texto + foto + link	1	0	49	-
Tweet 6	Texto + foto + link	0	2	29	-
Tweet 7	Texto + foto + link	3	16	153	-
Tweet 8	Texto + foto + link	102	9	71	-
Tweet 9	Texto + foto + link	4	1	22	-
Tweet 10	Texto + foto + link	8	3	39	-
Tweet 11	Texto + foto + link	4	3	60	-
Tweet 12	Texto + foto + link	2	3	55	-
Tweet 13	Texto + foto + link	13	10	67	-

26/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	18	15	146	4.094
Tweet 2	Foto padrão	30	17	445	-
Tweet 3	Texto + foto + link	1	1	40	-
Tweet 4	Texto + foto + link	3	6	66	-
Tweet 5	Texto + foto + link	0	4	27	-
Tweet 6	Texto + foto + link	7	6	43	-
Tweet 7	Texto + foto + link	3	3	47	-
Tweet 8	Texto + foto + link	4	19	55	-
Tweet 9	Texto + foto + link	5	3	20	-
Tweet 10	Texto + foto + link	2	5	41	-
Tweet 11	Texto + foto + link	11	3	38	-
Tweet 12	Texto + foto + link	5	3	38	-
Tweet 13	Texto + foto + link	6	2	52	-

27/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Texto + Gif + link	21	169	986	-
Tweet 2	Texto + foto + link	8	76	682	-
Tweet 3	Vídeo da redação	12	28	279	6.594
Tweet 4	Chamada padrão em vídeo	20	27	228	5.551
Tweet 5	Foto padrão	33	30	443	-
Tweet 6	Texto + foto + link	3	5	53	-
Tweet 7	Texto + foto + link	6	6	84	-
Tweet 8	Texto + foto + link	9	9	134	-
Tweet 9	Texto + foto + link	9	3	55	-
Tweet 10	Texto + foto + link	0	0	26	-
Tweet 11	Texto + foto + link	2	9	156	-
Tweet 12	Texto + foto + link	17	12	196	-
Tweet 13	Texto + foto + link	6	3	21	-
Tweet 14	Texto + foto + link	5	15	75	-
Tweet 15	Texto + foto + link	3	7	89	-
Tweet 16	Texto + foto + link	11	9	44	-
Tweet 17	Texto + foto + link	12	13	130	-
Tweet 18	Texto + Gif	36	56	568	-

28/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	16	12	113	4.299
Tweet 2	Foto padrão	73	18	523	-
Tweet 3	Texto + foto + link	2	6	39	-
Tweet 4	Texto + foto + link	7	2	53	-
Tweet 5	Texto + foto + link	1	0	23	-
Tweet 6	Texto + foto + link	4	2	39	-
Tweet 7	Texto + foto + link	3	5	59	-
Tweet 8	Texto + foto + link	4	8	28	-
Tweet 9	Texto + foto + link	44	6	41	-
Tweet 10	Texto + foto + link	8	7	20	-
Tweet 11	Texto + foto + link	29	17	78	-
Tweet 12	Texto + foto + link	4	2	25	-
Tweet 13	Texto + foto + link	9	1	16	-
Tweet 14	Texto + foto + link	10	9	170	-
Tweet 15	Texto + foto + link	5	8	78	-

29/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	12	17	187	4.419
Tweet 2	Foto padrão	44	28	554	-
Tweet 3	Texto + foto + link	10	13	88	-
Tweet 4	Texto + foto + link	7	1	22	-
Tweet 5	Texto + foto + link	2	6	49	-
Tweet 6	Texto + foto + link	35	21	53	-
Tweet 7	Texto + foto + link	4	10	80	-
Tweet 8	Texto + foto + link	18	16	90	-
Tweet 9	Texto + foto + link	0	1	37	-
Tweet 10	Texto + foto + link	4	0	24	-
Tweet 11	Texto + foto + link	2	9	56	-
Tweet 12	Texto + foto + link	3	7	59	-

30/06/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	6	10	116	4.839
Tweet 2	Foto padrão	51	19	491	-
Tweet 3	Texto + foto + link	6	0	58	-
Tweet 4	Texto + foto + link	3	6	118	-
Tweet 5	Texto + foto + link	7	2	55	-
Tweet 6	Texto + foto + link	4	1	27	-
Tweet 7	Texto + foto + link	3	9	48	-
Tweet 8	Texto + foto + link	9	9	96	-
Tweet 9	Texto + foto + link	13	11	111	-
Tweet 10	Texto + foto + link	13	14	209	-
Tweet 11	Texto + foto + link	40	74	942	-

02/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	8	10	168	6.550
Tweet 2	Foto padrão	51	39	963	-
Tweet 3	Texto + foto + link	4	3	99	-
Tweet 4	Texto + foto + link	22	8	211	-
Tweet 5	Texto + foto + link	5	6	192	-
Tweet 6	Texto + foto + link	4	1	72	-
Tweet 7	Texto + foto + link	2	4	47	-
Tweet 8	Texto + Gif + link	10	158	485	-
Tweet 9	Texto + foto + link	9	3	102	-
Tweet 10	Texto + foto + link	4	13	160	-
Tweet 11	Texto + foto + link	35	13	69	-
Tweet 12	Texto + foto + link	6	2	31	-

03/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	38	80	330	9.959
Tweet 2	Foto padrão	37	21	348	-
Tweet 3	Texto + foto + link	2	2	41	-
Tweet 4	Texto + foto + link	1	4	63	-
Tweet 5	Texto + foto + link	19	2	21	-
Tweet 6	Texto + foto + link	13	10	99	-
Tweet 7	Texto + foto + link	9	1	22	-
Tweet 8	Texto + foto + link	6	15	91	-
Tweet 9	Texto + foto + link	16	18	296	-
Tweet 10	Texto + foto + link	2	6	106	-
Tweet 11	Texto + foto + link	2	4	49	-
Tweet 12	Texto + foto + link	9	21	50	-
Tweet 13	Texto + foto + link	7	13	44	-
Tweet 14	Texto + foto + link	21	9	142	-
Tweet 15	Texto + foto + link	5	5	51	-

04/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	11	12	131	4.376
Tweet 2	Foto padrão	40	22	380	-
Tweet 3	Texto + foto + link	3	2	70	-
Tweet 4	Texto + foto + link	14	8	43	-
Tweet 5	Texto + foto + link	2	4	56	-
Tweet 6	Texto + foto + link	5	2	83	-
Tweet 7	Texto + foto + link	23	9	5	-
Tweet 8	Texto + foto + link	0	4	68	-
Tweet 9	Texto + foto + link	2	4	74	-
Tweet 10	Texto + foto + link	2	2	22	-
Tweet 11	Texto + foto + link	34	16	125	-
Tweet 12	Vídeo trecho reportagem	23	41	566	15.700
Tweet 13	Texto + foto + link	12	15	83	-

05/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	5	12	88	3.206
Tweet 2	Chamada padrão em vídeo	8	6	72	3.958
Tweet 3	Foto padrão	22	18	376	-
Tweet 4	Texto + foto + link	3	4	63	-
Tweet 5	Texto + foto + link	10	20	251	-
Tweet 6	Texto + foto + link	9	4	38	-
Tweet 7	Texto + foto + link	1	3	41	-
Tweet 8	Texto + foto + link	3	3	63	-
Tweet 9	Texto + foto + link	4	2	25	-
Tweet 10	Texto + foto + link	16	28	190	-
Tweet 11	Texto + foto + link	1	2	24	-
Tweet 12	Texto + foto + link	7	25	75	-
Tweet 13	Texto + foto + link	10	12	62	-

06/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	44	28	437	12.500
Tweet 2	Foto padrão	79	74	1.100	-
Tweet 3	Texto + foto + link	49	19	217	-
Tweet 4	Texto + foto + link	5	5	58	-
Tweet 5	Texto + foto + link	30	20	191	-
Tweet 6	Texto + foto + link	5	2	46	-
Tweet 7	Texto + foto + link	9	0	24	-
Tweet 8	Texto + foto + link	4	14	124	-
Tweet 9	Texto + foto + link	32	40	121	-
Tweet 10	Texto + foto + link	22	13	250	-

07/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	10	25	239	8.626
Tweet 2	Foto padrão	31	13	289	-
Tweet 3	Texto + foto + link	8	18	162	-
Tweet 4	Texto + foto + link	4	3	53	-
Tweet 5	Texto + foto + link	3	2	54	-
Tweet 6	Texto + foto + link	8	24	57	-
Tweet 7	Texto + foto + link	10	4	40	-
Tweet 8	Texto + foto + link	3	11	94	-
Tweet 9	Texto + foto + link	12	1	21	-
Tweet 10	Texto + foto + link	24	23	314	-
Tweet 11	Texto + foto + link	9	5	121	-
Tweet 12	Texto + foto + link	5	3	47	-

09/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	17	19	287	8.213
Tweet 2	Foto padrão	55	19	382	-
Tweet 3	Texto + foto + link	3	3	56	-
Tweet 4	Texto + foto + link	4	17	192	-
Tweet 5	Texto + foto + link	9	34	24	-
Tweet 6	Texto + foto + link	10	6	94	-
Tweet 7	Texto + foto + link	4	3	30	-
Tweet 8	Texto + foto + link	12	9	47	-
Tweet 9	Texto + foto + link	11	3	24	-
Tweet 10	Texto + foto + link	2	5	28	-
Tweet 11	Texto + foto + link	2	5	46	-
Tweet 12	Texto + foto + link	31	17	68	-
Tweet 13	Texto + foto + link	5	5	44	-

10/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	22	11	191	6.290
Tweet 2	Foto padrão	85	24	439	-
Tweet 3	Texto + foto + link	3	3	76	-
Tweet 4	Texto + foto + link	4	3	50	-
Tweet 5	Texto + foto + link	3	14	129	-
Tweet 6	Texto + foto + link	10	32	388	-
Tweet 7	Texto + foto + link	3	10	144	-
Tweet 8	Texto + foto + link	4	22	68	-
Tweet 9	Texto + foto + link	58	49	230	-
Tweet 10	Texto + foto + link	5	3	21	-
Tweet 11	Texto + foto + link	5	4	57	-
Tweet 12	Texto + foto + link	4	6	48	-

11/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	8	17	158	4.383
Tweet 2	Foto padrão	79	17	392	-
Tweet 3	Texto + foto + link	4	11	175	-
Tweet 4	Texto + foto + link	1	4	103	-
Tweet 5	Texto + foto + link	4	8	21	-
Tweet 6	Texto + foto + link	4	8	42	-
Tweet 7	Texto + foto + link	2	5	43	-
Tweet 8	Texto + foto + link	7	1	24	-
Tweet 9	Texto + foto + link	4	4	23	-
Tweet 10	Texto + foto + link	27	10	75	-
Tweet 11	Texto + foto + link	42	33	228	-
Tweet 12	Texto + foto + link	4	4	83	-
Tweet 13	Texto + foto + link	1	7	149	-

12/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	17	22	198	6.627
Tweet 2	Foto padrão	42	18	360	-
Tweet 3	Texto + foto + link	4	1	26	-
Tweet 4	Texto + foto + link	24	7	40	-
Tweet 5	Texto + foto + link	5	4	35	-
Tweet 6	Texto + foto + link	2	2	79	-
Tweet 7	Texto + foto + link	19	11	70	-
Tweet 8	Texto + foto + link	28	10	39	-
Tweet 9	Texto + foto + link	14	3	30	-
Tweet 10	Texto + foto + link	16	66	617	-
Tweet 11	Texto + Gif + link	4	8	60	-
Tweet 12	Texto + foto + link	2	4	31	-
Tweet 13	Texto + foto + link	6	2	51	-

13/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	27	28	200	6.704
Tweet 2	Foto padrão	35	28	542	-
Tweet 3	Texto + foto + link	1	9	68	-
Tweet 4	Texto + foto + link	3	3	21	-
Tweet 5	Texto + foto + link	15	10	47	-
Tweet 6	Texto + foto + link	3	1	14	-
Tweet 7	Texto + foto + link	9	24	78	-
Tweet 8	Texto + foto + link	22	5	77	-
Tweet 9	Texto + foto + link	2	5	28	-
Tweet 10	Texto + foto + link	2	7	94	-
Tweet 11	Texto + foto + link	1	3	31	-
Tweet 12	Texto + foto + link	7	12	212	-
Tweet 13	Texto + foto + link	0	2	27	-
Tweet 14	Texto + foto + link	5	4	42	-
Tweet 15	Texto + foto + link	21	12	46	-
Tweet 16	Texto + foto + link	4	6	62	-

14/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	30	12	273	15.100
Tweet 2	Foto padrão	83	32	671	-
Tweet 3	Texto + foto + link	2	3	67	-
Tweet 4	Texto + foto + link	0	3	58	-
Tweet 5	Texto + foto + link	2	4	104	-
Tweet 6	Texto + foto + link	30	9	155	-
Tweet 7	Texto + foto + link G1	7	4	83	-

16/07/2018	Tipo	Respostas	Compartilhamentos	Curtidas	Visualizações
Tweet 1	Chamada padrão em vídeo	37	81	389	12.100
Tweet 2	Foto padrão	28	14	243	-
Tweet 3	Texto + foto + link	3	10	56	-
Tweet 4	Texto + foto + link	2	6	34	-
Tweet 5	Texto + foto + link	1	3	40	-
Tweet 6	Texto + foto + link	3	5	68	-
Tweet 7	Texto + foto + link	12	21	59	-
Tweet 8	Texto + foto + link	8	30	119	-
Tweet 9	Texto + foto + link	6	1	25	-
Tweet 10	Texto + foto + link	14	7	45	-
Tweet 11	Texto + foto + link	5	20	94	-
Tweet 12	Texto + foto + link	5	7	29	-
Tweet 13	Texto + foto + link	7	3	23	-
Tweet 14	Texto + foto + link	3	6	93	-
Tweet 15	Texto + foto + link	4	3	96	-

ANEXO A – Tweets sobre o pedido de gravação de vídeo com celular na horizontal

21/12/2017 20:44	Apareceu um #FicaADica no Jornal @jornalnacional. Chocado.
21/12/2017 20:45	Eu vivi para ver @realwbonner dando dicas de como filmar com o celular no #JN #ficaadica <3
21/12/2017 20:45	E ESSE #FICAADICA DO @realwbonner ESSE CARA É DEMAIS PUTA MERDA
21/12/2017 20:45	Valeu a dica tio @realwbonner #ficaadica #JN
21/12/2017 20:45	Olha o @realwbonner #ficaadica
21/12/2017 20:45	Meu deus eu vi o @realwbonner fazer um #ficaadica no @jornalnacional#realizado
21/12/2017 20:45	Vivi pra ver o @realwbonner mandando um #ficaadica durante o jljornal Nacional!
21/12/2017 20:45	RT: @realwbonner OLÁ GALERINHA, NO VÍDEO DE HOJE VOU ENSINAR COMO FILMAR COM O CELULAR PRA IMAGEM NÃO FICAR RUIM NA TELEVISÃO. #FicaADica
21/12/2017 20:45	tio @realwbonner mandando #ficaadica no JN hahahah ♥
21/12/2017 20:45	Sério que rolou uma #ficaadica no @jornalnacional ? https://t.co/sDZN04Oyr8
21/12/2017 20:45	O @realwbonner ensinando a filmar #ficaadica
21/12/2017 20:45	O @realwbonner dando dica de filmagem #ficaadica
21/12/2017 20:45	Eu vivi pra ver o @realwbonner dando um #ficaadica no @jornalnacional ■
21/12/2017 20:45	#ficaadica pra pegar bandido. vlw @realwbonner
21/12/2017 20:45	@realwbonner ensinado a filmar no JN #ficaadica Agora quero meu certificado, só filmarei na horizontal pra TV
21/12/2017 20:45	Olha o @realwbonner dizendo aquilo que a @rosana sempre falou: celulares na horizontal #Ficaadica #jn
21/12/2017 20:45	@realwbonner ensinando a fazer foto ou filmagem com o celular no @jornalnacional #ficaadica #willianboner #jornalnacional.
21/12/2017 20:46	Tô passaaaaaaaadooo, @realwbonner falando #ficaadica no #jn da @RedeGlobo #chocado!
21/12/2017 20:46	#ficaadica @realwbonner adorei a sua dica.
21/12/2017 20:46	Eu vivi pra ver o @realwbonner ensinar as pessoas a filmarem em rede nacional e ainda soltar #ficaadica. Chorando litros
21/12/2017 20:46	@realwbonner adorei o momento #ficaadica
21/12/2017 20:46	#FicaADica @jornalnacional @realwbonner jornalismo atual amei
21/12/2017 20:46	RT: @realwbonner OLÁ GALERINHA, NO VÍDEO DE HOJE VOU ENSINAR COMO FILMAR COM O CELULAR PRA IMAGEM NÃO FICAR RUIM NA TELEVISÃO. #FicaADica https://t.co/dVGtQI49h6
21/12/2017 20:46	Olha, aula de enquadramento no JN. #ficaadica 😊😊 @jornalnacional

21/12/2017 20:46	@realwbonner, foi isso mesmo?#ficaadica? Pra gravação de celular? Não seria melhor incentivar a não utilização do celular no trânsito?
21/12/2017 20:46	To morta com o @realwbonner dando dica de filmagem no #jornalnacional KKKKKKKKKKKKKK "#ficaadica"
21/12/2017 20:46	@realwbonner cê é show tio, me ensinou a filmar, jornal nacional é show #ficaadica
21/12/2017 20:47	Vamos filmar como celular de lado, siga a fica do tio Bonner @realwbonner #ficaadica
21/12/2017 20:47	Tio @realwbonner dando dica de cinegrafismo no @jornalnacional muito legal!! #ficaadica
21/12/2017 20:47	Tio @realwbonner mandando um #ficaadica em pleno @jornalnacional 😊😊😊 #Boanoite #FelizNatal
21/12/2017 20:47	Viu povo. O @realwbonner deu a dica pra tirar foros da forma correta. #ficaadica
21/12/2017 20:47	Vocês entenderam o #ficaadica do tio @realwbonner , né? #JN
21/12/2017 20:47	@realwbonner me ensinando como filmar no meu celular #ficaadica pode isso produção?
21/12/2017 20:47	#jornalnacional @realwbonner Olha só ele dando dicas de como filmar melhor pra aparecer bem no ângulo do Televisor,Parabéns Bonner só no #ficaadica
21/12/2017 20:47	RT @LuizaFugimoto: Eu vivi pra ver o @realwbonner ensinar as pessoas a filmarem em rede nacional e ainda soltar #ficaadica. Chorando litros
21/12/2017 20:48	Willian Bonner acaba de ensinar no @jornalnacional para vocês gravarem os vídeos na horizontal para serem melhor explorados pela televisão. Tudo isso com a #FICAADICA na tela.
21/12/2017 20:48	Isso aí gente #ficaadica. Gravem com celular em posição horizontal (deitado). Jornalistas agradecem. @realwbonner https://t.co/WeC2zJWlfZ
21/12/2017 20:48	#ficaadica NO @jornalnacional MEU DEUS! Que modernidade é essa, @RedeGlobo ? PALMAS!
21/12/2017 20:48	O dia em que o @realwbonner lançou um #ficaadica aovivasso
20/12/2017 20:49	#ficaadica @jornalnacional @STF_oficial vergonha #Garotinho . 🐣🐣
21/12/2017 20:49	Vc vai trabalhar de graça pra globo, não vão te dar credito e ainda o @realwbonner reclama q vc ta fazendo errado #ficaadica
21/12/2017 20:49	Graças aí @realwbonner hj no @jornalnacional aprender a filmar com smartphone.Na horizontal, #ficaadica do Bonner.😊
21/12/2017 20:49	Tio @realwbonner ensinando a galera a filmar direitinho no celular, quem diria #ficaadica
21/12/2017 20:49	Valeu pela tentativa, @realwbonner, mas o povo brasileiro é BURRO e não aprende a gravar vídeos com o smartphone na horizontal... #ficaadica #JN
21/12/2017 20:49	RT @deprecam_: @realwbonner cê é show tio, me ensinou a filmar, jornal nacional é show #ficaadica
21/12/2017 20:49	Fiquei mais chocado com o @realwbonner ensinando a gravar vídeo com o celular na horizontal e mandando um #ficaadica do que costume ficar com os plantões da Globo.
21/12/2017 20:50	@realwbonner 😊👉😊mandando a real pros que filmam na vertical #ficaadica
21/12/2017 20:51	@jornalnacional #FicaADica
21/12/2017 20:52	@realwbonner boa dica 😊 #ficaadica #JornalNacional https://t.co/mA8jzFxF8e

21/12/2017 20:52	#ficaadica CoM @realwbonner
21/12/2017 20:53	Que ridículo. @realwbonner ensinando no jornal nacional que as pessoas devem fazer os vídeos na horizontal porque assim as imagens são melhor aproveitadas na Tv. Só que as pessoas estão consumindo vídeos nos celulares e na vertical. #ficaadica.
21/12/2017 20:54	O @realwbonner poderia ler mensagens dos telespectadores no ar. #JornalNacional #FicaADica
21/12/2017 20:54	@jornalnacional #FicaADica #VaiADica https://t.co/6TsoUuQeDW
21/12/2017 20:56	Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 20:56	Kkkkkk o tio @realwbonner todo #pimpão no #ficaadica <3 <3 <3
21/12/2017 20:56	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 20:57	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 20:57	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 20:57	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 20:57	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 20:58	Vocês acham que política, economia e corrupção são assuntos importantes? Não, coleguinha! Foi preciso o @realwbonner parar o @jornalnacional pra ensinar vocês a filmar na horizontal! Espero que tenham aprendido a lição. #ficaadica https://t.co/Ay2nsRU7BB
21/12/2017 20:58	Bonner ensinando audiência gravar os vídeos na horizontal para mandar pro @jornalnacional. Prevejo um passaralho no depto de cinegrafistas da Rede Globo #ficaadica
21/12/2017 20:59	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 20:59	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:00	Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 21:00	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:00	#FicaAdica @jornalnacional Juntos podemos acabar com videos verticais. https://t.co/P8KFRDuhxf
21/12/2017 21:00	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:00	RT @LuizaFugimoto: Eu vivi pra ver o @realwbonner ensinar as pessoas a filmarem em rede nacional e ainda soltar #ficaadica. Chorando litros
21/12/2017 21:00	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:01	- OI MENINAS TUDUPOM ? O video de hoje eh pra falar de assunto que voces sempre me perguntam - @realwbonner como voce grava seus videos ? #ficaadica https://t.co/d5XQEbdVw0
21/12/2017 21:01	RT @Lucasxp64: #FicaAdica @jornalnacional Juntos podemos acabar com videos verticais. https://t.co/P8KFRDuhxf

21/12/2017 21:01	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:01	@realwbonner Filmar com o celular de pé fica melhor pras nossas redes sociais, onde realmente queremos compartilhar nossas mídias. Vocês da edição da TV que se virem! #FicaADica #WilliamBonner #JornalNacional #Instagram #InstagramPosts #Snapchat #Moments
21/12/2017 21:02	O @realwbonner faz um tutorial de como gravar com o celular na horizontal em pleno o horário nobre na tv e é claro que vira meme instantâneo rsrs #ficaadica
21/12/2017 21:02	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:02	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:02	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:02	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:02	#ficaadica eu estava assistindo band news, entrei no tt vi esta hashtag e agora to assistindo o jornal hoje. To achando que é estratégia de marketing do @realwbonner para a gente ver ele na tv https://t.co/6Eo6Mjpb7a
21/12/2017 21:03	Mas o @realwbonner fez bem com o tutorial. O smartphone acostumou mal as pessoas por causa da tela vertical e acaba que pras TVs e desktops os vídeos ficam horríveis! O certo seria virar a tela. #ficaadica #JornalNacional #JN Lembrei na hora desse vídeo: https://t.co/366InA8anK
21/12/2017 21:03	#ficaadica nos trends... @realwbonner ainda mexe com esse site sim! 😊 #JN
21/12/2017 21:03	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:03	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:03	dica p quem quer ajudar, mas se atrapalha.. #FicaADica #JN @realwbonner @jornalnacional https://t.co/iMGrWBVrp1
21/12/2017 21:04	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:05	#ficaadica @realwbonner Acabou o #JN raiz... tá muito nutella... kkkkkkkkkkkkkk https://t.co/RVITHtNPCm
21/12/2017 21:05	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 21:07	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:08	Povo no Twitter hoje esta muito engraçado até o @realwbonner Fez uma Gracinha #ficaadica
21/12/2017 21:08	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 21:08	#ficaadica @realwbonner https://t.co/YKjuLNEPeU
21/12/2017 21:08	#FicaADica: @realwbonner para o @jornalnacional para ensinar telespectadores a filmar com celular; assista https://t.co/qJnAKbGMTt https://t.co/oYlq4FF0yp
21/12/2017 21:09	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:09	RT @jornal_opopular: #FicaADica: @realwbonner para o @jornalnacional para ensinar telespectadores a filmar com celular; assista https://t.c...
21/12/2017 21:10	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC

21/12/2017 21:10	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:10	Será que alguém mais (além de mim) assiste aos Simpsons na @BandTV durante o @jornalnacional □ #ficaadica
21/12/2017 21:10	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:11	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:11	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:12	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:12	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:12	@realwbonner mandando um #ficaadica foi sensacional... Até engasguei na hora de tão inesperado! Adorei! ♥
21/12/2017 21:12	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:13	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:13	@Zanfa @realwbonner #ficaadica
21/12/2017 21:13	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:14	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 21:14	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 21:14	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:15	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:17	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:17	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:19	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:20	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:21	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 19:21	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:22	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:22	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:22	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:23	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 21:23	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC

21/12/2017 21:24	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:25	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:25	RT @alberineto: Eu vivi pra ver o @realwbonner dando um #ficaadica no @jornalnacional 🍷
21/12/2017 21:26	Amo mais agora @realwbonner gente como a gente ❤️❤️❤️❤️ #FicaADica https://t.co/QvLMmO29Rq
21/12/2017 21:26	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:29	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:30	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 21:32	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:32	@jornalnacional #ficaadica !!!!
21/12/2017 21:32	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:33	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:33	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:34	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:34	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:35	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 21:35	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:36	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:37	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:37	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:38	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:40	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 21:48	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:50	#ficaadica @realwbonner meu deus como ñ vi essa cena
21/12/2017 21:50	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:50	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:52	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC

21/12/2017 21:52	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:54	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:56	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:57	Eu vivi pra ver o Tio Bonner falando: #ficaadica @realwbonner
21/12/2017 21:58	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:58	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 21:59	#ficaadica #SdvGostoDeQuem #SextaDeTraumaSDV Oi meninas no tutorial de hoje o tio @realwbonner vai ensinar vc como tirar fotos e gravar videos do jeito ideal pra TV turu bom? https://t.co/FOu3RFMSLV
21/12/2017 22:01	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 22:05	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 22:06	@realwbonner Bonner ensinando como filmar com o celular.. Fechou 2017 partiu 2018 . #JN #ficaadica https://t.co/dt24hIHMrS
21/12/2017 22:06	#ficaadica do @realwbonner aí galera
21/12/2017 22:09	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 22:10	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 22:10	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 22:11	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 22:11	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 22:19	#FicaADica Bonner (@RealWBonner) faz tutorial no "JN" e ensina público a filmar com celular https://t.co/1AA0nxQCOF
21/12/2017 22:20	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 22:20	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 22:21	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 22:22	@jornalnacional #FicaADica #NãoAoTerrorismoIslâmico #NãoAoÓdioContraOsJudeus #NãoAoAntissemitismo #SimAIrael https://t.co/AHdFnSTi7w
21/12/2017 22:23	até que enfim alguém pra dar esta dica em rede nacional. quem trabalha com geração de conteúdo sofre quando recebe vídeos com filmagens na vertical. valeu @realwbonner #ficaadica
21/12/2017 22:24	RT @Lucasxp64: #FicaAdica @jornalnacional Juntos podemos acabar com videos verticais. https://t.co/P8KFRDuhxf
21/12/2017 22:24	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 22:28	#ficaadica do @realwbonner https://t.co/3u8KSgl7Mb

21/12/2017 22:29	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 22:32	se tem um povo doido por memes e zuieras, esse povo é do twitter, #ficaadica tio @realwbonner já fez deliberadamente pensado aqui né?... vai malandro
21/12/2017 22:33	Minha última dica de 2017. Dica de @realwbonner @jornalnacional #ficaadica https://t.co/StXy8dfD9P
21/12/2017 22:34	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 22:34	@jornalnacional #ficaadica
21/12/2017 22:39	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 22:39	Posso? Apenas uma #selfie @realwbonner #ficaadica https://t.co/DwVi4ussH2
21/12/2017 22:42	Já pode fechar 2017 e despachar!!! Titio Bonner (@realwbonner) lacrou com lacre de ouro (e biquinho)! #FicaADica https://t.co/iMfHGzJD98
21/12/2017 22:43	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 22:45	RT @thiagocipriano: Tutorial para gravação de vídeos no celular com @realwbonner. #ficaadica https://t.co/raVYDmXOvC
21/12/2017 22:45	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:45	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:45	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:46	RT @LineDaidouji: Já pode fechar 2017 e despachar!!! Titio Bonner (@realwbonner) lacrou com lacre de ouro (e biquinho)! #FicaADica https://t.co/raVYDmXOvC ...
21/12/2017 22:47	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:47	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:47	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:47	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:48	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:48	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:49	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:49	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:50	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:50	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:51	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m
21/12/2017 22:52	@jornalnacional Todo pimpão! #ficaadica

21/12/2017 22:52	RT @eujoseantonio: Se o tio @realwbonner falou... ta falado! #JN #ficaadica https://t.co/RWK34cw4aC
21/12/2017 22:53	RT @jornalnacional: Já anotou a dica do Bonner? 😊 Envie seu vídeo para o #JN: https://t.co/hb0LavNMpJ #ficaadica https://t.co/WR91vdRU7m

ANEXO B – Tweets sobre a reconfiguração da Campanha “O Brasil Que Eu Quero”

23/01/2018 20:30	Boa noite! O #JN está no ar! https://t.co/ibRxxzfCdL0
23/01/2018 21:11	lá vem o tutorial diário #JN
23/01/2018 21:11	OS VÍDEOS #JN
23/01/2018 21:12	Mas já tão pegando os vídeos mandados #JN
23/01/2018 21:12	#ficadica... #jn
23/01/2018 21:12	O povo não aprendeu hahshahsjaj #jn
23/01/2018 21:12	O cara gravou um vídeo no lixão. Meu Deus #JN
23/01/2018 21:12	MORRENDO #JN
23/01/2018 21:12	Socorro que mico esses vídeos do Brasil que queremos #JN
23/01/2018 21:12	BONNER EU TE AMO #JN
23/01/2018 21:12	Maria Vania e Maria Vilma #JN
23/01/2018 21:12	Tô com o Leifert O Brasil que eu quero é um Brasil que me deixe gravar com o celular na vertical Não fode, Globo #JN #Bandnewsfm #JG #EleiçãoSemLulaÉFraude #G1
23/01/2018 21:13	O cara da minha city filmou logo em um terreno cheio de lixo ☹️#JN
23/01/2018 21:13	#jn GENTE....MANDA ESSA “P” NA VERTICAL
23/01/2018 21:13	Enfim os primeiros vídeos... #JN
23/01/2018 21:13	N Ã O A G U E N T O M A I S esses tutoriais de vídeo #JornalNacional #JN
23/01/2018 21:13	Esse vídeo JÁ SABEMOS QUE É NA HORIZONTAL AAAAHHHHHH #JN
23/01/2018 21:13	Socorro com esses vídeos #JN
23/01/2018 21:13	Morto com o ícone de Minas #JN
23/01/2018 21:13	Aê José Julio, representou. #JN
23/01/2018 21:13	"asfalto colado de cuspe" #jn
23/01/2018 21:13	ASFALTO COLADO DE CUSPE AHAHAHAHAHA #JN
23/01/2018 21:13	Asfalto colado de cuspe HAHHAHAHAHAHAHAHAHAHA #JN
23/01/2018 21:13	Esses vídeos do brasil que eu quero chovendo no molhado #JN

23/01/2018 21:13	flores da cunha no @jornalnacional, quem viu?! hhaha q show
23/01/2018 21:13	"Asfalto colado de cuspe" kkkkkkkkkk #JN
23/01/2018 21:13	asfalto colado de cuspe kkkkkkkkkk #jn
23/01/2018 21:13	RT @PoxaRich: Maria Vania e Maria Vilma #JN
23/01/2018 21:13	Morrendo com os vídeos #jn
23/01/2018 21:13	ASFALTO COLADO DE CUSPE Isso vai virar meme #JN
23/01/2018 21:13	ASFALTO COLADO DE CUSPE #JN
23/01/2018 21:13	Ameeeeiii asfalto colado de cuspe. #JN
23/01/2018 21:13	UFA NÃO VÃO REPETIR O RECADO. #JN
23/01/2018 21:13	ASFALTO COLADO DE CUSPE HAHAHAHAAAA #JN
23/01/2018 21:13	Hahaha. Asfalto colado de cuspe. Adoreiiii! #JN
23/01/2018 21:13	O mineirinho mandou bem no vídeo. ..rsrsrs #JN
23/01/2018 21:13	#JN asfalto colado de cuspe! 😄😄😄😄
23/01/2018 21:13	@jornalnacional ensinando a galera a fazer vídeos na horizontal... Aleluia, rs... #Verticalvideo 📺 https://t.co/IKQspyuozH
23/01/2018 21:13	Coisa mais podre essa palhaçada do #JN querendo fazer a linha de telejornal regional pra abafar o que REALMENTE importa
23/01/2018 21:13	#jn adorei que a globo não manipulou os vídeos
23/01/2018 21:13	A lá... a @RedeGlobo voltou atrás. Kkkk mudou a campanha.... Valeu, povo brasileiro.... Toma, @jornalnacional Kkkkkkk uhuuuu tem esperança
23/01/2018 21:13	José Julio é representatividade! 🇧🇷 #JN
23/01/2018 21:13	O povo falando que era pra gravar num ponto turístico da cidade, o cara foi lá e gravou no lixão HAHAHAAAA #JN
23/01/2018 21:13	Achei justo a @RedeGlobo mostrar vídeos do povo reclamar 🗣️🗣️ #JN #brasilqueeuquero
23/01/2018 21:13	Cara de Minas Novas, perto de Capelinha #JN
23/01/2018 21:13	Berro BR a cara do @realwbonner agora no @jornalnacional foi a Melhor. 😄😄😄😄😄😄
23/01/2018 21:13	O tio mandou logo um LIXÃO DE SÃO JOÃO DE MERITI pro #JN a minha Baixada Fluminense nunca decepciona
23/01/2018 21:14	ASFALTO COLADO DE CUSPE! Sensacional esse depoimento em pleno #JN
23/01/2018 21:14	RT @limaalef: Mas já tão pegando os vídeos mandados #JN
23/01/2018 21:14	@RickSouza Eu simplesmente adorei! Porra de ninguém ficar escolhendo ponto turístico, tem que mandar o que tá errado! Afinal, queremos que mude!

	#BrasilQueEuQuero #JN #JornalNacional #VideoNaHorizontal @jornalnacional @RedeGlobo
23/01/2018 21:14	Boa @jornalnacional ! Mostrou realmente o Brasil.
23/01/2018 21:14	RT @nalumarques: Hahaha. Asfalto colado de cuspe. Adoreiiii! #JN
23/01/2018 21:14	Que vergonha desses videos do Jornal Nacional. Foram só respostas clichês. Não podemos esperar nada mesmo do Brasil. #jn
23/01/2018 21:14	Adorei os vídeos sinceros do "Brasil Que Eu Quero" hahah #JN
23/01/2018 21:14	Asfalto de cuspe kkkkk #jn
23/01/2018 21:14	Esse último foi o melhor #jn
23/01/2018 21:14	@jornalnacional Este é o Brasil que queremos https://t.co/S553jZiC31
23/01/2018 21:14	EU NÃO AGUENTO MAIS ESSAS ORIENTAÇÕES DE VÍDEO PRO “Brasil que eu quero” #JN https://t.co/ynB5GVh0Ko
23/01/2018 21:14	Oia as cangaceiras de frente a igreja de nossa senhora da Conceição em Caruaru! Será que são bacamarteiras? #JornalNacional #JN
23/01/2018 21:14	Adorei o video do rapaz que disse "não quero um asfalto colado de guspe" #JN
23/01/2018 21:14	Eu simplesmente adorei! Porra de ninguém ficar escolhendo ponto turístico, tem que mandar o que tá errado! Afinal, queremos que mude! #BrasilQueEuQuero #JN #JornalNacional #VideoNaHorizontal @jornalnacional @RedeGlobo
23/01/2018 21:14	RT @bielvaquer: ASFALTO COLADO DE CUSPE Isso vai virar meme #JN
23/01/2018 21:14	Brasil que eu quero é que fique longe de ser governado pelo PT! Já tá bom demais... #LulaNuncaMais #Jn #TerçaDeTremuraSdv
23/01/2018 21:14	Que preguiça desse povo pedindo coisas óbvias e não dando dicas de como isso pode ser feito. "Eu quero educação, saúde, segurança..." AAFFFF!!! E quem não quer??? #JN
23/01/2018 21:14	Já sou fã do zé julio com esse asfalto 'colado no cuspe' #JN
23/01/2018 21:14	Jurava que @jornalnacional iria mostrar so os videos dos lugares bonitos, to muito feliz por terem mostrado a realidade tambem, Minas Novas fez seu papel !
23/01/2018 21:14	Amei, esse asfalto colado de cuspi, kkkk #BrasilQueEuQuero #JN #JornalNacional
23/01/2018 21:14	aaa mto chato esse ~tutorial ~ de como gravar vídeos pra globo, mas que legal ver a galere mandando o recado :) #JN
23/01/2018 21:14	Uma selfie? Não é vídeo, Bonner? #JN https://t.co/tMswOy1njJ
23/01/2018 21:14	A galera tá zangada nesses vídeos do #BrasilQueEuQuero. Mostrem mesmo a realidade do lá cidade de vocês. E torçamos pra @RedeGlobo tenha culhao pra mostrar. #JN
23/01/2018 21:14	E ai gente, o #JN tá divulgando os vídeos com cenários caóticos também no quadro #OBrasilQueeuQuero... E agora? Qual a próxima intriga?
23/01/2018 21:15	Tô adorando ver que a Globo aceitando os vídeos das pessoas mostrando os problemas. #JN
23/01/2018 21:15	Asfalto colado de cuspe kkkkkkkkkkkkkkkkk #jn
23/01/2018 21:15	Asfalto colado de cuspe #jn

23/01/2018 21:15	@RedeGlobo genial, os haters criticando os vídeos e o @realwbonner fala que tá valendo o lixão. Pronto é sucesso, tudo é interpretação. Adorei #JN. Farei o meu amanhã.
23/01/2018 21:15	"Asfalto colado de cuspe" - cumpádi mostrando as estradas de MG. Amei! #jn #rindoaté2025
23/01/2018 21:15	RT @limaalef: ASFALTO COLADO DE CUSPE #JN
23/01/2018 21:15	Gente vai lá na frente do congresso e faz um vídeo falando fora políticos de merda e manda para o #jN
23/01/2018 21:15	RT @comentv: Uma selfie? Não é vídeo, Bonner? #JN https://t.co/tMswOy1njJ
23/01/2018 21:15	□□□□ amei!!! o "asfalto colado de cuspe" pq o dinheiro foi pra propina e não pro asfalto #JN
23/01/2018 21:15	É sim @realwbonner , não adianta tentar fazer pressão. Vamos mandar vídeos da vida real, do Brasil aos pedaços, da imundície na qual estamos vivendo. O mundo no qual a massa trabalhadora vive não é o Leblon! #JN
23/01/2018 21:15	Para quem achava que o #jn só mostraria belezas se enganou
23/01/2018 21:16	#jn continua fazendo a cabeça dos midiotas https://t.co/Qdd7u3gARg
23/01/2018 21:16	@jornalnacional aceitou os vídeos de protesto, com lugares nada bonitos? Ainda bem! Vamos protestar, Brasil! #OBrasilQueEuQuero #OBrasilQueNaoQuero
23/01/2018 21:16	Asfalto colado de cuspi kkkkkkkk #JN
23/01/2018 21:16	RT @carlospatrick_m: Enfim os primeiros vídeos... #JN
23/01/2018 21:16	Eita, e num é que #WilliamBonner mostrou vídeos do "Brasil que eu quero" cheios de crítica ao país?!! #JornalNacional #JN
23/01/2018 21:16	#JN amei vcs mostrarem o #BrasilQueEuNãoQuero . Parabéns
23/01/2018 21:17	Vi - com os exemplos mostrados pelo @jornalnacional - que a ideia do projeto:Que Brasil você quer para o Futuro? é abastecer o banco de memes da @RedeGlobo Tá bom isso não. Acreditava ser uma parada mais séria.
23/01/2018 21:17	Me representa o Zé Júlio de Minas Novas... chega de "asfalto colado com cuspe" nesse país. #vergonha #politicosaonosrepresentam @jornalnacional
23/01/2018 21:17	Saquei a jogada dessa campanha do #JN #JornalNacional "O BR que eu quero". Cidades ou estados governados por políticos de partidos que ela não quer, vão mostrar o pessoal falando de estradas estragadas, lixo, esgoto e por aí vai. As de partidos que a globo quer, só beleza.
23/01/2018 21:17	@jornalnacional Os vídeos enviados pelos telespectadores estão sendo exibidos. Mesmo aqueles produzidos tendo um lixão clandestino ao fundo, contrariando a recomendação de usar um lugar bonito. Sinal de que não está havendo censura. Mas parece que não é o suficiente. Muitos haters.
23/01/2018 21:18	@RedeGlobo #quepaisqueeuquero mostrou agora no @jornalnacional com @realwbonner que realmente as pessoas entenderam bem o recado: estão falando a verdade, realidade do Brasil. Investir onde precisa e fazer direito.
23/01/2018 21:18	Pediram vídeos do Brasil bonito, Mas só chegou o Brasil merda O Brasil do Temer. #JN foi obrigado a mostrar O projeto da Globo indo pro ralo #Bandnewsfm #JG #EleiçãoSemLulaÉFraude #G1
23/01/2018 21:19	RT @erreoliveira: "asfalto colado de cuspe" #jn
23/01/2018 21:19	Erroooooooooo Bonner #jn

23/01/2018 21:20	Aqui em Porto Nacional -TO tbem tem asfalto colado com cuspe! Kkkkkk eu tô gritoooooooooooo! Kkkkk #OBrasilQueNosQueremos #JN #JornalNacional
23/01/2018 21:20	@jornalnacional Legal vcs terem mostrados os vídeos do Brasil que não queremos! É a reação povo. É mais ainda a aproximação não só com a notícia do povo, mas sim com o sentimento do telespectador!
23/01/2018 21:20	RT @bielvaquer: ASFALTO COLADO DE CUSPE Isso vai virar meme #JN
23/01/2018 21:21	@jornalnacional https://t.co/E8asw6a4Sd Aí está um video que os srs pediram...De como é o Brasil que queremos...
23/01/2018 21:21	RT @jornalnacional: Grave um vídeo pelo celular dizendo que Brasil você quer para o futuro. Na tela da Globo, você vai ter a oportunidade d...
23/01/2018 21:21	Agora no @jornalnacional Zé Júlio de Minas Novas pra presidente, chega de asfalto colado com Guapé!
23/01/2018 21:22	De onde é mesmo a cidade c asfalto colado de cuspi? De MG. Quem é o governador de Minas? F. Pimentel do PT. De onde é a cidade que tinha lixo? Do RJ. Quem é o governador. Pezão. Ambos a globo quer inviabilizar. Sem lembrar q algumas estradas são municipais. #JN #JornalNacional
23/01/2018 21:24	@Fabrício15708111 @jornalnacional Cada um bate a foto ou filma onde quiser e fala o que quer melhorar. Ñ vejo manipulação, cada um sabe onde lhe aperta o calo, é só filmar e abrir o verbo!!!
23/01/2018 21:25	@xandy_e @jornalnacional Realmente, não precisou dos 15 segundos, mas e o filme?
23/01/2018 21:30	é todo dia essa palhaçada do #JN ensinando a filmar com o celular deitado. Logo em 2017, a geração das nudes.
23/01/2018 21:31	@magnusdtre @jornalnacional Grave onde quiser, a emissora só dá sugestão, agora cada um filma onde melhor lhe aprouver
23/01/2018 21:38	RT @RickSouza: O cara gravou um vídeo no lixão. Meu Deus #JN
23/01/2018 21:41	RT @nalumarques: Hahaha. Asfalto colado de cuspe. Adoreiiii! #JN
23/01/2018 21:43	RT @rapho_: é todo dia essa palhaçada do #JN ensinando a filmar com o celular deitado. Logo em 2017, a geração das nudes.
23/01/2018 22:22	Grave um vídeo pelo celular dizendo que Brasil você quer para o futuro. #JN separou alguns exemplos que chegaram para mostrar que não tem mistério nenhum; saiba como enviar o seu: https://t.co/4MuZhZ7Z4U #JN https://t.co/cur8UuY2Z4
23/01/2018 22:22	RT @jornalnacional: Grave um vídeo pelo celular dizendo que Brasil você quer para o futuro. #JN separou alguns exemplos que chegaram para m...
23/01/2018 22:24	@jornalnacional Os melhores vídeos foram os que mostram realmente a realidade do Brasil!!! Estradas com buracos, hospitais lotados, lugares abandonados..
23/01/2018 22:24	@jornalnacional eita quanta besteira, está faltando notícia.
23/01/2018 22:26	@jornalnacional Queremos um país justo e digno, sem manipulação de mídia e políticos, corruptos. https://t.co/57XJzVEo80
23/01/2018 22:30	@jornalnacional Realidade 0 affffff
23/01/2018 22:34	@jornalnacional Queremos um país sem a Rede Globo. Assim, seremos felizes de verdade.
23/01/2018 22:37	RT @cadrix5: "Que Brasil Vc quer Para o Futuro?" #JN https://t.co/OanVluj3IU
23/01/2018 22:42	@jornalnacional Um Brasil sem corruptos e sem a mídia manipuladora
23/01/2018 23:32	RT @Luisbrinques: @CJuniorAF @jornalnacional @RedeGlobo @jairbolsonaro É melhor Jair se acostumando.

ANEXO C – Tweets sobre a cobertura do desfile da escola Paraíso do Tuiuti

12/02/2018 20:30	RT @jornalnacional: Boa noite! O #JN está no ar! https://t.co/AWf7F1XIY7
12/02/2018 20:32	@jornalnacional A omissão ou subserviência dos apresentadores da globo propineira em não falar do vampiro retratando claramente o golpista temer e dos patos, foi relevante para ratificar a importância do enredo da tuiuti sobre escravidão moderna. https://t.co/Ns3XXTaBYf
12/02/2018 20:34	@jornalnacional Mostra as mãos manipuladoras!
12/02/2018 20:35	Será que a @Tuiutioficial tá assistindo @jornalnacional hj? Para eles o "RJ continua lindo"....
12/02/2018 20:37	@jornalnacional Vai falar do desfile do VAMPIRO e Do golpe?!
12/02/2018 20:56	@jornalnacional Unido do Tuiuti melhor escola calou o Brasil
12/02/2018 20:58	@jornalnacional Que chato hoje nos melhores momentos da Unido da Tuiuti simplesmente não tinha comentários dos apresentadores que ridículo
12/02/2018 21:00	@jornalnacional Unidos da Tuiuti melhor escola calou a todos diante da verdade que orgulho dessa escola representou o Brasil com a mais pura verdade
12/02/2018 21:03	@jornalnacional Mostra aí o desfile da Tuiuti
12/02/2018 21:05	@jornalnacional O Brasil está com a Unidos da Tuiuti um desfile lindo que independente do resultado já é a campeã pois para sempre aquele desfile vai ficar a coragem de uma escola que emocionou a todos uma pena nos melhores momentos os comentários dos apresentadores foram banidos
12/02/2018 21:06	RT @Veronic56217215: @jornalnacional O Brasil está com a Unidos da Tuiuti um desfile lindo que independente do resultado já é a campeã pois...
12/02/2018 21:06	TUIUTI NO @jornalnacional
12/02/2018 21:07	RT @Veronic56217215: @jornalnacional O Brasil está com a Unidos da Tuiuti um desfile lindo que independente do resultado já é a campeã pois...
12/02/2018 21:07	Globo não viu Temer de vampiro, patos da Fiesp, coxinhas fantoches , paneleiros e gritos de Fora Temer. Uma vergonha !Será que os jurados vão abaixar também as calças? Dá-lhe Tuiuti! (Trajano) @JornalOGlobo @RedeGlobo @jornalhoje @jornalnacional @JornalDaGlobo @showdavid
12/02/2018 21:12	@jornalnacional Imorais, vocês esconderam o desfile da Tuiuti porque não atendia aos interesses da Globo Lixo. Não adiantou, pois bombou nas redes sociais livres.
12/02/2018 21:16	@jornalnacional Poxa! Nem mostraram os "MANIFESTOCHES", uma ala ótima! A mãozinha lá era a @RedeGlobo! Só faltou colocar o logotipo da rede bobo nas mãos, kkk!
12/02/2018 21:17	Que coisa hein. A escola de samba que criticou o governo teve menos tempo no @jornalnacional. Pq será né? Ah, era pra mostrar as outras, né?
12/02/2018 21:17	O @jornalnacional gastou 5 segundos pra falar da parte da Tuiuti da escravidão já que ninguém liga mesmo e praticamente usou o cara das vinheta do ministério da saúde pra falar da crítica do golpe kkkkkk lixo
12/02/2018 21:17	RT @amarmesquita: @jornalnacional Imorais, vocês esconderam o desfile da Tuiuti porque não atendia aos interesses da Globo Lixo. Não adiant...
12/02/2018 21:17	@jornalnacional Cadê reportagem sobre a Tuiuti? Horrível cobertura da Escola.
12/02/2018 21:18	@jornalnacional @RedeGlobo pois é, não há como dizer que não foi! https://t.co/tgnYuWqBdX
12/02/2018 21:18	@jornalnacional Cena política deixada de lado na cobertura do carnaval. Tu é golpista e o mundo sabe disso!
12/02/2018 21:18	@RedeGlobo dedicou 1 minuto e meio para a vila isabel de paulo Barros na sua reportagem agora pelo @jornalnacional Sabe quanto tempo para a @Tuiutioficial ? TRINTA SEGUNDOS. Isso mesmo.. ridículo Imagina se não existisse internet.. #Tuiuti

12/02/2018 21:19	Para não repetir os vexames da transmissão e do resumo, @jornalnacional descreveu as críticas da @Tuiutioficial, mas é claro que deu muito menos tempo à Escola de São Cristóvão do que para as demais.
12/02/2018 21:19	@jornalnacional falando dos protestos da Paraíso da Tuiuti contra TEMER, paneleiros imbecis e contra o golpe: ESTEMEDICAMENTOÉCONTRAINDICADOEMCASODESUSPEITADEDENGUE
12/02/2018 21:19	RT @dreuardolopes: @jornalnacional Vai falar do desfile do VAMPIRO e Do golpe?!
12/02/2018 21:19	Pessoas ESCRAVIZADAS. Não escravos, @helterduarte @jornalnacional #JornalNacional #JN
12/02/2018 21:19	RT @lerparaentender: @jornalnacional Cadê reportagem sobre a Tuiuti? Horrível cobertura da Escola.
12/02/2018 21:19	RT @projetosamba121: @jornalnacional https://t.co/x6fnkHLTOj
12/02/2018 21:19	@jornalnacional esqueceu da critica da @paraisodotuiuti. Sobre o @MichelTemer e os @coxinhas
12/02/2018 21:19	@jornalnacional como foi pequeno a reportagem da Tuiuti, vdd vocês mostram o que querem, reportagem pequena de algo grande, fora corruptos e corruptores.
12/02/2018 21:20	@jornalnacional Mas segundo a @Tuiutioficial o problema é a reforma trabalhista.. o temer...
12/02/2018 21:21	RT @LeandroBanaggia: @jornalnacional A omissão ou subserviência dos apresentadores da globo propineira em não falar do vampiro retratando c...
12/02/2018 21:21	@jornalnacional continuam GOLPISTAS. que vergonha. escondendo as críticas à ELITE GOLPISTA. INCLUINDO A GLOBOsta.
12/02/2018 21:21	@jornalnacional Menos de 10 segundos da Tuiuti, emissora lixo de um jornalismo vendido, apoiou a ditadura o golpe agora omissão do grito popular. Lixos!!
12/02/2018 21:22	Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vila Isabel (1:30) e Tuiuti (37 segundos) para o enredo político com fantoches da mídia, patos da Fiesp e presidente vampiro).
12/02/2018 21:22	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:23	O @jornalnacional sendo JN, não mostrou o desfile da #Tuiuti depois se diz um jornal isento imparcial. Na verdade sabe q os patos q foram mostrados na avenida foram todos adestrados no horário nobre.
12/02/2018 21:23	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:23	Quem ai viu que o @jornalnacional mostrou 5 segundos da escola de samba que foi ao topo do Twitter por criticar o governo do Brasil? Que feio em @RedeGlobo
12/02/2018 21:23	@jornalnacional desfile de SP resumido em 30 segundos, já o do RJ quase deixam de lado os outros assuntos pra mostrarem TUDO EM DETALHES!!! Puxem menos o saco!!!!
12/02/2018 21:23	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:23	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:24	@eduguim A @RedeGlobo no @jornalnacional falou sobre a @Tuiutioficial na marra! Na verdade eles não queriam dizer nada, como vergonhosamente foi no #VideoShowAoVivo!
12/02/2018 21:24	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:24	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:24	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:24	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:24	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...

12/02/2018 21:25	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:25	#tuiuicampea2018 com #Globeza e tudo!!! Vergonhoso o @jornalnacional
12/02/2018 21:25	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:25	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:25	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:25	RT @Marciolopeste: O @jornalnacional sendo JN, não mostrou o desfile da #Tuiuti depois se diz um jornal isento imparcial. Na verdade sabe q...
12/02/2018 21:26	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:26	#TuiutiCampea @jornalnacional SEM VERGONHA! A única imagem q mostrou da Tuiuti foi do Vampirão Temer, p/uns míseros segundos no 2o. bloco. A @RedeGlobo não respeita NADA, NINGUÉM!! Se acham os donos da verdade, mesmo qd milhões de pessoas no BR e no Mundo vê q são 1 engodo!!
12/02/2018 21:27	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:27	@demori @fefito @jornalnacional Qnd eles querem abafar, é isso. Ou qnd querem tocar fogo na opinião pública e fazem longas coberturas sobre Lula.
12/02/2018 21:27	@jornalnacional Onde estão os patos manipulados pela Globo?
12/02/2018 21:27	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:27	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:27	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:27	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:28	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:28	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:28	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:28	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:28	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:28	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:28	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:28	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:28	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:29	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:29	RT @lerparaentender: @jornalnacional Cadê reportagem sobre a Tuiuti? Horrível cobertura da Escola.
12/02/2018 21:29	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:30	RT @dreduardolopes: @jornalnacional Vai falar do desfile do VAMPIRO e Do golpe?!
12/02/2018 21:30	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:30	RT @LeandroBanaggia: @jornalnacional A omissão ou subserviência dos apresentadores da globo propineira em não falar do vampiro retratando c...

12/02/2018 21:30	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:30	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:30	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:31	RT @Marciolopeste: O @jornalnacional sendo JN, não mostrou o desfile da #Tuiuti depois se diz um jornal isento imparcial. Na verdade sabe q...
12/02/2018 21:31	@BadkeAlexandre @jornalnacional DESFILE DA @Tuiutioficial e avião do @LucianoHuck não serão notícia nesse lixo de emissora
12/02/2018 21:31	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:32	@NanciPerri @jornalnacional levou uma propininha da maleta? , defendendo bandido?
12/02/2018 21:32	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:32	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:32	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:33	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:33	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:33	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:33	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:33	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:33	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:33	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:33	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:33	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:34	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:34	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:34	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:34	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:35	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:35	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:35	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:35	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...

12/02/2018 21:45	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:46	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:47	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:47	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:48	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:48	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:48	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:48	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:49	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:49	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:50	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:50	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:50	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:51	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:51	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:51	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:51	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:52	@demori @jornalnacional Achei estranho que ainda falaram os temas/as críticas. Ano passado a Xuxa foi principal de uma escola e eles nem aí
12/02/2018 21:53	RT @jornalnacional: No Rio, garis já recolheram quase 400t de lixo, 30% a mais que em 2017. Muitos foliões estão deixando a educação em cas...
12/02/2018 21:53	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:53	#VamosCombinar A @RedeGlobo boicota a Tuiuti veja o tempo dos VTs do @jornalnacional sobre o desfile de domingo: Fonte DATAJAND @jandira_feghali https://t.co/ktN2U07qmo
12/02/2018 21:53	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:54	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:54	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:55	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:56	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:56	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:58	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 21:59	@jornalnacional Por que não passou as marionetes da Fiesp na edição, censura?

12/02/2018 22:00	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:00	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:00	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:00	RT @acazzo: #TuiutiCampea @jornalnacional SEM VERGONHA! A única imagem q mostrou da Tuiuti foi do Vampirão Temer, p/uns míseros segundos...
12/02/2018 22:00	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:00	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:00	@demori @jornalnacional Chamada de passagem de bloco foi sobre os protestos com a imagem de Temer vampiro e o título PROTESTODROMO.
12/02/2018 22:01	@jornalnacional #TuiutiCampea2018
12/02/2018 22:01	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:02	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:02	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:03	RT @acazzo: #TuiutiCampea @jornalnacional SEM VERGONHA! A única imagem q mostrou da Tuiuti foi do Vampirão Temer, p/uns míseros segundos...
12/02/2018 22:03	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:04	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:04	Segundo o @jornalnacional o samba enredo da Tuiuti foi sobre as comemorações do aniversário de São Paulo. #DiretasJa #presidenteVampiro #enredosobreAbolição #manipulaçãoAgenteVêPorAqui #muitoAlémDoCidadãoKane
12/02/2018 22:04	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:06	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:06	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:07	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:08	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:11	RT @jornalnacional: No primeiro dia de desfiles no Rio, escolas mostram inovação. Além da inovação, teve também crítica social, protestos p...
12/02/2018 22:11	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:11	RT @jornalnacional: No primeiro dia de desfiles no Rio, escolas mostram inovação. Além da inovação, teve também crítica social, protestos p...
12/02/2018 22:12	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:13	@jornalnacional #TuitiNota10
12/02/2018 22:13	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:15	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:19	@Tuitioficial A @RedeGlobo não gostou do desfile, passou ao vivo porque foi obrigada, mas hj no @jornalnacional passou todas escolas mas não passou o @Tuitioficial mais uma vez sendo imparcial manipuladora, omitindo a verdade. Não adianta fazer beicinho q @Tuitioficial faz d novo.

12/02/2018 22:21	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:22	@jornalnacional #TuiutiCampea
12/02/2018 22:24	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:25	@jornalnacional Aposto como a de Tuiuti vai ganhar o estandarte de ouro do politicamente correto!
12/02/2018 22:27	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:28	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:29	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:29	que vergonha, @jornalnacional... jornalismo de merda... https://t.co/soq6ZixRkN
12/02/2018 22:29	@demori @jornalnacional No resumo dos desfiles que passou à tarde, a da Tuiuti foi transmitida sem comentários e pela metade do tempo das demais.
12/02/2018 22:29	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:30	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:30	@demori @igornatusch @jornalnacional Tá engraçado, tá escancarado.
12/02/2018 22:30	RT @DarioAlok: que vergonha, @jornalnacional... jornalismo de merda... https://t.co/soq6ZixRkN
12/02/2018 22:31	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:31	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:31	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
12/02/2018 22:31	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...

ANEXO D – Tweets sobre a nova reportagem do desfile da Escola Paraíso do Tuiuti

13/02/2018 20:30	"@jornalnacional: Boa noite! O #JN está no ar! https://t.co/h0EVmZZq8x " bora assistir agora
13/02/2018 20:44	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
13/02/2018 20:59	Observando Rede Globo Golpista, notamos que toda sua programação está tentando desviar o foco do Grêmio Recreativo Escola de Samba Paraíso do Tuiuti... O Brasil (Consciente) sabe o que está acontecendo, basta olhar os passos TEMER/MÍDIA... @jornalnacional https://t.co/7i2HrPEu7J https://t.co/siY8UcCMJz
13/02/2018 21:13	@jornalnacional PT. Paraíso do Tuiuti é a preferida dos internautas.
13/02/2018 21:19	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
13/02/2018 21:20	Globo se retratando após as diversas manifestações nas avenidas da folia... #JornalNacional
13/02/2018 21:20	RT @PedroSilvajor: Globo se retratando após as diversas manifestações nas avenidas da folia... #JornalNacional
13/02/2018 21:21	HAHAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das redes. Tua hora tá chegando, @RedeGlobo!
13/02/2018 21:21	A força da internet fez o JN mostrar com mais detalhes o desfile da #paraisodatuiuti #JornalNacional
13/02/2018 21:21	Pronto, pra quem queria a @RedeGlobo falando do desfile da Paraíso da Tuiuti, tá aí. Jornal Nacional!! #JornalNacional
13/02/2018 21:21	@jornalnacional . E ainda dizem que o JN se esquivou da #Tuiuti.
13/02/2018 21:21	@MichelTemer Passou agora no @jornalnacional Temer foi muito vaiado na Sapucaí... Todo mundo sabe que o Brasil ta muito Ruim no "Governo" Temer...
13/02/2018 21:21	RT @edugoldenberg: HAHAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:21	"Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 21:22	RT @edugoldenberg: HAHAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:22	RT @PatoCorporation: O que a Rede Globo e o @jornalnacional vão esconder mais na apuração do Carnaval do Rio de Janeiro?
13/02/2018 21:22	#Globo se retratando dando ênfase ao Desfile da Paraíso da Tuiuti no #JornalNacional #Carnaval2018
13/02/2018 21:22	Mentira q o JN tá fazendo um "especial" das criticas politicas q rolaram nos desfiles na sapucaí... haha morta #jornalnacional
13/02/2018 21:22	Olha a #Globo fazendo os comentários do desfile da Tuiuti #JN #JornalNacional
13/02/2018 21:22	Olha o #JN falando das manifestações das escolas de samba fingindo q apoia o lado certo! Vc ta bem miga @jornalnacional ? https://t.co/DdXzbBIUPR
13/02/2018 21:22	Globo deixando claro os protestos em detalhes... #Apuração #Globeleza parabéns @jornalnacional
13/02/2018 21:22	Os desfiles com protestos políticos ❤️❤️ #JN #JornalNacional
13/02/2018 21:23	RT @edugoldenberg: HAHAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...

13/02/2018 21:23	AAAAAAAAAAAAA o jornal nacional falando dos manifestos das escolas de samba. #JN #JornalNacional
13/02/2018 21:23	Me engana que gosto.#JornalNacional
13/02/2018 21:23	Enfim #JornalNacional falou sobre o desfile da #ParaisodoTuiuti
13/02/2018 21:23	RT @edugoldenberg: HAHAHAAAAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:23	Hahaha olha essa @RedeGlobo @jornalnacional fingindo se redimir por não ter mostrado a escola Tuiuti ontem...acho q ficou mais feio ainda em lindos af
13/02/2018 21:23	Os desfiles com protestos políticos ❤️❤️ #JN #JornalNacional https://t.co/Vrimv9E3Ls
13/02/2018 21:23	RT @edugoldenberg: HAHAHAAAAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:23	Cadê o mimimi da esquerda que criticava a @RedeGlobo por “esconder” a Tuiuti? O @jornalnacional escancarou.
13/02/2018 21:24	Tanto a Tuiuti quanto à Beija-flor fizeram críticas sociais c/ seus enredos. PORÉM, como a Tuiuti atacou abertamente o Temer, teve menos tempo no #JornalNacional. #TuiutiCampea
13/02/2018 21:24	@jornalnacional Pronto! A Globo cumpriu o seu papel. Voltamos ao país normal.
13/02/2018 21:24	#jornalnacional me engana que eu gosto. Depois de deixar a Paraiso do Tuiuti sem comentários no video show vem com esta. Aquela mão é tua REDE GLOBO
13/02/2018 21:25	RT @edugoldenberg: HAHAHAAAAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:25	Não mesmo JN, aquelas mãos no carro da Tuiuti representavam a MÍDIA manipulando os paneleiros para ir as ruas! #JornalNacional
13/02/2018 21:25	Parabéns sociedade! Se n fosse a pressão popular ao criticar a @RedeGlobo sobre a @paraisodotuiuti n ter tido a devida cobertura no seu desfile eu n teria a oportunidade de ver no @jornalnacional c riqueza de detalhes o desfile épico dessa escola! 🙌🙌🙌🙌
13/02/2018 21:25	Ficou tão feio para a @RedeGlobo, que hoje o @jornalnacional, se aproveitando da narrativa senso comum da @BeijaFlorReal, teve que falar um pouco mais da @Tuiutioficial. Só não falou que ela faz parte dos poderosos que manipulam os Manifestoches.
13/02/2018 21:25	A mão nas fantasias da Tuiuti não é só a manipulação “pelos poderosos” mas também da MÍDIA, das matérias tendenciosas . Acho que faltou essa parte da explicação , #JornalNacional . https://t.co/UCV8uMJfK
13/02/2018 21:25	RT @edugoldenberg: HAHAHAAAAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:25	Acho que essa matéria do Jornal Nacional cala a boca dos chatos que estavam culpando a Globo por omissão durante os protestos nos desfiles na Sapucaí. #Satisfeito #JornalNacional #globeleza
13/02/2018 21:25	RT @edugoldenberg: HAHAHAAAAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:26	RT @edugoldenberg: HAHAHAAAAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:26	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
13/02/2018 21:26	RT @nilson_20141: Me engana que gosto.#JornalNacional
13/02/2018 21:26	RT @edugoldenberg: HAHAHAAAAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...

13/02/2018 21:26	na terça-feira de Carnaval o @jornalnacional fez um mea-culpa. num longo VT mostrou que o Carnaval foi de protestos contra os políticos. Globo sendo Globo. após repercussão negativa, quando a emissora suprimiu informações no desfile do Tuiuti, ele tenta pagar de transparente. https://t.co/Jm5tUICEvS
13/02/2018 21:26	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:26	@RedeGlobo baixou a cabeça no #JornalNacional? Quer tampar o sol com peneira? Foi muito bom ver... mas veio tarde demais!
13/02/2018 21:27	A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não fugiu ao fenômeno. Apenas misturou informação e editorial no mesmo conteúdo.
13/02/2018 21:27	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:28	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:28	Agora a @RedeGlobo resolveu mostrar no @jornalnacional a crítica da @Tuiutioficial , não teve como fugir, né? Pior é dar uma de insentona, cria vergonha na cara viada!!!! #JornalNacional https://t.co/GdtxA6aW8f
13/02/2018 21:28	RT @PatoCorporation: O que a Rede Globo e o @jornalnacional vão esconder mais na apuração do Carnaval do Rio de Janeiro?
13/02/2018 21:28	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:28	RT @ARQUIVAO: "Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 21:28	RT @ARQUIVAO: "Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 21:28	@edugoldenberg @paisdoEmbuste @jornalnacional @Tuiutioficial @RedeGlobo agora o JN resolveu falar sobre o tema da escola tuitui sobre o golpe, depois de tanta repercussão negativa na internet.
13/02/2018 21:29	RT @ARQUIVAO: "Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 21:30	@edugoldenberg @jornalnacional @Tuiutioficial @RedeGlobo Engraçado que hj eles contextualizaram direitinho as indiretas da Tuiuti, falaram do Pato da Fiesp e tudo, quer dizer fazer jornalismo eles sabem mas so fazem quando querem, hj fizeram pra tentar recuperar um pouco da credibilidade!
13/02/2018 21:30	Até que enfim a abordagem da Globo foi interessante. #JornalNacional #EscoladeSambaTuiuti #carnaval2018 #carnavaléprotesto
13/02/2018 21:30	RT @AlocaGatta: Agora a @RedeGlobo resolveu mostrar no @jornalnacional a crítica da @Tuiutioficial , não teve como fugir, né? Pior é dar...
13/02/2018 21:30	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:30	RT @psamarco_BR: O resumo do desfile da Paraíso do Tuiuti, que a globo mostrou na tarde de ontem e à noite no #JN #JornalNacional, já entro...
13/02/2018 21:30	RT @AndersonPrazers: @RedeGlobo baixou a cabeça no #JornalNacional? Quer tampar o sol com peneira? Foi muito bom ver... mas veio tarde dema...
13/02/2018 21:31	@jornalnacional Tome vergonha JN e fale a verdade sobre tudo que está acontecendo neste país. Siga o exemplo que vem da avenida e denunciem esse governo corrupto e ladrão do dinheiro público. Chega de conivência. Não a Reforma da Previdência. https://t.co/sbjKFIwsKf
13/02/2018 21:31	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:31	@jornalnacional encerrando edição de hoje informando ao telespectador o que os narradores do desfile da Acadêmicos do Tuiuti não fizeram. A rede social ã deixa

	mais um assunto na gaveta. Os editores sabem disso e estão de parabéns ao encerrar o silêncio incômodo.
13/02/2018 21:31	Eu aqui acreditando #JornalNacional
13/02/2018 21:31	RT @edugoldenberg: HAHAAAAAAAA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:32	Se durante o desfile houve silêncio, o @jornalnacional foi muito bem hj ao juntar todas as críticas de Tuiuti, Mangueira e Beija-Flor e fazer uma matéria só, bem amarrada e explicada. Jornalismo correto é bem feito. Sim, a Globo falha muito, mas hj foi bem. https://t.co/fcQamYtF25
13/02/2018 21:32	#jornalnacional quem te conhece que te compre, Rede Globo, deixou a Tuiuti sem comentários no video show. Deu menos tempo pra escola. Golpista sem vergonha.
13/02/2018 21:32	@BlogdoNoblat Sim meu jovem, a globo se dobrou a pressão popular hoje no #JornalNacional sobre os #Manifestoches
13/02/2018 21:33	RT @ARQUIVAO: "Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 21:33	RT @ARQUIVAO: "Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 21:33	RT @olegarioleandro: A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não...
13/02/2018 21:34	RT @edugoldenberg: HAHAAAAAAAA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:34	@BlogdoNoblat Mas o JN mentiu hoje, as mãos no carro da Tuiuti representavam a MÍDIA manipulando os painéis pra irem as ruas. Mas né como reconhecer e falar isso numa reportagem! KKKKK #JornalNacional
13/02/2018 21:34	#JornalNacional é isso aí Globo, adorei a matéria, sabia que vc não ia decepcionar
13/02/2018 21:34	RT @olegarioleandro: A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não...
13/02/2018 21:34	RT @olegarioleandro: A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não...
13/02/2018 21:35	numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como manipuladora? Sentiu a pressão. Mas acabou prevalecendo a Beija-Flor, com enredo geral. Mas tenha certeza: a edição de hoje vai custar o rebaixamento da Tuiuti.
13/02/2018 21:35	RT @olegarioleandro: A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não...
13/02/2018 21:36	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 21:36	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
13/02/2018 21:36	@edugoldenberg @jornalnacional @Tuiutioficial @RedeGlobo A força do povo. Da repercussão. Não havia mais como esconder. Tava pegando muito mal.
13/02/2018 21:36	Assistiram a reportagem sobre o carnaval do protesto no @jornalnacional ? Ah, bom...
13/02/2018 21:36	@rachvarg #JornalNacional também não explicou que tem nome o ratão que aparece na frente do prédio da Petrobras. Começa com L e termina com A #
13/02/2018 21:37	#JornalNacional Desculpem a nossa falha. Voltamos ao nosso carnaval normal.
13/02/2018 21:37	O pior é o cinismo da globo colocando o #JN #jornalnacional para interpretar as mãos manipuladoras da Tuiuti como sendo de poderosos. Digamos que chega a ser meio cinismo, porque aquelas mãos são dela também. A poderosa sentiu a pressão. Davi (o povo) pode derrotar Golias.

13/02/2018 21:37	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:38	#JornalNacional Se eu gostei da #Globo se retratando com a #ParaisoDaTuiuti ? A M E I https://t.co/eeFOUyaXZh
13/02/2018 21:39	RT @ChloeMundel: #jornalnacional me engana que eu gosto. Depois de deixar a Paraiso do Tuiuti sem comentários no video show vem com esta. A...
13/02/2018 21:39	RT @olegarioleandro: A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não...
13/02/2018 21:39	RT @AlocaGatta: Agora a @RedeGlobo resolveu mostrar no @jornalnacional a crítica da @Tuiutioficial , não teve como fugir, né? Pior é dar...
13/02/2018 21:39	Nunca é tarde,né Globo. Até que fim mostrou os manifestoches. Parabéns!!! #jornalnacional https://t.co/m3vBYOiSyJ
13/02/2018 21:39	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
13/02/2018 21:39	RT @SantinodeAlmeid: @rachvarg #JornalNacional também não explicou que tem nome o ratão que aparece na frente do prédio da Petrobras. Começ...
13/02/2018 21:39	RT @ChloeMundel: #jornalnacional nem vem que não tem aquelas mãos são tuas REDE GLOBO QUE ODEIA O LULA E ADORA A REFORMA TRABALHISTA E DA P...
13/02/2018 21:40	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 21:40	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:40	RT @psamarco_BR: O pior é o cinismo da globo colocando o #JN #jornalnacional para interpretar as mãos manipuladoras da Tuiuti como sendo de...
13/02/2018 21:40	RT @emiliomoreno: na terça-feira de Carnaval o @jornalnacional fez um mea-culpa. num longo VT mostrou que o Carnaval foi de protestos cont...
13/02/2018 21:41	RT @palas_athenada: #JornalNacional Não tem preço! https://t.co/JVxXUgJAVd
13/02/2018 21:41	RT @AlocaGatta: Agora a @RedeGlobo resolveu mostrar no @jornalnacional a crítica da @Tuiutioficial , não teve como fugir, né? Pior é dar...
13/02/2018 21:41	RT @psamarco_BR: O pior é o cinismo da globo colocando o #JN #jornalnacional para interpretar as mãos manipuladoras da Tuiuti como sendo de...
13/02/2018 21:41	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:41	RT @AlocaGatta: Agora a @RedeGlobo resolveu mostrar no @jornalnacional a crítica da @Tuiutioficial , não teve como fugir, né? Pior é dar...
13/02/2018 21:42	RT @psamarco_BR: O pior é o cinismo da globo colocando o #JN #jornalnacional para interpretar as mãos manipuladoras da Tuiuti como sendo de...
13/02/2018 21:42	@oficial_delmar Vc falou mídia? Vc quis dizer a Rede Globo? #JornalNacional
13/02/2018 21:42	A #GloboLixo, usando o carnaval e seu #JornalNacional para atacar quem não gosta de carnaval e das sacanagens que eles disseminam.
13/02/2018 21:42	#JornalNacional foda subir # dessa pocilga, mas golpe até em escola de samba, é o fim da picada, destrói tudo o que é contraditório, é a coisa mais desinformadora que se pode ter notícia https://t.co/kY4DOsJkO1
13/02/2018 21:43	#JornalNacional #JN finalmente fez um registro competente sobre o desfile da Paraíso do Tuiuti. Comentarei no meu blog.
13/02/2018 21:44	RT @AlocaGatta: Agora a @RedeGlobo resolveu mostrar no @jornalnacional a crítica da @Tuiutioficial , não teve como fugir, né? Pior é dar...
13/02/2018 21:44	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:44	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...

13/02/2018 21:44	Ficou tão feio que @jornalnacional teve que simular que ainda faz jornalismo e, hoje, acabou dando mais destaque à escola. https://t.co/4CYjzn03eY
13/02/2018 21:45	RT @palas_athenada: #JornalNacional Não tem preço! https://t.co/JVxXUgJAVd
13/02/2018 21:45	RT @emiliomoreno: na terça-feira de Carnaval o @jornalnacional fez um mea-culpa. num longo VT mostrou que o Carnaval foi de protestos cont...
13/02/2018 21:45	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:45	RT @PatoCorporation: O que a Rede Globo e o @jornalnacional vão esconder mais na apuração do Carnaval do Rio de Janeiro?
13/02/2018 21:45	#JornalNacional tirou da reta e disse que os protestos eram contra as manipulações da FIESP e que satirizavam os paineleiros: personagens que só ganharam força com a maciça divulgação da Globo.
13/02/2018 21:46	#JornalNacional falou dos protestos da Tuiuti, mas não explica quem é o ratão que aparece na frente do prédio da Petrobras. É o pai dos pobres, que só ajudou os banqueiros e fez pacto de sangue com empresários. Ele mesmo, o Messias dos esquerdonáticos, ídolo da esquerda burra
13/02/2018 21:46	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:47	RT @psamarco_BR: O resumo do desfile da Paraíso do Tuiuti, que a globo mostrou na tarde de ontem e à noite no #JN #JornalNacional, já entro...
13/02/2018 21:47	RT @ARQUIVAO: "Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 21:47	RT @ARQUIVAO: "Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 21:48	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 21:48	RT @CiraodoCerrado: @RedeGlobo um bloco de 10 minutos no #jornalnacional 5 segundos para @Tuiutioficial Está provado: FOI UM SUCESSO @Sa...
13/02/2018 21:48	RT @psamarco_BR: O pior é o cinismo da globo colocando o #JN #jornalnacional para interpretar as mãos manipuladoras da Tuiuti como sendo de...
13/02/2018 21:48	RT @psamarco_BR: O pior é o cinismo da globo colocando o #JN #jornalnacional para interpretar as mãos manipuladoras da Tuiuti como sendo de...
13/02/2018 21:49	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:49	RT @SantinodeAlmeid: #JornalNacional falou dos protestos da Tuiuti, mas não explica quem é o ratão que aparece na frente do prédio da Petro...
13/02/2018 21:49	RT @CiraodoCerrado: @RedeGlobo um bloco de 10 minutos no #jornalnacional 5 segundos para @Tuiutioficial Está provado: FOI UM SUCESSO @Sa...
13/02/2018 21:49	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 21:50	RT @psamarco_BR: O resumo do desfile da Paraíso do Tuiuti, que a globo mostrou na tarde de ontem e à noite no #JN #JornalNacional, já entro...
13/02/2018 21:50	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 21:50	RT @ARQUIVAO: "Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 21:51	RT @psamarco_BR: O pior é o cinismo da globo colocando o #JN #jornalnacional para interpretar as mãos manipuladoras da Tuiuti como sendo de...
13/02/2018 21:51	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:52	RT @robertajesuss: #JornalNacional Se eu gostei da #Globo se retratando com a #ParaísoDaTuiuti ? A M E I https://t.co/eeFOUyaXZh

13/02/2018 21:52	#JornalNacional Mas olha o tempo dessa reportagem os protestos no carnaval do Rio... Ahhh se o povo se desse conta do poder q tem! A globo teve q engolir. Imagina contra a CBF, contra o congresso, contra o senado...
13/02/2018 21:52	RT @CiraodoCerrado: @RedeGlobo um bloco de 10 minutos no #jornalnacional 5 segundos para @Tuiutioficial Está provado: FOI UM SUCESSO @Sa...
13/02/2018 21:52	RT @psamarco_BR: Aeee Globo! Foste homenageada no desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti #jn #jornalnacional https://t.co/vYX6YwbNa7
13/02/2018 21:52	RT @ARQUIVAO: "Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 21:52	RT @psamarco_BR: Se o #jn #jornalnacional não disser de quem são essas mãos controlando os manifestoches, a gente lembra: são da globo. htt...
13/02/2018 21:53	RT @olegarioleandro: A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não...
13/02/2018 21:53	RT @CiraodoCerrado: @RedeGlobo um bloco de 10 minutos no #jornalnacional 5 segundos para @Tuiutioficial Está provado: FOI UM SUCESSO @Sa...
13/02/2018 21:54	RT @psamarco_BR: Aeee Globo! Foste homenageada no desfile da escola de samba Paraíso do Tuiuti #jn #jornalnacional https://t.co/vYX6YwbNa7
13/02/2018 21:54	RT @psamarco_BR: O pior é o cinismo da globo colocando o #JN #jornalnacional para interpretar as mãos manipuladoras da Tuiuti como sendo de...
13/02/2018 21:55	RT @jornalnacional: Escolas mostram Carnaval de crítica e protestos no Sambódromo. Protestos contra a violência no Rio, críticas aos políti...
13/02/2018 21:56	RT @jornalnacional: Escolas mostram Carnaval de crítica e protestos no Sambódromo. Protestos contra a violência no Rio, críticas aos políti...
13/02/2018 21:56	RT @jornalnacional: Escolas mostram Carnaval de crítica e protestos no Sambódromo. Protestos contra a violência no Rio, críticas aos políti...
13/02/2018 21:57	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 21:57	RT @edugoldenberg: HAHAHAHAAAA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:58	RT @edugoldenberg: HAHAHAHAAAA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:58	RT @edugoldenberg: HAHAHAHAAAA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 21:58	RT @ommrio: Tuiuti teve apenas 35 segundos na tela global do @jornalnacional, enquanto as outras escolas tiveram 53. Isso mostra a parciali...
13/02/2018 21:58	@carolbianca691 Pois é! Também torço que não. Mas a edição de hoje do #JN #JornalNacional se encaixa numa nota que li sobre a globo estar articulando para rebaixar a Paraíso do Tuiuti. Seria o contrário do morde e assopra. Primeiro assopra, prá depois morder. A globo não brinca nem no carnaval.
13/02/2018 21:59	RT @olegarioleandro: A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não...
13/02/2018 21:59	RT @psamarco_BR: Se o #jn #jornalnacional não disser de quem são essas mãos controlando os manifestoches, a gente lembra: são da globo. htt...
13/02/2018 21:59	RT @robertajesuss: #JornalNacional Se eu gostei da #Globo se retratando com a #ParaisoDaTuiuti ? A M E I https://t.co/eeFOUyaXZh
13/02/2018 22:00	RT @AlocaGatta: Agora a @RedeGlobo resolveu mostrar no @jornalnacional a crítica da @Tuiutioficial , não teve como fugir, né? Pior é dar...
13/02/2018 22:00	RT @olegarioleandro: A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não...
13/02/2018 22:00	RT @jornalnacional: Escolas mostram Carnaval de crítica e protestos no Sambódromo. Protestos contra a violência no Rio, críticas aos políti...
13/02/2018 22:00	RT @robertajesuss: #JornalNacional Se eu gostei da #Globo se retratando com a #ParaisoDaTuiuti ? A M E I https://t.co/eeFOUyaXZh

13/02/2018 22:01	RT @jornalnacional: Escolas mostram Carnaval de crítica e protestos no Sambódromo. Protestos contra a violência no Rio, críticas aos políti...
13/02/2018 22:01	RT @SantinodeAlmeid: #JornalNacional falou dos protestos da Tuiuti, mas não explica quem é o ratão que aparece na frente do prédio da Petro...
13/02/2018 22:02	RT @CiraodoCerrado: @RedeGlobo um bloco de 10 minutos no #jornalnacional 5 segundos para @Tuiutioficial Está provado: FOI UM SUCESSO @Sa...
13/02/2018 22:02	RT @ARQUIVAO: "Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 22:02	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 22:03	RT @robertajesuss: #JornalNacional Se eu gostei da #Globo se retratando com a #ParaisoDaTuiuti ? A M E I https://t.co/eeFOUyaXZh
13/02/2018 22:03	RT @robertajesuss: #JornalNacional Se eu gostei da #Globo se retratando com a #ParaisoDaTuiuti ? A M E I https://t.co/eeFOUyaXZh
13/02/2018 22:03	RT @jornalnacional: Escolas mostram Carnaval de crítica e protestos no Sambódromo. Protestos contra a violência no Rio, críticas aos políti...
13/02/2018 22:03	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 22:04	RT @AlocaGatta: Agora a @RedeGlobo resolveu mostrar no @jornalnacional a crítica da @Tuiutioficial , não teve como fugir, né? Pior é dar...
13/02/2018 22:04	Nao me sinto nem nunca me senti manipulado. Portanto feliz por ter ido para rua tirar a vaca da dilma #JornalNacional
13/02/2018 22:05	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 22:06	#JornalNacional teve que falar abertamente sobre o golpe: '\Manifantoches dos Corruptos Poderosos'. E o Brasil está muito pior na mão do PMDB/PSDB . A corrupção está escancarada e sendo arquivada. Voltamos ao \tudo acaba em Pizza'. Mbl e paneleiros de merda. Esse silêncio acabou. https://t.co/YWadFjwaDn
13/02/2018 22:07	RT @PatoCorporation: O que a Rede Globo e o @jornalnacional vão esconder mais na apuração do Carnaval do Rio de Janeiro?
13/02/2018 22:08	@emiliomoreno @jornalnacional Se ela não fala sobre, reclamam de omissão e constrangimento. Se fala, reclamam de mea culpa. O importante é ser contra a Globo, não importa o motivo
13/02/2018 22:09	RT @jornalnacional: Escolas mostram Carnaval de crítica e protestos no Sambódromo. Protestos contra a violência no Rio, críticas aos políti...
13/02/2018 22:09	RT @edugoldenberg: HAHAAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 22:11	https://t.co/QPgCv0CYJt @AlexEscobar_ que mico @RedeGlobo que vexame @fbreal "que silêncio foi esse?" @MichelTemer ficou melhor no modelo carnaval, mais original! @planalto "vou mandar o Loures" @Tuiutioficial "tem que manter isso" @g1 "Nunca desligará" @jornalnacional 35 seg
13/02/2018 22:12	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 22:12	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 22:13	Segundo o #JN #jornalnacional, as mãos manipuladoras que a Paraíso do Tuiuti mostrou eram de poderosos. https://t.co/l2k8fyw00J
13/02/2018 22:14	RT @gorfo_verdades: #JornalNacional tirou da reta e disse que os protestos eram contra as manipulações da FIESP e que satirizavam os panele...
13/02/2018 22:15	A sensação que deu foi que esperaram o chefe voltar da folga de plantão para "lipoaspirarem" a barrigada e omissão dos últimos dias nas transmissões e compactos #globeleza #carnaval #estamosdeolho #jn #JornalNacional https://t.co/jqKGv6sRXM

13/02/2018 22:16	RT @jornalnacional: Segundo dia de desfiles no Rio tem homenagens, comida e enredo crítico. Disputa apertada pelo título! https://t.co/TfS8...
13/02/2018 22:16	RT @jornalnacional: Segundo dia de desfiles no Rio tem homenagens, comida e enredo crítico. Disputa apertada pelo título! https://t.co/TfS8...
13/02/2018 22:16	RT @jornalnacional: Segundo dia de desfiles no Rio tem homenagens, comida e enredo crítico. Disputa apertada pelo título! https://t.co/TfS8...
13/02/2018 22:16	RT @gorfo_verdades: #JornalNacional tirou da reta e disse que os protestos eram contra as manipulações da FIESP e que satirizavam os panele...
13/02/2018 22:17	RT @AlocaGatta: Agora a @RedeGlobo resolveu mostrar no @jornalnacional a crítica da @Tuiutioficial , não teve como fugir, né? Pior é dar...
13/02/2018 22:17	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 22:19	RT @ARQUIVAO: "Os manifestoches que sao manipulados pelos poderosos" hm... q poderosos mesmo hein? #JornalNacional https://t.co/Hf0H0SsaSa
13/02/2018 22:19	RT @olegarioleandro: A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não...
13/02/2018 22:20	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
13/02/2018 22:20	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
13/02/2018 22:20	RT @olegarioleandro: A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não...
13/02/2018 22:20	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 22:21	RT @edugoldenberg: HAHHAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 22:22	RT @jornalnacional: Escolas mostram Carnaval de crítica e protestos no Sambódromo. Protestos contra a violência no Rio, críticas aos políti...
13/02/2018 22:23	RT @edugoldenberg: HAHHAHAHAHA!!!! O @jornalnacional — somente hoje — exibindo com DETALHES o desfile do @Tuiutioficial. É a força das rede...
13/02/2018 22:24	RT @jornalnacional: Escolas mostram Carnaval de crítica e protestos no Sambódromo. Protestos contra a violência no Rio, críticas aos políti...
13/02/2018 22:26	RT @demori: Carnaval no cronômetro: a média de tempo de cada escola de samba na reportagem do @jornalnacional foi de 1 minuto. Exceções: Vi...
13/02/2018 22:26	RT @jornalnacional: Segundo dia de desfiles no Rio tem homenagens, comida e enredo crítico. Disputa apertada pelo título! https://t.co/TfS8...
13/02/2018 22:27	RT @jornalnacional: Escolas mostram Carnaval de crítica e protestos no Sambódromo. Protestos contra a violência no Rio, críticas aos políti...
13/02/2018 22:29	RT @psamarco_BR: numa edição inusitada, #JN #JornalNacional fala de novo sobre o desfile de domingo, citando Tuiuti. Para não sair como man...
13/02/2018 22:31	RT @olegarioleandro: A pressão das redes sociais reconfigura as pautas no telejornalismo. Tenho estudado isso. Hoje, o @jornalnacional não...

ANEXO E – Tweets sobre a leitura da postagem do General Villas Boas

03/04/2018 21:23	@pauloap @STF_oficial Caraca. Acabaram de falar desse tweet antes de terminar o @jornalnacional A porra ficou séria. Para eles darem esse destaque.
03/04/2018 21:23	@jornalnacional lendo o texto do general Vilas Boas, isso é de um descaramento.
03/04/2018 21:23	@jornalnacional tentando o que com a divulgação da declaração do @Gen_VillasBoas? #lulanacadeia
03/04/2018 21:23	Parece que o @Gen_VillasBoas assustou o @realwbonner no @jornalnacional . Adoro ! ☺#IntervencaoMilitarja
03/04/2018 21:23	Aí @mafiasummer ... o @jornalnacional acabou de dar destaque ao tweet do @Gen_VillasBoas ... https://t.co/P1ZDbpeZTQ
03/04/2018 21:23	Q esse wilia Boni tá arrumando nesse @jornalnacional encerrando com fala de coronel de reforma. Cidadão de bem, de bem seletivo faz favor né não me representa mesmo. Afundando o pais manipulação ridícula inescrupulosa.
03/04/2018 21:24	@jornalnacional passou dos limites. Fechar a edição com nota de general foi demais.
03/04/2018 21:24	@jornalnacional citando general do exército? Brasil já viu esse filme antes... #ditaduranuncamais #GloboGolpista #LulaLivre
03/04/2018 21:24	@Gen_VillasBoas Aparceu até na #GloboLixo @jornalnacional . Vamos Brasil...desiste não!!!
03/04/2018 21:24	Tentando assustar a população ou pressionar o STF @jornalnacional @realwbonner ??????
03/04/2018 21:24	@jornalnacional e @realwbonner o Tio ficou nervoso com a última notícia! Mas a notícia era só um tuíte!
03/04/2018 21:24	@realwbonner e @jornalnacional fiquem tranquilos! O @Gen_VillasBoas e o @exercitooficial estao do lado do povo, e nao de uma empresa como a @RedeGlobo que aeotou uma postura de esquerda por conta de interesses exclusivos!
03/04/2018 21:25	Espera um pouco! Eu acabei de ver o @jornalnacional endossar o discurso do General que apoia a Intervenção Militar? Foi isso mesmo? Que ABSURDO!
03/04/2018 21:25	@Gen_VillasBoas Lido para todo o povo brasileiro de norte a sul do país em pleno @jornalnacional ☺ O recado foi dado jacobinos. Eu digo: Chega de Barrabás @STF_oficial e @MPF_PGR #LeiÉPraTodos independente da ideologia política. Ao defender um Barrabás vários Barrabás serão beneficiados.
03/04/2018 21:25	Eu acho tão absurdo o @jornalnacional reproduzir a fala do @Gen_VillasBoas às vésperas do julgamento do habeas corpus de @LulapeloBrasil que isso isso me soa muito golpe de 64, ditadura!
03/04/2018 21:25	@jornalnacional @realwbonner é canhotos o @exercitooficial dando o papo !!!! Tão querendo criar embaraço pro general @Gen_VillasBoas por que? É cagaço? Kkkkkkkkkkkkkk boa general!!!!
03/04/2018 21:25	O @realwbonner lendo comunicado do exército no @jornalnacional . Isso é tão anos 70 "O futuro repetir o passado" "Quem não conhece sua história, está condenado a repeti-la" #DitaduraMilitarRetornara ?
03/04/2018 21:25	@jornalnacional A leitura do Twitter no final da edição de hoje pareceu o anúncio do início da neo-ditadura militar.
03/04/2018 21:25	O recado ao @STF_oficial está dado, o @jornalnacional noticiou o tweet do @Gen_VillasBoas !! O povo honesto, ordeiro e trabalhador do Brasil deposita suas esperanças na contínua vigilância exercida pelas #FFAA !! @SakaSakamori @SrtaBella5 @NinaLCastro @PeresLeci @velhonarede
03/04/2018 21:26	Taf os Tweets do @Gen_VillasBoas que encerrou o @jornalnacional de hoje. 📍 https://t.co/nwjhrQ9B0Q

03/04/2018 21:26	@jornalnacional citando general do exército? Brasil já viu esse filme antes... #ditaduranuncamais #GloboGolpista #LulaLivre
03/04/2018 21:26	@jornalnacional Manda esse velho bosta general sugador do suor do povo brasileiro que o BRASIL é dos brasileiros . Cansado de alimentar chupin militar paga a previdência por 1 e morre o povo tem que sustentar pro resto da vida#lula2018
03/04/2018 21:26	@Gen_VillasBoas O @jornalnacional deu ênfase ao seu Tweet porque está com medo! Vergonha! Imprensa comprada e vagabunda!
03/04/2018 21:26	Citado pelo @jornalnacional @realwbonner https://t.co/ML9EZenmsW
03/04/2018 21:26	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 21:26	@realwbonner termina o @jornalnacional com uma bomba! O exército está querendo transformar o Brasil BR na Síria SY fecha aspas
03/04/2018 21:26	@jornalnacional Qual General? Alguém viu o tuíte?
03/04/2018 21:27	No encerramento do @jornalnacional os tweets do comandante do Exército @Gen_VillasBoas #JN https://t.co/ucFSam4XDo
03/04/2018 21:27	O @realwbonner lendo comunicado do exército no @jornalnacional . Isso é tão anos 70 "O futuro repetir o passado" "Quem não conhece sua história, está condenado a repeti-la" #DitaduraMilitarRetornara ?
03/04/2018 21:27	@Gen_VillasBoas Nada como ver o William Bonner ter que ler essa nota no @jornalnacional! Bravoooooooooooo General! https://t.co/YZDt31ZvMG
03/04/2018 21:27	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 21:27	@jornalnacional lendo no final do programa os 2 twitters do General Villas Boas. É bom mesmo! Que esses ministros do @STF_oficial tenham escutado direitinho o \recado\. PARABÉNS general 🇧🇷🇧🇷🇧🇷 @exercitooficial @portalfab @marmilbr https://t.co/VhgdaES79l
03/04/2018 21:28	@jornalnacional Aprovamos a fala do general.
03/04/2018 21:28	No encerramento do @jornalnacional os tweets do comandante do Exército @Gen_VillasBoas #JN https://t.co/ucFSam4XDo
03/04/2018 21:28	@claudioedantas O tweet do @Gen_VillasBoas foi notícia no @jornalnacional
03/04/2018 21:29	@jornalnacional acaba de comentar a postagem do @Gen_VillasBoas no twitter BRBRBRBRBR https://t.co/pbvBvflX1u
03/04/2018 21:29	@jornalnacional Aprovamos a fala do general.
03/04/2018 21:29	No #FakeNews do @jornalnacional o Willian bonner até levantou a sobrancelhas ao falar do Twitte do @Gen_VillasBoas. 😏 Liga não Bonner, esse General é Dilmista. É só firula.
03/04/2018 21:30	@jornalnacional O exército está conosco! Vamos derrubar esse @STF_oficial
03/04/2018 21:30	@Gen_VillasBoas Nada como ver o William Bonner ter que ler essa nota no @jornalnacional! Bravoooooooooooo General! https://t.co/YZDt31ZvMG
03/04/2018 21:30	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 21:30	@jornalnacional Equipe JN a última nota de repúdio do General do exército, citada ao fim do jornal pode ser replicada por favor?

03/04/2018 21:47	Pior que militar achar que sua opinião é interessante fora da caserna é o @jornalnacional achar que é relevante ler essa opinião e dar vitrine
03/04/2018 21:47	@JackieBrumSC @sergiaugusto @jornalnacional @Gen_VillasBoas Nego treme com o tweet do general... Kkkk
03/04/2018 21:48	@jornalnacional será que já estão preparando terreno para salvar o CHEFE ????
03/04/2018 21:48	E o @jornalnacional acaba de comentar sobre a postagem no twitter do @Gen_VillasBoas BRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBR https://t.co/lxkGsm4wMz
03/04/2018 21:49	Pior que militar achar que sua opinião é interessante fora da caserna é o @jornalnacional achar que é relevante ler essa opinião e dar vitrine
03/04/2018 21:49	Pior que militar achar que sua opinião é interessante fora da caserna é o @jornalnacional achar que é relevante ler essa opinião e dar vitrine
03/04/2018 21:50	Pior que militar achar que sua opinião é interessante fora da caserna é o @jornalnacional achar que é relevante ler essa opinião e dar vitrine
03/04/2018 21:51	@prissguerrero1 @mizanzuk @jornalnacional Gostei que o bonner fez questão de dizer "sem citar diretamente o julgamento de lula", só para deixar claro
03/04/2018 21:51	@gugtavas @jornalnacional Daqui a 50 anos pede desculpas pelo apoio editorial aos golpes de 2016 e 18
03/04/2018 21:51	@JackieBrumSC @SegPublicaNews @jornalnacional @Gen_VillasBoas negada torando aço no supremo jkkkkkkkkkkkkkkkk
03/04/2018 21:52	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 21:52	Pior que militar achar que sua opinião é interessante fora da caserna é o @jornalnacional achar que é relevante ler essa opinião e dar vitrine
03/04/2018 21:52	@jornalnacional Jornalismo de caráter seletivo e preconceituoso, onde deixa de prestar um serviço voltado para o verdadeiro esclarecimento, para uma democracia voltada para o verdadeiro povo brasileiro, para defender os interesses das grandes elites do país, e o seus próprios.....
03/04/2018 21:52	@edugoldenberg @jornalnacional @RedeGlobo É um absurdo completo, o momento mais grave da crise. Uma ameaça, nem tão velada assim, que pressiona o @STF_oficial e coloca o país na completa apreensão.
03/04/2018 21:54	Pior que militar achar que sua opinião é interessante fora da caserna é o @jornalnacional achar que é relevante ler essa opinião e dar vitrine
03/04/2018 21:55	Pior que militar achar que sua opinião é interessante fora da caserna é o @jornalnacional achar que é relevante ler essa opinião e dar vitrine
03/04/2018 21:56	@jornalnacional Caríssimo @realwbonner, Não entendi bem o fechamento do JN. Você mencionou que um General "aposentado" ameaçou no Twitter às instituições democráticas em relação ao julgamento de amanhã no STF?
03/04/2018 21:56	@jornalnacional O exército vem aí olé olé oláaaaaaaa
03/04/2018 21:57	E o @jornalnacional acaba de comentar sobre a postagem no twitter do @Gen_VillasBoas BRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBR https://t.co/lxkGsm4wMz
03/04/2018 21:57	@arte_prima @ErErcy @jornalnacional @TRF4_oficial Mas fez questão de mostrar que @Gen_VillasBoas apontou o fuzil para o @STF_oficial com aviso claro de que, numa decisão que não lhe agrade, adeus democracia!
03/04/2018 21:58	@jornalnacional O exército tá de olho! Logo teremos paz cm os militares no comando do país ! E vcs da globo devem estar em pânico agora né..., sabem q vão se fuder bonito!!! Emissora esquerdista de bosta👊
03/04/2018 21:59	E o @jornalnacional acaba de comentar sobre a postagem no twitter do @Gen_VillasBoas BRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBR https://t.co/lxkGsm4wMz

03/04/2018 22:00	@arte_prima @ErErcy @jornalnacional @TRF4_oficial Mas fez questão de mostrar que @Gen_VillasBoas apontou o fuzil para o @STF_oficial com aviso claro de que, numa decisão que não lhe agrada, adeus democracia!
03/04/2018 22:01	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 22:01	@gugtavas @jornalnacional Esse militar tem poder de decisão. Não só é muito relevante o que ele diz como é muito preocupante o que ele disse.
03/04/2018 22:01	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 22:02	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 22:02	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 22:03	Globo usa o @jornalnacional pra mandar recado ao exército e consequentemente à sociedade. Em que ano estamos mesmo?
03/04/2018 22:03	@realwbonner lendo tweet de general no fim @jornalnacional, foi a coisa mais assustadora que eu vi esses dias
03/04/2018 22:03	@erikamorhy @jornalnacional por isso mesmo não tem que ter vitrine. Se for dar espaço pra todo mundo que tem autoridade tudo bem, mas dar pra milico nessa situação delicada é irresponsável
03/04/2018 22:03	Pior que militar achar que sua opinião é interessante fora da caserna é o @jornalnacional achar que é relevante ler essa opinião e dar vitrine
03/04/2018 22:07	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 22:08	Pior que militar achar que sua opinião é interessante fora da caserna é o @jornalnacional achar que é relevante ler essa opinião e dar vitrine
03/04/2018 22:08	Eu não consigo achar justificativa para o @jornalnacional ter divulgado tuite do general
03/04/2018 22:10	E o @jornalnacional acaba de comentar sobre a postagem no twitter do @Gen_VillasBoas BRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBR https://t.co/lxkGsm4wMz
03/04/2018 22:11	@PatoCorporation O Bonner não cansa de ser ridículo? Não teve quem não percebeu a manipulação.acho que até os coxas ficaram vermelhos de vergonha. @jornalnacional da #GloboLixo
03/04/2018 22:11	RT @jornalnacional Nota de um general do exército numa rede social: https://t.co/2Mva7tb5qx
03/04/2018 22:12	RT @jornalnacional Nota de um general do exército numa rede social: https://t.co/2Mva7tb5qx
03/04/2018 22:12	E o @jornalnacional acaba de comentar sobre a postagem no twitter do @Gen_VillasBoas BRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBRBR https://t.co/lxkGsm4wMz
03/04/2018 22:13	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 22:13	@jornalnacional #lulaNacadeiaDia4 o @Gen_VillasBoas deu o recado! Chega de impunidade #estamosjuntos #JusticaParaTodos BRBRBRBRBR
03/04/2018 22:13	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6

03/04/2018 22:13	@jornalnacional bela fala do general no finalzinho para instalar ainda mais caos e medo na população. Jornalismo estado islâmico é o que vocês fazem.
03/04/2018 22:14	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 22:16	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 22:16	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 22:17	Amanhã é um dia de extrema importância para o Brasil. Essas declarações do @Gen_VillasBoas parecem bastante relevantes. O @realwbonner até encerrou o @jornalnacional lendo-as, de improviso. Rosa Weber parece ser o cidadão com mais responsabilidade nesse país inteiro, no momento.
03/04/2018 22:17	@redeglobo pelo @jornalnacional ameaçando, ou prendem o Lula ou terá golpe militar. #globoapoiadaditadura
03/04/2018 22:18	@jornalnacional Globo, vocês estão perdendo a credibilidade. Não é à toa a massiva campanha bajulando o espectador.
03/04/2018 22:18	@tupaguerra @prissguerrero1 @mizanzuk @jornalnacional Um boto fé com certeza. Leu como opinião da linha editorial.
03/04/2018 22:18	@jornalnacional General do exército redigindo editorial do JN. E não estamos nos anos 70.
03/04/2018 22:19	@LourivalAmorim @jornalnacional @realwbonner Lourival. Dá uma lida no que o Comandante do Exército falou agora a noite. Não foi uma ameaça, foi o que todos os brasileiros pensamos. Ele não está na reserva ele é o Comandante atual do exército General Villas Boas.
03/04/2018 22:19	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 22:20	RT @jornalnacional Nota de um general do exército numa rede social: https://t.co/2Mva7tb5qx
03/04/2018 22:20	sim, o @jornalnacional fechou hoje a edição com @realwbonner lendo tuítes do @Gen_VillasBoas. a voz do general virou editorial do jornal. parece esquisito, mas é inacreditável. https://t.co/9YZfzKItOO
03/04/2018 22:21	Pior que militar achar que sua opinião é interessante fora da caserna é o @jornalnacional achar que é relevante ler essa opinião e dar vitrine
03/04/2018 22:21	E o @jornalnacional , numa ousadia intolerável, usa o tweet do general para pressionar o @STF_oficial . Dada a covardia da maioria ali no Supremo, não duvido que faça efeito...
03/04/2018 22:22	E o @jornalnacional , numa ousadia intolerável, usa o tweet do general para pressionar o @STF_oficial . Dada a covardia da maioria ali no Supremo, não duvido que faça efeito...
03/04/2018 22:22	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:22	sim, o @jornalnacional fechou hoje a edição com @realwbonner lendo tuítes do @Gen_VillasBoas. a voz do general virou editorial do jornal. parece esquisito, mas é inacreditável. https://t.co/9YZfzKItOO
03/04/2018 22:23	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre

03/04/2018 22:23	E o @jornalnacional , numa ousadia intolerável, usa o tweet do general para pressionar o @STF_oficial . Dada a covardia da maioria ali no Supremo, não duvido que faça efeito...
03/04/2018 22:23	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:24	2018: o @jornalnacional lendo tweet-ameaça de general de pijaminha como se fosse editorial da casa https://t.co/XEn8lqbRrO
03/04/2018 22:24	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:24	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:24	@ricardope @RedeGlobo @jornalnacional É blefe da parte deles jogam no psicológico, agora em ocorrendo, não será blefe do povo, eles podem fazer as malas.
03/04/2018 22:24	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:24	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:24	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:25	O @jornalnacional encerrou a edição de hoje com ameaça de golpe militar caso o @STF_oficial não se submeta a vontade da @RedeGlobo e pra isso usou o tuite do @Gen_VillasBoas foi isso mesmo? Querem retomar a parceria de 1964 é? Ou entendi errado?
03/04/2018 22:25	Liguei a TV para ver o final do @jornalnacional e me senti numa máquina do tempo. Fui transportada para 1964.
03/04/2018 22:25	2018: o @jornalnacional lendo tweet-ameaça de general de pijaminha como se fosse editorial da casa https://t.co/XEn8lqbRrO
03/04/2018 22:25	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:25	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:25	@jornalnacional Nesse julgamento de Lula tem de TUDO! Orações e jejum de procurador que pousa de "cristão do bem" Juiz "popstar da mídia" que grampeia ilegalmente até a presidente e por fim a cereja do bolo: Ameaça velada do exercito a corte ! Só esqueceram o fundamental AS PROVAS !
03/04/2018 22:25	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:26	E o @jornalnacional , numa ousadia intolerável, usa o tweet do general para pressionar o @STF_oficial . Dada a covardia da maioria ali no Supremo, não duvido que faça efeito...
03/04/2018 22:26	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre

03/04/2018 22:26	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:26	@jpcuenca @jornalnacional Tipo, dando um "Oi, estaremos a sua disposição (como foi na outra vez) se vocês quiserem, tá??!!" Mais ou menos isso... sinistro e assustador...
03/04/2018 22:26	2018: o @jornalnacional lendo tweet-ameaça de general de pijaminha como se fosse editorial da casa https://t.co/XEn8lqbRrO
03/04/2018 22:26	2018: o @jornalnacional lendo tweet-ameaça de general de pijaminha como se fosse editorial da casa https://t.co/XEn8lqbRrO
03/04/2018 22:28	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:28	Coisa nojenta o @jornalnacional da @RedeGlobo sendo encerrado com a leitura desta ameaça. É inacreditável. Em 2068 pedirão desculpas de novo, os filhos da puta?! https://t.co/E0JW6bOzj6
03/04/2018 22:29	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:29	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:29	@jpcuenca @jornalnacional Deve cair a globo e prisão para este general! Golpe não
03/04/2018 22:29	A @RedeGlobo terminou o seu @jornalnacional dizendo em alto e bom som que ou prendem o Lula ou vão partir para a intervenção militar. Uma vez GOLPISTA sempre GOLPISTA. #OPovoQuerLulaLivre
03/04/2018 22:30	Dá para entender o desespero da @RedeGlobo expressado pelo @realwbonner no @jornalnacional É que a Vênus tem um inimigo com couraça capaz de humilhá-la a cada pesquisa eleitoral. O sujeito foi forjado na fome. #Globogolpista #Lula2018 #EleicaoSemLulaEFraude